

RELAÇÃO
PANEGRICA
DAS HONRAS FUNERAES,
QUE AS MEMORIAS
DO MUITO ALTO, E MUITO PODEROSO SENHOR
REY FIDELISSIMO
D. JOAÃO V.

RELACAO
PANEGYRICA
DAS HONRAS FUNERARS
MEMORIAS
DO MUITO ALTO, E MUITO PODEROSO SENHOR
REY FIDELISSIMO
D. JOAO V.



RELAÇÃO
PANEGYRICA
DAS HONRAS FUNERAES,
QUE ÀS MEMORIAS
DO MUITO ALTO, E MUITO PODEROSO SENHOR
REY FIDELISSIMO
D. JOAÕ V.

CONSAGROU A CIDADE DA BAHIA

Corte da America Portugueza:

ESCRITA, E DEDICADA

AO EXCELLENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR

D. JOSEPH BOTELHO
DE MATTOS,

ARCEBISPO DA BAHIA, PRIMAZ DOS ESTADOS
do Brazil, do Conselho de Sua Magestade,

PELO DOUTOR

JOAÕ BORGES DE BARROS,

MESTRE-ESCOLA DA SANTA SÉ DA BAHIA, PROTONOTARIO
Apostolico de Sua Santidade, e Desembargador Numerario da Relação Ecclesiastica:

COM HUMA COLLECCÃO DE CINCO ORAÇÕES FUNEBRES,
e varias Poesias, Latinas, e Vulgares.



LISBOA,

Na Regia Officina SYLVIANA, e da Academia Real.

M. DCC. LIII.

Com todas as licenças necessarias.

RELACAO
PANEGYRICA
DAS HONRAS E VIRTUDES
QUE SA MEMORIA
DO MUITO ALTO, E MUITO PODEROSO SENHOR
REY FIDELISSIMO
D. JOAO V.

CONSEGROU A CIDADE DE BAHIA
GOVERNADOR DA AMERICA PORTUGUESA
E SERRA, E DE DICHA
AO EXCELLENTE SENHOR, E REVERENDISSIMO SENHOR
D. JOSEPH BOTELHO
DE MATOS,
ARCEBISPO DA BAHIA, PRIMA DOS ESTADOS
DO REINO, DO CONSELHO DE SUA Magestade
E DO DOCTOR
JOAO BORGES DE BARROS,
MESTRE ESCOLA DA REAL, PROTOMOTARIO
E VICE RECTOR DA UNIVERSIDADE DE BAHIA
COM HUMA COLLECCAO DE CINCO ORACOES FUERAS
de suas Fozas, Letras, e Figuras.



BIBLIOTECA LUIZ VIANA FILHO
Registro
1053

929 João V
BAR



EX.^{MO} E R.^{MO} SENHOR.



OR muitos motivos devo
dedicar a V. Excellencia estas memo-
rias das mais solemnes demonstrações,
que

que nesta Corte da Portugueza America, em que V. Excellencia dignissimamente está enchendo o Ecclesiastico Docel, serviraõ de opportuno desafogo ao extremo sentimento da morte do Fidelissimo Monarca D. Joaõ V. nosso Senhor. Teve V. Excellencia huma parte taõ principal, e taõ notoria naquelles magnificos Reaes Obsequios, que naõ houve a quem se fizesse imperceptivel a egregia ternura, e heroico genio, com que V. Excellencia sabendo sentir huma taõ grande perda, fez tambem manifesta huma generosa gratidaõ. Bem se vio na liberalidade de V. Excellencia o muito, que tinha na lembrança aquella Real Maõ, de quem recebêra a Metropolitana Mitra; e o sentimento, de que nem já no possivel podia caber o beijalla ainda nesta vida, se via muito melhor nos mesmos olhos de V. Excellencia. Accrescia a reflexaõ, de que faltava à Igreja de Deos aquella Monarca, que todo foy para Deos,

Deos, e para a sua Igreja. Ainda que V. Excellencia tivesse rendas, que igualassem hum animo superior a toda a riqueza, esta foy a occasião, em que as teria certamente por limitadas: como se a V. Excellencia, com o particular das suas acções, lhe fosse commettido o desempenho de toda a Igreja universal. Estas bem fundadas considerações, com a evidencia, de que durão as memorias menos nas tradições, que nos escritos; me movèraõ a escrever esta Relação, posto que impropria, pela humildade do estylo, à soberanãa do assumpto; a qual reverentemente offereço a V. Excellencia, ainda mais que por holocausto da minha ardente devoção, com que devo sacrificarme a todos os objectos do seu agrado, por restituição precisa aos piedosos affectos de V. Excellencia, a quem se ficáraõ deven-do as mais nobres circumstancias daquellas funeraes Honras, na saudade as ultimas, na grandeza as primeiras: fa-

fazendo-se a V. Excellencia taõ natu-
raes as mágoas daquelle fatal acciden-
te, que parecêra superfluo querêllas
perpetuar, quando a fineza de V. Ex-
cellencia tanto as eterniza. Este gran-
de Rey, que no aureo circulo da sua
preciosissima vida foy o Prototypo insig-
ne de todas as virtudes, de tal modo as
soube realçar na morte, que deixando
a sua memoria por indelevel documento
à posteridade, se fez justamente cre-
dor de saudades sem fim, de lagrimas
sem limite. Assim o estaõ publicando
os multiplicados extremos de pezar,
com que tem sido universalmente chora-
da a sua ausencia, com reconhecida ven-
tagem a todos os Soberanos, que o pre-
cedêraõ no throno. Nestas enterneci-
das expressoens de amor, e fidelidade,
naõ foraõ menos profusas, nem menos
brilhantes as lagrimas desta Corte Bra-
silica; que para terem huma geral acei-
taçaõ, buscaõ agora nestas memorias
a benigna protecçaõ de V. Excellencia,
como

como a seu natural centro, e honorifico Exemplar; debaixo de cujos auspícios bem poderãõ equivocarse as lagrimas com as perolas, e as pedrinhas mais toscas com os diamantes mais preciosos. Deos guarde a Excellentissima Pessoa de V. Excellencia, como havemos mister. Bahia, 10 de Março de 1751.

Joaõ Borges de Barros.

ADVER.

como a seu natural centro; e honori-
co Exemplo; de outro de outro inspi-
ção de outro de outro de outro de outro
mas com as perolas; e de outro de outro
mais tolas; com os diamantes; mais
preciosos. Deos grãves e excelentes
tão de P. de V. de V. de V. de V. de V.
honores miser. Bahia, 10 de Maio
de 1711.

ADVERTENCIA A QUEM LER.

A Soberania, e piedade do Objecto, a que he composto este livro, e a generosa ternura do Excellentissimo Prelado, que o manda dar ao prelo, fizeraõ preciso, que, depois de naufragar o primeiro na Capitania da Frota da Bahia, se escrevesse de novo: por cujo motivo apparecem ultimas estas enternecidas expressoens de huns Vassallos, que nos obsequios funeraes ao seu suspirado Monarca, assim como na fidelidade, e amor, souberaõ ser os primeiros. Tambem por aquella razãõ vay o livro em muita parte diminuto, por se haverem perdido os originaes de alguns papéis, e se acharem ausentes seus Authores: e finalmente pela pouca demora da presente não, em que segunda vez se transporta.

*Mandada para a Impressão a Historia
das Funeraes Honras, com que a Ba-
hia sentio a morte do seu suspirado
Monarca, perdeo-se com a não Ca-
pitania da Frota,*

S O N E T O.

DE America à Europa transportado
Da Bahia o pezar quando se via,
Ao impulso fatal da morte impia
No crystallino centro he sepultado.

Com violencia das ondas soçobrado
Foy o baixel, que a Historia conduzia:
Sim; porque o sentimento da Bahia
Era grande, era muito, era pezado.

O Bahiense amor ainda accezo
Mostrava no papel a ardente fragoa,
Com que ama ao Rey, da Morte com desprezo.

Tragico fim! mas proprio à nossa mágoa,
Que era fraco o baixel a tanto pezo,
Se a tanto fogo o Mar era pouca agoa.

Do P. Joseph de Oliveira Serpa.

Liber, quem Author Ulyssipponem miserat Typis mandandum, naufragio amittitur, & secundus denuò elucubratur,

EPIGRAMMA.

Quem labor arroso construxerat ungue libellum,
Abdidit æquoreis naufraga puppis aquis.
Invidiosa, puto, tumuerunt æquora: nusquam
Plus habuit pelagus, quàm liber ille, *Salis*.
Vel modò crediderim, pretium si mente revolvo,
Par oneri tanto non erat illa ratis.
Nec dubitem, libri gemeret quin pondere navis;
Qui fuerat tanti, quis leve credet onus?
Hæc subeunt, hæc vera puto: sed, nomine lecto
Authoris, sanè plus ego vera puto.
Quis neget ergo sales, pondus, pretiumque libello,
Quem tua, Joannes, dextera culta beat?
Quo tamen amisso, rursus te fuscitat ardor,
Et nova despecto Scripta labore placent.
Invigiles iterùm fas est, nec parce labori;
Consuluit laudi fors modò vafra tuæ.
Consuluit, duplicemque jubet conscribere librum:
Sic patet in laudes area tota tuas.
Nè sit in orbe locus, quem non tua fama pererret,
Sit liber hic terris, sit liber ille mari.

Emmanuel Ferreira Neves,

In Facultate Artium Magister.

*Al Reverendissimo Señor Doctor Juan
Borges de Barros, Maestrescuela de
la Cathedral de la Bahía, escribiendo
las funerales Obsequias, que esta Ciu-
dad ofreció a las venerables cenizas
del Fidelissimo Señor Rey D. Juan
V. de suspirada memoria,*

S O N E T O.

Loras del Jove Luso con tal canto,
Cantas del mayor Rey con tal gemido
El deliquio vital, que embevecido
Nò sè quando es cancion, ò quando es llanto.

Pero sè, que tu pluma, al Orbe espanto,
Sè, que tu plectro, rémora al sentido,
Dexa al suelo su nombre nunca olvido,
Lleva al Cielo tu lyra siempre encanto.

Pues si, ò llores su muerte con fineza,
O' cantes su Alma en el Celeste affiento,
La pena, ò gloria aumentas con destreza:

Presta en tu triste llanto, y dulce accento,
Para sentirle al Orbe mas tristeza,
Para alabarle al Cielo mas concontento.

El P. Domingo de Sylva Teles.

*Ao Reverendissimo Senhor Doutor Joaõ
Borges de Barros, Mestre-Escola da
Sé da Bahia, e Desembargador da
Relaçã Ecclesiastica, descrevendo a
pompa, com que a Bahia sentio a mor-
te do seu Monarca,*

S O N E T O.

DEscrevey, sacro Heróe, o sentimento
Do povo Bahiense; porque he justo
Todo o obsequio ao seu Monarca Augusto
Em hum, e outro Regio Monumento.

Aos vossos grandes meritos attento
Elle o premio vos deu a pouco custo,
Porque só quanto abarca o gyro adusto,
Digno throno era ao vosso alto talento.

Nessa historia, que o vosso juizo ordena
Com estylo facundo, sabio, e recto,
Trocada se ha de ver da mágoa a scena.

Será desse volume taõ selecto
Cada letra hum alivio para a pena,
Cada regra hum prazer para o affecto.

Sem lisonja o escreve

O P. Joseph de Oliveira Serpa.

*Ao Reverendissimo Doutor o Senhor
João Borges de Barros, Mestre-Es-
cola da Sé da Bahia, descrevendo as
Memorias Funeraes do Senhor Rey
D. João V.; à imitação do Evange-
lista Aguia, que tendo tambem o no-
me de João, descreveo tambem as
Memorias do grande Bautista: Fuit
homo missus à Deo, cui nomen
erat Joannes. Joan. i. 6.*

S O N E T O.

MOrto João mayor entre os nascidos,
Outro João mayor dos Escretores
Lhe descreve os altissimos primores
Do applauso funeral bem merecidos.

Outro João com meritos sabidos
Morreo, sendo o mayor entre os mayores;
E lhe descreve os funeraes louvores
Outro João de meritos subidos.

Foy à vista dos Santos o Bautista
O Sol; e de tal Sol escreve as glorias
Hum João, que foy Aguia Evangelista:

E se de outro João dizem as historias,
Que era o Sol dos mayores Reys à vista,
Aguia he João, que escreve estas Memorias.

De Antonio de Oliveira.

Ao mesmo Author,

S O N E T O.

DA Pyra funeral Régia a lembrança
A penna vossa eternizar suspira,
Para que renascendo dessa Pyra,
Vôe por onde o Sol seus rayos lança.

Da dor o vosso affecto se affiança
Nesta acção immortal, que a penna aspira;
Pois dicta a mágoa, quanto a dor respira,
Escreve a penna, quanto a pena alcança.

Mas não escreve a penna dessa forte
Morto ao Rey; porém sim traz à memoria,
Que trocou huma forte em outra forte:

Pois por ficar eterna toda a historia,
Conhece o Mundo, que a pezar da morte
Vossa penna lhe dá mais alta gloria.

Do Licenciado Joseph de Torres Sylva.

Ao mesmo Author,

S O N E T O.

SÓ vós, trocando as causas ao tormento,
Que objecto foy penoso da saudade,
Podereis com divina suavidade
Dar novo alento ao nosso desalento.

Com penna aguda o agudo sentimento
Deixais taõ fraco já, que persuade,
Ser illusão sentida da piedade,
Quanto horror fora já do pensamento.

Com tanto acêrto o estylo remontastes
Nas lastimas, que harmonico derrama,
Que ao Soberano o fer refuscitastes.

O venturoso estylo em quanto acclama!
Pois da penna, com que vos elevastes,
As azas fabricou a Augusta Fama.

Do Doutor Francisco Alvares de Pina Bandeira de Mendoça.

Ao mesmo Author,

S O N E T O.

Este sabio thesouro, que heis formado,
De preciosos conceitos construido,
Quando mostra hum disgosto conhecido,
Hum gosto nos infunde declarado.

O pezar com prazer equivocado,
O disgosto com gosto confundido,
Assim como o tormento he tão subido,
Tambem fica o alivio sublimado.

De hum Monarca, de quem triste a memoria
Chora a Lysia com dor nunca pequena,
Assim suavizaste a triste historia:

Milagres são, que o vosso juizo ordena,
Que em fim saber mudar a pena em gloria
Grande gloria he, Senhor, da vossa penna.

De Manoel de Barbuda e Figueiredo.

Ao mesmo Author,

S O N E T O.

E Se Plectro elevado, e sonorofo,
De Roma injuria, admiração de Athenas,
Se à vista expoem, ò Borges, tantas penas,
Como se faz à idéa deleitoso?

Se os Mausoléos descreve luctuoso,
Mostrando o defengano em tantas scenas,
Como quando a suspiros nos condemnas,
Rhetorico impedís o lastimoso?

Mas se Orphêo, quando lástimas suspira,
A morte deplorando da consorte,
Fez os rios parar com novo espanto;

Sendo affombro de Orphêo a vossa lyra,
Razaõ he, que do Rey cantando a morte,
As torrentes parar faça do pranto.

De Francisco das Chagas Sylveira.

Ao mesmo Author,

ROMANCE HEROICO.

Douto Borges, a quem do applauso em azas
Da Fama ao Templo a eternizar-vos leva

De culta prosa a peregrina frase,
Do doce metro a sonora avena.

Quem vê tão douda penna remontar-se

A` vasta região da vossa idéa,
Diz (se Minerva producção de Jove)
Que vós sois feliz parto de Minerva.

Affim he; mas Apollo vos perfilha

Tambem, e por herdeiro ambos vos deixaõ,
Elle dos diques, que a Castalia sólta,
Ella dos termos, que a Oratoria inventa.

Vede, pois, quanto tendes de Deidade,
Se estes dous divinizaõ vossas letras,
Minerva nos quilates dessa argucia,
Apollo no suave dessa veyã.

Bem o entende a Bahia, pois conhece

Nas penas suas, que as Reaes Exequias
Só escritas por vós as mágoas dobraõ,
Só contadas por vós os ays augmentaõ.

Mas se he inferno a dor, e esta he precisa,

Acho no canto vosso incoherencia;
Pois se a Bahia Eurydice padece,
Quando a lyra tocais, tiraes-lhe a pena.

Porém, illustre Borges, tal não digo,
Deva-se à dor tão justa reverencia,
Que o doce canto no fiel tormento
Se a dor cuida aplacar, affina a queixa.

Não podeis rechar com tal doçura
De canto de Aristarcos a tormenta;
Pois no Delfim do applauso vosso nome
Seguro irá da eternidade à terra.

Por grande gloria celebrava Roma
Dos dous Varoens pasmosos na eminencia,
Que quando o Orador mayor fallava,
O Poeta melhor então nascera.

Mas sem duplicidade de sujeitos
A Bahia seus timbres accrescenta;
Pois logra só em vós mais douto Tullio,
E mais culto Maraõ tambem conserva.

Quem, como vós, à Augusta Magestade
Nas azas do pezar votar podera
Holocaustos de amor tão sensitivos,
Oblações de saudade tão attentas?

Chorais do grande Rey o extremo caso
Com voz tão grata, que he razã se entenda,
Melpomene vos fia a Lyra acorde,
Quando quereis cantar nas mágcas Régias.

Por isso, pois o Plectro vosso he de Ouro,
Quando o tocais com tão gentil destreza,
Do crysol desse claro entendimento
Sahem tão quilatadas as cadencias.

Dos Escriitores, que celebra a Fama,
Não podeis rechar a preferencia,
Porque esta Relaçã, meu douto Borges,
Ha de a vosso favor dar a sentença.

Reparay sempre, qual seria a causa,
Porque (se a Poesia conheçera,
No Principado a nove Heróes famosos)
Nenhum se intitidou Rey dos Poetas:

Mas já vejo, que nelles em presagio
Foy ao merito vosso reverencia;
Pois promettido ao seculo presente
Destinou-se a Coroa à vossa testa.

Todas

Todas as producções do Engenho voffo
São affombro à Republica das Letras:
Mas esta, que hoje dar à luz quizestes,
Mais que affombro, he mudez às eloquencias.
Profegui de escrever o heroico intento,
Para que vaõ nos partos deffa idéa
A Patria conseguindo por vós honras,
O Mundo venerando as voffas prendas.
E em quanto em quadros fó de vós condignos
Voffo nome debuxaõ com destreza,
Com tinta o prado de olorofas flores,
O Ceo com pinceis lucidos de estrellas;
Confervay-vos, Varaõ douto, e excellente,
No retrete scientifico das Letras,
Para feres dos Sabios Lethes digno,
Para feres da Fama illustre empreza.

Do P. Domingos da Sylva Telles.

*Ao Senhor João Borges de Barros, dig-
nissimo Mestre-Escola da Sé da Ba-
hia, descrevendo as Reaes Exequias,*

ROMANCE HEROICO, E ESDRUXULO.

S Ò hum pasmo, ou silencio Pythagorico,
Melhor, que a fama com sonoros canticos,
Deve ser o discreto panegyrico
Da vossa erudição, que eleva os animos.

Eleva, sim, melhor que a doce musica
Das Serêas, que he fabula, ou som magico,
Pois quem chegou a ouvirvos tão rhetorico,
Na sede infaciavel fica hum Tantaló.

Menos tem, que se ouvir na manhã frígida
Voláteis Córos dos ethéreos páramos,
Que ao dia salvaõ com suaves jubilos,
Quando apenas vêm da Aurora os párpados!

Pois mais, que o Cysne nos alentos ultimos,
Cantais dos Lusos os desmayos languidos
Sem hyperbole; pois nas Nenias lugubres
O Cysne he cantor rustico, e vós aulico.

Quando tão sonoro sois no fúnebre,
Que deixais, mais que Orfêo, ao gôsto extatico,
No festivo vos julgo tão harmonico,
Que attrahir poderéis ao monte Caucaço.

A não ser contra o rito dos Catholicos
Admittirem-se Tripodes, e Oraculos,
Só vós, Borges, serieis hoje o Idolo,
A quem se consultasse o estylo candido.

Pois, a pezar dos Aristarcos criticos,
Sois Escritor futil, discreto, e practico,
Que à Patria vossa dais eternos creditos,
Mais que à sua deu Cesar, e deu Tacito.

Sois

Sois na vossa eloquencia hum novo Cicero,
E para dizer tudo sem preambulos,
Tendes huma affluencia de Chrysoftomo,
E na Jurisprudencia sois hum Bartolo.
Senaõ ignora ainda qualquer rustico,
Que a sciencia naõ jaz em brando thalamo,
Quanto da vossa vida em todo o circulo
Seria, ò Borges, o disvélo classico?
A vossa penna em fim com vôo prospero
Tanto mediõ a dor dos Lusos famulos,
Que se a mágoa chegarlhes soube ao intimo,
Vossa penna elevarse soube ao maximo.
Voay pois, engenhoso mais que Dédalo,
E desde o pólo Arctico ao Antárctico
Dilatay vosso nome, Varaõ inclyto,
Do Mundo todo pelos largos ambitos.
Melhor que Alcides no seu Calpe, e Abyla,
Por *non plus ultra* desse egregio calamo,
Gravay nos Astros por eternos seculos
Da vossa Narraçã qualquer paragrafo.
Pois nas sentenças excedendo aos Senecas,
Que à vossa vista sempre foraõ barbaros,
Tereis por premio de taõ grande merito
La no Templo da Fama hum tabernaculo.
Nos porfidos, nos jaspes, e nos marmores,
Que para approvaçã devem ser *Calculos*,
Grave-se o nome digno de taes laminas,
E sirva o Mundo todo de retabolo.
E se materia houver inda mais sólida,
Digna do nome de hum Varaõ magnanimo,
Lá se escreva esse nome isento ao tumulo,
E sempre superior ao tempo rapido.

Do Licenciado Manoel Ferreira Neves.

Ao mesmo Author,

D E C I M A S.

REferir a triste acção,
Que magôa nosso peito,
Vos tocava de direito,
Por seres da Relação:
E formando conclusão
Do Rey às cinzas Augustas,
Com razoens doudas, e justas,
Vosso juizo nos condemna,
Que padeçamos a pena,
E a Bahia pague as custas.

NA Relação, que formais
Para credito do amor,
Descrevendo a immensa dor,
Alivio ao sentir nos dais.
Ao Quinto Joaõ mostrais
A Salamaõ mais que igual,
Porque a discrição formal
Com justa razão ordena,
Que só possa a vossa penna
Descrever a pena Real.

De Sylvestre de Oliveira Serpa.

*Auctori Exequiarum librum denuò
scribenti,*

EPIGRAMMA.

Quem tua, Joannes, dictârat dextera librum,
Fama est Nereidum furrivuisse choros.
Rursus Musa placet, placet & componere librum:
Hic maris invidiâ, mittito, liber eat.
Nereides rapiunt, ut discant carmina, primum:
Qui doceat Musas, iste secundus erit.

*Emmanuel Pereira do Lago,
In Facultate Artium Magister.*

L I C E N Ç A S.

DO SANTO OFFICIO.

Approvaçãõ do M. R. P. M. D. Thomaz Caetano de Bem, Clerigo Regular, Ex-Leitor da Sagrada Theologia, Qualificador do Santo Officio, e Examinador das Tres Ordens Militares, &c.

ILLUSTRISSIMOS, E REVERENDISSIMOS SENHORES.

VI a Relaçãõ das Exequias, que na Cidade da Bahia se celebrãõ na morte do Fidelissimo Senhor Rey D. Joãõ V., que pertende dar à luz o Doutor Joãõ Borges de Barros, a qual se faz digna de taõ justos louvores, como o Reverendo Doutor Mestre-Escola de bem merecidos elogios. Faz-se digna a Relaçãõ das Exequias de taõ justos louvores; porque além de naõ conter coufa alguma contra a Fé, ou bons costumes, merece os credits de singular entre as mais distinctas Obras, que se compuzeraõ ao mesmo elevado assumpto, pela elegancia, discriçãõ, e gravidade, com que, assim na proza, como no metro, publica as singulares virtudes, e heroicas acções do defunto Monarca. Faz-se acedor o Reverendo Doutor Mestre-Escola de bem merecidos elogios, pois nesta acçãõ mostra o grande zelo, com que procura fazer eterna à posteridade a memoria do nosso inclyto Monarca, dando à estampa este pequeno brado do seu heroico Nome, cujo assumpto, por elevado, foy bastante para fazer defanimar os mais valerosos Atlantes da eloquencia. Tambem demostra o Reverendo Doutor Mestre-Escola o activo amor, com que pretende pelo beneficio da estampa participar até às mais remotas partes do Mundo a grandeza sem igual, do nosso Fidelissimo Monarca; na qual nos propoem hum prefeyto exemplar da virtude aos Principes, como Catholicos; hum modelo das mais prudentes maximas de reynar aos Principes, como politicos; e a todos lhes propoem hum prototypo de Principes completamente perfeitos: pelo que se faz justamente digno da licença, que pertende. Vossas Illustrissimas mandarãõ o que forem servidos. Lisboa, Casa da Divina Providencia, em 27 de Fevereiro de 1753.

D. Thomaz Caetano de Bem, C. R.

Approvaçãõ do M. R. P. M. Fr. Antonio de Santo Elias, Qualificador do Santo Officio, Lente jubilado na Sagrada Theologia, e Ex-Prior do Convento de Evora, &c.

ILLUSTRISSIMOS, E REVERENDISSIMOS SENHORES.

NAõ he a Relaçãõ, que Vossas Illustrissimas, e Reverendissimas me mandaõ rever, objecto digno de contentamento, e jubilo; porque com ella se despertaõ fortemente a dor, e perda inexplicaveis, que sentio Portugal na morte do Fidelissimo Rey D. Joãõ Quinto, de saudosa memoria. Porém o seu Author a soube reduzir a huma contextura, e artificio taõ nobre, que até chegou a fazer como agradaveis os mesmos infentivos da lástima. A genuina descripçãõ da pompa funebre, a métrica consonancia de heroicos Poemas, e a gravidade das Orações patéticas, que na mesma Relaçãõ se contém por ordem reguladissima, tudo publica dignamente, naõ só a grandeza do engenho, mas o excessivo ardor da piedade, com que o seu Author quiz mostrar ao Mundo, que a todas as partes, de que se compoem, chegou devidamente a dor daquella fatalidade: e chegará tambem

no pequeno corpo deste volume o bem merecido respeito do seu grande Nome. E como he Obra verdadeiramente de huma Dignidade sublime, não se lhe descobre ápice, que não seja concernente à santa Fé Catholica, e morigerados costumes da verdadeira Religião. Assim o entendo: Vossas Illustrissimas, e Reverendissimas mandarão, o que forem servidos. Convento do Carmo de Lisboa, em 13 de Março de 1753.

Fr. Antonio de Santo Elias.

Vistas as informações, pôde-se imprimir o livro, de que se trata; e depois voltará conferido para se dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa, 13 de Março de 1753.

Fr. R. Lancastro. Sylva. Abreu. Pays.

Trigofo. Sylveiro Lobo. Castro.

DO ORDINARIO.

Approvaçãõ de Diogo Barbosa Machado, Abbade reservatario da Igreja de S. Adriaõ de Sever no Bispado do Porto, e Academico da Academia Real da Historia Portugueza, &c.

EXCELLENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR.

O Magestoso aparato Funeral, que a Capital da America Portugueza igualmente obsequiosa, que magnifica, levantou às luctuosas memorias do Fidelissimo Monarca D. Joaõ V., somente podia ser descripto pela eloquente penna do Reverendo Doutor Joaõ Borges de Barros, em cuja narraçãõ usando de artificio novo transformou hum geral sentimento em particular applauso do seu talento. As Poefias Latinas, Portuguezas, e Castelhanas, como as Oraçoens Evangelicas, dedicadas ao mesmo funebre assumpto, saõ merecedoras de igual louvor, pois ainda que disputem a preferencia, ficará indecisã a vitoria. Este he o meu parecer. Vossa Excellencia mandará o que for servido. Lisboa, 16 de Março de 1753.

Diogo Barbosa Machado.

Vista a informaçaõ, pôde-se imprimir o livro, de que a petiçaõ trata, e depois de impresso torne conferido para dar licença para correr. Lisboa, 21 de Março de 1753.

Sylva.

DO DESEMBARGO DO PAÇO.

Approvaçãõ de Filippe Joseph da Gama, Academico da Academia Real da Historia Portugueza, e do Numero da dos Arcades de Roma, e Official da Secretaria de Estado dos Negocios do Reyno.

S E N H O R.

O Assumppto deste livro, que Vossa Magestade me manda ver, he humna descripçãõ Panegyrica das solemniſſimas Exequias do muito alto, e poderoso Rey o Senhor D. Joaõ V., de immortal, e sempre saudosa memoria, e glorioſiſſimo Pay de Vossa Magestade, celebradas na Cidade da Bahia, que na pompa mageſtoſa de tantas acçõs funebres buscou o mais extremoſo defafogo da sua dor, que naõ admittia outra consolaçãõ, e alivio. A magnificencia do Mausoléo, as pyramides ardentes, as medalhas, e figuras allegoricas, os fumos do incenso, a morte vencida da fama, e da eternidade, as Poefias Latinas, e vulgares, e as Orações Evangelicas, nobres fadigas dos mais cultos, e sublimes Poetas, e Oradores daquelle novo Mundo; tudo se admira egregiamente descripto, e copiado nesta collecçãõ, que tardou tanto tempo em sahir a luz, porque naufragou no seu primeiro original. Mas a diligencia, o zelo, e o incansavel estudo do Doutor Joaõ Borges de Barros, Chantre da Santa Sé da mesma Cidade, e nella Desembargador da Relaçãõ Ecclesiastica, taõ adornado de virtudes, e sciencias, como benemerito de immortaes elogios, que tinha compilado as lagrimas, e internecidas expressõens da America Portugueza; agora nos restaurou felizmente a perda do primeiro volume, ordenando, e compondo este segundo com igual discricãõ, e acerto, em obsequio, e veneraçãõ das soberanas Reaes acçõs, e da vida posthuma daquella ditosa, e grande Alma; a quem servem de triunfo os cyprestes reproduzidos em palmas, e louros; o tumulo convertido em luminoso throno, e as fombros do luto, e da tristeza, transformadas em luzes, e resplandores de gloria, como taõ justamente o contempla a nosſa faudade. Chorou Portugal sentidamente em ambos os Mundos estes estragos da morte: mas enxugaraõ se as lagrimas, e suspendeo-se o pranto, porque o excelſo Monarca partindo para a Celeſte Patria a cingir mais brilhante, e precioso diadema, entregou a Vossa Magestade o Sceptro, que regêo com tanta clemencia, e justiça: sem que o perturbasse naquella precisa ausencia o amor dos Vassallos, de quem mais era Pay, do que Senhor, pois em Vossa Magestade lhes deixava o seu mesmo espirito, e os soberanos dotes, pelos quaes; se a natureza, e a fortuna se naõ anticipassem, a virtude, e o merecimento lhe teriaõ dado a Coroa do Lusitano Imperio. Em fim, he este livro hum illustre epitafio do Regio Mausoléo, em que descantaõ aquellas heroicas, e augustas cinzas: e me parece, que Vossa Magestade conceda a licença pedida para se divulgar pela estampa, por ser digniſſimo de competir duraçõs com a eternidade, ou entalhado em taboas de cedro, ou gravado em laminas de bronze. Lisboa, 26 de Março de 1753.

Filippe Joseph da Gama.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario; e depois de impresso tornarã à Mesa para se conferir, e taxar, e dar licença para que corra: e sem isso naõ correrã. Lisboa, 26 de Março de 1753.

Marquez P.

Ataide.

Castro.

RE.



RELACÃO
PANEGYRICA
DAS
HONRAS FUNERAES
DO MUITO ALTO, E MUITO PODEROSO REY
FIDELISSIMO
D. JOAÕ V.



EPois daquelle fatal deliquio , que no dia dez de Mayo de mil setecentos quarenta e dous cometteo eclipsar as luzes do Sobrano Sol do Hemisferio Lusitano , pondo em nubladas trevas de agonia os dilatados Orbes da Monarchia Portugueza ; quando se esperava , que vivificados os activos rayos , e restabelecidos os brilhantes fulgores da larga intercadencia de mais de oito annos de mortal parocismo , se restituísse ao Zenith sublime de seu Augusto throno ; para que repe-

A tindo

tindo os beneficos influxos, illuminasse de novo os amortecidos Astros da esfera amplissima de seus Dominios, como Luminar supremo de hum Imperio, que deduz a sua etymologia das mesmas luzes: cedendo todo o preclaro Senhorio ao mais condigno Substituto dos seus resplandores, qual luminoso Planeta, que se sepulta no Horizonte, para renascer no Oriente; mostrando ser preciso morrer nas sombras, para resuscitar nas luzes; tocou finalmente o funesto ponto do seu Occaso no fim do dia trinta e hum de Julho de mil setecentos e cincoenta. Dia, que sendo consagrado pela antiga Gentilidade ao Sol luzindo, hoje só representa o Sol fenecendo. Dia, que só devera chamar-se noite; pois com o desmayo de hum Sol deixou às escuras dous Mundos. Dia verdadeiramente infeliz, e desditoso; e que nos Annaes da Lusitania será sempre affinalado com pedra negra, como os aziagos entre os Egypcios. Dia, que se já servio de espectaculos festivos aos Gregos, e Romanos; será para os faudosos Portuguezes perpetuo theatro de representações funestas. Dia, em fim, carregado todo de horrores, e que podera servir de noite à mesma eternidade; porque a multiplicidade das penas, a reproducção das tristezas o fez parecer eterno. Enlutaraõ-se pois de sombras tristes os ambitos do globo Lusó, cobrio-se de funebre pavor a Monarchia, penetraraõ-se de agudo sentimento os corações: e propagando-se logo a intensa magoa a todas as quatro partes do Mundo, aos enternecidos ecos da dor responderaõ em todo elle fielmente os prantos, os suspiros, as faudades.

Estava espirando o mez de Outubro, e quando já nos ultimos parocismos hia a sepultarse o Principe dos Astros no seu tambem agora mysterioso Occidente; com aquelle arrebatado gyro, com que sempre voaõ as infaustas novas, (tendo sahido do Recife de Pernambuco) surgio neste Emporio da Portugueza America hum nadante Feretro, em que vinhaõ amortalhados os lastimosos avisos daquelle fatal accidente, as noticias sempre lamentaveis de haver pagado à tyrannia da Parca o infallivel tributo, o Lusitano Monarca, o sempre Inviçto, Magnanimo, Religioso, Sabio, Pio, em fim o Fidelissimo D. João V. nosso Senhor; que sendo em tudo Sol, affim como vio a primeira luz do Mundo na elevação brilhante deste singular Planeta, tambem na decadencia opaca de seus rayos teve o mortal lethargo dos seus resplandores: e renovando-se agora estas lugubres circumstancias do seu Occaso na

Bahia, toda se achou reduzida a hum luctuoso abyfmo de penalidades, toda ficou foçobrada em hum profundo pelago de amarguras.

Porém, que demonftrações mais vivas de pezar, que extremos mais enternecidos de sentimento (ultimo tributo, que aos Principes benemeritos se deve) poderiaõ fer cabal defafogo da magoa, ou desempenho efficaz da obrigação na perda fem remedio de hum Monarca, cuja preciofiffima vida merecia lograr os privilegios de immortal? Hum Monarca, que a empenhos da Divina Providencia refplandeceo taõ diftincto entre todos os Soberanos do Mundo pelos fingulares attributos, e excellentes prerogativas, de que era dotado, que naõ só foy Mayor, que todos os feus Mayores; mas sobrefahio a quantos generosamente illuftraraõ a carreira immenfa dos feculos: procedendo de forte na Ecliptica fatal da Heroicidade, que emmudecidos os canoros espiritos da Fama, e cheyos de affombro, e de respeito os ambitos do Universo, chegou a illuminar o Templo da Memoria com o indelevel esplendor do feu Augufto Nome.

Hum Monarca, que logo na primitiva eftação de feus gloriosos annos ostentou alentos de Alcides para empresas de Atlante; pois tomando em feus hombros naõ só a importante Eféra da fua Monarchia, mas tambem o formidavel pezo de outros Orbes, que pela eminencia da ruina se viaõ vacillantes; foy a firmiffima Columna, em que eftribou permanente affim a felicidade dos proprios Estados, como a confervação dos alheyos Dominios; mostrando ao mefmo tempo respeitaveis poderes de Jupiter, e perfuafivas intelligencias de Mercurio, que com gloria de huns, e reparo de outros, o constituirãõ venerado Oraculo a todas as Coroas no presente feculo.

Hum Monarca taõ amante dos feus Vaffallos, que mais os regia pelos effeitos da clemencia, do que pelos dictames da Soberania: mais ostentava affectos de Pay, do que preeminencias de Rey; pois desempenhando aquella benefica nomenclatura de feus piedosos Predeceffores, que com menos fundamento arrogaraõ a fi os Emperadores de Roma, denominando-fe Pays da Patria, quando os Senadores, e Confules, Padres Conscriptos; fez esquecida a illuftre memoria dos Marcos Aurelios, dos Theodofios, e dos Mayorianos: fendo só elle o que unindo a benevolencia com o respeito, foubes collocar no throno da Mageftade o Simulacro do Amor.

Elle foy o Prototypo da Heroicidade, o Symbolo da Grandeza, o Modélo da Discriçaõ. Foy o Exemplar infigne de todas as Virtudes moraes, politicas, e Catholicas, de quem os mais abalizados Heróes, ou não passaraõ de ser sombra, ou só chegaraõ a ser figura. Elle foy o verdadeiro Numa Pompilio, tanto no amor da Paz, na observancia da Religiaõ, na pratica das Leys, e na civilidade dos costumes; como ainda nos annos do governo, na serie dos Reys, e na idade da Monarchia: porque reynou, como Numa, os mesmos quarenta e tres, para quarenta e quatro annos: foy o vigesimo primeiro dos Reys nacionaes Portuguezes, como elle o foy tambem dos Romanos, e Aborigines do antigo Lacio, de que Roma veyo a ser Cabeça, assim denominados por serem originarios do mesmo Territorio: e finalmente entrou a governar no anno de quinhentos e sessenta e sete do estabelecimento do Imperio Portuguez no Campo de Ourique, assim como Numa em outro igual tempo da fundaçãõ do Latino Reyno continuado no Romano.

Elle foy em Portugal o Salamaõ da Ley da Graça, muito mais excellente, e digno de immortaes elogios, do que aquelle taõ decantado Monarca da Palestina, assim na sabedoria sem igual, como na riqueza sem semelhante: tanto na incomparavel gentileza, na Real magnificencia, na profusa generosidade; como no uso da paz, no exercicio da piedade, no zelo do Divino culto. O Salamaõ de Jerusalem foy Sabio por sciencia infusa, o Salamaõ de Portugal o foy por sciencia adquirida à custa dos mayores desvêlos. Aquelle he provavel opiniaõ, que antes de morrer perdeu toda a sciencia, e riqueza; de sorte, que chegou a mendigar. Este quanto mais viveo, foy mais fabio, e cada vez se achou mais rico: porque as Frotas do seu Ophir da America, onde tambem no sentir de gravissimos Authores esteve o Ophir de Salamaõ, cada vez lhe foraõ transportando à sua Corte mayores preciosidades. Aquelle, em cumprimento de hum voto de seu Pay David, consagrou no dia de seus annos ao verdadeiro Deos hum magnifico Templo, que não só foy o primeiro, mas o unico daquelle Povo sempre ingrato. Este não só dedicou à Divindade Suprema, em observancia de outro voto, e em semelhante dia, outro Templo, que he a primeira, e singular maravilha do Mundo; mas fez brilhar tambem a sua devoçaõ, e magnificencia em outros muitos Edificios sagrados, que bem poderaõ competir na grandeza com o mesmo Templo de Jerusalem.

rufalem. Salamaõ finalmente nos ultimos dez annos da sua vida converteo toda a sua sciencia, toda a sua riqueza, e toda a sua galhardia nos escandalosos fumos da Idolatria mais infame, onde desapparecêraõ de sorte as suas virtudes, e depois a sua alma, que se não póde saber ao certo aonde appareceo. O Fidelissimo D. Joaõ V. nos seus ultimos nove annos sacrificou de tal modo a Deos os seus affectos em huma exemplarissima resignaçãõ, e penosissima tolerancia; e exaurio em piedosas obras, e suffragios, os seus thesouros; que a todos deixou huma quasi certeza, de que iria gozar logo daquelle Summo Bem, da vista clara daquelle Divinissimo Objecto, que foy sempre o total emprego de seus sentidos.

Elle, melhor do que S. Estevaõ I. de Hungria, e Casimiro I. de Polonia, fez florescer, e propagar a Fé Catholica nos seus Reynos, e Conquistas; emmudecendo nellas em seu tempo as vozes do Paganismo, melhor do que no do Emperador Theodosio o Grande calãraõ os Oraculos da Gentilidade. Elle, melhor do que os Emperadores Alexandre Severo, e Carlos Magno, soube prestar venerações aos Sacerdotes, e Ministros da Igreja. Elle, mais do que Tito em Roma, foy as delicias de Portugal, podendo contar por horas, ou por minutos, as mercês, que aquelle magnifico Emperador numerava por dias. Elle foy o verdadeiro Protector dos Sabios, e Pay das Letras, melhor do que Francisco I. de França, e Lourenço de Medicis. Elle, mais do que Carlos Crasso, fez escrever innumeraveis Authores, e imprimir infinitos volumes: e mais, do que Ptolomeu em Alexandria, e Gordiano em Roma, formou muitas, e copiosissimas Bibliothecas. Elle fez, que no seu seculo se cultivasse a lingua Portugueza, melhor do que Adriano a Grega, e Julio Cesar a Latina. Delle se podia affirmar, pelos muitos, e sumptuosos Templos, Palacios, e Edificios publicos, de que ennobreceo a sua Corte, melhor do que de Augusto Cesar se disse a respeito de Roma, que recebendo a Lisboa formada de barro, a deixou construida de preciosos, e soberbos marmores. Elle fez elevar a Architectura à mayor perfeiçãõ, deterrando as impertinencias Mosaicas, e a irregularidade dos Godos; e emendando em muitas Empresas, e Obras, assim os defeitos da Arte, como os descuidos da natureza, melhor que Luiz XIV. de França, e Fernando de Sicilia. Elle fez admirar com a relevancia do seu entendimento, e com as grandezas da sua Corte, os Ministros Estrangeiros, mais do que Salamaõ a discreta Rainha
de

de Meroê, e Alexandre Magno os Embaixadores da Persia.

Elle, mais do que Trajano, e Cayo Mario, foubе fer prompto em ouvir, e responder às partes com agrado: e melhor, do que Tiberio, foubе corrigir com alta comprehensão as Consultas dos Tribunaes a beneficio dos pretendentes. Elle foy zelosissimo da conservação dos seus Vassallos, melhor do que S. Duarte Rey de Inglaterra, e o Emperador Antonino Pio, querendo como elles mais conservar a vida de hum Cidadão na Corte, do que tiralla a mil inimigos na campanha. Elle admittio nos seus Reynos muitas Religioens, que nelles naõ logravaõ ainda domicilio: ampliou Universidades, erigio Collegios, creou Academias, e introduzio muitas, e diferentes fabricas, para credito da Naçaõ, e utilidade dos seus póvos.

Elle finalmente praticou estas, e outras muitas Virtudes em grão taõ summamente perfeito, que naõ podendo distinguir-se entre si na primazia, o constituirão taõ superiormente sublime a todos os Soberanos, e taõ unicamente singular entre todos os Heróes; que só comsigo póde ser comparado, pois só a si chegou a ser semelhante. Merecendo por tantos, e taõ relevantes motivos, e circumstancias, naõ só dos seus Vassallos, mas ainda de todo o Mundo, perennes sacrificios dos mais cordiaes affectos, em quanto vivo; e depois da sua mortal ausencia, perpetuos votos de faudades sem fim, de lagrimas sem limite; sendo universalmente chorado, mais do que foy Jozias no Reyno de Judá, e o piedoso Rey D. Affonso I. no de Portugal.

Sempre huma alegria grande trouxe comsigo o vaticinio de alguma tristeza talvez mayor; porque sempre ao prazer se segue o pezar, ao riso succede o pranto. Quem vio as luzes de hum dia claro, que naõ esperasse as trevas de huma escura noite? Ainda naõ terminavaõ os festivos cultos, que a reverente devoçaõ dos moradores da Bahia costuma consagrar à feliz memoria das gloriosas Virgens Britanicas, suas Padroeiras; além da occurrencia de outras celebridades, que fazem aquella estaçaõ do anno sagradamente plausivel. E ainda os animos destes discretos Cidadãos se achavaõ preocupados dos nobres obsequios, que lhes devèra o faustissimo principio do Vice-Reynado do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde de Atouguia, que emulo de seus grandes Progenitores, os mais dignos Exemplares de suas acções illustres, tem renovado no Brasil as sempre saudosas lembranças daquelle

quelle famosissimo Heróe seu bisavô , que com raras virtudes , e incomparaveis acertos deixou nelle hum nome preeminente a todos os Governadores do Estado. Ainda os applausos , com que fora geralmente recebido , não tinhaõ de posto aquelle politico alvoroço , que eternizou nos corações huma presença tão amavel: Quando enlutada com as funestas sombras da noite buscou aquella infeliz noticia o Palacio de Sua Excellencia Illustrissima , e immediatamente se transferio para o de Sua Excellencia Reverendissima; aos quaes , como a primeiros moveis da Americana Corte , tocava indispensavelmente o primeiro emprego de tão rigoroso golpe. Converteo-se em luto a suave consonancia da cithara: mudou a Fortuna a scena ; e variando a alegria o theatro , tudo ficou sendo representações de magoa , tudo apparatus de sentimento.

Ninguém se vio triste , que logo não procurasse a sociedade de outro triste , como consolação mais natural dos que extraordinariamente se achão combatidos da tristeza. Occultamente se avistaraõ logo os dous já feridos , e referidos Principes ; e em mutuas expressoens de huma afflicção sem igual , só poderiaõ ser discretos os assombros , só eloquentes os silencios. Melhor discorriaõ as lagrimas , do que as vozes: a penas , (e bem a penas) poderiaõ articular aquellas , de que dependiaõ os acertos publicos , para que dilatada nos corações a magoa , se regulasse em todos pela qualidade da perda a demonstração do pezar. Despedidos finalmente com os mais enternecidos , e religiosos affectos , originados de huma ternura tão propria daquelles instantes ; não passaraõ muitos , que se não ouvissem em toda a Cidade os dolorosos gemidos dos metaes sagrados , que feridos , ou dobrados de dor , publicavaõ com vozes de bronze , que em pena tão universal , e extremosa , até o insensível se devia penetrar do sentimento. Nunca os fins dobraraõ com tão lacrymoso som. Bem mostravaõ , que sentiaõ a falta de hum Monarca , a quem deveo a Igreja tantos , e tão inimitaveis desvélos ; tantas , e tão estupendas profusoens.

Tres dias successivos se competiraõ estes magoados clamores nos Templos: e como eraõ muitos , por não haver Campanario , que como a rebates da dor não acodisse logo aos sinaes da Cathedral ; a mesma funebre competencia fazia esta demonstração mais lastimosa : e ainda muito mais , sendo imitada dos tristes ecos da Artilharia , que pelos mesmos tres dias em todas as Fortalezas

lezas repetio os seus compassados ays ; fazendo reproduzir na concavidade dos montes a mortal tristeza , que excitava de novo no centro dos corações. Arrojou o seu Basteão o mesmo Marte , e rendidas as Armas , abatidos os Estandartes , e roucos os Tambores , se fizeraõ todas as mais ceremonias , que para occasioens semelhantes dispoem a exacta providencia da Militar disciplina.

O nobilissimo Magistrado da Camera , logo que foy certificado de noticia taõ funesta , quebrou as suas Insignias : e fechadas as janellas , suspensos os Tribunaes , e publicados os lutos mais rigorosos , procedeo nas mais operações devidas de sentimento : até que no decretado dia de cinco de Novembro sahiraõ os Senadores arrastando pezados lutos , e persuadindo infalliveis desenganos , a quebrar os Reaes Escudos , na conformidade do antigo estylo do Reyno , nos lugares mais publicos da Cidade : cerimonia , que se executou , e vio executar , com lagrimas taõ espontaneamente fluxivas , que se faziaõ desnecessarias as vozes , para a provocação dos prantos.

O Excellentissimo , e Reverendissimo Senhor D. Joseph Botelho de Mattos , em quem a Metropolitana Mitra da Bahia resplandece com as suas innatas virtudes , profunda sabedoria , e sublimados procedimentos , muito mais ainda , que com as pedras mais preciosas , de que se adorna : e em cujo animo impéra não só huma piedade sem limite , mas tambem huma generosidade superior a todo o encarecimento ; procurando nestas virtudes o desfogo da sua entranhavel magoa na perda de hum Monarca , a cuja Magestosa Soberania devèra benignas attenções , e em cujo elevado conceito lograra distincto lugar : mandou publicar na sua Sé hum oitavario de Missas com a esmola de quatrocentos e oitenta reis a todo o Sacerdote , que quizesse offerecer o incruento Sacrificio pela Alma de Sua Magestade ; os quaes certamente excederãõ em grande addição o numero de mil : Fazendo ao mesmo tempo expedir huma circular , e faudavel Pastoral , em que com as mais persuasivas expressoens de zeloso , discreto , e vigilante Pastor , annunciava ao numeroso Rebanho das suas Ovelhas a ausencia do Fidelissimo Soberano ; recommendando muito a todos , como a fieis , e amantes Vassallos , a lembrança dos Suffragios devidos : e especialmente ordenando a todos os Parocos do seu Arcebispado , Conventos de Religiosas , e Recolhimentos da sua jurisdicção , que celebrassem Exequias nas suas Igrejas , o mais breve que podesse

deffe fer , e com a mayor solemnidade , que lhes fosse poffivel. E finalmente prevenindo Sua Excellencia Reverendiffima , que se haviaõ de solemnizar as Regias funeraes honras com o ultimo primor da magnificencia na mesma Cathedral: achando-se esta destituida de ornamentos proprios , e condignos ao esplendor daquella acção ; e naõ tendo effeito a representaçaõ , com que o Reverendo Cabido follicitou o Real subsidio para a precisa providencia ; o mandou fazer o Excellentissimo Prelado à fua custa , de veludo negro , agalado , e franjado de ouro , para todo o Cabido , e mais ornato da Sé , com dispendio de mais de tres mil cruzados: devendo já a mesma Sé outros muitos preciosos donativos à fua generosa grandeza , de que são abonado testemunho a Banqueta , e Alampada da Capella mór , cuja despeza importou o melhor de dezaseis mil cruzados.

No terceiro dia da noticia , tres de Novembro , celebrou o Reverendo Cabido o feu suffragio com o mais solemne , e primoroso Officio , que podia caber na brevidade do tempo ; mandando levantar no meyo da Capella mór da Cathedral huma Eça decorosamente guarnecida , em que competia com o melancolico das sombras o brilhante das luzes : fazendo ao mesmo tempo terriffima harmonia com a tristeza a magoada consonancia de dous Córos da mais acorde Musica. Disse a Missa o Reverendo Deaõ affiftido de dous Reverendos Capitulares ; officiando os mais com os Beneficiados , e Cantores da mesma Sé o funeral obsequio.

Esta reconhecida obrigaçaõ , e quasi impaciente zelo do Cabido , em suffragar a Magestade defunta , seguiraõ logo assim todas as Religioens , como as Matrices todas , tanto da Cidade , como do feu dilatado Reconcavo , em que muitos dos Reverendos Parocos , e as Cameras de todas as Villas se fouberaõ especializar na solemnidade das fua Exequias , com Tumulos magnificos , Musicas excellentes , e Panegyricos elegantes. Representava-se no Theatro de taõ circumfpectas Figuras , que à porfia estavaõ estendendo as mãos estes suffragios , para arrebatarem das prizoens do Purgatorio aquelle Real Espirito , quando ainda lá estiveffe , como já não fuppunha a fé mais pia com os bem conjecturados fundamentos , que aqui póde receber a Theologia mais severa.

Determinado o dia para as solemniffimas Reaes Exequias na Cathedral , (gloriosa demonstraçaõ de piedade , que até para com os Principes mereceo sempre o titulo de honras , como cer-

tificaõ Divinas, e Humanas Letras) se erigio no amplo cruzeiro daquelle grande Templo hum magestoso, e soberbo Mausoléo, felizmente defenhado pelo insigne Architecto Paulo Franco da Sylva, a cujo raro engenho se fiou o desempenho da obra com a circumstancia da imitaçaõ, pela mesma exquisita idéa do Cavalleiro Carlos Fontana, celebre Architecto da Coroa Portugueza na Corte de Roma, com a qual no anno de mil e setecentos e sete se construíra por Real Decreto na Igreja de Santo Antonio dos Portuguezes outra semelhante Fabrica, para as magnificas Exequias do Senhor Rey D. Pedro II. de saudosa recordaçãõ: concorrendo de forte nellas a munificencia, e o capricho, a impulsos do amor, e a dictames da generosidade, que não só deraõ brado naquella sempre triunfante Cabeça do Mundo, centro illustre das acções heroicas; mas chegarãõ a retumbar os ecos pela circumferencia da Europa, com admiraçaõ, assim dos que as presenciãõ, como dos que as viraõ depois por beneficio da estampa.

Mas sem os perigos do encarecimento, nem os escrúpulos da lisonja, podemos dizer, que ainda cã na Bahia se vio muito excedida pela primorosa exacçaõ Portugueza aquella fatal idéa Romana, já no avantejado numero de luzes, com que foy engenhosamente illuminado o seu Mausoléo, já no precioso da materia, de que se via guarnecido, e outras transcendentis circumstancias, que se farãõ manifestas. Se os empenhos do imitador contribuirãõ sempre creditos ao imitado, nunca aquelle insigne Architecto podera acharse mais desvanecido, nem reconhecerse mais glorioso. E se por costume dos Romanos foy já permittida a emulaçaõ, e fomentada a competencia, como estimulo da honra, e officina de proezas generosas: que mais feliz triumpho para o seu relevante engenho, que o confessarse taõ nobremente superado? pois assim como ha victorias, que infamaõ, ha tambem rendimentos, que illustraõ.

Via-se pois aquella sumptuosa Machina debaixo de huma elevada, e pomposa cupula, ou pavelhaõ, em figura circular, vazada em quatro aberturas, que davaõ lugar a verse do corpo da Igreja o Altar mayor, e os das Capellas lateraes do cruzeiro. Tinha por fundamento hum dilatado plintho de figura octogona, a cuja imitaçaõ se erigia o corpo da Machina, com quatro faces mayores, de trinta e tres palmos cada huma, e outras quatro, que lhe serviaõ de recantos, cada huma de onze, que formavaõ
a espa-

a espaçosa circunferencia de cento setenta e seis palmos: e levantando-se por toda ella em fórma de hum degráo de palmo e meyo de alto, continuava depois com outro degráo da mesma altura, para se subir ao plano, que circulava o Mausoléo em roda, com largura de oito palmos, para se poderem administrar os Ductos, e officiar as Absolvições, na fórma do Ritual Romano, como em seu lugar se dirá.

Sobre o pavimento superior do plintho se erguiaõ quatro pedestaes gigantes, armados em duas ordens, huns sobrepostos aos outros, que formavaõ o primeiro corpo do Mausoléo, com cornijamentos relevados de proporcionada symmetria, assim nas bases, comonas cimalthas, e frizos, com igual correspondencia nas linhas para o centro. Tinha cada pedestal vinte e seis palmos de alto, que com quatro dos quartoens, que lhes faziaõ os remates, ficavaõ na altura de trinta palmos. Estavaõ fabricados em fórma de paineis, e ricamente cobertos de lhama negra de prata, guarnecidos de galoens de ouro; e os quartoens, e bases, de veludo negro, orlados de galoens de ouro, e prata: revestido tudo de festoens de velilho azul, com guarniçaõ de franjas de ouro.

Nos quatro vãos, ou aberturas intermedias dos pedestaes; se formavaõ com agradavel perspectiva quatro ordens de degráos de quatro cada huma, que pegando nas faces interiores dos foccos, subiaõ com a mesma igualdade para o centro do Mausoléo, rematando em hum plano esférico, no qual estava collocada huma credencia da mesma figura, com proporcionado corpo à altura de seis palmos, coberta com hum riquissimo pano de brocado de negro, e ouro, e sobre ella estava hum grande coxim de veludo negro, recamado de ouro, com largos pendentés do mesmo metal, em que se viaõ postas, com magestoso apparato, as Reaes insignias, a saber, Coroa, Sceptro, e Basteão.

Dos capiteis dos pedestaes da primeira ordem, pela parte de dentro, nasciaõ quatro grandes reprezas, sobre as quaes se firmavaõ outros tantos Esqueletos, de estatura de treze palmos, em que desempenhou a arte toda a sua engenhosa valentia: eraõ de cor natural, e estavaõ cingidos com véos de ló de preto, e ouro, expressivos de luto pela morte do Monarca defunto. Sustentavaõ estes horrorosos Corifeos da Parca em acçaõ de profunda tristeza, com prodigioso artificio, huma soberba Urna de corpo esférico, e figura pyramidal de nove palmos de alto, com vinte de diame-

tro no gyro superior, e treze no inferior. Dividia-se esta por quatro elegantes pilares, à semelhança de molduras, em cujas bazes pegavaõ os ditos Esqueletos, em quatro faces de igual capacidade, que faziaõ frente para as aberturas do Mausoléo. Estava graciosamente guarnecida de pasta de meyo relevo, illuminada de ouro, sobre assento de veludo negro, com orlas de passamanes de ouro, e prata. E nas quatro faces se davaõ a ver algumas das principaes virtuosas acções, que Sua Magestade exercitara em vida, com taõ raro engenho debuxadas de morte cõr, que Zeuzis, e Apelles poderaõ alli tomar lições de pintura, sem desabono dos pinceis, com que retratou a Fama os seus nomes nos quadros da eternidade.

Na face, que olhava para o corpo da Igreja, se via o Rey levando na procissão do Corpo de Deos huma vara do Pallio, affociado dos Serenissimos Principe, e Infantes, e precedido do esclarecido Collegio Patriarcal, e de todas as Communidades da sua Corte, com aquella piedosa pompa, e magnifica devoção, com que tanto edificou os seus Vassallos, e deixou assombrado a todo o Orbe Catholico, como triumpho o mayor de Christo sacramentado, que nelle se tem visto. Mostrando ser taõ proprio da sua veneração aquelle incomparavel obsequio ao Supremo Rey sacramentado, como attributo herdado de seus Augustos Predecessores, e Ascendentes, cuja memoria lhe ficou servindo de glorioso estimulo, naõ só para a imitação, mas ainda para hum inexplicavel excessõ. Na especialissima devoção a este amorosissimo Mysterio fundou a sua mayor felicidade seu grande Progenitor o Piedoso Rey D. Pedro II. Por ella mereceo a Coroa Imperial para si, e seus Descendentes, o sempre memorando Rodolfo, Conde de Habsbourg, preclarissimo Tronco da Casa de Austria, de cujo sangue tinha Sua Magestade taõ enriquecidas as veas. Por baixo desta face da Urna se lia escrito com caracteres de ouro o seguinte Lemma:

*Dum tenet umbellam Regali debita Sceptro
Dextera, proh! Regem quantus obumbrat honos.*

No painel, ou face opposta da parte da Capella mór, se mostrava o Rey genuflexo diante de hum Altar, em que se via collocado o sagrado Transumpto da Beatissima Virgem, e a seus lados o Patriarca S. Joseph, e S. Joaõ Bautista, especiaes objectos da

da sua fervorosa devoção, com a qual não só lhes fazia deprecações perennes, mas tributava magestosos cultos.appareciaõ de huma, e outra parte postos em perspectiva alguns Templos, symbolicos indices dos muitos, e sumptuosos Edificios, que com inimitavel affecto, com magnificencia incomprehensivel erigio à sua gloriosa memoria outros tantos eternos padroens da piedade sempre heroica daquelle Monarca.

Diga-o em summa a reverente devoção, com que visitava continuamente os Santuarios de Maria Santissima; e com especialidade todos os Sabbados a sua devota Igreja das Necessidades, no sitio de Alcantara. O activo zelo, com que sollicitava da Sé Apostolica Reza propria da Senhora para todos os mezes do anno: e com que fez jurar a Academia Real o Mysterio de sua purissima Conceição, dando o mesmo Rey exemplar principio àquelle obsequioso Voto no solemne acto da primeira Festividade, que tambem determinou annualmente ao mesmo objecto, por conta da dita Academia. A magnanimidade sem segunda, com que em honra da Mãe de Deos com o titulo de sua gloriosissima Assumpção fundou a prodigiosa Basilica Patriarcal, competidora magnifica das de Roma, em cujas grandezas se confunde totalmente o discurso, e só lhe podera ser condigno panegyrista a mesma admiracão. E com que debaixo tambem do titulo de Nossa Senhora constituiu junto à Villa de Mafra aquelle verdadeiramente Regio Pantheon, de alento sublime da soberba elevação do Escorial; e que na Esfera Serafica se levanta com a singular antonomasia de Convento Magno, que lograva o de Pariz. E com que nos suburbios de Lisboa fundou a sumptuosa Igreja, e Collegio Real da Senhora das Necessidades, que generosamente doou aos Religiosos da Congregação do Oratorio, sendo este grande Edificio hum dos principaes ornamentos da Lusitana Corte. E finalmente a singular escolha, que fez da benefica protecção de Maria Santissima na sua penosa, e dilatada enfermidade, para poder concluir felizmente a carreira da vida.

Diga-o o especialissimo affecto para com o Senhor S. Joseph na prezada eleição, que fez de seu sagrado Nome para feliz denominação de seu Augusto Filho. Na reverente supplica à Sé Apostolica para ter lugar nas Ladainhas publicas da Igreja; e para se rezar do seu santo Patrocinio com Officio proprio de Rito duplex em todos os seus Estados. No glorioso estabelecimen-

to da sua devotissima Novena na Sacrosanta Basilicã, e em todas as Cathedraes dos seus Dominios, mandando imprimir infinitos livros para aquelle solemniſſimo obsequio, a que na Santa Igreja Patriarcal era sempre presente. Na fundação de novos Templos, e na liberal contribuição de preciosos donativos para os cultos do castissimo Esposo da Mãe de Deos, Pay putativo do Redemptor do Mundo. Diga-o a generosa piedade, com que em honra do sagrado Precursor do Divino Verbo encarnado, além de outras muitas, e avultadas demonstrações, mandou fabricar em Roma pelos mais peritos Artifices da Italia, e collocar na Igreja de S. Roque, da Casa Professa dos Religiosos da Companhia de Jesu, aquella maravilhosa Capella, formada de taõ excellentes pórfidos, e com taõ raro artificio, que importou com os seus riquissimos ornatos quasi dous milhoens de cruzados a sua despeza. Por baixo desta face da Urna se via escrito com letras de ouro o seguinte Lemma:

*Has MARIÆ, Superisque offert Rex cernuus Aras:
Gratior at tanti pectoris Ara fuit.*

Na terceira face da parte lateral do cruzeiro, da banda do Evangelho, se mostrava o Rey orando a Deos na presença da Santissima Trindade, apontando ao mesmo tempo para hum Purgatorio, em acto de quem supplicava para aquellas Almas a appetecida liberdade de ergastulo taõ penoso: significando-se nisto a ardente caridade, com que resplandecera o seu espirito para com as Almas retidas nas chammas do Purgatorio; mandando fazerlhes continuos Suffragios, e fazendo celebrar o incruento Sacrificio tantas vezes, que naõ fallando nas duzentas Missas, que mandava dizer por cada huma das pessoas, que conhecera, chegava a ordinaria despeza das esmolas das Missas a dez mil cruzados por mez: sendo em muitas occasioens ainda mais activo este generoso ardor da sua devoção, que passou a inflammarse de sorte, que além de alcançar do Papa reynante a graça de poder toda a pessoa, que houver tomado a Bulla da Cruzada, tomar por Defuntos quantas lhe parecer; obteve tambem o Indulto expedido em vinte e hum de Agosto de setecentos quarenta e oito para todos os Sacerdotes dos seus Dominios, assim Seculares, como Regulares, poderem celebrar tres Missas no dia da Commemoração dos Fieis Defuntos, naõ percebendo esmola mais que pela primeira:

privile-

privilegio não concedido a outra Coroa da Christandade, e pelo qual assim como he de infinito valor, e tem perpetua duração o beneficio das bemditas Almas, será também eterna a memoria do Impetrante nos Fastos da Igreja; pois soube propagar além da morte as beneficadas virtudes da sua vida. Cada labareda daquelle purificante incendio será hum activo crysol, que faça brilhar para sempre a sua viva caridade: cada lingua daquelle propiciatorio fogo será hum immortal pregoeiro das efficacias da sua devoção. Aprenderão em fim do seu abrazado affecto os Davids, e Carlos Magnos a saber suffragar os mortos, e libertar dos carceres do Purgatorio com mais effectivo zelo as Almas, descobrindo naquella melhor porção do Mundo subterraneo preciosas minas, de que se tiraõ copiosissimos thesouros de merecimento para se conquistar o celeste Mundo. Por baixo desta face da Urna se lia escrito com caracteres de ouro o seguinte Lemma:

*Orat, & astriferam Manes deducit in aulam:
Omnia ne miseris non daret, Astra dedit.*

Na quarta face da Urna, da parte da Epistola, se via hum Carro triumphal tirado por quatro cavallos, e regido por huma Matrona, expressiva da caridade; e sobre o Carro hia huma Figura, ricamente vestida, symbolizando a Paz, com semblante alegre, e coroadada de ramos de oliveira, e louro, com huma cornucopia em huma mão, e na outra humas espigas. Pelos lados do painel appareciaõ muitas Tropas Militares em operação de guerra, e varios Baixeis em acto de peleja.

Nesta symbolica pintura se mostrava a rara prudencia, e intenção benigna, com que o defunto Rey soube conservar em huma perpetua tranquillidade os seus Vassallos, depois que pelo Tratado da Paz, firmado em Utrecht em treze de Julho de mil setecentos e treze fechou, à imitação de Augusto, o Templo de Jano: havendo sustentado nos principios do seu Governo a guerra, que ainda perturbava a Europa, mais por força de herança, que por impulso de capricho; menos por genio, que por maxima: pois sustentou por entãõ a guerra, para não arriscar a paz; e concluiu finalmente a paz, para não permanecer mais a guerra. Assim o mostrou o dilatado progresso do seu aureo, e felicissimo Reynado. Quando mais que nunca embravecido Marte, executando a tragica idéa de huma geral discordia, fazia sanguinolento theatro

tro das suas iras a Europa toda : quando fulminando horrores por mar, e por terra, convertia nas campanhas de Ceres, como nas turbulencias civis da antiga Roma, em espadas as fouces, em lanças os arados; e intumecendo as ondas de Neptuno, fazia ferver o Oceano, mais que Leucate no conflicto Acciaco, com o formidavel pezo de tantos Baixéis: quando finalmente nos Estados beligerantes, e visinhos, era tudo imagem da morte, tudo horror, e estrago tudo: no meyo de tanta confusão, e de tanta ruina, estava Portugal por altas intelligencias, e disposições deste grande Rey, em huma paz Angelica, em huma feliz bonança, em huma tranquillidade successiva, que já mais logrou nos passados seculos. Repoufavaõ seguros os pastores no abrigo das suas cabanas: viviaõ sem inquietação os Grandes no socego dos seus Palacios: florescia sem perigo o commercio, assim dentro no Reyno, como nas suas Colonias: navegavaõ sem susto as Frotas, transportando à sua Corte as riquezas Brasílicas, e as drogas Asiaticas.

He a paz o melhor dos bens, assim como a guerra o peyor dos males: he alma da Republica, vida do Estado, e bemaventurança dos povos; assim como a guerra palestra de hostilidades, homicida das gentes, e affolação das Monarchias. Com a guerra castiga Deos aos homens, e com a paz annunciou a mayor felicidade, que vio nunca o Mundo. Com a antonomasia de pacifico se deu a ver em Bethlem o Rey dos Reys: na tranquillidade geral do Universo appareceo no Mundo o Monarca do Empyreo, para ensinar a governar em paz aos Principes da terra. Nunca o Reyno de Portugal pareceo mais Imperio de Christo, que no glorioso Reynado deste pacifico Salamaõ. Nesta face da Urna se lia por baixo com iguaes caracteres de ouro o seguinte Lemma:

*Quam Lyfii dederat Regnis ad tempora Pacem,
Æternam Regi Cœlica Regna dabunt.*

Pela parte superior da Urna se formavaõ dous elegantes circulos à maneira de degráos esfericos, hum sobreposto ao outro, repartidos em quatro faces correspondentes às inferiores da mesma Urna, e guarnecidos da propria materia, a que davaõ mais gentil ornato os largos franjoens de ouro, pendendo por entre recambos de ló de flores do mesmo sobre o veludo negro, em o qual com grandes caracteres de ouro postos em relevo, se via o saudoso Nome da mesma defunta Magestade, na fórma seguinte:

JOAN-

JOANNES V. LUSITANIÆ REX,
ET BRASILIÆ DOMINUS.

Rematava-se finalmente a sumptuosa Machina em hum corpo pyramidal, que nascia do pavimento do circulo superior, formado de quatro quartellas a primorosos preceitos de Vitruvio, no qual com lugubre pompa, com apparatuso sijnoso, sobre hum avultado concurso de troféos Militares se via collocado o Retrato do Rey defunto, vestido de armas brancas, e debuxado de morte cor. Assim se offerecia aos olhos dos seus enternecidos Vassallos aquelle gentil Monarca: porque em fim havia pagado já o fatal tributo, indispensavel a todos os humanos. Mas ainda entre os horrores do sepulchro luziaõ representações de belleza: ainda entre as sombras do féretro scintillavaõ fulgores da Magestade. Parecia throno o que era pyra, triunfo o que era tragedia: porque a prodigios da galhardia sem semelhante, de que o dotou a natureza; e a effeitos das grandes virtudes, de que tanto soube enriquecer a sua Alma, ainda depois de morto ostentava semelhanças de vivo, para viver eterno na memoria dos homens.

De huma, e outra parte do Regio Busto, em lugar algum tanto inferior, appareciaõ duas grandes Estatuas aladas, significativas da Fama, as quaes com huma maõ regiaõ hum circulo formado de huma Serpente de verde, e ouro, com a cauda na boca, symbolo da eternidade; e com a outra sustentavaõ as trombetas em acto de publicar de hum a outro Pólo do Mundo ser benemerito de eterna lembrança hum tal Rey pelas suas virtuosas, e illustres acções: vinha o dito circulo cingido de dous ramos de oliveira, com folhas de verde, e prata, para denotar o quanto havia sido o piedoso Monarca amante da paz, virtude só por si bastante a gravar o seu Nome no soberano Templo da Eternidade, feliz alcaçar dos Heróes insignes.

Sobre os quatroens, ou remates dos quatro pedestaes da segunda ordem, appareciaõ, como sagrados troféos da humana vaidade, ou como padroens injuriosos das Estatuas de Phidias, e Praxiteles, quatro prodigiosas figuras, demonstradoras de outras tantas singulares virtudes do defunto Monarca.

Na parte direita, para o corpo da Igreja, estava a Fé Catholica olhando com devota inclinação para a Cruz, que tinha na maõ direita: significando-se a viva fé, que professou Sua Magestade

gestade em toda sua vida como Rey Portuguez, de cuja Nação he a pureza da Fé hum incontrastavel attributo, em que levou sempre a primazia a todas as mais do gremio Catholico. Desta Celestial virtude procedia o ardente zelo, com que foy sempre Defensor Fidelissimo da pureza da Fé, e da inteira obsevancia de seus inalteraveis Mysterios, e dogmas; favorecendo, e authorizando com a sua Real protecção, e augusta presença, os rectissimos procedimentos do Santo Tribunal. Com ella procurava anciosamente dilatar a Fé de Christo ao immenso Paganismo, à Idolatria innumeravel de suas vastissimas Conquistas, mandando a ellas repetidos Cultores Evangelicos; erigindo de novo no Brasil tres Cadeiras Episcopaes: a saber, a do Graõ Pará no Estado do Maranhãõ, a de S. Paulo no Continente Austral, e a da Cidade Mariana nas Minas Geraes; com mais duas Prelasias, huma nas Minas dos Guayazes, e outra nas do Cuyabá: creando innumeraveis Parochias, e sustentando infinitas Missõens de Religiosos, tudo com despeza immensa do seu Real patrimonio.

Na parte esquerda se mostrava a Igreja Romana, tendo na mão direita hum Calis, e na outra huma Tiara Pontificia: dando-se a ver a incomparavel veneração, e obsequioso respeito, que prestou sempre à Igreja o Rey defunto: já reconhecendo-se Filho Obedientissimo della por gloriosa denominação, herdada de seus Antecessores, como titulo dado pela Sé Apostolica ao suspirado Rey D. Sebastião: já chegando a empunhar as armas em serviço, e defenfa da Igreja na celebre expedição de Corfú, quando depois de haverem os Turcos conquistado aos Venezianos todo o Peloponneso, invadiraõ atrevidos aquella famosa Ilha: sendo a Armada Portugueza o valente braço, que a Omnipotencia moveo naquelle dia, para livrar a Italia das insolencias de taõ poderoso Barbaro: e já contribuindo para a Corte de Roma com taõ profusas demonstrações de generosidade, e magnificencia, assim para os ornatos das Sacrosantas Basilicas, como para os luzimentos daquelle Capital do Orbe Christão, que chegaraõ a atroar o Vaticano, e a edificar os Sagrados Pastores, que occuparaõ no seu tempo o Solio Pontificio; como testimunhaõ as innumeraveis Bullas, graças, e privilegios, de que tanto o enriquecèraõ: desempenhando-se de forte cada hum dos Papas nestes paternaes affectos, e sinaes de gratidaõ, que parecia reproduzida na Corte de Lisboa a Curia de Roma.

E ultimamente considerando o Supremo actual Presidente do Rebanho de Christo, que as cordiaes venerações, e obsequios, com que o piedoso Monarca tratara sempre a Igreja, se faziaõ credores de mais distincto agradecimento; lhe conferio (propondo-lhe primeiro a escolha) por Bulla expedida das Eminencias do Vaticano a toda a Campanha da Militante Igreja, para si, e seus Successores, o glorioso titulo de FIDELISSIMO, timbre immortal do Christianismo Portuguez, indelevel caracter dos seus Augustos Soberanos, e preeminente distinctivo, que ainda faz mais illustre o seu Nome, que o de Christianissimo concedido a Pepino, com que se ennobrecem os Monarcas de França; o de Catholico dado a Fernando, com que se honraõ os de Hespanha; e o de Defensor da Igreja conferido a Henrique, com que se concedorou por algum tempo a Coroa de Inglaterra: pois comprehendendo em ser Fidelissimo todas aquellas relevantes prerogativas, deixou com singular realce sobre todas gravada a sua memoria nos annaes Catholicos.

No lado direito da parte da Capella mór, apparecia o Simulacro da Caridade, aquella virtude singularissima, que logra o principado entre todas as mais virtudes: aquella, que unicamente merece o nome, e excellencia de Deos, e que deifica aos homens, que a exercem; assim como humana a Deos, que he o soberano manancial deste Divino attributo, fazendo predestinados para o Ceo a todos, que a sabem praticar dignamente na terra. Significava-se o quanto soube Sua Magestade exercitar sempre esta virtude, assim pelo que respeita ao amor directo a Deos na observancia irrefragavel da sua Ley, demonstrada em tantos actos de verdadeiro Catholico, no activo cuidado da Religiaõ, e no zelo sem semelhante da Casa do Senhor, com consummada pericia das ceremonias sagradas, e com obsequios, e despezas inacessiveis a outro algum Soberano: como pelo que toca à caridade do proximo, em que deixou eternos monumentos à sua memoria nos sumptuosos Hospitaes, que erigio; nas incomprehenfíveis esmolas, que dispendeo, tanto para sustentação de muitos Conventos, ainda em os Reynos estranhos; como para alimento dos prezos, e socorro dos necessitados, de que saõ distinctos pregoeiros a Villa de Campo-Mayor, a Cidade de Béja, e especialmente a Corte de Lisboa na fatal epidemã do anno de vinte e tres, emque transcendendo a sua piedade, poz em evidente perigo a

sua vida, para melhor conservar as dos Vassallos : e finalmente, nos muitos Conventos, Collegios, Seminarios, e Recolhimentos, que fundou para bem dos seus Povos: sobrefahindo a tudo a faculdade concedida ao Reverendo Missionario Gabriel Malagrida, Milanez, da Companhia de Jesu, por Decreto de vinte e tres de Julho de mil setecentos e cincoenta, para fundar nestes Estados do Brasil todos os Seminarios, e Recolhimentos, que lhe parecessem precisos para instrucção da mocidade de hum, e outro sexo; consignando-lhes juntamente renda actual perpetua para sua subsistencia: acção na verdade merecedora de immortaes elogios, e com a qual nos ultimos dias da sua vida poz este grande Rey huma gloriosa coroa à sua sempre magnifica piedade, de que será eterna a lembrança nos vindouros seculos.

No outro lado se via a Estatua da Justiça, tendo em huma mão huma balança, e na outra huma espada: significando-se o quanto foy sempre o defunto Monarca observante desta utilissima virtude, que he nos Principes a sciencia mais necessaria para os acertos no difficil magisterio de reynar. Com ella se dá a cada hum o que he seu, premeaõ-se as virtudes, e atalhaõ-se as infolencias. Com ella se fundamenta a Religiaõ, conservaõ-se em paz os subditos, e estabelecem-se felizmente as Monarchias. Diga-o aquella constante, e perpetua vontade, com que o Senhor Rey D. Joaõ V., com manifesta gloria do seu Reyno, soube manter sempre em igual equilibrio a balança de Astrêa; e teve sempre direita, e inflexivel a espada da Justiça, distribuindo com a mesma proporção aos benemeritos o premio, e aos delinquentes o castigo. Digaõ-no os seus rectissimos despachos, as suas innumeraveis mercês, e as suas incessantes recommendações nas tres differenças de Justiça, commutativa, distributiva, e punitiva. A grande estimação, que deu aos seus Ministros, para mayor authoridade do lugar: O augmento, que lhes fez dos ordenados, para poderem viver com decencia, e independencia das partes: O grande numero de Judicaturas, que creou para mais prompta administração da Justiça: E em fim, as muitas Leys penaes, e Pragmaticas civis, que publicou, tanto para conservar os seus Vassallos opulentos, desterrando as superfluidades do luxo, e prohibindo as extracções do dinheiro; como para evitar homicidios, roubos, e outros insultos: na certeza de que toda a paz, e socego da Republica consiste pela mayor parte em se punirem os delictos.

Porém

Porém tudo isto com tão singular prudencia praticado, que foy sempre inseparavel da sua grande justiça a sua grande piedade: ao mesmo tempo, em que era justiceiro, o reconheciaõ igualmente misericordioso: admirando-se nelle outro mais recommendavel Cyro, outro melhor Claudio II. no glorioso exercicio destas soberanas virtudes.

Em as doze faces, ou lados exteriores dos quatro pedestaes da primeira ordem, se davaõ a ver em doze preciosas laminas outras tantas virtudes, das muitas que resplandeceraõ nas heroicas acções do defunto Monarca, com elegantes inscripções, que as explicavaõ; competindo no excellente da pintura com a viveza das cores, a valentia do pincel. Eraõ a Esperança em Deos, o Culto Divino, a Sabedoria, a Prudencia, a Magnanimidade, a Fidelidade com os amigos, o Segredo, a Liberalidade, a Constancia, a Beneficencia, a Devoção com os Santos, e a Redempção dos cativos.

Com mais de quinhentas luzes em vélas de arratel, além de dezaseis archotes em jarroens dourados nos angulos dos pedestaes, e de trinta e dous cirios em tocheiras de prata à roda do Mausoléo, brilhava este maravilhoso artefacto: Babel flamejante, que com outras tantas linguas, quanto mais mudas, tanto mais eloquentes, confundindo-se nas sombras, todo se explicava nos reflexos: ou portatil Firmamento no meyo de huma noite artificiosa, com innumeraveis luzes por estrellas, onde retratando-se os pezares, se multiplicavaõ as dores, subiaõ de ponto as fauldas.

Neste elevado monte de resplandores, tambem a beneficios do activo elemento, em que se purificavaõ abrazados os affectos, ardiaõ suavissimos os aromas: singular producção dos Orientaes terrenos, como se fosse a fragancia hum dos primeiros cuidados, com que se levanta o Sol do berço: mysteriosa lisonja do olfacto, que symbolizando na debil duração a fragil existencia da humana natureza, he odorifero tributo, que deve a Deos o homem. Dos cheiros usaraõ sempre nos seus sacrificios os Profetas Noê, Abrahão, Jacob, e Moyés. Por mandado de Deos ardia o incenso continuamente no Templo. Até nos sacrificios da Gentilidade foraõ estes indispensaveis, faltando nelles a qualidade das virtudes, que tambem pelos cheiros se significaõ.

Toda esta sumptuosa Machina se via debaixo de huma elevada, e soberba cupula, de figura esferica, que lhe servia de Real Co-

Coroa , pendendo no ar em altura de cincoenta e quatro palmos , com taõ engenhosa idéa , e raro artificio , que se naõ podia perceber aonde se segurava. Tinha a dita cupula trinta e dous palmos de alto , e de largo no diametro mayor trinta e quatro , terminando em hum globo de azul , e ouro , com seis palmos de diametro , Empreza dos Lusitanos Monarcas , que tomou El Rey D. Manoel , para denotar a extensaõ do seu Imperio a todas as quatro partes do Mundo ; regalã naõ lograda até aquelle tempo de outro algum Soberano. Sobre o globo se mostrava huma Cruz de vermelho , e branco , ultimo complemento daquelle Magestoso Domo.

Por baixo da cupula fahia hum rico pavilhaõ de seda roxa , florecida de ouro , do qual descendo quatro grandes cortinas de ló preto , com ramos do mesmo metal , e de lhama de prata , com orlas de galoens de ouro , se viaõ sustentadas no ar por quatro Genios alados , que lisonjeando a vista com as apparencias do vôo , mostravaõ o decóro nas constancias do obsequio. No fundo , ou parte interior da cupula , se ostentavaõ em dilatado ambito , com todos os seus ornatos , apoyos , e divisas , as Reaes Armas Portuguezas , que tremolando formidaveis em todas as quatro partes do Mundo , ainda allí servindo de objecto a piedosas reflexoens , influaõ mayores respeitos , do que os doze Escudos Ancilios no Templo de Marte.

A Capella mór , que tem quatro tribunas , ou janellas rasgadas por banda ; e da mesma forte o corpo da Igreja , que tem de cada lado cinco , além das tribunas , que olhaõ para o cruzeiro , estavaõ adornados de colgaduras , e cortinas negras , com orlas de galoens de prata , e com festoens , tomados , e pendentos do mesmo ; e com varios Escudos das Armas Reaes truncados , mortes , e caveiras : o que tudo fazia huma perspectiva , posto que funebre , magestosamente agradavel : e de tal modo se viaõ revestidas as cornijas , architraves , e frizos , que se estavaõ dividando por entre as sombras do luto todas as proporções da architectura , de que he formado aquelle magnifico Templo.

A tudo dava mais alma contra os defalentos , que infundiaõ os apparatus da morte , a variedade dos engenhosos Emblemas , e Geroglyficos allusivos às immortaes virtudes da defunta Magestade , já representados em figuras , já expendidos em caracteres , de que appareciaõ cobertas as partes inferiores do Mausoléo ; pendendo

dendo ao mesmo tempo, como injuriosos troféos da Parca, em soberbos medalhoens, e laminas de figura esferica, assim nos arcos do cruzeiro, como nos das Capellas em toda a circunferencia da Igreja; e tambem nos claros intermedios das tribunas, tanto desta, como da Capella mór.

Brilhava o pranto das Musas às reflectidas luzes dos elevados conceitos: mostrando a Poesia nos seus elegantissimos Poemas, quaes são os objectos, que lhe podem conciliar os creditos de divina. Apenas o não pareceo no sentir das penas: mas foy esta a vez primeira, em que divinamente se sentiraõ. Ignoravaõ as mágoas valer-se do juizo; porém sentimentos taõ bem nascidos não podiaõ deixar de ser discretos. E se os Anjos dos Poetas são aquelles Anjos de Paz, de cujas lagrimas fallaõ expressamente as sagradas Letras; será crível, que elles só (a pezar de Melpomene fingida) podessẽ inspirar taõ expressivos metros na perpetua saudade de hum Rey taõ notoriamente pacifico.

Amanheceo pois o dia onze de Dezembro, consignado antigamente pelos Pythagoricos ao pranto; e destinado agora para em Catholico verdadeiro Rito enviar a Sé da Bahia ao Rey dos Reys, e Senhor dos Senhores, que lá tem o seu Solio na esplendidissima eternidade, os seus ternissimos suspiros. Toda a Nobreza principalmente acordou ao som dos dolorosos incessantes ecos de todos os sinos da Cidade, que já no dia antecedente haviaõ preoccupado as attentões da Corte para as solemnissimas Vesperas, com que na tarde delle se dera principio a esta acção, por tantos titulos magestosa, e por todas as circumstancias memoranda.

As sete e meya da manhã desceo o Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Arcebispo do seu Palacio, acompanhado do Reverendo Cabido, que a elle concorrera capitularmente congregado; dos Beneficiados, e mais Ministros da sua Cathedral; e de hum numeroso, e luzido concurso de mais de cento e cinquenta Sacerdotes, que o dito Senhor mandara convocar de todas as nove Freguezias desta Corte, com recommendada escolha dos fogeitos mais benemeritos, assim pela distincão das pessoas, e costumes, como pela qualidade scientifica do canto, e ceremonias da Igreja. E sabindo à rua, foraõ todos cobrindo-se com os seus barretes, e formando-se em modo de procissão, pela ordem seguinte. Hia adiante a Cruz Capitular entre dous ciriaes. Seguia-se logo o Clero de dous em dous, em proporcionada distancia

cia huns dos outros , todos com a mayor modestia , silencio , e gravidade , que podia influir o grande respeito ao objecto , a que se dirigiaõ ; e todos com sobrepellizes , em cuja candura se mostrava a pureza dos affectos , com que se encaminhavaõ a huma acção de tanta piedade. Seguia-se depois a Cruz Archiepiscopal. Logo os Beneficiados , Paroco , e outros Ministros da Sé , todos com a mesma formalidade , compostura , e reverencia. Seguiaõ-se os Reverendos Capitulares , tambem de dous em dous , com mantos , e capellos da Quaresma , arrastando pezarosos lutos em persuasiva demonstração do mais penetrante sentimento. Ultimamente hia Sua Excellencia Reverendissima de cappa magna , tambem solta , assistido das duas Dignidades primeiras , e acompanhado de quatro Capellaens de sobrepellizes : desempenhando com a sua paternal presença , e heroica circumspecção , todo o magisterio de piedade , todo o exemplar de ternura , com que tanto se authorisava aquelle devotissimo aparato igualmente magifico , que religioso.

Nesta boa ordem foraõ buscar a porta principal da Cathedral , onde descobrindo-se todos , hiaõ entrando pelo Templo , e ao chegar ao Mausoléo faziaõ huma profunda reverencia ao Retrato de Sua Magestade , que nelle se offerecia aos olhos de todos , para mayor incentivo da magoa : e depois se hiaõ recolhendo para a Capella mór , na qual finalmente subindo Sua Excellencia ao seu sitial , o Reverendo Cabido às suas cadeiras , e occupando todo o mais Clero os seus assentos na mesma Capella mór , que não permittia lugar a mayor numero de Operarios , se deu solemnissimamente principio às Matinas , havendo-se praticado nas Vesperas a mesma referida cerimonia ; que em hum , e outro acto enterneceo de sorte aquelle nobilissimo , e numerozo auditorio , que só as lagrimas , como testemunhas de vista , poderiaõ descrever dignamente o piedoso extasis , a compassiva suspensão , que em todo elle presenciaraõ os olhos.

Concorriaõ com as mais benignas influencias para o esplendor desta grande acção os dous maximos Luminares da Brasilica esfera. Sua Excellencia Reverendissima no-Presbyterio capitulando , e presidindo ao seu Reverendo Cabido : e Sua Illustrissima Excellencia em cadeira de luto no arco da Capella mór. Na mesma inspecção de taõ eminentes Planetas se estavaõ percebendo outros conceitos de magoa mais illustrados. De tanto influxo rece-

bia hum novo espirito toda a mais Nobreza, que se compunha dos Tribunaes, Prelados das Religioens, Fidalgos, e mais peſſoas diſtinctas, affim Eccleſiaſticas, como Seculares, todos por ſua ordem, e em lugares proporcionados ao caracter de cada hum: além de infinitos particulares, e huma grande affluencia de povo, que não cabendo na Igreja, Capellas, e Tribunas, impedidos das guardas ouviaõ de fóra as funeſtas vozes, que fazia ſuaves o concerto da Arte, contra os desconcertos da dor: e todos os corações igualmente compungidos manifeſtavaõ nas ſuas lamentações a perda do ſeu Monarca.

Viaõ-fe todos os treze Altares da Cathedral ricamente paramentados de negro, e illuminados de muitas luzes em preciosos caſtiçaes de prata. Repetio Sua Excellencia Reverendiſſima os ſeus votos nos innumeraveis Sacrificios, que em todos elles fez celebrar neste dia. Distribuiraõ-fe pela Real Fazenda infinitas vélas de arratel por todo o auditorio, generoſa profuſão, que já ſe expendèra no acto das Veſperas, dando-fe em huma, e outra occaſiaõ ao Reverendo Cabido, e Tribunaes vélas dobradas.

Quatro córos da mais ſelecta Muſica acompanhavaõ com harmonia mais que humana, ao quaſi divino coro de cento e oitenta Sacerdotes, peritiſſimos no canto Eccleſiaſtico, que na Capella mór officiauaõ as Reaes Exequias. Tudo fazia hum todo, em que só faltava (ſe por impoſſivel foſſe eſſe o intento de taõ ajustadas conſonancias) poderem reſuscitar a eſta vida o ſuſpirado Rey, para que tivesſem as ſuſpenſoens outro objecto, em que ſe empregaffem com mayor eſpanto.

Concluido o Officio, no qual recitou Sua Excellencia Reverendiſſima a ultima lição; e as tres Dignidades superiores as duas ultimas dos primeiros dous Nocturnos, e a ſegunda do terceiro, cantando todas as mais a Muſica: celebrou o dito Senhor Pontificalmente a Miſſa, ſervindo-lhe de Presbytero aſſiſtente o Reverendo Deaõ, e de Diacono, e Subdiacono os Reverendos Conegos o Doutor Theodoſio Martins da Rocha, e o Doutor Manoel Gonçalves Souto; executando-fe exactamente em tudo o mais as ceremonias, que em ſemelhantes funções determina o Pontifical Romano.

Acabada a Miſſa ſubio ao Pulpito o Reverendo Padre Meſtre Placido Nunes, Religioſo da eſclarecida Companhia de Jeſu,

Ex-Reitor do Real Collegio da Bahia, Varaõ de taõ conhecidas letras, e virtudes, que foy preciso fer elle, o que logo occorrefe para Orador em huma acçaõ, que aspirava a todas as singularidades de egregia. O mesmo feu Panegyrico, que vay junto a este pequeno Corpo, para lhe dar huma grande alma, será o melhor elogio de si mesmo.

Ultimamente se seguiraõ as cinco Absolvições, para o que subio Sua Excellencia Reverendissima ao plano, que circulava o Mausoléo, sendo precedido das quatro Dignidades primeiras, do Subdiacono com a Cruz, Diacono, Acolytos, Mestres de Ceremonias, e Capellaens. Officiou a primeira o Reverendo Deaõ o Doutor Joseph Ignacio de Passos Ribeiro, assistido dos Ministros costumados em acto semelhante: a segunda o Reverendo Chantre o Doutor Manoel Fernandes da Costa, com a mesma assistencia: a terceira o Reverendo Mestre-Escola o Doutor João Borges de Barros: a quarta o Reverendo Arcediago o Doutor Antonio Gonçalves Pereira: e finalmente a quinta o Excellentissimo Senhor Arcebispo, que cheyo de affectos, e banhado de lagrimas, deu feliz complemento àquelle magestoso acto, com exemplar ternura, e edificação de todo o auditorio.

Ao mesmo tempo, que eraõ tres e meya da tarde, havendo começado aquella funebre acçaõ antes das oito da manhã, deiraõ tres descargas os dous Regimentos de Infantaria, que estavaõ formados no espaçoso adro, e lados da Cathedral: e cesaraõ os enternecidos tiros, que de momento a momento atiravaõ todas as Fortalezas, e os tristes ecos dos finos de todas as Igrejas, que com funestas vozes publicavaõ a dor immensa, que nos corações de todos influira a morte do Soberano.

Aos vinte e dous do dito mez de Dezembro, sendo Provedor da Casa da Misericordia o Ajudante General Domingos Borges de Barros, se repetio por direcçaõ sua o mesmo acto de outras Exequias naquelle Templo, que a fer taõ espaçoso como o da Sé, poderia ficar em tranquillidade a generosa emulaçaõ, com que se defasiaraõ os obsequios, e se competiraõ as grandezas: porque illuminado dos mesmos dous Maximos Planetas, e de todas as mais Constellações subalternas, que podiaõ formar huma illustre assistencia na Brasiliense Corte, reduzindo-se a breve esfera multiplicados Astros; só fica para attender de novo no bem fabricado

bricado de outro insigne Mausoléo aquelle admiravel desenho, com que lhe deu o ser a primorosa Architectura.

Levantou-se pois na Capella mór o Real Sepulchro com taõ maravilhosa idéa construido, que era hum extasis da vista, hum encanto das attenções. No meyo do vaõ do arco apparecia o Altar para se celebrar a Missa, a que formava o assento hum grande estrado, para o qual se subia por tres avultados degráos. Dos lados do Altar corriaõ para dentro da Capella mór duas elegantes escadas lançadas ao pavimento, que ficava em altura de doze palmos. Sobre elle se erguia o magnifico Mausoléo em figura octogona, formado sobre oito columnas Salamonicas, que firmando-se em outros tantos pedestaes, se coroavaõ com os seus capiteis, por cima dos quaes corria em roda huma cimalha real. Estavaõ as columnas cobertas de veludo negro, e orladas de galloens; e por serem abertas em meyas canas, mostravaõ no convexo apparencias de fino marmore negro, parecendo feitas de solido ouro. Os capiteis, e cimalha se guarneciaõ tambem de galloens de ouro, com folhagens do mesmo metal, assentadas sobre seda preta.

Servia de cobertura a este soberbo corpo huma bem ideada, e elevada cupula, que o fechava por todos os oito lados, mostrando no dilatado ambito daquelle remontado concavo hum vistosissimo xadrez de brilhante prata em campo de azul celeste. Sobre a dita cupula se levantava hum airoso pedestal, farpado de galloens, sobre o qual se via hum Esqueleto com o Retrato da Magestade defunta nas mãos; e a seus pés, e lados, apparecia em fórma de throno hum numeroso apparatus de troféos Militares, com que se rematava aquelle magestoso Edificio. Dentro delle, no vaõ que hia do pavimento à cimalha, se erigio em figura Parallelogrammo-Rhomboide huma vistosa Urna, sobre que assentava o Cenotafio, que representava o Real deposito, coberto de hum pano riquissimo de brocado de negro, e ouro, sobre o qual em hum coxim de veludo da mesma côr, com grandes borlas de ouro, se via a Coroa Regia debaixo de hum precioso docel de seda roxa, florecida de ouro com franjoens do mesmo.

Tudo se animava de luzes innumeraveis, aromas fragrantos, inscripções proprias, emblemas allusivos, versos discretos, e Musicos singulares. Sendo estes a quatro córos, pareciaõ muitos mais, como se o enternecido affecto, com que foraõ chama-

dos, lhes houvesse multiplicado as fauces para as vozes, ou as vozes para os concertos.

Disse a Missa, e capitulou o Officio, que já havia tido principio com as solemnissimas Vesperas na tarde do dia antecedente, o Mestre-Escola João Borges de Barros, sendo assistido do Presidente da Casa o Reverendo Manoel de Almeida Pacheco como Diacono, e o Mestre do Coro o Reverendo Caetano de Affonseca como Subdiacono; e dos mais Beneficiados, e Cantores, que com varios Ecclesiasticos, que se convidaraõ para entoarem os Psalmos, formavaõ hum coro de oitenta Sacerdotes, todos insignes na destreza do canto, e na suavidade das vozes.

Acha-se obrigada esta narraçaõ a naõ parecer agora encarecida, como podia ser a fama, que logo correo, deste Suffragio; por ser o seu Author irmão de quem neste abbreviado mappa tomou à sua conta o descrevellos. Naõ he porém de admirar, que o referido Provedor intentasse esta acçaõ com hum desejo superior a toda a grandeza; sendo Exequias feitas ao mesmo Soberano, de cuja Real Protecçaõ he a Casa da Santa Misericordia; e em cujo serviço se criou na Militar disciplina, que professã, com o sempre innegavel affecto de acertar, e merecer.

O Panegyrico, que aqui recitou o Reverendo Padre Mestre Antonio da Costa, Religioso da Companhia de Jesu, Lente de Moral no Real Collegio da Bahia, e Examinador Synodal do Arcebispado, a quem a mesma Companhia sabe distinguir nas occasioens de seu mayor esplendor; e a cujo raro engenho, e maravilhosa erudiçaõ em humas, e outras Letras, se devem todas as attenções; vay tambem incorporado neste Volume, para credito do mesmo, que soube eleger tal Orador.

Já aos quinze do referido mez de Dezembro tinhaõ as Religiosas de Santa Clara do nobilissimo Convento do Desterro solemnisado outras Exequias, com aquellas singularidades, que sempre tiveraõ mais facil collocaçaõ no Paraíso. Compensaraõ na policia, o que naõ poderaõ exceder na sumptuosidade: manifestando-se no exquisito do ornato, na delicadeza do alinho, a generosidade do affecto, a magnificencia da devoçaõ. Confessaria a vista menos lisonjeira, que obsequiosa, serem estas Exequias as melhores. Para ser infallivelmente a melhor de todas, foy das proprias Religiosas a Musica. Quem disse Paraíso, já naõ tem que encarecer aromas, e fragancias. Todas as perfeições estavaõ alli naturaes,

raes, e só violentos os lutos: porque confundidas nos luzimentos as tristezas, vinha a ser gloriosa representação, o que era apparatus funeral. Era Paraíso, e era Desferro: como no Desferro brilhou entre sombras a Poesia dos tristes; como no Paraíso assombrou entre luzes o sentimento das Divindades.

Officiou a Missa o Reverendo Doutor Antonio da Costa Bautista, Conego Magistral da Sé da Bahia, Chanceller da Relação Ecclesiastica; assistindo-lhe por Diacono, e Subdiacono, dous Beneficiados da mesma Cathedral o Reverendo André Vicente da Costa, e o Reverendo Miguel dos Anjos Moreira.

Ultimamente orou o Reverendo Licenciado Antonio de Oliveira, Presbytero do habito de S. Pedro, e Missionario Apostolico, ostentando no seu Panegyrico das Virtudes do Soberano, que tambem vay junto a esta Collecção, a nobre elegancia, e profunda erudição, com que no Orbe Literario o fazem tão conhecido as felices producções do seu engenho.

Em o dia vinte e dous de Janeiro appareceo o Monte de ouro, digo, a Igreja de S. Pedro novo, (assim chamado para distincção de outro Templo mais antigo, que na mesma Cidade da Bahia he dedicado ao Principe dos Apostolos,) na qual tem o Cléro Bahiense a mais nobre, e rica Irmandade, que reconhece a Jerarquia Ecclesiastica Lusitana; hum Ceo verdadeiramente aberto com as suas proprias chaves, pelo enlutado, nocturno; pelo scintilante, estellifero. Como era Monte, sendo juntamente Ceo, só podia ser o Olympo coroado de estrellas. E como se remontavaõ nelle os affectos nas expressões do pezar; ao mesmo tempo, em que se via brilhante, se mostrava igualmente lutuoso: porque como o Olympo penetrando as nuvens, se revestia das sombras. Tambem era o Olympo na indelevel memoria dos Sacrificios à defuncta Magestade: porque superior às inclemencias do tempo na sua faudade, nunca se lhe poderão abolir os obsequiosos caracteres, que nas Augustas Cinzas debuxou a sua fineza. Era finalmente o Olympo na symbolica idéa de hum perpetuo descanso: pois remontando-se em multiplicados suffragios à soberana elevação do verdadeiro Olympo, assim como aquelle sublime a todos os montes; se denomina pacifico no seu triunfante cume; assim neste Apostolico Monte a impulsos da piedade, e excessos da devoção, piamente se considerava triunfando em paz eterna hum Principe consummadamente pacifico. Era Monte, e parecia juntamente

Valle:

Valle: pois ao passo, que se elevava no ardor dos suspiros às emi-
nencias do Firmamento, na profusão das lagrimas se abatia às fra-
gilidades do Sepulchro.

O Author desta Relação o foy tambem agora de humas
Exequias, por lhe cahir em boa sorte estar sendo actualmente o
Provedor da dita Irmandade. Por este motivo será justo, que nas
sombras do silencio fiquem disfarçados os defeitos daquella acção;
tendo-se por mais que certa equivocação todo o applaudo, e en-
carenamento popular: porque estas foraõ sem duvida de todas as
Exequias as mais diminutas, sim na grandeza, e na pompa, naõ
no affecto, e na vontade. Se bem, que nos Sacrificios ao Soberano,
melhor resplandece hum coração fiel, e ardente, do que
poderiaõ brilhar todas as preciosidades do Ophir.

Sendo casual a eleição do dia vinte e dous de Janeiro para
este Real obsequio, as circumstancias o fizeraõ plausivel, as refle-
xoens o acharaõ mysterioso. He o numero vinte e dous especial-
mente grato a Deos: e neste dia o seria com mayor especialida-
de pelos suffragios dos Filhos de S. Pedro, dirigidos a hum Mo-
narca, que naõ só foy Irmaõ da sua Irmandade, mas foy a Co-
lumna da Religiaõ, o Escudo da Fé, e o Esplendor Maximo
da Igreja, de que he o Principe dos Apostolos a Pedra funda-
mental. Neste numero se significaõ todas as especies de creatu-
ras creadas por Deos. Nelle se comprehendem os elementos da
Ley Escrita; ou os vinte e dous livros do Canon do Testamen-
to Velho, como letras, ou exordios elementares da erudição sa-
grada.

No dia vinte e dous de Janeiro manifestou Jesu Christo,
Bem nosso, aos sagrados Apostolos os mortaes trabalhos, e visi-
nhança da sua Paixaõ, ensinando, que devia cada hum tomar a
sua Cruz, para o saber seguir: e nelle os Clerigos da Bahia fize-
raõ tambem patentes ao Mundo os seus sentimentos, e as suas
agonias na mortal ausencia do seu Soberano. Neste dia finalmen-
te achando-se Jesu Christo em Jerusalem, e naõ havendo ainda
começado a diffundir claramente as luzes da sua doutrina, foy por
todos os votos eleito para completar o numero dos vinte e dous
Sacerdotes, que havia perpetuamente no Templo; por ter fa-
lecido hum, para cujo lugar, correndo-se muitas vezes o escru-
tinio, como era costume, se naõ pode achar outro, que fosse be-
nemerito do Sacerdotal emprego: e estes Vassallos Ecclesiasticos

da Brasiliense Corte souberão mostrar neste dia, melhor do que nunca, que eraõ dignos do caracter do Sacerdocio, tanto no Coro, como no Altar, offerecendo as suas orações, e os seus sacrificios pelo seu tão suspirado Monarca.

Officiou esta funeral acção com a assistencia dos melhores Musicos desta Capital, a Reverenda Irmandade, formando hum coro de mais de cem Sacerdotes, todos distinctos, assim na pericia do canto, como na pureza dos costumes. Cantaraõ as Lições varios Religiosos insignes Cantores, que para isso foraõ rogados no mesmo acto.

Sua Excellencia Reverendissima o fez mais illustre com authoridades de Pay, e com affectos de Irmaõ: e não assistio tambem a elle Sua Illustrissima Excellencia, por indisposição grave, que padeceo naquelles dias. Toda a Nobreza da Corte, e Religioens foy tambem presente.

Capitulou o Officio, e disse a Missa, o Mestre-Escola Joaõ Borges de Barros, Provedor actual. E finalmente subio ao Pulpito o Reverendo Licenciado Pedro Fernandes de Azevedo, Sacerdote do habito de S. Pedro, e Irmaõ da mesma Irmandade; e com a sua costumada eloquencia, e reconhecida energia, fez a Oração funebre das relevantes Virtudes da Magestade, que tambem aqui se fará manifesta, para que tenhaõ as admirações hum adequado objecto, em que se empreguem.

Finalmente em o dia vinte e seis do dito mez de Janeiro, imitaraõ a todos estes apparatus funebres, com a unica impropriedade de não apparecer nelles a Pobreza Franciscana, os devotos Filhos do Serafim Chagado, da Reforma do Angelico Portuguez Santo Antonio, Maximos dous Luminares da Serafica Esféra, de cujo abrazado amor, de cujo prodigioso Instituto, foraõ mysterioso symbolo aquelles dous Serafins, que estavaõ aos lados da Arca do Testamento; nos quaes, segundo a exposição de Philo Hebreo, se significavaõ os dous Emisferios, e que a gloria de Deos chegaria ao Oriente, e ao Occidente, como se verificou depois nestes dous Corifeos da Ley da Graça, que como brilhantes Sóes illustraraõ a todo o Mundo com os rayos da sua doutrina, substituidos, ou reduplicados em tantos Astros, quantos saõ os virtuosos Alumnos da sua Sagrada Familia.

Já estes Observantes Religiosos haviaõ feito com particular aceyo outro suffragio. Porém recebendo de Pernambuco aviso do

Re-

Reverendissimo Fr. Gervasio do Rosario, seu benemerito Ministro Provincial, que em consideração da perda de hum tão magnanimo Bemfeitor da sua Religião, expedira Patentes circulares a todos os Conventos da Provincia, para celebrarem Exequias solemnes; executaraõ de novo estas com todas as circumstancias de piedade, e de capricho: para o que fizeraõ erigir na sua magnifica Capella mór huma Eça de grandeza, e architectura excellente; de forte fabricada, que occupando tambem o arco della, fazia huma pomposa face para o cruzeiro da Igreja, na qual com elegante energia se collocou o Altar para celebração da Missa.

Estava toda revestida de veludos, sedas, e lós negros, orlados de galoens, franjas, e recamos de ouro, e prata, competindo com o precioso da materia a perfeição da obra. Servia-lhe de remate a Regia Urna, coberta de hum rico pano de negro, e ouro, e sobre elle em huma almofada de veludo a Real Coroa: tudo debaixo de hum magestoso pavelhaõ, e com a illuminação de muitas luzes, e com o decoroso ornato de varias Poefias, e Emblemas, com allusão às heroicas virtudes do defunto Rey.

Sua Excellencia Reverendissima, e Sua Illustrissima Excellencia estiveraõ presentes a esta lugubre acção, a que tambem assistiraõ todos os Prelados, e Religiosos das outras Communidades, a mayor parte da Nobreza, Ministros, e infinitos particulares, que formavaõ hum authorizado, e numerozo concurso. Os mesmos Religiosos officiaõ no Coro com admiraveis vozes, que tambem convocaraõ dos seus Conventos circunvizinhos; e dita a Missa pelo Reverendo Padre Prégador Fr. Manoel de Jesu, Guardiaõ da Casa, com assistencia de varios Acolytos de sobrepellizes, desceo toda a Communidade ao cruzeiro, onde finalmente se executou a Absolvição com igual solemnidade, que ternura.

Foy o Panegyrista das gloriosas acções de Sua Magestade o Reverendo Padre Mestre Fr. Joseph dos Santos Cosme, e Damiaõ, Qualificador do Santo Officio, Religioso da mesma Provincia, e nella Ex-Leitor de Prima em a Sagrada Theologia, Ex-Definidor, e Ex-Guardiaõ; hum dos mayores Oraculos do Pulpito Portuguez no presente seculo, a quem não só venera o Brasil, mas respeita a Europa, onde pelos indultos do prélo tem
feito

feito conhecido o seu nome; e nesta occasião deu mais huma illustre prova do seu talento na Oração funebre, que tambem vay adiante.

Estas foraõ em summa as demonstrações de sentimento, as funeraes honras, mais avultadas ainda pela pureza dos affectos, que pela profusão das grandezas, que em lugubre pompa, em reverente culto, consagrou à saudosa memoria do seu suspirado Monarca, o Fidelissimo Rey D. João V. Nosso Senhor, a sempre leal Cidade da Bahia, opulento Emporio do Lusitano Brasiliense Imperio, Corte nobilissima dos Estados da Portugueza America, celebre nas Letras, e nas Armas, e por outros muitos titulos reconhecida, e gloriosa, entre as mais decantadas Povoações do Universo: mas nunca tão gloriosa, nem tão reconhecida, como agora em saber condignamente lamentar a perda sempre memoranda do seu Augustissimo Soberano, a quem adorava por fé; e a quem se devem eternos, e multiplicados Obeliscos, ou como padroens erigidos à lembrança do magestoso Sol do Lusitano Emisferio, assim como foraõ os dos Egypcios ao Sol material; ou como symbolicos Mostradores das suas heroicas virtudes, como naquelles se significavaõ os rayos do Luminoso Planeta: Não sendo poderosas as distancias a diminuirhe os obsequios, a entibiarhe as finezas em tão justificada magoa, em cujo testimonho tantos saõ os corações destes seus fieis, e enternecidos moradores, quantas as Aras, e os Monumentos, que à sua piedosa recordação tem erigido, tanto mais nobres, e decentes, do que foraõ as Pyramides do Egypto, os Mausoléos de Caria, e as Machinas de Roma, quanto vay da mal-lograda ostentação da vaidade aos verdadeiros votos, e sacrificios do amor.

Eterno em fim ha de ser o sentimento, eterno ha de ser o pezar: e o mesmo pezar, e o mesmo sentimento protesta, que já mais admittirá outro algum alivio, senaõ aquelle, que só se deve esperar na dilatada vida do inclyto Successor, que cà nos deixou; e em quem goza Portugal tão inteiramente renascido o grande Rey, que chora defunto; que parece haver sido effeito de casual accidente, o que foy lethargo infallivel da mortalidade. Pois se todos os filhos, quanto ao ser natural, saõ imagens dos pays: o Serenissimo Monarca, que Deos nos guarde, imitando a seu Augusto Progenitor, naõ só nas razoens, e dotes da natureza, mas tambem nas prendas de todas as suas relevantes vir-

tudes, he verdadeira copia sua, e he juntamente o mesmo original; pois mal podia acabar nas sombras do Occaso, quem como Sol soube taõ gloriosamente reproduzir-se nos resplandores do Oriente.

Viva, viva pois mais, que todos os seus Vassallos, o novo, ou renovado Fidelissimo Monarca D. JOSEPH I. Nosso Senhor, para que em muitos seculos se naõ torne a ver na Portugêza Monarchia outra dor, nem outra faudade, como a presente.

*Augustissimo Domino Joanni V. Regi
Fidelissimo.*

ELOGIOS, E POEMAS,
DEDICADOS
AO TUMULO
DO AUGUSTISSIMO,
E FIDELISSIMO MONARCA,
O SENHOR REY
D. JOAÕ V.

De eterna, e saudosa memoria.

*Augustissimo Domino Joanni V. Regi
Fidelissimo,*

FUNEBRE ELOGIUM.

EXtinctum Regem ne plores,
In tumulo adhuc vivit,
Qui in tumulo regnare non destitit:
Sepulchri facibus addidit fasces,
Quibus Dignitatis splendorem non extinguit,
Majestatem imò auget:
Utpote qui
Ad immortalem Coronam ascendit Imperator.
Duplici diademate coronatus
Cœlo imperat, & terris;
Hoc tamen discrimine,
Quòd ne in Cœlo natum existimares,
Lusitaniam prius rexerit,
Cœlum postea:
Terris ne crederes omninò datum,
Solis naturam æmulatus,
Ad Solis Occasum elanguit:
Nec mirum,
Si ad nascentem Solem,
Primo vitæ crepusculo,
Suum etiam habuit Orientem.
Secundò natus Præcursorem habuit in Fratre,
Qui mane natus, mane moriens,
Phosphori more
Solem annuntiavit, & Regem,
Fausto adeo Sydere,
Ut JOANNES Regno, illi Regnum nasci videretur:

Soli

Soli tamen diffimilis fuit diu vivens:
Dies non habuit, cùm annos impleret.

Diu imperavit,
Non tamen pro votis fatis:
Usque adeo præ suavitate, qui anni fuerant,
Vix dies videbantur.

Suum ne jactitet Jerusalem Salomonem,
Novum buccinat Lusitania;
Quòd si uterque invicem conferantur,
Uterque Sapiens,
Extincto utriusque Fratre,
Uterque felicissimè regnavit.

Attamen
Cùm alter alteri Sapientiâ similes evasissent,
Veterem Salomonem Joannes annorum prudentiâ superavit:

Et
Ecce plusquam Salomon hic,
Populis gratus, & Pacem fovens,
Adeo
Ut in pace Regnum stabiliret, & Thronum.
Neque enim bello opus erat,
Qui omnium sibi corda & vincebat, & vinciebat.
Sed ne bellum timere diceretur,
Gladium nudavit aliquando,
Abscondit tamen pacis memor.

Aurea sanè Ætas!
In qua aureus Princeps auream pacem diligebat.

Tagus nunquam felicior,
Neque aureis ditior arenis,
Quàm cùm Brasilia,
Spreto maris argento,
Suas illi opes offerre consuevit.

Sub tanto Rege
Justitia, & Pax osculatæ sunt.

Sontes punivit, non odit.
Et si quam miseris aliquando pœnam infligeret,
Suo compensabat dolore;
Verè misericors, quando justus.

Litterarum Cultorem, & Mœcenatem amplissimum
 Testatur Orbis, & videt,
 Quandò illum tot in Cœlum extollunt pennæ,
 Quot Auctores.

Novam erigens Academiam,
 Athenas Ulyssipponem,
 Græciam transtulit Lusitaniam:
 Maiori tamen mentis prodigio unus cùm esset,
 Ubique litteris famulatus,
 Italiæ Scholas,
 Orbis Gymnasia fuscitavit.

At tot inclytus factis minus fecisset,
 Si plura hominibus, Deo plurima non tribuisset.
 Tempa ubique construxit.

Ne cætera memorem,
 Pro cunctis unum sit satis;
 In quo novus iste, & Felicissimus Salomon
 Omnia Orbis Tempa superavit.

His tandem illustrato Orbe,
 Lusitaniam reliquit JOANNES, qui Cœleste Regnum affectabat:
 Seque in Tumulo abscondit,

Ut in Cœlo collocatus, indè imperaret.

Tuas igitur, Lusitania, lacrymas absterge:
 Novum in FILIO solatium,

Novum Populis incrementum in JOSEPHO legavit:
 Deo affimilis,

Cui se ipsum in Nato videri complacet,

Ut qui Filium aspiceret, Patrem crederet.

Cum JOSEPHO crescet, & gaudebit Imperium,
 Ægypto felicius.

Ab eo incrementum accipient anni,

Et tandem

Sæcula computabuntur in plausus.

O. D. C.

Joannes Borges de Barros,

Bahiensis Sedis Canonicus Scholasticus.

*Sentimento universal na morte do Fide-
lissimo Monarca D. João V.
Nosso Senhor,*

S O N E T O .

DO Luso Salamaõ, Monarca invicto,
Todo o Universo a perda infauſta ſente;
Porque a quanto illumina o Sol ardente,
Chega do Imperio ſeu o amplo diſtricto.

Da immenſa dor o circular conflicto
Ao Setimo Triaõ, ao Austro ingente,
Ao Berço Eóo, à Plaga do Occidente,
Verte igualmente o pranto, fórma o grito.

E inda a Circulos novos ſe eſtendera
De affectos immortaes fineza rara,
Em fé de quanto amára o que perdéra.

Naõ cabe em fim no Mundo a dor amara:
Novos Orbes ſufpira, nova Eſféra;
Pois ſe mais Mundo houvera, lá chegára.

Do Doutor João Borges de Barros,

Mestre-Eſcola da Sé da Bahia.

*Al Mausoléo de Su Magestad Fide-
lissima,*

SONETO.

Que intentas, Magestuosa Architectura,
Revestiendo de luzes el aspecto?
Si eres a magoas lastimoso objecto,
Como inculcas a leve essa hermosura?

Depone el esplendor, que nõ es cordura
Confundir las tristezas al afecto:
De que firven lisonjas al concepto,
Si todo lo haze igual la sepultura?

Nò desmiente en el culto la belleza,
Si sombras pide, de la muerte el daño,
Que es primero el horror, que la Grandeza.

Ni oy la Magestad sufre el engaño;
Sean pues solos lutos la fineza,
Que en fin solo es verdad el desengaño.

Do mesmo Author.

Al mismo Assunto,

SONETO.

Fatal affombro al Cielo remontado,
 Que en luzes triste, en sombras refulgente,
 Eres sepulcro al Rey màs excelente,
 Que viò del Evo el curso dilatado.

Si a esse Augusto Objecto venerado
 Aun oy idolátra el pecho ardiente,
 Porque el culto confundes tristemente,
 Proponiendo tinieblas al cuidado?

Del holocausto nobles luzimientos
 Solos brillen en ti: dexa artificios
 De horror, que son de magoas argumentos.

Pero siempre de amor muestras indicios,
 Ora seas Padron a sentimientos,
 Ora seas Altar a sacrificios.

Do mesmo Author.

*Sendo o Senhor Rey D. Joaõ V. em tudo
semelhante a Salamaõ , em quanto
virtuoso , o excedeo na gloria de dei-
xar por Successor ao Serenissimo Rey
D. Joseph I. Nosso Senhor ,*

S O N E T O .

Foy Salamaõ no dote da sciencia ,
(Do Regio throno singular ornato :
Da riqueza , com maximo apparato ,
Teve , qual Salamaõ , toda a affluencia .

Ao culto sacro prodiga assistencia ,
Qual Salamaõ , prestou sempre a Deos grato ;
De Salamaõ na Paz foy o retrato ,
Com dócil coração , branda clemencia .

Foy gentil , justo , e pio ; e em fim notoria
Semelhança lhe fez , sem menor falta ,
Dando assumpto immortal a nova historia :

Mas sobre Salamaõ tanto se esmalta
Do Egregio Successor na illustre gloria ,
Quanto Joseph a Roboaõ se exalta .

Do mesmo Author.

*Faleceo a Fidelissima Magestade del Rey
D. Joaõ V. Nosso Senhor de huma
queixa, que muitas vezes
lhe repetio,*

SONETO.

EMpunha a fouce a Morte deshumana,
Para cortar a vida mais preciosa,
Porque da Morte a ley sempre impiedosa
Não distingue o palacio da cabana.

Nos golpes multiplica a furia insana,
Por fazer a victoria mais gloriosa:
Barbara acção! se em verso magestosa
Fundamenta a razãõ de ser tyranna.

Parece, que vaidosa na crueldade
Quiz distincto fazer hoje o direito,
Que às vidas tem com misera igualdade.

Porém da morte foy outro o conceito,
Que o dilatarse tanto à Magestade,
Pareceo tyrannia, e foy respeito.

Do mesmo Author.

*A' saudosa morte del Rey D. Joaõ V.
Nosso Senhor,*

SONETO.

Silencio : naõ se diga o que ha perdido
Portugal no feu Rey taõ venerado,
Que ficará o Reyno injuriado
No pouco que esta perda tem sentido.

Eu bem ouço o feu ay, e o feu gemido,
Eu bem o vejo em lagrimas banhado;
Mas falta-lhe estar morto, e sepultado,
E deixar de ser Reyno, como ha sido.

Callemos, ou morramos : sentimento,
Que inda viver nos deixa, bem declara
Naõ ser filho do bom conhecimento.

Affim fora (direy) se naõ ficara
Hum Dom Joseph Primeiro, a cujo alento
O mesmo sentimento respeitara.

*De Fr. Henrique de Sousa de Jesu Maria,
Carmelita Calçado.*

*Imagina-se o Reyno de Portugal ao mes-
mo passo, que faleceo da vida presente
El Rey D. Joaõ V. Nosso Senhor,*

SONETO.

Que he isto? Quem turbou o cristallino,
Preclaro Tejo meu mais que fermoso?
Quem torna o Reyno Luso tenebroso?
Que caso? Que fortuna? Que destino?

Que silencio foy este repentino?
Mas que som he já este doloroso?
Quem faz dar hum suspiro taõ faudofo
A' aquelle taõ pasmado Peregrino?

Que cousa grande em fim succederia,
Que obriga o Reyno todo a estar taõ mudo,
Coberto de mortal melancolia?

Que ha de fer? Morto he já. Quebrou-se o escudo,
Del Rey de Portugal menos seria,
Mas o fer de Joaõ Quinto he mais que tudo.

Do mesmo Author.

*No Mausoléo del Rey Fidelissimo
D. Joaõ V. Nosso Senhor,*

E P I T A F I O.

Foy sabio, e no fortissimo argumento
De mortal concluído fica agora;
Foy rico, e a riqueza, que he senhora
De tudo, o naõ livrou do monumento.

Foy affistido de elevado alento,
E por terra cahio dentro de hum hora:
Foy Sol entre os mais Reys, e a cortadora
Das vidas o deixou sem luzimento.

Foy o mais respeitado, o mais temido,
E essa Parca, a quem daõ varios apódos,
Sem temor, nem respeito o tem rendido.

Foy grande Rey em fim por muitos modos,
E nada estima já do que tem fido,
Mais que o ser taõ Fiel ao Rey de todos.

Do mesmo Author.

Na morte do Fidelissimo Rey de Portugal o Senhor D. Joaõ V., cujo dominio se vê nas quatro partes do Mundo,

SONETO.

LAmenta Europa, America suspira,
Africa se estremece, Asia se affusta,
Quando o golpe cruel da Parca injusta
Contra o mayor Monarca se conspira.

Tanto o seu grande Nome o Mundo admira,
Que de suas acções a Fama Augusta
Ao pregaõ de immortal quando se ajusta,
Esconde ao Quinto Joaõ funesta pyra.

Mas nosso sentimento se reporte,
Reprima-se o pezar bem que profundo,
Porque o nosso Rey goza melhor forte.

Levou-o para darlhe o Ceo jucundo
Vida, em que já não tem poder a Morte,
Coroa, que não tem igual o Mundo.

Do P. Joseph de Oliveira Serpa.

Sobre a cupula do Mausoléo, que se erigio na Igreja da Misericordia, estava nas mãos de hum Esqueleto o Retrato do Rey defunto, a que servia de moldura huma serpente, symbolo da eternidade,

SONETO.

DEixa, Parca cruel, o Regio ornato
 Desse Quadro, que tens com furia estranha;
 Que não domina mais tua gadanha
 O sacro original desse Retrato.

Horriavel, mas symbolico apparatus,
 Hum dragão por moldura o acompanha;
 Porque da Eternidade o imperio ganha
 Esse Rey, que do Emyreo goza o trato.

Mas oh affombro! Bem he que a morte ostente
 Da Fama as vezes, melhorada a sorte,
 Mostrando ao Mundo o Rey mais excellente.

Affim pois se eterniza o amor forte
 Do Augusto Rey à Lusitana gente,
 Porque o amor he tão forte como a Morte.

Fortis est ut
 mors dilectio.
 Cant. 8.

Do mesmo Author.

*Na morte do Augusto Rey D. Joaõ V.
Nosso Senhor,*

SONETO CONTINUO.

Quem já da Lusitania foy o tudo,
Do fatal golpe reduzido ao nada,
Nos adverte, que o Throno, e Sceptro he nada,
Porque o nada da Morte acaba tudo.

Quanto em vida intentou, conseguiu tudo,
Sem que à Magestade abateffe nada;
Que o mayor impossivel era nada
Para hum tal Rey, que dominava tudo.

Do Brasil os thesouros eraõ nada,
Quando nos Templos dispendia tudo,
Que para elle sem Deos tudo era nada.

Mas oh! Que se sem Deos he nada tudo,
Em deixar a Coroa deixou nada
O nosso Rey, que em Deos hoje tem tudo.

Do mesmo Author.

*Habla Madrid Corte de España, con
Lisboa Corte de Portugal en la muer-
te del Fidelissimo Rey D. Juan V.*

SONETO.

Con razon lloras, Corte Lusitana,
Tu Monarca, y Señor, que yo tambien lloro;
Pues siento di mi Reyna, a quien adoro,
La afflicion, que es mortal, mas que tyrana.

El Solio no le quita el ser humana,
Ni el dolor le profana al Real decoro:
Su Padre era de gracias un tesoro,
Congoxa-le su muerte tan temprana.

Tanta copia de llanto Madrid vierte,
Que sin buscar alivio à sus pesares
Mançanares yá corre de otra fuerte.

Aunque en el Tajo entraffen ambos mares,
Llorando de tu Rey la triste muerte,
Con el Tajo compite Mançanares.

Do mesmo Author.

*No Tumulo de Sua Magestade Fide-
lissima,*

INSCRIPÇÃO SEPULCRAL.

E Sta Fabrica excelsa, em que a Bahia
A amor creditos dá, affombros à arte,
Mausoléo he de hum Rey, que o mesmo Marte
Sempre temeo na Lusa Monarchia.

Contra todo o poder da Parca impia
Arvora de immortal hoje o estandarte;
E a triunfar na Gloria em fim se parte,
Quem na paz sublimou a valentia.

Na morte conseguiu mayor ventura,
Pois victoria melhor agora alcança
Entre o funebre horror da sepultura:

Porque Antheo mais feliz, mayor pujança
Tomando de valor na terra dura,
Victorioso em fim no Ceo descança.

De Joseph Pires de Carvalho e Albuquerque,

Fidalgo da Casa de Sua Magestade, e Secretario
do Estado, e Guerra do Brasil.

*Serenissimi D. D. Joannis V. Lusitano-
rum Regis Tumulo in Metropolitanâ
Sede Bahiensi sumptuosissimè
extracto,*

EPIGRAMMA.

Quæ modo luminibus circumfulgentibus Urna est?
Quodve Bahiensi Sede paratur opus?
Magnificum Regi par inspice Mausoleum:
Par quid ego? Certè creditur esse minus.
Pro Tumulo ponas Orbem: pro tegmine Cœlum:
Sit mare pro lacrymis: Sydera pro facibus.
Omnia si possent Tumulum componere, Regi
Tunc equidem tanto par satis Urna foret.

Eidem,

EPITAPHIUM.

Hic jacet Europæ decus immortale JOANNES,
Qui sibi de tanto nomine Quintus erat.
Sed Pietas, cultusque Aris si quæritur, atque
Præfulibus nunquam deficiendus honor;
Non hic Quintus erit, cui non datur Orbe secundus,
Regibus ut primas præripuisse queat.

Ejusdem Auctoris.

Sobre o titulo de Fidelissimo, que se deu a Sua Magestade, pondera-se o texto de S. Matthews 25. 21. Euge, serve bone, & fidelis; quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam: intra in gaudium domini tui,

SONETO.

Quem melhor sabe repartir talentos,
Deu cinco a hum *Servo*, que em fidelidade
Outros cinco lucrou; e com igualdade
Por *Fiel* alcançou da Gloria augmentos.

Mais de cinco, e de mais merecimentos
Teve, e lucrou a Regia Magestade
De hum *Senhor Quinto*; e logra na verdade
De *Fidelissimo* os predicamentos.

E se o *Servo Fiel* intitulado,
De ser *Fiel* em pouco por memoria
Foy ao *muito* da Gloria convidado:

He bem, que *em tudo* (com razão notoria)
O *Senhor Fidelissimo* chamado
Em grão superlativo suba à Gloria.

Do P. Antonio de Oliveira.

*Sobre o mesmo titulo de Fidelissimo, que
lhe deu a Santa Sé Apostolica,*

SONETO.

N Aõ chores, Portugal; que o Soberano,
Que consideras morto, inda está vivo:
Antes agora em Solio mais altivo
Tem de mais naõ morrer o defengano.

Naõ olhas, que o Pontifice Romano,
Por premiarlhe o zelo mais activo,
Fidelissimo o chama, como a archivo
Da Fé, que professava ao Vaticano?

Logo se aquelle, que os talentos dera
Fiel sómente; diz a sacra Historia,
Que ter na Gloria entrada merecera:

Sendo do Nosso Rey fama notoria,
Que *Fidelissimo* em talentos era,
He certo entrada franca ter na Gloria.

Do mesmo Author.

*Nas Reaes Exequias do Fidelissimo Rey
D. Joaõ V., Nosso Senhor,*

SONETO.

HE morto o Fidelissimo Monarca,
De Lyfia amado Rey! quem tal diria!
He morto; pois já fôa na Bahia
A perda, que nos deu a cruel Parca.

A quanto o Sol rodêa, e o mar abarca,
Creyo que a nossa magoa chegaria;
Dos olhos se ausentou; morreo no dia
De Santo Ignacio o grande Patriarca.

Porém morto o não quer ter a memoria,
Por gozar de Joaõ a Magestade
A graça nesta vida transitoria:

Pois mostra a fé mais pia com verdade,
Que elle vivo estará na eterna Gloria,
Nós neste Mundo mortos de faudade.

De Jeronymo Sodré Pereira,

Moço Fidalgo da Casa de Sua Magestade.

*Na lamentavel morte de Sua Magesta-
de Fidelissima,*

SONETO.

P Arca atrevida, que com maõ tyranna
Indultos desmentindo à Magestade,
Os troféos venerandos de Deidade
Cobras por feudo das pensoens de humana:

Naõ sey nisso a que aspiras inhumana,
Quando a que prostras Lusa Divindade
Se os fóros te cedeo da humanidade,
Eterniza isençoens de Soberana.

Se a esse Aquilles, em virtudes forte,
Intentavas vencer por atrevida,
Rendeo-se teu orgulho à sua sorte:

Nem perguntes o como, fementida,
Porque sempre vencida fica a morte
Quando he passo feliz à melhor vida.

Do P. Domingos da Sylva Telles.

*Ao magnifico Mausoléo de Sua Ma-
gestade,*

S O N E T O.

E Ncelado de luto illuminado,
Polyfemo de luz entristecido,
Se es vistosa lisonja do sentido,
Como es funesto imã do desagrado?

Nesse Gigante aos ares elevado,
Nesse Paro nos Astros encendido
Se pretendes mostrar o enternecido,
Se equivoca no alegre o lastimado.

Oh! não confundas nosso sentimento,
Deixa da vista o aparente engano,
Dimitte esse esplendor, tira os capuzes;

Pois acharàs para o teu justo intento
Nos nossos peitos luto mais humano,
No Celeste Brandaõ só dignas luzes.

Do mesmo Author.

*Inscripcion al Tumulo de Su Magestad
Fidelissima,*

SONETO.

DEtente, inadvertido caminante,
Que esse affombro, que miras colocado
En esse Monumento entronifado,
Es el Luso Monarca màs triunfante.

El passo nõ profigas a delante,
Que es profanar decoro respectado;
Si nõ de Cloto, si del feliz Hado,
Que obriga al Orbe lo publique, e cante.

Advierte, que desta aura transitoria
Subiò dichofo a Imperio verdadero,
Donde viviendo, reina en santa gloria;

Y que excelso, y feliz dexò Heredero,
A quien oy le celebra yà la Historia,
En nombre, y en virtudes el Primero.

De D. Joseph Miralles,
Tenente de Mestre de Campo General.

*Al Mausoléo del Serenissimo Señor
D. Juan V.*

SONETO.

URna gigante, Mausoléo sagrado,
Excelso Monumento, Pyra ardiente,
Que es Sepulcro, que encerras tristemente
Al Luso, Augusto Rey mas celebrado.

Permitteme, que victima abrasado
En aras de mi affecto reverente,
Le consagre mi llanto tiernamente
En crystalinas perlas anegado.

Concedeme piedoso, si es possible,
Le tribute este amante sacrificio,
Pues piedad tambien se halla en lo insensible.

Y que le dè de amor un fiel indicio
En canto de Melpomene sensible,
Siquiera de tu umbral al frontispicio.

Do mesmo Author.

*Morre o Fidelissimo Rey de huma dilata-
tada doença,*

SONETO.

S Ahio a campo a Parca mais traidora
Contra o Senhor da Lusã Monarchia:
Despojallo da vida pretendia,
E oito annos no combate se demora.

O braço esquerdo ataca, e a cortadora
Fouce contra o direito se estendia;
Mas este ao mortal damno resistia
Por ter maõ liberal, e executora.

Pelo lado direito se atacàra
A Morte ao Rey em seu combate forte,
Vencida fey que entãõ se retirara.

Unido o esforço nelle está de forte
Das esmolas, que sempre executara,
Que o seu braço he valente mais que a morte.

De huma Religiosa do Convento do Desterro da Bahia.

*Na morte do Fidelissimo Rey D. Joaõ V.
Nosso Senhor,*

SONETO.

Quando ao Sceptro conspira a Parca dura,
Tambem contra o Imperio se conspira;
Pois quando à Magestade a vida tira,
Ao Orbe Lusitano a dor apura.

Contra o Monarca, e o Reyno se conjura,
Ao Reyno dando a pena, ao Rey a pyra;
E tudo quanto a dor hoje respira,
São fieis expressoens de magoa pura.

Nesta perda fatal do Soberano
Todo o Imperio em fim sem refrigerio
Sente a dor, sente a perda, e sente o damno:

Porém mais o Brasilico Emisferio
Por parte mais vital, se não me engano,
Ou por parte mayor do Luso Imperio.

Do Coronel Sebastiaõ Borges de Barros.

*Ao Mausoléo de Sua Magestade, illumina-
do de luzes, e vestido de lutos,*

SONETO.

Brilhante horror, em cujo centro affiste
O motivo mayor para a tristeza;
Porque ostentas vaidoso essa belleza,
Se nos lutos mortaes te faz mais triste?

O credito do obsequio não existe
Nos debeis luzimentos da grandeza,
Que o desempenho todo da fineza
No funebre apparato só consiste.

Porém nova Babel he bem te ostentes,
Já confundido em sombras condensantes,
Já desatado em chamas refulgentes:

Porque as magoas publicas penetrantes,
Ou da mudez com vozes eloquentes,
Ou de fogo com linguas elegantes.

Do mesmo Author.

*Ao soberbo Mausoléo, que nas Exequias
do Senhor Rey D. João V. se erigio
na Sé da Bahia,*

SONETO.

D Onde vãs, elevada architectura?
 Donde sobes, ò maquina vaidosa?
 Enlutar essa esféra luminosa
 He o emprego mayor dessa loucura?

Se cuidas que es da nossa pena dura
 Fiel retrato, quando mais pomposa,
 Engano he teu, ò machina saudosa,
 Que expressoens naõ permite esta amargura:

Olha o que es, e abate já de medo
 Essa fragil idéa, esse artificio,
 Se conheces, que a vida he toda enredo;

Mas sobe embora, ò funebre edificio,
 Que por mais que te elevés ferás dedão
 Do nosso agigantado sacrificio.

Do Doutor João Ferreira Bitancourt e Sá.

*A morte do mesmo Senhor, depois de
humã dilatada enfermidade, prin-
cipiada em hum braço,*

SONETO.

DE Lyfia intenta o Sceptro a cruel Morte,
Mas de Joaõ nos respeitos se entibã,
Já temendo do braço a valentia,
Conhecendo da espada o duro córte.

Contra o braço, e a espada (infeliz forte!)
Em largos annos foy toda a porfia,
Naõ podendo vencer em hum só dia
Do Lusitano Rey o braço forte.

Venceo em fim cortando o embaraço
Do respeito mayor a Parca irada,
Os golpes repetindo a cada passo:

Mas naõ foy a victoria aventajada
Vencer ao Rey, que já naõ tinha braço,
Vencer ao braço, que naõ tinha espada.

Do mesmo Author.

*A morte de Sua Magestade
Fidelissima,*

SONETO.

Libitina cruel, Parca inhumana,
Porque deixou a tua tyrannia
Sem Sol a Esféra, e sem luz ao dia,
Eclypfando huma luz taõ soberana?

Se a propria natureza defengana
Neste golpe a mayor soberanã,
Porque não separaste, Parca impia,
Entre todas da Europa, a Lusitana?

Seria, porque ao Mundo quiz dar brado
No eclypse de huma luz taõ magestosa,
Só por mostrar poder no golpe ousado?

Naõ foy effa a razaõ: quiz respeitosa
Por não ter o esplendor taõ limitado,
Perpetualla no Emyreoo mais gloriosa.

Do Capitaõ Bernardino Márques de Arnizãu.

*Sentimentos da morte do Fidelissimo Rey
o Senhor D. Joaõ V. , consolados na
Acclamação do sempre Augusto Mo-
narca , e Senhor Nosso D. Joseph o I.*

SONETO.

A Contrarios effeitos, ò Bahia,
A mudança da forte vos condena,
Hum troféo decahido, à dura pena,
Hum Sceptro levantado, a huma alegria.

Foy magoa universal a deffe dia,
Que a todos igualmente o fado ordena;
Foy gloria sem igual trocarse a scena
Do triste pranto em doce melodia.

O troféo decahido ao sentimento
Deu causa, e sempre dera a eterno luto,
A não ficar alivio a tal tormento:

Sempre eterno da dor fora o tributo,
Se não reconhecessê o entendimento
Nova gloria no Sceptro substituto:

Do mesmo Author.

*Faleceo Sua Magestade Fidelissima de
huma enfermidade, que lhe sobre-
veyo à parte esquerda,*

SONETO.

Quiz a Parca ostentando-se atrevida,
Os efeitos mostrar de rigorosa,
E por fahir da empreza magestosa,
Roubar intenta do Monarca a vida.

Affalta ao lado esquerdo, e defabrida
Procura repetir o mal teimosa:
Nesta acção só mostrou que era medrosa,
Quando nas mais foy sempre destemida.

Atrevida, e medrosa? he na verdade
Contradição, que implica à mesma Morte,
E para crerse tem difficuldade.

Mas não: pois se acomete desta forte,
Como atrevida, affalta a Magestade,
Como medrosa, ao braço menos forte.

Do mesmo Author.

Ao mesmo assumpto,

SONETO ESDRUXULO.

AO Monarca mais pio, e mais Catholico,
 Que sempre foy da Paz o jeryglyfico,
 Fere a morte, e no mal do Rey pacifico
 O Luso Imperio fica melancolico.

Ao lado esquerdo (ò damno! ò mal symbolico!)
 Foy o golpe cruel só especifico,
 Porque o braço direito afàs magnifico
 Ficou livre do mal nunca hyperbolico.

Deste damno cruel, golpe malefico,
 Que a idéa mais discreta deixa extatica,
 Não se repute a acção por impolitica:

Se pelo lado esquerdo ao Rey benefico
 Procura a morte nos estragos practica,
 Ou teme a maõ da espada, ou he politica.

Do Licenciado Manoel Ferreira Neves.

Ao mesmo assumpto,

SONETO.

COm fusto, com temor, com reverencia
 Contra o Monarca move a Morte o passo,
 Com fusto do Real, e invicto braço,
 E com temor da heroica resistencia.

Reverente também; pois na inclemencia
 Procura o lado esquerdo, e em largo espaço
 Rouba o alento, e corta hum embaraço,
 Que poria a victoria em contingencia.

Por prelude da sua tyrannia
 Primeiro fere a morte furiosa
 Ao braço esquerdo: oh impia ousadia!

Industria foy da Morte rigorosa,
 Pois opposta aos dous braços conhecia,
 Que ficava a victoria mais custosa.

Do mesmo Author.

*Faleceo Sua Magestade de hum achaque,
que por muitos annos lhe repetio,*

SONETO.

B Arbara acção, sacrilega ousadia,
Foy da Morte cruel a impiedade;
Pois tanto maltratou a Magestade,
Sem lhe render a vida em hum só dia:

Largos annos durou a tyrannia
Da sua irreverente hostilidade,
Dos golpes repetindo a crueldade,
Tyrannizando o Rey, e a Monarchia.

Finalmente o triunfo afsàs custoso
Alcançou, augmentando o cruel damno,
Multiplicando o golpe rigoroso.

Venceo: porém tardou: se não me engano
Em chegar-se com passo vagaroso,
Mostra a Morte, que teme ao Soberano.

Do mesmo Author.

Ao mesmo assumpto,

SONETO.

A Comete ao Monarca Lusitano
 A Parca, mas com golpe repetido,
 Cruel impulso! barbaro, e atrevido!
 Pois estraga o respeito ao Soberano.

Naõ bastou hum só golpe deshumano
 Para prostrar ao Rey appetecido,
 Empenha o braço com furor crescido,
 Repete o golpe, multiplica o damno.

Que não baste da Parca huma ferida,
 Que da mortal espada o duro córte
 Tanto se canse, foy acção devida:

Vio a Parca, a pezar do impulso forte,
 Que hum Rey, que merecia larga vida,
 Naõ podia renderse à breve morte.

Do mesmo Author.

Repetindo a Sua Magestade muitas vezes o estupor, de que faleceo, nunca lhe offendeo a cabeça,

A S O N E T O.

Levanta o braço contra a Magestade
Do Luso Imperio a Parca irreverente,
Emprega o duro golpe, e cruelmente
Executa a mais fera hostilidade.

Desse impulso cruel, dessa impiedade,
Os estragos mortaes o corpo fente;
Porém do damno atroz, golpe vehemente,
Naõ sentio a cabeça a crueldade:

Naõ sentio: mas qual foy o fundamento,
Porque daquelle estrago, e impulso forte,
Naõ chegou à cabeça o mal violento?

Eu creyo, que da Parca o duro corte
No mais podia, mas no entendimento
Jurisdicção naõ tinha a mesma Morte.

Do mesmo Author.

*A' sentidissima morte do Fidelissimo Rey
o Senhor D. Joaõ V.*

EPIGRAMMA.

N Os affaltos da Morte perde a vida
O Rey, que em paz o Reyno governàra,
Que a Morte naõ perdoa, nem repara
No Sceptro, e na Coroa esclarecida.

Foy do Monarca a perda a mais sentida,
E a morte nesta vida, que roubàra,
Foy ao Reyno, e ao Rey, cruel, e avara,
Pareceo duas vezes homicida.

Nunca se vio a Morte mais triunfante,
Nunca logrou despojo mais distinto,
Nem victoria alcançou mais relevante.

Enriqueceo a Morte, eu julgo, e sinto,
Pois à força do golpe penetrante
Paga o Rey hum tributo, o Reyno hum *Quinto*.

Do mesmo Author.

*Ao Mausoléo do Serenissimo Senhor Rey
D. Joaõ V.*

SONETO.

MAchina excelsa, pompa luctuosa,
Que ostentação fazendo de terrores,
Mostras, que entre esses funebres horrores
Acreditar te queres magestosa.

Se es o troféo da Parca, que horrorosa
Te inculcas por braço de seus rigores,
Accende as luzes, mostra os resplandores,
Ficaràs mais ufana, e gloriosa.

Porém brilhar só deves por lembrança,
E final indelevel da victoria,
Que do tributo à morte o Rey alcança.

Pois crer devemos com razão notoria,
Que nos thronos da Gloria em paz descança,
Quem à terra deu paz, ao Ceo deu gloria.

Do P. Lourenço da Rocha Moutinho e Oliveira.

*Ao Mausoléo de Sua Magestade
Fidelissima,*

SONETO.

Este, que vês bellissimo portento,
Que as Egypcias Pyramides profana,
Da grandeza mais alta, e soberana
He juntamente assombro, e monumento.

Olha da architectura o luzimento,
Em que se admira a arte, ou desengana,
Verás, que chega a idéa Lusitana
A ser da Grega industria desalento.

Alli se abraza o incenso, arde a pastilha,
Que berço ser de hum Feniz persuade,
Da mortalha formando-se a mantilha.

Viste bem do sepulchro a gravidade?
Pois não cabe em taõ grande maravilha
Em cinzas transformada a Magestade.

Do Doutor Francisco Alvares de Pina Bandeira de Mendoça.

Ao mesmo assumpto,

SONETO.

E Ste tumulo augusto canoniza
Sentidos defenganos à vaidade,
Porque em cinzas desfeita a Magestade
Da mesma vida o enleyo morta avisa.

Contra a fé da grandeza se divisa,
Abatida a mayor auctoridade,
Deixando para exemplo a humanidade
O mesmo fer, que aos olhos martyrifica.

Parece, que alentado o defalento,
Levanta o corpo a voz emmudecida,
Inculcando no horror seu pensamento:

Oh sombra de hum Monarca esclarecida,
Que ha de gritar do escuro monumento
Aquelle fim, que o fer humano olvida

Do mesmo Author.

Ao mesmo assumpto,

SONETO.

E Sfa Phenicia pyra persuade
 Caduco naõ, mas vivo o defalento,
 Que as accções, que naõ cobre o monumento,
 Estaõ vivificando a Magestade.

Ao ver eternizadas, a faudade
 Se alegra, e contra o mesmo sentimento
 Até elcusa o motivo do tormento,
 Com trocallo em razaõ para a vaidade.

Parece, que ultrajada a ley da morte,
 Unirlhe à fama o espirito procura,
 Isento já de Libitina ao córte;

E que a alma já divinifada, e pura,
 Aquelle fer, que caducou por forte,
 Resuscitando está na sepultura.

Do mesmo Author.

*A morte do Serenissimo Senhor
D. Joaõ V. Rey Fidelissimo,*

SONETO.

Que morreo naõ podemos presumir
Joaõ, que a vida foy de Portugal;
Que mal póde por certo ser mortal,
Quem soube eterna gloria conseguir.

Victorioso o devemos inferir,
Pois fica nas memorias immortal,
Animado das vidas, que em geral
Dos affectos leaes soube adquirir.

Vivendo sempre Rey, sempre Senhor,
Inda depois da morte ha de reger,
Porque vivo o contempla o nosso amor.

Pois da Parca cruel contra o poder,
Dos Vassallos fieis a immensa dor
Na faudade lhe dá perpetuo fer.

Do Licenciado Manoel Pereira do Lago.

*Perdendo Sua Magestade o exercicio dos
sentidos nas repetições da sua molestia,
sempre conserva a vida, até que
em perfeito acordo se prepara para a
morte,*

SONETO.

BArbaro, furioso, e sem respeito
Ao Rey feliz da Lusã Monarchia
Se atreve hum mal com rapida ousadia,
Mas do insulto não goza o duro effeito.

Affaltos multiplica, e ao Regio peito
Não vence; pois nos golpes suspendia
Dos sentidos apenas a harmonia,
Da vida isento sempre o laço estreito.

Mas tendo o Rey prudente reflectido,
Que estaria no Empyreo decretado
O fim, a que até alli tem resistido:

Prepara-se a morrer, tendo mostrado,
Que não se entrega à morte de vencido,
Que a vida deixa só de resignado.

Do Doutor Luiz Joseph de Chaves.

No Tumulo de Sua Magestade,

SONETO.

Este, que admiras, Tumulo elevado,
 Em que a dor deposita emmudecida
 Hum despojo da Parca enfurecida,
 Hum troféo da fineza eternizado:

Este, que vês, sepulcro idolatrado,
 Onde a magoa acredita enternecida
 Dos Lusos votos a Ara esclarecida,
 Do Sceptro Luso o ser defanimado:

Este pasmo na idéa Magestosa,
 Este affombro na origem do lamento,
 Pompa horrivel, grandeza lastimosa:

Inculca hum duplicado monumento,
 Dos Lusos corações Pyra faudosa,
 Urna fatal do Lusitano alento.

Do mesmo Author.

*Ao Mausoléo do Fidelissimo Rey
D. Joaõ V. Nosso Senhor,*

CENOTAFIO.

A Qui naõ jaz ElRey, jaz hum affecto,
Que vassallagens paga a tanto custo;
Dando a tyranna Parca o golpe injusto,
Faz à memoria lastimoso objecto.

Este holocausto ardente he o projecto,
Que parte o coração por mais robusto:
Chora a Bahia o seu Monarca Augusto,
De seus Vassallos Pay amante, e recto.

Libitina cruel, mais que atrevida,
Deu este sentimento à Lusã Corte,
Que o participa ao Mundo bem sentida.

Mas dicta a razaõ clara, como forte,
Que hum Rey, que teve propria a graça em vida,
Terá gloria immortal depois da morte.

De Silvestre de Oliveira Serpa.

*A morte do Fidelissimo Rey D. Joaõ V.
Nosso Senhor,*

S O N E T O.

Morto não, porque vivo eternamente
 El Rey Nosso Senhor está na Gloria;
 Vivo sempre o teremos na memoria,
 Já que morto a memoria o não consente!

Foy o Quinto Joaõ Rey excellente,
 Que será sem segundo à nova historia:
 A vozes diga a Fama, que he notoria,
 Quanto temeo-lhe o esforço a estranha gente.

Se de Alexandre a fama he decantada,
 Ficará até ao alto Firmamento
 A do nosso Monarca eternizada.

He affombro, he inveja, e he portento,
 Alexandre vencer só pela espada,
 Joaõ vencer em paz com o entendimento.

Do mesmo Author.

Ao mesmo assumpto,

S O N E T O .

R Ectidão, paz, amor, pia brandura,
 Discrição, gentileza soberana,
 Roubou a Portugal Parca tyranna,
 Tudo occultando em huma sepultura.

Quando a morte estas prendas desfigura,
 Tanta empreza ostentando muito ufana,
 Vê que nada possui; e não se engana,
 Que durações o Empyreo lhes segua.

Da nossa dor o alivio hoje se encerra,
 Que imitando ao Supremo Rey da Gloria
 Aos seus Vassallos deu a paz na terra.

Mas esta paz, que aos homens foy notoria,
 Dando ao Inferno a mais horrivel guerra,
 No Ceo deu gloria a Deos, e ao Rey victoria.

Do mesmo Author.

*Falla a Bahia com o seu Fidelissimo
Monarca defunto,*

SONETO.

A Mado Rey, Monarca preeminente,
Principe Augusto, sempre idolatrado,
Por affombro no Mundo respeitado,
Heróe, que a Fama louva dignamente.

Oh quanto se compara ao Etna ardente
Desse egregio sepulcro illuminado
Meu peito em saudades abrazado,
Mostrando em vossa morte a dor, que sente!

Mas inda que da Parca o bravo insulto
Da vossa vida me roubasse a gloria,
Nunca me ha de apartar do amante culto.

Terey mais, sabio Rey, esta victoria;
Porque a morte não quebra o sacro indulto
De quem vive no eterno da memoria.

Do P. Antonio Ferreira Mendes.

Falla a Bahia com o Mausoléo,

SONETO.

URna soberba, augusto Monumento,
 Incentivo cruel das minhas dores,
 Como, se causas funebres horrores,
 Inculcas taõ sublime luzimento?

Mas já vejo, que es tragico argumento
 Da minha magoa nos mortaes rigores;
 Pois quanto mais duplicas teus ardores,
 Tanto mais eternizo o meu tormento.

Se a pompa, em que te ostentas luminosa,
 A taõ alta vangloria te convida,
 Tambem te constitue rigorosa.

Pois sey, que nessa machina luzida,
 Naõ havias de estar taõ magestosa,
 Se eu naõ perdera taõ preciosa vida.

Do mesmo Author.

Na morte del Rey Nosso Senhor,

SONETO MORAL.

A Té se atreve a morte à Magestade?
 Até triunfa do Sceptro a Parca dura?
 Tudo reduz a funebre figura
 De Lachesis a fera atrocidade!

Se isto infallivel he, se isto he verdade,
 Em que cuidas, humana creatura?
 Quando vês conduzida à sepultura
 Do Monarca mayor a potestade?

A` vista pois de hum exemplar taõ forte,
 Como não buscas, alma adormecida,
 Da tua salvação seguro o norte?

Larga de todo a procellosa lida,
 Vê que te póde derribar a morte,
 Antes que possas emendar a vida.

Do mesmo Author.

*Morreo o nosso Fidelissimo Rey em 31 de
Julho, dia do Patriarca Santo Igna-
cio, da Companhia de Jesu,*

ASONETO.

EM o dia feliz de Ignacio Santo,
Que facha ardente foy de amor Divino,
Chamou Deos para si, alto destino,
O nosso Rey, deixando a terra em pranto.

Se de Ignacio as virtudes seguio tanto,
Que imitou nos incendios amor fino;
Se o decreto fatal bem examino,
Naõ morrer nesse dia fora espanto.

Esta morte feliz portento encerra,
Pois morre o Rey da paz no mesmo dia
De hum Santo, que depoz por Deos a guerra:

Querendo mostrar Deos, que merecia,
Quem naõ quiz as milicias câ da terra,
Ir gozar de Jesus a companhia.

Do Licenciado Joaõ Rodrigues de Almeida.

*Nas Exequias, que fez a Bahia ao seu
Soberano Monarca o Senhor
D. João V.*

SONETO.

Morto ElRey! Quem dissera? quando vivo
A Bahia o venéra sempre amante,
Que como o tem presente a cada instante,
Nem o póde ausentar da morte o esquivo.

Mas oh! que a vejo já sem lenitivo
Entre dores mortaes muy vacillante;
Pois a magoa se faz taõ penetrante,
Que cede o racional ao sensitivo.

Faleceo pois ElRey: grande tormento!
Que de pagar pensoens à natureza
No Mundo nenhum há, que viva isento:

Já naõ vive; mas goza essa nobreza
De sua Alma immortal eterno assento,
Subindo a Magestade a mór Alteza.

Do mesmo Author.

Ao Mausoléo de Sua Magestade,

SONETO.

E Ssa Machina insigne; essa grandeza,
 Que admiras, Peregrino lastimado,
 Mausoléo he de hum Rey o mais amado,
 Que do Brasil consagra hoje a fineza:

Taõ soberano foy por natureza,
 E por virtudes foy taõ sublimado,
 Que o damno trouxe nellas vinculado,
 A ruina encontrou na propria Alteza.

Já naõ cabendo em fim neste Emisferio:
 Com grandeza, e virtude taõ notoria,
 Acreditou da Parca o vituperio:

Porém sirva de alivio esta memoria,
 Que se o Throno deixou do Luso Imperio,
 Lâ subio a reinar na eterna Gloria.

Do Tenente Coronel Antonio Alvares de Araujo Soares.

*Ao Serenissimo Rey D. Joseph I. Nosso
Senhor na morte de seu grande Pay
o Senhor Rey D. Joaõ V.*

S O N E T O.

A Joaõ, e a Joseph, com duro córte,
Tem offendido a injusta Libitina;
Que quando o amor as almas congutina,
Duas vidas offende huma só morte:

Morre Joaõ; mas morre de tal sorte,
Que em Joseph inda vivo se imagina:
Vive Joseph; porém se bem se opina,
Em Joaõ morto está trocando a sorte.

Hum pelo outro assim morre: e eu dissera,
Que qualquer hum pelo outro existe vivo,
Se este vivendo, aquelle não morrera;

Mas o certo he, que hum golpe taõ activo
A ambos offendeo; pois se pondéra
Hum semimorto, e outro semivivo.

Do mesmo Author.

*Inscripção no Sepulcro do Fidelissimo
Senhor Rey D. João V.*

SONETO.

E Ste marmore esquivo, esta Urna escura,
Onde o pranto se vê multiplicado,
Sepultura he do Rey mais venerado,
Que teve o Mundo, e logra a Esféra pura.

Do claro Tejo à roxa Cingapura
Conservou seu Imperio dilatado;
E quando já rendido ao duro Fado,
Por Throno tem agora a sepultura.

Arbitro digno foy do Orbe rotundo,
Firmando a paz, e terminando a guerra,
Cedendo tudo a seu saber profundo;

Mas hoje, que o sepulcro morto o encerra,
Sua perda lastima todo o Mundo,
Repetindo seu nome toda a Terra.

Do P. Antonio Gomes Xavier.

*As quatro Partes do Orbe se inculcaõ
tributarias, sustentando com quatro
Esqueletos o Tumulo de Sua Ma-
gestade,*

S O N E T O.

Estes quatro Esqueletos horrorosos,
Que fostem a defunta Magestade,
Se defengano mostraõ da vaidade,
Tambem saõ do poder troféos gloriosos.

Inda sem vida estaõ ambiciosos
De mostrar os affectos da humildade;
Pois fugeitos em tal fatalidade,
De Vassallos se prezaõ venturosos.

Do Mundo as quatro Partes reverentes,
Em cada hum tributo lhe offerecem
Da sujeicaõ reliquias bem patentes:

Que como por Monarca o reconhecem,
Publicaõ nos cadaveres presentes,
Que inda depois de morto lhe obedecem:

Do mesmo Author.

*Mostra-se o Amor mais poderoso, que
a Morte, sustentando em quatro
Esqueletos a Regia Urna,*

SONETO.

DEfunta em fim a Augusta Magestade,
Por cadaveres frios sustentada,
Quanto na vida fosse venerada,
Denota taõ estranha humanidade.

Do Amor conheça o Mundo a immuniade,
Que assim da Morte deixa a ley frustrada;
Pois se esta córta a vida mais prezada,
Nos mortos mostra aquelle haver piedade.

Deponha a Morte pois toda a altiveza,
Com que sujeita a seu poder sanhudo
Suppoz do mesmo Amor a fortaleza;

Pois vê no raro obsequio, affecto mudo,
Que do Amor continúa inda a fineza,
Quando triunfando della vence a tudo.

Do mesmo Author.

A mor.

*A morte do Fidelissimo Monarca
D. João V. Nosso Senhor,*

SONETO.

A Quelle Augusto Rey, cuja grandeza
Nos ambitos do Mundo não cabia,
Quando a immortalidade merecia,
Então paga o tributo à natureza.

Do Orbe não bastava a redondeza,
Para esféra da sua Monarchia,
Porém hoje a hum sepulcro a Parca impia
Decahido o deixou de tanta alteza:

Foy lastimosa acção, mas claro engano
Padece a Parca em mal tão fementido
Contra o nosso Monarca Lusitano:

Pois qual nos Astros sempre o Sol luzido
Se reproduz morrendo, o Soberano
Fica em suas acções reproduzido,

De João Borges de Barros.

Ao Mausoléo de Sua Magestade,

SONETO.

E Sta, que vês de incendios rodeada,
 Esta, que vês de lutos guarnecida,
 Da faudade se ostenta Urna sentida,
 Se pública do amor Pyra abrazada.

Holocausto he de affectos, que magoada
 Erigio a Bahia em triste lida
 Ao Rey Augusto, cuja illustre vida
 Perdida sente, chora despojada.

Aqui pretende a America ostentarse
 De lagrimas faudosas golfo undoso
 Das lagrimas da cera no disfarce:

Na Urna o peito admira lutuoso,
 No fogo o amor contempla, que ao queixarse
 Usar de tantas linguas lhe he forçoso.

De Manoel de Barbuda e Figueiredo Mascarenhas.

A morte de Sua Magestade,

SONETO.

Desse, a quem, como maximo thesouro,
Em o preço mayor tinha a Bahia,
Eclipsou-se o esplendor, que preexcedia
Essas obras do Sol diamante, e ouro.

Esse, que mereçera eterno louro,
A Parca nos roubou: que tyrannia!
Por isso com razão vem-se à porfia,
Quando Ethna o peito, os olhos Tejo, e Douro.

Sempre a Vulcano o commodo Elemento
Com a frigida Tethys se oppoem tanto,
Que hum a outro não dá consentimento;

Mas hoje a nossa pena mostra, quanto
Tem entre si reciproco concento
Com o fogo do amor a agua do pranto.

Do mesmo Author.

Ao mesmo assumpto,

SONETO.

H Um Monarca exemplar do zelo ardente,
 Pacifico, Magnanimo, e discreto,
 Se do nosso prazer já foy objecto,
 He alvo do pezar na acção presente.

A Bahia confagra reverente
 Do luto nos finaes, finaes de affecto,
 E com funesta pompa triste aspecto,
 Na morte do seu Rey mil mortes sente.

Ser a mágoa menor justo não era,
 Pois por ter viva a perda na lembrança,
 Sente a pena mais fina, a dor mais féra.

Mas póde ter de gloria huma esperança,
 Que esse Rey, cujas cinzas cá venéra,
 Se com paz governou, em paz descança.

Do Licenciado Joaõ Rodrigues de Almeida.

*Ao Fidelissimo Senhor Rey D. Joaõ V.
falecendo em dia de Santo Ignacio
31 de Julho,*

SONETO.

NO mez quinto, em que a culta Antiguidade
A Julio Cesar festas offrecia,
Da semana tambem no quinto dia,
Em que a Ignacio se applaude a fantidade;

Do Quinto Joaõ falece a Magestade,
A que o quinto Planeta mais temia;
Cujos Escudo fatal ennobreçia
Das Quinas Cinco a Regia heroicidade.

Em fim Monarca Augusto, Rey potente,
Talvez a Morte, por divino instincto,
Lâ vos poz nesse Ceo de alta eminencia:

Para que por alivio à Lysia gente,
No quinto Ceo sejais Planeta Quinto,
Se na terra à saudade a quinta effencia.

Do Licenciado Joseph de Torres Sylva.

*A morte, que estava no Mausoléo de
Sua Magestade: Juxta illud D. Paul.
ad Cor. 15. Absorta est mors in vi-
ctoria. Ubi est, mors, victoria tua?
Ubi stimulus tuus?*

SONETO.

A O Monarca, que foy sempre envejado,
A Morte mais cruel, a Parca impia
Guerra traça do estímulo à porfia,
Só por ter a seus pés hum Rey prostrado.

Venceo em fim a Morte, porque o Fado
Por força a todos leva à terra fria:
Venceo? Não: pois deixada a Monarchia,
Para Reyno melhor foy trasladado.

Se Joaõ, de quem graça importa o Nome,
De Deos na graça está victorioso,
Ficando à Morte extinta toda a gloria;

Hoje que na victoria se consome,
Onde está seu estímulo invejoso?
Onde da Morte está sua victoria?

Do mesmo Author.

*A morte de Sua Magestade
Fidelissima,*

S O N E T O.

Alta injuria ao valor da Magestade
Fizeste, ò Morte, na tyranna empreza;
Porém se ao mesmo Author da natureza
Te atreveste, não causa novidade.

Mais cruel julgo a tua atrocidade
Aos Vassallos, que o golpe teu despreza;
Pois muitas mortes sentem na tristeza,
Que experimentaõ na triste soledade.

Quebraste o Sceptro, em terra tens cahida
A Coroa Monarchica, e a espada
Sem o braço, que a fez no Orbe temida:

Mas ah! que indo a vencer, ficas prostrada,
Que agora tem ElRey eterna vida,
Melhor Sceptro na Patria desejada.

De Francisco das Chagas Sylveira.

*Ao Mausoléo do Serenissimo Senhor Rey
D. Joaõ V., erigido na Cathedral
da Bahia,*

S O N E T O.

E Ste alto Mausoléo, ardente Pyra,
Da razaõ fulto, se da vista espanto,
Assumpto à magoa he, motivo ao pranto,
Da Brasílica Corte, que suspira.

Se a Magestosa pompa aqui delira,
Reduzido o Monarca a estremo tanto;
Aquella Alma feliz no Empyreo santo
Premios tem, Astro he, glorias respira.

O! não creyas do luto esse argumento,
Que mal, ò caminhante, persuade
Ser magoa a triste cor do sentimento.

Naõ diz respeito o luto à Magestade,
Que descança feliz no Firmamento:
Aqui só jaz a nossa saudade.

Do mesmo Author.

Do mesmo Author.

*A` sentidissima morte de Sua Magestade
Fidelissima,*

SONETO.

Chegou em fim ao termo consignado
Da vida o nosso inçlyto Monarca;
Pois do golpe cruel da dura Parca
Nem o Sceptro Real he reservado.

Correrá nosso pranto desfutado
Igual ao mar, que a todo o Orbe abarca;
Será o nosso peito a fiel arca,
Em que o pezar affista clausurado.

Ha de ser taõ extensa como as vidas
Esta magoa, que a golpes mais vehementes,
Para naõ ter igual, córta as medidas;

Faraõ dos nossos olhos as enchentes,
Que andem as magoas sempre ao peito unidas,
Pois o pezar no pranto acha as correntes.

Do P. Francisco Antunes do Lago.

*A deplorada morte do Fidelissimo Rey
o Senhor D. Joaõ V.*

E L E G I A.

CHorado Rey, defunta Magestade,
Que ficando nos peitos por memoria,
Sois perpetuo suspiro da vontade.
Vós lá gozando tantos grãos de gloria,
Nós cá sofrendo hum triste cáos de pena,
Devemos ser assumpto a larga historia.
A Vós applauda na visãõ serena,
Pois das pensoens vitaes azas formando
Voar soubeste a essa Estancia amena.
A nós publique em lagrimas banhando
Os leaes peitos, que a taõ Alto Nume
Vay no altar da faudade Amor votando.
Mas se aqui termo algum se naõ presume,
Que a nós na dor abraza immortal pranto,
Se a Vós na luz inunda Eterno Lume:
Deixay, Senhor, que em confusoens o espanto
Nos olhos defafogue a mayor magoa,
Na boca defabroche pezar tanto.
Em tremulos roteiros envie a agua
Aviso ao lenitivo, porque acuda
A's almas, que da dor ardem na fragoa.
Mas faõ deste pezar frivola ajuda,
Pois sendo em toda a dor termo eloquente
As dicta hoje a razaõ por frase muda.
Ah Morte! Pois roubastes o Potente
Luso Rey dos Vassallos taõ amante,
Sejas sempre ultrajada por amente.

Ao Lusitano Tito tu arrogante
 Te atreves, que delicias do seu povo
 O acclama em toda a parte o eco errante?
 A ultrajar tal violencia me commovo,
 Pois de hum só golpe a vida te cederaõ
 Europa, Africa, Asia, e Mundo novo.
 Esse, por quem rendidas padeceraõ
 Fatal eclipse as Luas Ottomanas,
 Quando em Corfú seu erro conheceraõ:
 Esse, por quem as maximas ufanas
 De Sunda, e Canará vio abatidas
 Eöe lá nas terras Indianas:
 Esse, por quem as furias encendidas
 Do Maratá, porque se defengane,
 Vio em rios de sangue submergidas:
 Esse, de quem a Fama sempre explane,
 Que o que obrou só o eco do seu nome
 Cuddale sente, chora Porpatáne:
 Rendido a ti? Que teu orgulho dome
 O valor desse Espirito sublime,
 Cujos troféos he bem, que o applauso some.
 Mas ay! que dessa fouce não se exíme
 No monte o cedro, que o poder exalta,
 No valle a planta, que a vileza opprime.
 Com igualdade teu furor assalta
 Humildades, que o Mundo mais despreza,
 Vanglorias, que a vaidade mais exalta.
 Passe já por costume essa fereza;
 Mas humilhar o alento Lusitano,
 Que póde ser em ti, senaõ vileza?
 Quando o Sacro Esplendor do Vaticano
 O Esmalte *Fidelissimo* destina,
 Para ornar hum laurel taõ soberano:
 Tua infausta ousadia determina
 No mayor Rey, que vio o Imperio Luso,
 Riscarlhe o timbre, que os troféos lhe afina.
 Não ouvias cantallo em som diffuso
 Por Catholico Numa o eco vario,
 No angulo do Orbe mais confuso.

Diga-o de Mafra o portentoso Erario ,
 Que em Atlantes de marmore sustenta
 Do zelo feu o pio Relicario,
 Clara no Lourical experimenta ,
 Que revive este Rey na piedade,
 Para louvor do Paõ , que almas alenta.
 Póde para exemplar à eternidade
 Ver se a Congregação do Oratorio
 Em Alcantara tem *Necessidade*.
 Do sacro culto zelo taõ notorio
 Naõ só na Patria louros tantos foma,
 Tambem os tem no eſtranho territorio.
 Isto a grandeza , que até o tempo doma,
 Isto o artificio , até do evo isento,
 Diz em Jeruſalem , pública em Roma.
 Oh! viveras , de Lyſia alto Ornamento,
 Em quanto Febo em gyros de ſafira
 Guiaſſe o carro , que he do dia alento.
 Que com tal Protector tambem ſe vira
 No Lycêo eſcrever a melhor Penna,
 No Parnaſo ſoar a melhor Lyra.
 Mas já que o fado em noſſo damno o ordena ,
 Dictem a tanto Heróe agradecidas
 A Penna confuſoens , prantos a Avena.
 Soará nas eſféras aturdidas
 De huma os ays em accentos luſtuofos ,
 De outra o pezar em expreſſoens ſentidas.
 De Neptuno nos centros cavernoſos
 Moſtrarão ſua dor a broncos gritos ,
 Triſtes Sereas , e Tritoeus faudoſos.
 Os Faunos nos ſelvaticos diſtriſtos
 Votarão pelos ambitos agreſtes
 A pena tanta os mais profundos ritos.
 Lamente a terra pois , e Orbes Celeſtes
 As glorias transformadas em pezares ,
 Os louros convertidos em cypreſtes.
 Sendo ainda em taõ lugubres azares
 De mágoa tanta termo muy ſuccinto
 Em ſuſpiros o peito , a viſta em mares.

Pois foy Joaõ Monarca taõ distincto,
 Que até para que as Quinas se ajustassem,
 Sendo em tudo o primeiro, quiz ser Quinto.
 Oh quem dera, Senhor, se transformassem
 Todas as Musas n'huma voz chorosa,
 Para que assim melhor vos lamentassem!
 Porém supra a Artemisa dolorosa,
 Que da alma fina ao impulsivo rogo
 He da dor transcendencia lacrymosa.
 Pois (se quer para leve defafogo)
 Do feu Mausolo deu no Regio peito
 Ao cadaver de neve urna de fogo.
 Oh! como a vejo com Real respeito
 Na Urna, padraõ sacro da memoria,
 Expressando este lugubre conceito!
 Tristes lembranças da passada gloria,
 Que hoje aqui me fazeis meu mal presente,
 Para do sofrimento ter victoria:
 Sabey que neste quadro amor consente
 Votar a hum Sol no feu Occaso posto
 Memorias tristes de hum alegre Oriente.
 Ah morto Esposo, vivo ao meu desgosto!
 Pois estàs nesta pyra sepultado,
 Sepultarey tambem contigo o gosto.
 He certo, Rey potente, que prostrado
 O garbo está, que foy com pincel fino
 Em laminas de affombros copiado?
 Mas ay! Que he já da Parca outro o destino,
 Que até agora cortava o que era humano,
 Hoje tambem se atreve ao que he divino.
 Mostra-me, Esposo, o rosto soberano;
 Porém respondes mudo ao meu lamento,
 Que o afeou da morte o horror tyranno.
 Pois succede do pasmo em todo o alento,
 Que o que he nas attenções primeiro encanto,
 He no estrago o primeiro defalento.
 Morreo Joaõ: Oh affombroso espanto!
 Desfez-se do perfeito a contextura:
 Que resta? Só motivo para o pranto.

Acabou-se, Senhor, a luz mais pura :
 A quem hey de fazer de amor ofrendas,
 Se contigo acabou minha ventura ?
 Porém, que não morreste he bem entendas ;
 Pois, se vives, ò Rey, dentro em meu peito,
 Mal podem acabar taõ altas prendas.
 Quando me fiz troféo de teu fogeito,
 Lembre-te a translação de cada huma alma,
 Que foy de hum puro amor devido effeito.
 Se com a minha, Espofo, estás em calma,
 E a tua inda me alenta a ancias activas,
 Nesta troca, Senhor, te cedo a palma.
 Faltou-te a minha em penas taõ esquivas,
 Recebe a tua, pois, que me animava,
 Que eu, ò Rey, morrerey, porque tu vivas.
 Ay, Senhor ! Que sahio da dura aljava
 De Amor o harpaõ, que usou de tal fereza,
 Não de maõ, que o teu culto profanava.
 Ah cruel Parca, idéa da fereza !
 Não te embotou o fio à dura espada
 Do meu amado Rey toda a grandeza ?
 E pois affim me deixas magoada,
 Infame sejas sempre conhecida,
 Traidora sejas sempre reputada.
 Aqui chegava a Deosa entristecida,
 Quando da nossa dor para remedio
 Esta se ouviu do ar voz proferida.
 Ponha o prazer a tanta mágoa affedio,
 E se transforme em placido Epinicio,
 O que já se entoou triste Epicedio.
 Que ao Luso Rey já em Reyno mais propicio
 Humanas penas não lhe daõ abalo,
 E da razaõ as julgo desperdicio.
 Pois de glorias sem lubrico intervallo,
 Pregóa por conceito mais ditoso,
 Que he melhor, que cá Rey, ser lá Vassallo,
 Alli possûe Ofir mais copioso,
 Que o que lhe dava em opulentas minas
 O Brasílico Emporio glorioso.

Indias logrando alli mais peregrinas,
 Para ornar o Palacio mais prestante,
 Seu desejo achará pedras mais finas.
 De todo o bem já digno triunfante,
 Se vivo o constitûe taõ alto estado,
 Morto o não chore a mágoa delirante.

Vivo está duas vezes o affamado
 Rey Dom Joaõ, da mágoa para olvido,
 Lá no Ceo de triunfos coroado,
 Cá na terra em Joseph reproduzido.

O P. Domingos da Sylva Telles.

A

Debaixo dos nomes de Dorindo, e Penalibe, choraõ Portugal, e a Bahia a lamentavel morte do Serenissimo, e Fidelissimo Rey o Senhor D. Joaõ V., de saudosa memoria,

E G L O G A.

Dorindo, e Penalibe, Pastores.

A Onde o promontorio da faudade
 Se eleva aos astros lugubre Obelisco,
 Sendo em sua pasmosa immensidade
 Das nuvens medo, das esféras risco:
 No seu cume he cimmeria cavidade
 Morada da afflicçaõ, do horror aprisco,
 Porque he sua atroz fyssionomia
 Espanto do prazer, terror do dia.

Neste monte de trevas coroadado,
 Que nunca o rostro conheceo da Aurora,
 Vê-se em turva corrente defatado
 Infausto rasgo, que agonias chora:
 O campo de cyprestes povoado
 Tristes suspiros funebre evapóra,
 Só tendo esta Ehiopica aspereza
 Copia de confusoens, de ancias riqueza.

Neste,

Neste , mais do que monte , horrído inferno ,
 Nesta , mais do que gruta , atrio da morte ,
 Neste , se rio não , copia do Averno ,
 Neste , se campo não , tumba da forte ;
 De huma parte mostrando o luto interno ,
 De outra parte expressando a mágoa forte ,
 O intenso explicavaõ de mal tanto
 Dorindo em ays , e Penalisbe em pranto.

Dorindo era o pastor , em outro tempo
 Mimo do fado , da fortuna gozo :
 Penalisbe a pastora , passatempo
 Do retrete da forte mais glorioso :
 Porém neste terrível contratempo
 Sulcando o mar com vento procelloso ,
 Do triunfante Baixel , que à gloria incita ,
 Foy foçobra o prazer , naufragio a dita.

Elle todo aturdido em seu cuidado ,
 Ella toda suspenza em seu tormento ,
 Fazia-os augmentar o cruel fado
 Em lagrimas o rio , em ays o vento :
 Vendo-o ella em seu mal taõ enleado ,
 Vendo-a elle taõ dada ao seu lamento ,
 Para a expressãõ de males taõ atrozes
 Foy boca a suspenção , a mudez vozes.

Dorindo.

Soberana Deidade , alma do Pindo ,
 Mais do que copia , Lethes de Pandora ,
 Que pena atroz a effe gesto lindo
 Com desmayo taõ languido desflora ?
 Porque a incendios d'alma vay fugindo
 Derretida essa neve , ancia de Flora ?
 Pois para a execuçaõ de tal desejo
 Em ti mesma acho o Sol , e a neve vejo ?

Deixa, Pastora, a mim o sensitivo,
 Que a ti convém melhor hum doce agrado:
 Se minha dor não sofre lenitivo,
 Mereça a tua mais brandura ao fado:
 A` minha sobra superior motivo,
 A tua alentará menor cuidado:
 Fiquem no peito teu, e olhos, ò Nynfa,
 Suffocados os ays, parada a lynfa.

Penalisbe.

Naõ profigas, Pastor, que me magôa
 Cuidares que o meu mal sofre brandura;
 Ouve essa voz, que os ambitos atrôa,
 E de minha ancia o intenso conjectura:
 Escuta o brado, que cruel pregôa
 Do meu Augusto a funebre jactura:
 Oh! deixa-me, Pastor, que sinta tanto,
 Que arda em suspiros, e me affogue em pranto.

Dorando.

Quem es tu, gentil Nynfa, que da mágoa
 Roubas-me a causa, para o teu lamento?
 Esse, por quem da dor me abraço em fragoa,
 He o mesmo, que incita o teu tormento?
 Pois tu a alma derretes em viva agua,
 Pois eu defato o peito em morto alento,
 Choremos ambos nesta pena forte
 Ultrajado o poder, vencida a forte.

Penalisbe.

Lá, onde senhorêa a Zona adusta,
 Contempla o pasmo huma Abra taõ vistosa,
 Que por ser sala de Neptuno augusta,
 He a estancia de Thetys mais fermosa:
 Esta, pois, de Nerêo praça robusta,
 A qual guardaõ fortins de prata undosa,
 Dos que cruzaõ a Brasilica Anfitrite,
 He termo principal, feliz limite.

Aqui em labyrinthos de estrutura

Sobre incultos gigantes de esmeralda

Polindo a antiga barbara figura,

Memphis se erige da declive falda:

Neste lugar me poz minha ventura

Do Brasílico Emporio por grinalda,

Posto que Atropos hoje determina,

Se subi presumpção, desça ruina.

Dorando.

Pára, não digas mais, Bahia amada,

Que bem mo disse o coração preságo,

E temo nesta gloria inopinada

Que o que lógro prazer, conheça estrago:

Só tu em magoa tal, ancia elevada

Me adoçaras hum tanto o cruel trago:

Attende, em quanto se ouve em triste accento

Chorar o rio, e soluçar o vento.

Da Augusta Europa na mais culta parte,

Que predomina favoravel Zona,

Onde Afréa arvorou seu estandarte,

Meu domicilio a natureza abona:

De huns reputado por irmão de Marte,

D'outros tido por filho de Bellona,

Vibrando a espada, fiz das partes quatro

A Pallas templo, e ao valor theatro.

Mas hoje, que da Parca o golpe ousado

Na vida de João cortou a minha,

Aquelles timbres, que alcancey do fado,

O mesmo fado agora defalinha:

Choremos, Nynfa, o caso defestrado,

Que em nosso damno taõ cruel caminha:

A lyra toca em quanto a voz levanto,

Mova-se a terra à dor, o Ceo a espanto.

Penalisbe.

O' Portugal querido , a quem tributo
 Do mais fiel amor feudo o mais fino ,
 Publique a nossa voz o interno luto ,
 Que inexoravel deu-nos o destino :
 È em quanto triste o teu concento escuto ,
 Para o meu pranto o instrumento affino :
 Começa já , Dorindo , em quanto a lyra
 Chora ternuras , confusoens suspira.

Dorindo.

Augusto , Heroico , Inviçto , e Soberano ,
 Sendo empenho da Fama mais ruidosa ,
 E sendo assumpto das mais cultas lyras ,
 Soou aquelle brado mais que humano ,
 Rasgo sem par , idéa a mais gloriosa ,
 Que Febo vio em circulo de Spiras ;
 E as Celestes safras
 No seu quadro (inda a elle muy succinto)
 A Dom Joaõ o Quinto
 Debuxaraõ com celebres primores
 Assombro grato de sydereas cores.
 Mas ay ! que tanta gloria
 Vio-se em breve momento transitoria ,
 Pois o sopro violento
 Da Parca condensou tal luzimento ,
 E roubando os fulgores ,
 Deixou à esféra luto , à terra horrores.
 Oh esplendor exhausto !
 Morta luz ! debil pompa ! fragil fausto !

Penalisbe.

No tempo , em que Angerona mais florente
 Por Volupia era em Lyfia venerada
 Do Augusto Sceptro , a que os laureis destina ;
 Para timbre do Solio preeminente
 Fez vôo a Portugal a Aguia elevada ,
 Copia da excelsa Garça Palatina :

Alli a vista affina
 Nos registros do Sol mais luminoso,
 Apurando em lustroso
 Arrebol novas Aguias, que desenho
 São do nexo feliz, de amor empenho.
 Mas ay! que já opprimida
 Do pezo de fortuna taõ crescida,
 Largou a humanidade
 A carga, que esperava a eternidade,
 Ficando desta forte
 O vinculo de amor córte da morte.
 Oh nexo defatado!
 Leve ar! murcha flor! burla do fado!

Dorando.

Da sacra Tiara por excelso Atlante
 O Successor de Pedro soberano
Fidelissimo Remo o fez da Barca;
 Porque sendo Columna a mais constante
 Do pezo do Sagrado Vaticano,
 Distinção tanta com justiça abarca
 O Potente Monarca,
 Timbre de Lysia, suspenção do Mundo,
 Cujo zelo profundo
 Mereceo para assumpto taõ gigante
 Em lyra de ouro plectro de diamante.
 Mas ay! que o claro ensayo,
 Que foy farol em Roma, em Corfû rayo,
 Subindo do Oriente
 Sol luzido ao zenith mais excellente,
 Desceo em breve prazo
 Do mayor auge ao mais funesto occaso.
 Oh portento, que affombra!
 Antes Luz! depois Sol! agora sombra!

Penalisbe.

Honroso foy de Salamaõ modelo,
 Ou mais que Salamaõ pasmo do Mundo,

O excelso Heróe, Monarca Lusitano;
 Pois se lhe foy no sabio paralelo,
 Na fabrica do Templo, o sem'segundo
 De Mafra o constitúe mais soberano:
 E inda está mais ufano,
 Porque altar a Moloch, de Venus mostra,
 O outro ergue, elle prostra;
 E qual Tharsis mais fina,
 Deu-lhe o Brasil em frotas melhor mina.
 Mas ay! que em termo escasso
 Chegou tal dita àquellè estreito passo,
 Que nos confins da vida
 Guarda horrorosa a Parca fementida,
 Onde prostra insolente
 O sabio, o piedoso juntamente,
 Oh ser caduco humano!
 Breve bem! grave mal! bem visto engano!

Dorindo.

Ditosamente coroou de glorias
 Quantas acções se numeràraõ suas
 Para brazaõ do Imperio Lusitano,
 Igualando às idéas as victorias,
 Ou eclipsando as Ottomanas Luas,
 Ou subjugando o perfido Indiano;
 E quando soberano
 O dominio tomou do Augusto Imperio,
 Desse Leaõ Iberio,
 Que a Carlos pretendente ameaçava,
 Luso Samsaõ domou a furia brava.
 Mas ay! que esta ventura,
 Dos folegos da Fama doce usura,
 Suffocou insolente
 A que he mais do que as Purpuras potente;
 A que ao peito mais forte
 Derriba Libitina, humilha morte.
 Oh em atroz combate
 Leve pó! ser sem ser! triste remate!

Penalisbe.

Em fim laureis sendo honroso olvido,
 Aos emulos mostrando augusto peito,
 E da Orthodoxa Ley sendo em fim muro,
 Viveo Joaõ, Monarca esclarecido,
 Foy ao inimigo braço o mais perfeito,
 E poz no Olympo assento mais seguro:
 Desde o gelado Arcturo
 Voou seu nome até o opposto Polo,
 E se enfiou Apollo,
 Pois de Eöe girando ao Occidente,
 Vio tributarlhe voto o mais fervente.
 Mas ay! que a voz do espanto
 Se suffoca na dor, naufraga em pranto,
 E só o eco confuso,
 Do Orbe pelos ambitos diffuso,
 Pregôa em triste accento,
 Que desse de taes prendas raro alento
 Só mostra a Parca impia
 Campa triste, horror mudo, cinza fria.

Aqui parando o languido concento
 Penalisbe, e Dorindo em triste calma,
 Sangraraõ logo os olhos, sabio intento,
 Para melhoras ter das febres d'alma:
 Parava a vellos susurrante o vento,
 Ao pranto seu cedia o rio a palma;
 Tudo caufava dor, mostrava luto,
 No ar a ave, na espessura o bruto.

Depois de hum largo affombro, que fazia
 Amor voto fiel à Magestade,
 Nas azas cada hum da fantasia
 Deixou o Promontorio da faudade:
 Mas naõ que esta da Parca tyrannia
 Deixe de ser horror em toda idade,
 Pois em quanto se achar peito distincto,
 Ha de viver na dor Dom Joaõ o Quinto.

*Na sensível morte do nosso Augusto Mo-
narca, e Senhor D. João V.*

CANÇÃO.

O Monarca das luzes preeminente,
Que dá com seu esplendor glorias ao dia,
Pompa da Esféra, em que todo o vivente
Dos olhos a pezar tem alegria:
No zenith quando alarde
Faz das brilhantes luzes,
Arrastra sobre a tarde
Os funebres capuzes,
E acha no mar, que as luzes lhe retrata,
Mausoléo de crystal, urna de prata.

O agradável jardim, que tão florido
Se ostenta na manhã alegre, e clara,
Dos ardores da calma combatido
Murcha de tarde a pompa, que o exaltara:
Porque o Sol violento
As folhas desbarata,
Quando a força do vento
As flores lhe arrebatava.
Quem cuidara que tanta bizzarria
Teria a duração menos de hum dia!

Ramalhete animado o passarinho,
 Que as flores defafia, e galantêa,
 Brincando alegre em hum, e outro raminho,
 Com quebro natural solfas gorgêa.
 Quando mais descuidado
 Do ar goza o indulto,
 Se acha prezo, e atado
 No laço alli occulto.
 Avezinha infeliz, que com engano
 Entre flores tiveste o mayor damno!

O edificio eminente, a torre erguida,
 D'arte primor, escandalo do vento,
 Que vendo-se das nuvens competida,
 Levanta a grimpa ao alto Firmamento.
 De repente assaltada
 Do furacaõ vehemente,
 A pompa arruinada
 Em breve espaço sente.
 Dura forte! que a torre em tanta altura
 Sugeita esteja a huma desventura!

Assim o Fidelissimo Monarca,
 Da Lusitania Sol resplandecente,
 Ao duro golpe de traidora Parca,
 A pezar nossõ vê-se no Occidente.
 Como jardim sem flores,
 Qual ave em prizaõ dura,
 Da tuba nos horrores
 Em estancia escura;
 Naõ lhe valeo ser torre peregrina,
 Para escapar à ultima ruina.

Nove annos resistio ao fero assalto
 Da doença varias vezes repetido,
 Se do seu proprio esforço nunca salto,
 De auxilio superior sempre assistido.
 Nessas adversidades
 Tinha a sacra Aurora,
 Que das Necessidades
 He divina Senhora,
 E do mal contra a furia repetida
 De escudos mil foy Torre guarnecida.

De suas forças o braço, que he o direito;
 Empenhou a favor da Igreja Santa;
 O mal por isso tendo-lhe respeito
 Sómente o braço esquerdo lhe quebranta.
 Foy alta providencia
 Do Senhor soberano,
 Se outra vez à pendencia
 Tornasse o Ottomano,
 Que no escudo Real das sacras Quinas
 Teria o Turco infiel mortaes ruinas.

Esse mesmo feliz, e Regio braço,
 Que com maõ liberal, que com grandeza
 Para o culto de Deos não foy elcaço,
 Nem avarento foy para a pobreza;
 Sempre incorrupto, e forte,
 Nos seculos futuros
 Gozará contra a morte
 Privilegios seguros:
 Será de Portugal eterno gozo
 A maõ próvida, o braço officioso.

Tambem livre de tanta violencia
 Vio-se a cabeça por mercê divina,
 Que da sabedoria, e da prudência
 Com grande admiração era officina.
 Jaz agora escondida
 Em silencio profundo;
 Mas ainda temida
 Dos Principes do Mundo;
 Que as suas normas no geral conceito
 Vivas ainda estão para o respeito.

Hum Rey taõ fabio, hum Rey taõ poderoso,
 Que dos Vassallos seus por mayor gloria
 Mostrando-se na Europa generoso
 Com a paz soube conseguir victoria.
 Deixando ao Mundo aborto
 Na morte intempestiva,
 Inda depois de morto
 He preciso que viva;
 E em final de victoria preeminente
 O tumulo escolheo em Saõ Vicente.

Mas ha Musa! suspende o entusiasmo,
 Que deste Rey o transito penoso
 Sendo para o Universo assombro, e pasmo,
 Ha de ser para a Historia assumpto honroso;
 E ao discurso a razão discreta aponta,
 Que a Fama o tem tomado à sua conta.

De Silvestre de Oliveira Serpa.

*Na morte do Serenissimo Rey D. Joaõ V.
Nosso Senhor,*

Aos finaes dos finos, e estrondos
da artelharía,

SONETO.

E Sfes estrondos, que na noite, e dia
Fazem estremecer a esféra ambiente,
Saõ da morte final claro, e evidente
Do Salamaõ da Lusa Monarchia.

Naõ só a Lusitania, que regia,
E o seu povo o chorou amargamente;
Mas tambem lamentallo eternamente
Asia, Africa, e Europa bem devia.

De Alemaens, Hespanhoes, Belgas, Francezes
Compoz discordias com saber profundo
Taõ magnificamente, e tantas vezes;

Que bem posso dizer (nisto me fundo)
Que naõ faltou o Rey dos Portuguezes,
Mas que morreo o Emperador do Mundo.

*De Fr. Manoel de Santa Maria Itaparica,
Religioso Franciscano.*

*A morte de Sua Magestade
Fidelissima,*

SONETO.

MOrreo em fim o Rey dos Lusitanos,
Mas como homem não sentio a morte,
Como Fenix morreo, que desta sorte
Accrescentou morrendo os proprios annos.

UIn nidulo meo
moriar, & sicut
Phœnix multipli-
cabo dies meos.
Job. 29. 18.

Hum Rey taõ singular entre os humanos,
Se acabàra da Parca ao duro córte,
Fora taõ grande o sentimento, e forte,
Que causàra no Mundo immensos damnos.

Mas como a Fenix já desfalecida
Desto modo accrescenta a sua idade,
Naõ se sente esta morte, he applaudida:

Oh! mitigue-se a nossa saudades,
Que deu o nosso Rey, perdendo a vida
Taõ cedo, mais augmento à eternidade.

Ambulabimus
in viis Domini in
æternum, & ul-
tra. *Mich. 4. 5.*

Do mesmo Author.

Ao Mausoléo,

SONETO.

Urna pequena, Americano povo,
 He para o Rey dos homens a presente,
 Porque he só Mausoléo conveniente
 O Mundo todo, o Velho, e mais o Novo.

A coberta que tem tambem reproveo,
 Pois limitada a julgo, e indecente,
 E só o Ceo azul, e transparente
 Por digna campã lhe configno, e approvo.

Essas tochas, que luzem cento a cento,
 Poucas, e escuras saõ, e só serviaõ
 As Estrellas, que vês no Firmamento.

Aguas, que de tristeza os olhos criaõ,
 Pequenas gotas saõ, que em tal tormento.
 Ser lagrimas diluvios só podiaõ.

Do mesmo Author.

*A Cidade da Bahia, na morte
do seu Fidelissimo Monarca,*

CANÇÃO FUNEBRE.

O Tu grande Cidade, e populosa,
Que es do Brasil Metropole florente,
Hontem taõ festival, e taõ contente,
Hoje porém taõ triste, e taõ faudosa!
Já sey, que te moveo a esse pranto,
E luto tanto
A nova triste,
Que bem ouviste
(Oh cruel forte!)
Da feliz morte
Do teu grande Monarca, que reinando
Te foy com novas glorias exaltando.

Essa tua continua primavera,
Privilegio do clima, em que nasceste,
Bem te posso dizer, que hoje a perdeste;
Naõ he agora já o que antes era.
Pouco importa haver arvores frondosas,
E bem vistosas,
Com muitas flores
De varias cores
E as campinas
Com mil boninas,
Se toda esta frescura, e esta belleza
Se confunde com pena, e com tristeza.

Cruzando vão os paramos do vento
 Sem festejar o Sol com melodia
 Os seus habitadores, que algum dia
 Faziaõ coro, e musico instrumento.
 Algum tempo se ouvia a voz canora,
 Porém agora
 Os passarinhos
 Nos seus raminhos
 Não daõ recreos
 Com seus gorgêos,
 E só no alto silencio gemem graves
 Com vozes tristes as nocturnas aves.

Effes, que de crystal com prizoens frias,
 Ou de liquida prata com correntes
 Prendem de Abril delicias florecentes,
 Soltaõ de Flora verdes alegrias,
 Todos correm ao mar, de que nasceraõ;
 Mas se puderaõ
 Recolher a agoa,
 Que a triste mágoa
 Deste desgosto
 Te traz ao rosto,
 Grande parte da terra inundariaõ,
 Porque grossas enchentes tomariaõ.

Correndo pelo bosque o Tigre horrendo
 Dâ a morte ao Javalí, que vay fugindo;
 A voraz Onça com furor bramindo
 Ao Cervo segue, que já está tremendo:
 Mas todos estes animaes ferozes,
 Muito velozes,
 Taõ matadores,
 E tragadores,
 Ouvindo o pranto,
 Que causa espanto,
 As faborosas prezas deixariaõ,
 E para as suas covas fugiriaõ.

Tudo sem ordem, e confuso assiste,
 Pallido o Sol com nuvens se escurece,
 E no occaso tambem não apparece
 A alampada, que alegre a noite triste:
 Só se ouvem os gemidos lastimosos,
 E dolorosos,
 Que o sentimento
 Incita ao intento,
 E todo o dia,
 E noite fria
 Soaõ as vozes do metal fundido,
 Retumba o bronze a espaços repetido.

Do mesmo Author.

*In obitu Serenissimi Regis nostri
Joannis V.*

EPIGRAMMA.

IN longinquam abiit Regionem Vir sibi Regnum
(Testatur Lucas) nobilis accipere.
Nunc hominem, regnum, regionem noscite: Cœlum
Est regio, & regnum Gloria, Quintus homo.

Ejusdem Auctoris.

*A morte do Fidelissimo Rey D. Joaõ V.
Nosso Senhor,*

S O N E T O.

DOm Joaõ, joya dada, mas perdida,
Real, na quinta effencia primorosa;
Porque era a perda sua taõ forçosa,
Deixou nossa fortuna desmentida.

Para ser a dor nossa mais subida,
Doze lustros a fazem mais lustrosa;
Pois he certo, que quanto mais custosa,
Ser devia igualmente mais sentida.

Prenda era de valor inestimavel,
Com coração di-amante nobre, e rica,
Que faz a falta sua intoleravel.

A mulher, que acha a dragma, alegre fica:
E porque he nossa perda irremediavel,
A nossa dor os prantos multiplica.

*Do Licenciado Bento Luiz Pereira de Lançoes,
Vigario da Freguezia de Jaguarippe.*

*Desideratissimo Regi D. D. Joanni V.
cùm ejus nomen anagrammaticè illum
ad maiorem gloriam invitet ,*

A N A G R A M M A

REX JOANNES QUINTUS,

ID EST

IS NON ES , QUANTUS ERIS.

ADveneras quantum faustus, dignissime Regum,
Ad vitam! Quantò faustior inde redis!
Adveneras sapiens, opulentus, nobilis; ortu
Jam tua felici scepra tenente manu.
Et cùm Regales, puero, fortuna paratus,
Dat tibi, cùm in patrio collocat illa throno:
Non is quantus eris, tamen es; fortuna superne
Stat tibi, pro meritis gloria maior inest.
Namque pium terris viderunt numina Regem
Ut pia te, Imperium constituere polo.
I nunc ad folium meritum, natale caducum,
Mors dedit æternum prodigiosa thronum.

Ejusdem Auctoris.

*Na morte do Fidelissimo Monarca
D. Joaõ V. Nosso Senhor,*

DECIMAS.

DEixa o terrestre Reinado,
Subindo ao Celestial
Joaõ Rey de Portugal,
Fidelissimo chamado.
Se na terra sepultado,
Tem-no a faudade em memoria,
Mostrando a razaõ notoria,
Que a nossa pena desterra,
Que por ser bom Rey na terra,
Foy fer Vassallo na Gloria.

Dirá nosso Portugal
Bem jaçtancioso (que eu sey)
Da Gloria ao Rey foy meu Rey
Taõ amante , como leal.
Com razaõ , pois , sem igual
Foy o Quinto Joaõ amado :
A hum Rey taõ venerado
Tem os Vassallos perfeitos
Presente , ou vivo em seus peitos ,
Para os olhos sepultado.

Do Doutor Amaro Pereira Paiva.

*Lenitivo à Serenissima Senhora Rainha
na morte do seu amado Esposo,*

*Já he, Senhora, forçoso,
Que deixeis pezar tão justo;
Vivo em vosso Filho Augusto
Tendes o defunto Esposo.*

G L O S A.

Morre ElRey; mas que atrevida
Dá a Parca mágoas tão fortes;
E a Vós vos dá muitas mortes
Tendo com tal morte vida.
Muito custa esta partida,
Por faltar da vista o gofo;
Mas se ao vosso amado Esposo
Chama Deos ao Firmamento,
Haver este apartamento
Já he, Senhora, forçoso.

Se ElRey ao culto Divino
Tinha propensão interna,
Deos tambem com gloria eterna
Lhe pagaria benigno.
Deos como he amante fino,
Paga bem, não he injusto:
Se o nosso Monarca Augusto
Estar com Deos cuida a fé,
Bem he, Senhora, bem he,
Que deixeis pezar tão justo.

Ainda morto bem se vê,
 Que augmenta da graça o trato,
 Pois deixa hum vivo retrato
 No Primeiro Dom Jozé.
 Primeiro Rey no Mundo he
 Deste nome o invicto Justo:
 E assim, Senhora, era injusto
 Naõ ter a pena conforto,
 Por teres o Esposo morto
Vivo em Vosso Filho Augusto.

Mostrou-se a Parca corrida
 Vendo do Monarca a forte,
 Por suppor que em darlhe morte
 Naõ lhe dava melhor vida.
 Essa mágoa enternecida
 Trocay-a, Senhora, em gofo,
 Que em tanto bem he forçoso
 Ter prazeres a memoria,
 Pois vivo ita eterna Gloria
Tendes o defunto Esposo.

De Silvestre de Oliveira Serpa.

Outra Glosa ao mesmo assumpto.

JÁ que vos deixou com vida,
 Senhora, a Parca cruel,
 Quando roubou de hum docel
 A vossa Prenda querida:
 Como Rainha entendida
 Suspendey o mal penoso:
 Crede, que em eterno gofo
 Está voffo Esposo vivo,
 Vede, que este lenitivo
Já he, Senhora, forçoso.

Bem sey, que he justo o pezar
 De vos veres dividida
 De hum corpo, em que tinheis vida
 Com uniaõ singular:
 Mas se elle chega a gofar
 Vida da morte sem susto;
 Perolas de tanto custo
 Reprimi no coração,
 Que em tanta gloria he razaõ,
Que deixeis pezar taõ justo.

Sey, que aquella Magestade,
 Sey, que aquella gentileza,
 Vos ha de causar tristeza,
 Vos ha de fazer saudade.
 E aqui tambem com verdade
 Achais hum alivio justo,
 Que da verdade sem susto
 Dicta o amor, e a razaõ,
 Que tendes ao Rey Dom Joaõ
Vivo em vosso Filho Augusto.

Vossa memoria applicay
 (Quando eu só me maravilho)
 Que do Pay a este Filho
 Nenhuma distancia vay.
 Vivo o Filho, e vivo o Pay
 Venera o Reyno amoroso:
 Trocay pois a pena em gozo,
 Que a impulsos de amor activo
 Em nossos corações vivo
Tendes o defunto Esposo.

Do mesmo Author.

Mote ao mesmo saudoso assumpto,

*Para o Brasil mostras dar
Da extensão do seu tormento,
Pede suspiros ao vento,
Supplica prantos ao mar.*

G L O S A.

O Monarca Lusitano
João o Quinto, sem segundo,
Faleceo, pezar profundo
Sente o Orbe Americano.
Da Parca o golpe tyranno
Vêm-se os bronzes lamentar,
Turbou-se a terra, e o mar,
E acalmou em fim o vento,
Inda he pouco sentimento
Para o Brasil mostras dar.

Neste pezar verdadeiro
Quando o Brasil mais se inflamma,
Pede logo à veloz Fama,
Que dê parte ao Mundo inteiro.
E bem que não he primeiro
Em tão justo sentimento;
Com clamores cento a cento
Quer por idéa entendida,
Que o Mundo seja a medida
Da extensão do seu tormento.

Quando se mostra a afflicção
 Em seus pezares crescida,
 Causa syncope à vida,
 Desmayos ao coração.
 Neste mal, nesta paixão
 Tem o Brasil seu tormento;
 Pois que faltando-lhe o alento,
 Muda a voz, o peito rouco,
 Para respirar hum pouco
Pede suspiros ao vento.

Da pena, e amor na fragoa
 Com lagrimas mil a mil
 Receya triste o Brasil,
 Lhe falte nos olhos agoa:
 E por augmentar a mágoa
 Sem dar alivio ao pezar,
 Para hum perpetuo chorar
 Da faudade sem desvios,
 Pede lagrimas aos rios,
Supplica prantos ao mar.

Do mesmo Author.

Outro Mote ao mesmo assumpto.

*Para o Brasil mostras dar
Da extensão do seu tormento,
Pede suspiros ao vento,
Supplica prantos ao mar.*

G L O S A.

DO seu Rey, e seu Senhor
Sente o Brasil tanto a morte,
Que intenta de alguma forte
Dar mostras da sua dor.
Desto damno o cruel rigor
Naõ tem com que comparar:
Toda a terra, e todo o mar
Na sua extensão contemplo,
Nem póde haver outro exemplo
Para o Brasil mostras dar.

Taõ extensa he sua dor,
Como he sua causa intensa,
E assim fica a mágoa immensa,
Porque era immenso o amor.
De tantas penas o horror
Mal cabe no pensamento:
E por mostrar seu intento
Medir a esféra deseja,
Para que retrato seja
Da extensão do seu tormento.

Em suspiros se desfata
 Da sua saudade effeito,
 Mas não desafoga o peito,
 Nem pelo alivio se mata.
 Do ar nos páramos retrata
 O excessão de seu tormento;
 E se fraquea o alento
 Do peito na ardente fragoa,
 Para esforçar sua mágoa
Pede suspiros ao vento.

Correm lagrimas a fios,
 Não cessa o continuo pranto,
 E com ter chorado tanto,
 A mágoa não tem desvios.
 Os seus dous mayores Rios
 Neste pranto ha de esgotar;
 E quando em fim quer chorar
 A morte de seu Senhor,
 Por credito da sua dor
Supplica prantos ao mar.

Do P. Joseph de Oliveira Serpa.

*Na morte do Serenissimo Senhor Rey
D. Joaõ V. o Pacifico,*

D E C I M A.

CHorava Europa em Lisboa,
A America na Bahia,
Africa em Loanda sentia,
Asia lamentava em Goa.
Por todo Orbe a Fama entoa
Com sentimento profundo,
Que este Rey sabio, e jucundo,
Da cruel Parca troféo,
Se não fora para o Ceo,
Puzera em paz todo o Mundo.

Do mesmo Author.

Ad tumulum Serenissimi Regis Joannis V. luget Brasilia.

E L E G I A.

HUc ades incomptis, Elegeia mœsta, capillis;
 Huc deliranti pollice frange lyram.
 Nec gere bis tinctam conchâ Sydonide pallam,
 Vestis inæquales sed tegat atra pedes.
 Ante sepulchrales Domini projecta cupressus
 Ipsa cadam pedibus, Brasilis ora, tuis.
 Thespiadum pro fonte tibi dabit urna liquorem,
 Exundat lachrymis flebilis urna meis.
 Nostra dabunt atrata nigrum tibi pectora succum,
 De nostro calamum vertice penna dabit.
 Versicoloratas olim per tempora plumas
 Duximus, augurio dum bona risit avis.
 Nunc caput atrato ferti plumatilis orbe
 Texuimus, decet hic tempora mœsta color.
 Nam modò Brasilicum lugubribus aëra pennis
 Fama replet querulis attenuata modis.
 Occidit heu Regum jubar indelebile! tantum
 Heu potis in cineres solvere Parca jubar!
 Siccine regales tondet Proserpina crines?
 Terrarum in Dominos jus habet illa Deos?
 Sol jacet: inverfam diffundat Aquarius urnam:
 Urna fleat Cœlo, quem tegit urna solo.
 Astra mori timeant, dum Sol meus occidit; arcum
 Lunat & in Solem dum Libitina meum.
 Quid bellatrici posthac mihi proderit arcus?
 Mortis proh quantò certior arcus erat!

Quid mihi cum pharetris, suspiratissime Regum?
 Illusit pharetris mors pharetrata meis.

Quæ te cumque ferit Libitinæ excussa lacerto,
 Una erit hæc animo fixa sagitta meo.

Improba mors, Regum quid sceptrâ ligonibus æquas?
 Hoc injusta venis, quod nimis æqua venis.

Quid segeti properas alienæ immittere falcem?
 Posse tuâ credis sidera falce meti?

At poterant: quartum vel demetet illa Planetam;
 Quintus (maior erat) falce Planeta cadit.

Nec mihi frigidulo dum Princeps clauditur Astrum
 Marmore, Zona fovet torrida, ut ante, latus.

Frigida Saturni nostrum fert sidera Cælum,
 Brasiliam tristi Pleiâs urget aquâ.

Turgebat quondam fulvo mihi vena metallo,
 Terra hæc omnigenas parturiebat opes.

Sol auro, & gemmis dabat incrementa Joannes,
 Sole coruscabant sidera nostra suo.

Extincto, modò vena mihi stupet aurea, Sole;
 Nostraque nil veteris sidera lucis habent.

Nec jam Sachareo dulcescunt viscera fœtu,
 (Proh quantum dolor hic, cura que fellis habent!)

Scilicet in succos expressa liquatur amaros
 Ubertim lacrymis canna rigata meis.

Et bene: promulsis dabitur cui nostra? beato
 Juppiter ambrosiam jam meus ore bibit.

Gustet iò Superûm mellita obsonia mensis,
 Mensa fit à lacrymis dum mihi lauta meis.

Scilicet occiduo tumuli pro marmore Soli
 Oceanum ex oculis lapsa fluentia dabunt.

Collegii Bahiensis Societ. Jesu.

*Augustissimo Regi Joanni V. justæ
parentant lachrymæ,*

ELEGIA.

Musa, quid arguto meditaris carmine lessum,
Non facit ad luctus nœnia docta meos.
Innumeras numeris lachrymas pro dulcibus adde,
Ad numerum tantus respuit ire dolor.
Scilicet occiduis Regum jubar occidit oris,
Hoc capit, & Solem quæ capit urna, jubar.
Ergo jacet Lusæ decus immortale Coronæ,
Orbis qui gemini Sol erat, umbra jacet.
Mœsta parentarunt Soli sua fidera, tantæ
Inferias umbræ lumina dant lacrymas.
Solis ad occasum, Rex maxime, Solis ab ortu
Concussis flevit mundus uterque polis.
Flerunt Lusitades, tua Phœbi torridus æstu
Indus deflevit funera, flevit Arabs.
Et te Brasiliæ moriente impalluit aurum,
Et trepidum pressit concha Erythræa sinum.
Europæa tibi, simul Indica, Brasila, fluctus
Udaque pro lacrymis dat Thetis Afra suos.
Quin & funerea cincturus cornua fronde
Hos Tagus auriloquo rupit ab ore sonos.
Heu dolor! heu Cœlo mihi dignior, urna, locari,
Urna heu! qua Solis clauditur umbra mei.
Intumui quondam auriferis opulentus arenis,
At modo tu nostras, arca, recondis opes.

Redde mihi, tegis, urna, sinu quas divite, gazas,
 Obduras precibus, marmore facta, meis?
 Enitar, sis dura licet, mollire rigorem
 Indefecturis fletibus, urna, tuum.
 Naiadis incipies nostræ mollescere fletu,
 Nam mollescit aquâ sæpe cadente lapis.
 Si dolor expertem sensus te frangere nescit,
 At tua sint lachrymis marmora fracta meis.
 Hæc ubi deslevit, querulis it turbidus undis,
 Et sua rauca fremens sævit in antra Tagus.

Ejusdem.

*In funere Serenissimi Regis Joannis V.
 invitatur ad lachrymas Bahiensis
 Civitas,*

E L E G I A.

Qui Lusitanum claris virtutibus Orbem
 Rexerat, extinctum lugubris urna tenet.
 Ergo omnis querulos emittat Lysia fletus,
 Et charo tellus orba Parente gemat.
 Cumque omnes jubeat communis causa doloris
 Flere Urbes, Luso quæque sub axe jacent:
 Illa tamen primum ante alias Urbs prodiga planctum
 Solvit, Ulyssææ quæ fuit artis opus.
 Nam Lusitani cum sit pars maxima Regni,
 Debuit officiis non minor esse suis.

Tu quoque funereo circumdans tempora buxo,
 Pignora tristitiæ pende, Bahia, tuæ.
 In gemitus i prima, tuum testata dolorem;
 Nam tibi dat primum Brasila terra locum.
 Ergo alias planctu præeas lachrymosior Urbes,
 Quæ planctu reliquas vincere sola potes.
 Quas etenim tibi substravit sinus auctior, amplas
 Immenso volvis flumine dives aquas.
 In lachrymas converte amplum vectigal aquarum;
 Nunquam oculis deerunt mœsta fluenta tuis.
 Explicet in fletus querulos Thetis Indica fluctus:
 Ingemat, & ripis murmuret usque tuis.
 Ducat in obsequium, quod fluctibus abdidit, aurum;
 Quasque sinum gemmas condit avara suo.
 Construat augustum vivo ex adamante sepulchrum;
 Hæc tantum Domino convenit urna tuo.
 Plangite Baiani, lachrymas expendite, Cives,
 Corde per irriguas se liquidante genas.
 Hoc pietas suadet: pius hoc amor imperat Orbi;
 Flete, pius si cui pectora pungit amor.

Ejusdem.

T

Joanni

*Joanni V. Serenissimo Portugal-
liæ Regi*

SEPULCHRALE ELOGIUM.

S

Ta viator ,

Si in publica ruina stare potes.

Mortuo Regi

Supremum pende vectigal ;

Quod , nisi lachrymas dederis , non perfolves.

Luge igitur , ac lege :

Nisi

Legendi facultatem auferat lugendi copia.

Joannes Quintus ,

Lusitaniæ Rex , Brasiliæ Dominus ,

Ut hominem scires ,

Hic jacet.

Autumno natus , sic evasit maturus imperio ;

Ut illi , divinæ judicio Providentiæ

Non diu fuerit differendum.

Vix solum conscenderat , excidère bellorum tumultus :
In tantæ reverentiam Majestatis sese omnis Europa composuit.

Diceres

Caduceum accepisse , non sceptrum.

Quam regno dederat pacem , moriens legavit :

Ceu in ipso regnasset Olympo ,

Quem frementes circum procellæ nunquam turbaverint.

Quamvis pepercerit ferro , non tamen auro ;

Quod , cum se Deo nosceret vectigalem , aris impendit.

Tot claruit miraculis , quot erexit Templa.

In omnibus

Suam

Suam delineavit magnificentiam, non exhaustit.
Proprias credidit fortunas alienis deberi calamitatibus.

Quasi

Dum aliquis calamitosus existeret,
Se minimè reputaret felicem.

Non minus erga sapientes beneficus.

Nec poterat sapientiam non amare *Sophiæ* proles.

Ut studiosis suppeteret librorum copia,

Publicam adornavit Bibliothecam,

Cætera magnificam,

Scribendis de Joanne Quinto encomiis certe angustam.

Historicam instituit Academiam.

Cui, ne scribendi materia deficeret, æternam reliquit.

Subditos dilexit populos, ut Patrem decuit:

Nullius extorquens lachrymas, nisi mortuus.

Omnium sic indulgit amanti, ut delictis nunquam indulserit:

Cùm justè amaret,

Clementia temperavit severitatem, non exclusit.

Tot exercitum virtutibus,

Ne alicujus careret actu,

Postrema exercuit Patientia.

Mors,

Quem uno impetu sternere totum non posset,

Studuit oppugnare per partes.

Vixit tandem hominibus, Deo victurus,

Eàdem, qua Ignatius, die præcesserat;

Regium planè decuit triumphum,

Quod sacer Loyolæ ignis præiret.

Hesperum mundo, Phosphorum Cælo,

Ignem habuit à Deo illatum.

Ducem secutus Ignatium,

Quam obtineat Societatem, nullus ambigit.

Abi viator:

Et

Quam in terris amavit pacem,

Æternam Regi precare.

Ejusdem.

Joanni V. Serenissimo Lusitaniæ Regi,

EPITAPHIUM.

Jacet hoc in tumulo Joannes,
 Qui nomine fuit Quintus,
 At pietate nulli secundus,
 Imo meritis primus,
 Et populorum desiderio unicus.
 Illum ingenio, moribus, & opibus aureum
 Mirabili partu ferrea tulerunt sæcula:
 Ut maiore nunquam in pretio Lusitani fuerint,
 Quàm cum eos tanti Principis ditavit Imperium.
 Ejus fasti candido semper signati sunt lapide;
 Eo siquidem regnante, adamantibus affluxit Lusitania:
 Hanc ille ferream invenerat, sed auream reliquit;
 Vacuum adierat, sed ita cumulatam bonis omnibus fecit;
 Ut iis, quas Lusitani capere jam non possent,
 Externæ ditarentur opibus nationes.
 Fuit in Deum pius,
 In homines blandus,
 In Ecclesiam fidelis,
 In subditos clemens,
 In externos liberalis,
 In hostes tantum, quia nullos habuit, otiosus.
 Nullum, qui eum oderit, mundus habuit:
 Nullum, qui eum impense non coluerit, vidit Orbis.
 Cum igitur perpetua in pace vixerit,
 In pace æternùm hic requiescet.
 Utinam cum felicissimo Lusitanorum Rege
 Lusitaniæ felicitatem non tumulet sepulchrum!

Ejusdem.

Joan-

*Joannes V. Lusitaniæ Rex ultima Julii
die fatis concessit,*

E L O G I U M.

QUæ Julii postrema dies est,
Hæc etiam Joanni V. suprema fuit;
Cum enim in augustum Deorum Concilium hinc esset migraturus,
Non alia debuit luce diem claudere,
Nisi illa,
Ex qua in Augustum proximus est aditus.
Qui nimirum dum vixit,
Julii virtutes non expleverat modò, sed superaverat,
Augusti primordia debuit saltem moriens illustrare.
Neque illustratum dubites ab eo Augustum;
Nam ubi primum Julium complevit Joannes,
Novum in Cœlo ignem Julio fidere illustriorem
Illicò recognovit Augustus.
Idcirco non alia, nisi *Ignis actio*
Joannem è terris in Cœlum transcripsit;
Quandoquidem illum è vivis excedentem recepit Ignatius.
Profectò in Cœlestem Jesu Societatem adsciscendus,
Non alium oportebat viæ ducem eligere,
Nisi illum,
Quem Jesu Societas ductorem in terris habuit.
Loyolæ Genti, dum vixit, cor dederat:
Debuit ergo & moriens in Loyolæ manus animam tradere.
Sic nimirum fata statuerant,
Ut Sextilis non esset innoxius Joanni V.
Quem ad hoc Lusitanis dederant,

Ut

Ut quinary ipsorum Stemmata, & nomine, & fastis consecraret suis.
 Hinc, quem per totum Quintilem incolumis incolumem tenuit Lusitania,
 Adveniente Sextili ereptum luxit, lugenda & ipsa.
 Nec valetudinis, nec vitæ periculum Joannes subiit,
 Dum intra quintam annorum decadem se continuit:
 Ubi sextam attigit, infirmavit,
 Ubi sextam consumavit, consumptus est.
 Non soli Romæ sua per Sextum perditio imminet;
 Sextum etiam ut sibi fatalem caveat Lusitania,
 Cujus quinary decus, Quinto extincto, salvum esse non potest.

Ejusdem.

Serenissimus D. D. Joannes V. Lusitaniae Rex fato proximus Beatissimæ Virginis Iconem annulo ditavit pretiosissimo,

ELOGIUM.

Siste Viator,
 Rectam huc declina,
 Quò te ducit manus Regia.
 Serenissimi D. D. Joannis Quinti nomine,
 Omne primi faustiori.
 Plura haberes in digitos mittenda,
 Si brevibus possent articulis complecti.
 Quod tamen omnia ex æquo superavit.
 Tibi liceat vel annulari digito demonstrare.

A' pue-

A' puero Deiparentis obsequentissimus,
 Postremo etiam vitæ curriculo servitutem annulo firmavit:

Obæratu ut foret animi pignus,

Auro celavit,

Æternum ut faceret,

Curvavit in circulum,

Et in ævum adamante firmavit pretiosissimo.

Longæ, si nescis, sunt Regibus manus:

Omnibus hic non impar, in hoc tantum visitur dissimilis,

Quod illius manus Cœlum pertingerent,

Mariam scilicet exornarent.

Ni velis,

Rectissimam offensum in Superos Januam gemma signasse,

Præsto ubi forent Cœlitum commercia,

Arctissimo amicitiae vinculo firmata.

Virginem dices malle sibi annulo desponsari;

Ne mireris

Faces prætenderet ignitus amor,

Cujus præ manibus erat signaculum:

Nec amoris haberet non plus ultra,

Qui abdicatis pereuntis vitæ exuviis,

Totum se contulit in æternitatem.

Nec aliquid mirabilius inde reperies,

Omnia sub hoc annuli delitescunt sigillo.

Ejusdem.

Auguf-

Augustissimus D. D. Joannes V. Portugalliae Rex, Sole in occasum vergente, felicissimè emoritur,

EPIGRAMMA.

Nescio, cum rutilo quæ Rex commercia Phœbo,
 Quod-ve Planetarum Principe fœdus habet.
 Nam dum Cœlesti Sol emicat axe, refulget
 Clarior ille solo: Sol cadit, ille cadit.
 Nunquid Lusitadum Rege emoriente, superstes
 Sol renuit nitidum continuare diem?
 Perdidit an Phœbus clarissima lumina, Rege
 Extincto, radios hauserat unde suos?

Ejusdem.

Aliud.

Sol caput abscondit: Regnator Maxime, noctis
 Velatur tenebris, te pereunte, polus.
 Ecce sepulchralis Cœlo tibi pompa paratur,
 En tibi structus adest exequalis honos:
 Stat modò pro tumulo noctis coopertus amiçtu
 Ipse polus; radiant sidera pro facibus.

Aliud.

Aliud.

Non apices, non regales mors dira Coronas,
 Non & honorandas est venerata comas.
 Omnes falce metit; mundum sibi duxerat agrum,
 Cuncta sibi ad falcem est non aliena seges.
 Attamen extimuit Lysium pertingere Regem,
 Et verita est tantum contemerare Caput.
 Non est ausa palam; stat inevitabile vulnus;
 Hoc parat ad tenebras insidiosa nefas.

Aliud.

Occiduis periit Lysiae Rex inclytus oris,
 Phœbus it occiduas præcipitatus aquas.
 Vel quoque de medio cecidisset in æquora Cælo,
 Si tunc per medium fortè teneret iter.
 Omni Lysiacus fuerat Rex lumine dignus,
 Mors agit, ablato lumine, dira scelus.
 Horruit hoc Phœbus, mœstis immergitur undis,
 Ne tantum aspiciat, lumine teste, nefas.

Aliud.

Senfit mœsta suum pereuntem Lysia Regem,
 Senferat & Phœbus, mergitur inde mari.
 Non aliter poterat tristes expromere sensus,
 Ni daret undanti lumina merfa freto.
 Ulla nec exanimi incendit funalia Regi,
 Accensas lachrymis obruit ille faces.
 In tenebras lucem vertit, pelagoque sepultus,
 Quas sæpe ex oculis verteret, haurit aquas.

Aliud.

Quam bene depictâ referet sub imagine Regem,
 Qui mundo Regum dat simulacra, typus!
 Nam pulchros mörum dat regia vita colores,
 Signant regales regia facta manus.
 Forma supercilium pulcherrima temperat, omnem
 Offert pacificam vultus amicus opem.
 Umbra deest, noctuque suas mors addidit umbras,
 Ut sit adumbrato regia forma typo.

*Aliud.**Aliud.*

Aliud.

P Hoebus ad Occasum fugit, & nigricantibus umbris
 Lyfiadûm tegitur Rege cadente Polus.
 Luctibus indulgent regalibus: ergo nitores
 Occulit ille, nigram vestit & iste togam.

*Joannes V. Serenissimus Portugalliæ
 Rex, Sole Leonem ingresso, è
 vivis excedit,*

EPIGRAMMA.

C Um supero niteant, Princeps, tot fidera tractu,
 Quid te flammivomus ducit in astra Leo?
 Si tibi præ reliquis placuit concordia, Cælo
 Te Gemini potiùs, congrua signa, darent.
 Nec minus astriferæ Justum decuere bilances,
 Ut Cælum, Astræâ deficiente, regas.
 Magnanimo, fatear, Nemees tibi consonat astrum,
 Ac titulo pariter nobiliore placet:
 Hoc amat hospitium sibi Sol, hoc fidere gaudet;
 Hæc daret hospitium, te veniente, *Domus.*

Ejusdem.

Aliud.

Quæ movet astriferum rabies vesana Leonem?
 Cur furit in sacrum bellua dira Caput?
 Viderat hæc Regem, gemini dum sustinet Orbis
 Pondus, & Herculeo nomine digna gerit:
 Inde, quod Alciden delusus imagine credit,
 Ardet in excidium Principis ire Leo.
 Vicerat Alcides monstrum: Rex vincitur astro:
 Nec minor hinc victo gloria, fama minor.
 Illa polum victo peperit victoria monstro;
 Promeritum Regi contulit ista polum.

Aliud.

Tempore, quo segetes sitiunt, quo torridus aer
 Æstuat, & sævit torvus in arva Leo:
 Hocce sepulchrales meruit Rex Magnus honores,
 Hoc superas adiit, morte ferente, plagas.
 Pacis amans, rabidas Monstri cum senserit iras,
 Sideris ut furias mitiget, astra petit.

Aliud.

DUm tibi, Lyfiadûm, Rex inclyte, lumina defunt,
 Cur Leo fidereus, cur tua buſta notat?
 An quia fatales modò, te pereunte, ruinæ
 Evenient; homines an quia bella prement?
 Nulla equidem, ut credo, niſi Regia ſtella Leonis
 Dignior ad Regis buſta notanda venit.

Aliud.

IRruerat ſolitis Phœbum ſuper æthera flammiſ
 Sævus, Olympiacâ qui micat arce, Leo;
 Lyſia cum Regem fatiſ ſibi luget ademptum,
 Dignum Neſtoreos vivere poſſe dieſ;
 Forſitan Herculeum putat exantlaſſe laborem,
 Altius emiſſiſ in ſua damna rogiſ.
 Nobiliora tamen fiunt diſpendia lucro,
 Præda hæc præ cunctiſ ditior una fuit.
 Luſiadum eyincunt virtutum lumina Phœbum,
 Viribuſ Alcideſ nec ſine Marte fuit.
 Quanta hinc aſſurget duplici fera robore, tractu
 Lumina fidereo ſplendidiora dabit.
 Utrumque inſiluit Regiſ ſub funere, robur
 Firmiuſ, & lumen clariuſ Orbe rapit.

Augustissimus D. D. Joannes V. Portugalliae Rex obiit die S. Ignatio de Loyola consecrato,

EPIGRAMMA.

Illa dies Regem calcandis intulit astris,
 Qua sacra Ignifero fumigat ara Duci.
 Lysia, quid ploras, dum Cœlum exultat? Olympus
 Festivo Regem suscipit Igne tuum.

Ejusdem.

Aliud.

Inclute Rex, tibi non deerit conductor in astra,
 Dum sub Loyolæ numine fata subis.
 Euge! hunc Luciferum (flammatum consule nomen)
 Constituunt Superi, qui tibi monstret iter.

Augustissimus D. D. Joannes V. Lusitaniae Rex postremo vitae curriculo Beatissimae Virginis Iconem annulo ditavit pretiosissimo,

EPIGRAMMA.

Cernis, ut effictam ditat modò Virginis umbram
Annulus Austriacâ Regius antè manu?
Expressum hic voluit (quis enim celavit amorem!)
Quantum in commisso munere pectus alit.
Haud aliud poterat signari firmus in ævum.
Annulus æterni pignus amoris erit.

Ejusdem.

Hora septima post Solis Occasum fato concessit,

EPIGRAMMA.

Septima, quæ vitreâ Phœbum tumulaverat urnâ,
Extremam clausit Principis hora diem.
Clausit, & extincto dum facta est meta laborum,
Dat placido requiem, datque quiete frui.
Ultima mortales requies æquare videtur;
Joannem excelso contulit ista Deo.
Septima namque Deo tulerat lux antè quietem,
Quam Regi numero par simul hora tulit.

Ejusdem.

No-

Nocte animam exhalat,

EPIGRAMMA.

Abstulit (heu!) nobis Regem Libitina Joannem,
 Cum vaga terrestres texerat umbra plagas.
 Tanto equidem invidit Lysis pro Principe terris,
 Quem sibi regnantem vellet habere Polus.
 Inde inquit: melius superas revocandus in oras,
 Qui Superum impensus cultibus usque fuit.
 Illi, quæ meruit, Cœlestia Regna patescunt,
 Obstat at huic precibus nunc popularis amor.
 Ergo dolo superest modò res peragenda: ministram,
 Ut solet, in facinus mors habet apta manum.
 Adstat ad obsequium Cœli Libitina, sed iras
 Lysiadum metuens, conscia furta parat.
 Tempora quapropter vestigans nota rapinis,
 Et Regem, & populi gaudia nocte rapit.

Ejusdem.

Augustissimus D. D. Joannes V. Lusitaniae Rex dum Olyssiponem uberrimo aquarum flumine secundat, extremum diem obiit,

EPIGRAMMA.

HÆc, quæ marmoreis deducta canalibus unda
Inter Ulyssæos defluit alma sinus;
In tua continuo curret præconia plausu,
Rex oh! cui superas fas jubet ire plagas.
Sors tibi festinos properavit in astra recessus,
Hæc nostram absentis nunc levat unda sitim.
Frustra alio expeteres monumentum effingere, saxo
Firmius, hisce tamen clarius iret aquis.

Ejusdem.

*Serenissimo D. D. Joanni V. pacis
Conciliatori,*

EPIGRAMMA.

VIxi iniit Regale decus, populisque Joannes
Jura dedit, subito pax subit, arma cadunt.
Purpura non humeros illi rubefacta cruore,
Sceptra nec ornarunt sanguinolenta manus.
Lactea (crediderim) facta est ad sidera, quando
Sanguineâ ad Superos respuit ire viâ.

Ejusdem.

*Ad Serenissimum Lusitaniæ Regem D.
D. Joannem V. qui egregium Mafrae
Templum extruxit, obeuntem,*

EPIGRAMMA.

IMpenfis, Rex Magne, tuis superavit Olympum
Mafra, humilis quondam, nunc super astra sedens.
Si post facta Deo tot munera funere pressus
Emoreris, credo, sidera summa petes.
Per quas ad Coelum poteris conscendere, turres
Astris contiguas ardua Mafra dabit.

Ejusdem.

Aliud.

CUlmine marmoreo si Mafra superbit in altum
Sic elata opibus, Rex opulente, tuis;
Deficient nunquam lachrymæ, testesque doloris
Plorantes vitæ fata suprema tuæ.
Nam Mafrae affiduis sudantia marmora guttis
Authorem flebunt occubuisse suum.

*De magnificentissimo, mirabilisque stru-
cturae cenotaphio in Cathedrali Ba-
hiensis Civitatis Ecclesia pro Sere-
nissimi Regis exequiis celebrandis
erecto,*

EPIGRAMMA.

Quam sidereo confurgit machina circo
Æmula, Cœlestes circumimitata faces!
Septena Augusto superat miracula fastu:
Naturæ credas vincere, & artis opes.
Quid, quod Olympiacas summo petit ardua sedes
Culmine, quod visa est condere in astra caput,
An, quod Regales sibi conscia adumbrat honores,
(Hac Regni inferias Brasila terra parat)
Se super & terras elatâ mole superbit,
Gaudet & æthereas vertice adire plagas
Urna-vè quod tanti nec Regis funera, magnos
Nec caperet cineres, hæc nisi tanta foret
Crederem ab extincto patitur vim Cœlica Rege
Aula, tot è meritis dum subit ille polim.
Hinc, superimpositis ut Phlegræ in valle Gigantes
Pugnarunt superas montibus ire domos;
Sic oppugnanti Cœlestia Regna Joanni,
Moles hæc facilem sternit in astra viam.

Ejusdem.

*Ad tumulum D. D. Joannis V. cui
Brasilia sine cineribus parentat,*

EPIGRAMMA.

QUæ nova confurgit, sublataque in aëre pendet
Machina, palmare est testificata nefas.
Et licet extinctum testetur pendula Regem;
Conscia nullius corporis illa fuit.
Non vacua inde tamen, quamvis sit corporis expers,
Pondere quæ tanti plena doloris erat.

Ejusdem.

*Occidenti Soli Augustissimo Regi
Joanni V.*

EPITAPHIUM.

HIC modò Persephones cecidit qui falce Planeta,
Re Quartus, tantum nomine Quintus erat.
Immensam capiant quæ mausolæa ruinam!
Marmoribus fuerit nec Pharos una satis.
Junge novum antiquo jurato fœdere mundum,
Urna brevis cineri mundus uterque foret.
Pro tumulo undenos Cœli sibi vindicat orbis,
Nullo alio capitur tanta ruina loco.
Sole minor tellus, si dogmata vera Mathesis.
Sol nequit hinc terra sub breviora tegi.

Ejusdem.

*Joanni V. Serenissimo Portugal-
liæ Regi,*

A L I U D.

HOc jacet in tumulo, geminum qui rexerat Orbem:
Plurima quem coluit, paucula terra tegit.
Quisquis ades tumulo, referas bona verba, Viator:
Neu tamen hæc addas: *Sit tibi terra levis.*
Nulla gravis Regi fuerit post funera tellus,
Orbis qui gemini pondera gessit Atlas.

Ejusdem.

*Depingitur Sol ventis undique perflan-
tibus minimè obscuratus,*

Joanni sub Lemmate:

NEQUIT VIS CONJURATA NOCERE.

*Augustissimus, ac Serenissimus Rex,
dum universa penè Europa diutur-
no bellorum laboraret incendio, nus-
quam interturbatae pacis beneficio
Regnum moderatur,*

EPIGRAMMA.

Conspicis, adversas utroque ex cardine vires
Ut Cælo Boreas exerat, utque Notus?
Inde solumque, salumque obvolvitur: æthere Solis
Nec tamen obscuras videris esse faces.
Haud secus Europam Mavors quatit undique: fluctus
Ire iterum in rapidos creditur illa maris.
Bella tot insurgunt, pelago quot commovet undas,
Turbatas Nereus cum fremit inter aquas.
Conjurata nequit vis illa nocere Joanni;
Qui tantum haud repulit Marte, sed arte malum:
Prælia nec tanto populos sub Numine, campos
Tot nec turbarunt, Lyfia terra, tuos.
Viderat errantem toto Rex inclytus Orbe
Pacem, belligeræ dum furit ira Dææ.
Huic stabilem, terras neu deserat illa ruentes,
In Regnis sedem condidit ipse suis.

Ejusdem.

De-

*Depingitur Sol ortu nebulas resolvens,
sub Lemmate:*

OBSTANTIA VINCIT.

*Augustissimus, ac Serenissimus Portu-
galliae Rex Joannes V. ut Regnum
primò obtinuit, omnes bellorum
motus penitus avertit,*

EPIGRAMMA.

Videris obductum inter caligantia Coelum
Nubila, dum Solis delituere faces:
Hæc tamen exoriens radiis *obstantia vincit*,
Vix Orbe optatum propalat ille diem.
Lyfia belligeros jam dudum experta tumultus,
Vifa fuit pacis rumpere velle moras:
At sibi regna tenens, *obstantia* bella Joannes
Expulit, & placidos mox dedit ire dies.
Sol erat hic: belli quid ni tot nubila terris,
Queis illuxisset, pulverulenta fuget?
Ut qui pro telis radiorum spicula, Regnis
Horrida non movit castra, sed astra suis.

Ejusdem.

D. D. Joannem V. Serenissimum Lusitaniae Regem, è vivis sublatum epico Epicedio deplorat Brasilia,

INtima vesani qui viscera nostra tumultus
 Sollicitant? Horror quisnam præcordia turbat?
 Abstrusos in frustra sinus hinc, inde resolvi
 Sentio: centralis discrimina certa ruinæ
 Nutantes signant demisso vertice montes.
 Nonne ego Caucaeis intexta Brasilia dorfis,
 Plena metalliferis induro pectora crustis,
 Et latè ingenito prægnans adamante rigesco?
 Qualiter inductis penetralia nostra fatiscunt
 Deliquis, gelidumque omni cor parte liquatur?
 Præscidit ah capiti vitæ filamina nostro
 Diva ferox: diro quæ causa petenda dolori
 Altior? Occiduis hic nos transverberat ictus
 Visceribus, tantoque liquat præcordia luctu.
 Non ita nos rigidi vectes, validique ligones
 Dilacerant, dites latebras dum perforat auri
 Sacra fames, quam cum Parcalis Regia forfex
 Stamina subsecuit: sub eodem vulnere tractus
 Tabescunt nostri, proprioque labore gemiscunt.
 Hinc Americanis jam non speciosa talentis,
 Et gemmis, Europa, vales: in sæcula pauper
 Africa sordebis: jam vestra in commoda nullas
 Concipiam gazas: fato commota maligno
 Venturos alvus miserum sterilefcit in annos.
 Quin etiam cultus hinc indignata decoros,
 Fortunam concors habitu testabor iniquam.
 Ite adamantæi, frontis redimicula, flores,
 Auribus hærentes gemmæ, armillæque lacertis
 Milleno implexæ gyro: procul ite nitenti

E collo torques: digitis procul ite smaragdi.
 Non hæc lugubrem, semoto & sine gementem
 Ornamenta decent: tanti quæ Principis exfors
 Perstat, in ignoto jacet obvelanda recessu.
 Heroæ cecidere manus, quarum altera pœnis
 Æqua, superfufis excrevit prodiga donis
 Altera, complexu nos utraque preffit amico.
 Heu miseram! non auro pallida, livida curis
 Anxior, agnatis non clareo fulgida gemmis,
 Sed lacrymis suffusa genas: suspiria rumpant
 Compages, summumque vale super æthera mittant.

Ejusdem.

D. D. Joannes V. Serenissimus Lusitaniae Rex, Sole Leonis signum percurrente, diem obiit,

O D A.

Retrò citatos quadrijuges move
 Titan, vel atro tegmine fervidam
 Obnube frontem, quàm pudendo
 Flagitio maculata fordet!
 Fulvo Leoni nonnè propinquior
 Axes rotabas, sceptrigero necem
 Influxit eheu dum Joanni
 Fatifero truculentus ungue.

Y

Per

Per te scelesto cur licuit nefas
 Immane? Nunquam terrigenis mala
 Tot perpetravit, sub nigrantem.
 E' superis removendus Orcum.
 Tantum maligno dente Canicula
 Non ausa crimen: cornua non minax
 Taurus retorfit: nec venenum
 Exercuit Nepa dira: solus
 Ferocienti pectore sæviit
 Leo, polari sede nefandior,
 Quàm cum expaventem polluebat
 Irriguo Nemeen cruore.
 Sed fallor: atrox non furor exciit
 Leonis unguem; Lysiadùm invidens
 Astro ferarum ille imperator,
 In propriam rapuit Coronam.
 Laudo rapinam. Quid gemitus tamen
 Nostros levabit? Lætius emicat
 Cælum, sed umbris opacat
 Nox Lysios tenebrosa tractus.

Ejusdem.

*In obitu D. D. Joannis V. Serenissimi
 Lusitaniæ Regis lamentatur Religio.*

O D A.

Æ Ra dum rauco sonitu Joannem
 Clamitant, pleni tonitrus metalli
 Personant, has Religio querelas
 Altiùs edit.

Lysiaë

Lysiae gentis Decus, heu! supremam
 Jam diem clausit. Fluviale currat
 Fletuum torrens, lachrymosa plantas
 Irriget unda.

Plena quas auro manus excitavit
 Arduæ moles tremulis queruntur
 Nutibus, dignis petreae fatiscunt
 Luctibus aræ.

Cerno Masrenses titubasse tures,
 Regiæ cerno tremuisse Fani
 Tecta, Loyolæ quatiuntur ædes
 Orbe in utroque.

Cuncta, quæ Cœli spatiis propinquant
 Tempa, Cœlestes feriunt colonos
 Quæstibus, rapto sibi super astra
 Celsa Patrono.

Inde quis nostros iterare cultus
 Curet? Assuetis viduata donis
 Pompa decrescet: meritosque solvet
 Nullus honores.

Absit oh! Sedes quoniam in supernas
 Tempa tot scalam tibi, Rex, dedere,
 Cæpta in æternum vigil e polari
 Culmine ferva.

Ejusdem.

*D. D. Joannem V. Serenissimum Lusitaniae Regem Elogo epicedio plangit
 Bahia.*

E Heu Joannis trudit Libitina coronam!
 (Aureus & finem circulus ille capit)
 Dira coronatos secuit quæ dextera crines,
 Hoc in Brasilicum sæviit illa caput.

Deferuit proprius dum Regia tempora fulgor,
 Donatum amisi fronte Bahia jubar.
 Prociduo excelsæ decumbite vertice tures,
 Dum jacet adverso Numine vester apex.
 Luctibus ast impar cognata suburbia jungo,
 Undique plancturæ confluat imber aquæ.
 Quæ modò canniferas jactabant jugera valles,
 Submersa undosis flectibus usque gemant.
 Quæ stipulis tellus nuper turgebat opimis,
 In spinas, queruli tela doloris, eat.
 Ne coëant in plaustra boves, armenta boatus
 Isthinc in tristes ire soluta decet.
 Apta moletrinæ neque machina proderit: axis
 Fatali penitus pondere pressus erit:
 Fortunæ excelsum dum sustulit orbita Regem,
 Quid præter pœnas motus in orbe rotat?
 Volvendisque rotis unde amnis profluet? Omnis
 Agricolûm in lachrymas flebilis humor abit.
 Quin etiam arentes calami dulcedine nullâ
 Stillant: liventes solus amaror habet.
 Ergò stupefcentes demum consistite moles,
 Unde malo dulcis nulla medella fluit.
 Quamquam etenim solito cellaria melle liquerent,
 Pectoreo felli dolia pauca forent.
 Sacchareum quidquid prætendant horrea, acerbat
 Pulvereus, nobis quem tegit urna, cinis.
 Nostras inde cedros nil dulce onerabit, amarum
 Mittere cor nunquam dulcia dona valet.
 Devehet Europe nigricantia ligna, cupressos
 Ut referat: mercem hanc tempora mæsta petunt.
 Fumosos-vè dabo miserâ pro sorte maniplos,
 Talia qui foliis verbula scripta dabunt.
 Ni ligna, & frondes, nil celsa Bahia remittit,
 Tellus dulcifluis foetibus orba riget.
 Tanto succumbens fato non inde Bahia
 Surget, mærorum fluctuat ægra, sinus.

Ejusdem.

D. D. Joannis V. Serenissimi Lusitaniae Regis,

EPITAPHIUM.

Lysiacus Salomon tacet hic: tamen obstupet Orbis:
Et nunc spiranti Pallade, vita sonat.

Ejusdem.

*D. D. Joanni V. Serenissimo Lusitaniae
Regi fatis concedenti,*

SEPULCHRALE ELOGIUM.

PLangite quaternæ Mundi Partes
Catastrophen universali lachrymarum diluvio proluendam:
En pauxillæ terræ subjacet ille
Cui tota terra nuper subjacuit.
In pace jam quiescit Moderator ille,
Qui ex folio regnandi Cathedram faciens,
Reges alios admiratione ab armis suspendit,
Et inconcussæ pacis author Regnum absque erratis compositum exhibuit.
Romæ non invidit Numam Ulyssippo,
Dum Pacale Numen in Joanne sortita est.
Illum Sapia, & Pax Palladium fecit animatum:
Non solâ tamen olivâ coronatus eluxit,

Illus-

Illustriorum virtutum flores Regiæ intexuit clamydi.
 Religio eò illi intensior, quò ab illo extensior accrevit.
 Ab extremis terræ finibus extremam se prædicans in Propagatore,
 Cujus animus cum Jesuadis Legatis sese è Patria exterminabat.
 Sacramentalem Panem insatiabiliter veneratus est,
 Perennique laudi ab eo exposita Eucharistia
 Mutum laudabilioris Pietatis præconium fuit.
 Solemni verò pompa per totius Regni plateas procedens
 Triumphantem vel è Christianioribus Sceptris Joannis Fidem proclamabat.
 Tanto cultu Cælicolas evexit,
 Ut illis Cœlestes ferè mansiones erexerit.
 Id clamanti fatetur voce increatæ veritatis Index maior.
 Cui integrum ex jaspide Sacellum Romæ Ulyssipponem contulit
 Cliens integerrimus:
 Ut obsequio de longe pretium accumularet,
 Mundi Caput sollicitus consuluit.
 Masrensem molem ad Cælum usque fastigians,
 Affisiatem Seraphim pro animi sui celsitudine locupletavit.
 Ignatianas Domos utroque in Orbe & fundavit, & adauxit:
 Augusta devotio ad unam tantum plagam coarctari non potuit.
 Gratiudo generosior, & liberalitas profusior
 Non semel vel in Summum Pastorem amicè conjurantes,
 Summum apicem attigerunt.
 Patriarchalis Sedis opificio, ac instituto quænam suppar munificentia?
 Nec Romanæ cedit sublimitati:
 In solo Joannis brachio affinem sibi mensuram offendit
 Suprema Metropolis.
 Corporali quoque Civium suorum refrigerio inhians,
 In perennantes delicias Aquas Bellas in Urbem avocavit.
 Sic in muros arcuatim constructos imbibitâ aquarum vi
 Urbana pectora clarissimè devicit.
 Verumtamen
 Proh fatum ineluctabile, sed præproperum!
 Diadematum hoc facinorum Exemplar
 Nostis ex oculis rapuit Cælum,
 Prægrandem illius animam fidereis oculis propiùs inspecturum.
 Illi finalis fuit Julii dies ultima,
 Terrestri Orbi quàm fatalis!

Cum mensi nostra per damna apprimè fuerit honorificus.
Haectenus à pagano Imperatore nomenclaturam habebat Julius.

Hinc ab urbanissimo Dominatore titulum habebit.

Haectenus ordine tantummodo Quintilis appellabatur,

Hinc à Joanne Quinto dignitate Quintilis appellabitur.

Donec tamen mensis de supremo hoc suo honore sibi plaudet,

Dolore in partes divisus universus terræ Orbis

Exultationis suæ finem (si valeat)

In integrum plangat.

Ejusdem.

*Fidelissimus , ac Potentissimus D. D.
Joannes V. Lusitaniae Rex fato
concessit ,*

ELOGIUM SEPULCHRALE.

CAve hic sistas, Viator,
Quis enim tutò stabit,
Ubi Regia cadit Potestas?
Quis citra periculum, vel timorem sistet,
Ubi nec Majestati parcitur?
Quis tandem morabitur lubens,
Ubi communem ruinam lugens mirabitur?
Ast quò fugias non est;
Ubique sequitur fatalis necessitas:
Si tamen aliquò fugiendum,
Huc accede,
Tutus enim est locus post peractam ruinam.

Sexum

Saxum parumper inspice ;
 Quod si lachrymis mollire potes,
 Melius erit, si mollius fiat,
 Eò minus durum, quò minus durum,
 Ne duritie premat Delicias populi,

Id est,

FIDELISSIMUM, AC POTENTISSIMUM
 D. D. JOANNEM V. LUSITANÆ REGEM
 AD SUPEROS EREPTUM.

Saxum iterum inspice,
 Quod si monumentum dicas,
 Non erras,

Monumentum fanè,
 Quod nostram suscitatur *recordationem.*

Si deplorato Regi
 Adhuc te Clientem jurare velis,
 Ad saxum hoc accede,

Atheniensium ritu,

Quibus

Ad saxum quoddam jusjurandum
 Præstare solemne erat.

Si te venale mancipium
 Sublatæ Majestati velis proclamare,
 Ad lapidem hunc propera,

Romanorum more;

In quibus venalia mancipia Præcones à lapide proclamabant.

Nec erubescas,

Si pro tanti Regis amore fias de lapide emptus.

Si Regem extinctum, & ideò perditum

Adhuc præ desiderio velis invenire,

Ad hunc lapidem accede;

Ne quærendo ubique erres.

Sic Hierosolimis lapis erat *Errantium* dictus,

Ad quem sese conferre assueverant,

Qui aliquid perdiderant, vel invenerant,

Ut inventa, vel perditâ proclamarent.

Si tandem pro emortuo Rege

Aliquod velis sacrificium agere,

Laurent. Beyer-
 link in Theatr.
 Vit. Hum. tom.
 4. verb. *Lapis.*

Beyerl. *ibid.*

Beyerl. *ibi.*

Hoc saxum habes,
 Cui imponas.
 Si præconia, & laudes quæras,
 Quibus Regis extollas probitatem,
 Quin consulatur *Alapide*,
 A' lapide hoc ubertim colliges,
 Qui licet elinguis,
 Erigi tamen *in titulum* potest,
 In quo leges
 Fidelissimum legis Athletam, & Atlantem,
 Cujus extinctum corpus
 Non cernunt oculi,
 Quia occulit lapis, sub quo tegitur.
 Sed mirum Clientibus solamen!
 Rex nobis ereptus, & tumultatus,
 Adhuc procul non est:
 Nam
 Sub hoc etiam delitescens saxo,
 Ne uno quidem *Lapide* à Regno distat.
 Nec ideo tamen
 Fidelissimi Regis catastrophe
 Non est tibi non dolenda,
 Nec erit temporis injuriâ delenda.
 Si tibi ad instar saxi riget cor,
 Ab hoc saxo disces lachrymari;
 Ab eo enim guttulas emendicabis:
 Si tibi friget pectus,
 Saxum præstabit incendium:
 Quod si ferias, ignem dabit,
 Vel quia Regis amore etiam concaluit;
 Vel si qua Regi holocausta solvenda sunt,
 Ignem in venis abstrusum
 Officiosè subministrat.
 Hoc unum saxum supererat Regi,
 Qui omnem lapidem movebat,
 Ut sacras *Ædes* ditaret omni lapide pretioso.
 Proculdubio
 Inter tot lapides in *Templa* erectos

Unionem cum Superis haberet.
 Nunc etiam pacatæ similis est columbæ,
 Quæ *in foraminibus petræ* nidulatur.
 En saxum,
 Cujus pondus, si ad trutinam revocetur,
 Non à gravitate, sed à nobilitate petendum est:
 Nec ideo nobile, quia grave,
 Sed quia Majestatem nobiliter thesaurizat:
 Non enim leviter peccaret in gravitate,
 Si Regem, *cui terram* precamur *levem*,
 Graviter opprimeret.
 Saxum hoc
 Lapidem non abs re existimabis *limitarem*,
 Quippe *terminum* vitæ designat.
 Si *metam* dicas,
 Ab *scopo* non aberras,
 Meta equidem est,
 Ultra quam vitæ non licet excurrere.
 Sunt qui vitam pelago affimilent,
 Ubi si quis ad saxum incidat,
 Naufragium facit:
 Id vita cum pelago commune habet,
 Quod in utroque saxum portendit ruinam:
 Tanta verò adhuc sub saxo non latet ruina.
 Noctu obiit Rex,
 Ut videatur diu abire, non obire diem:
 Seu potius mors
 Læsæ Majestatis crimen luce palam patrare
 Vel timuit, vel erubuit:
 In tenebris audaciùs patrantur scelera.
 Meo sanè iudicio
 Ad Regis occasum Cœlestes ingemuerunt spheræ;
 Cœlum enim,
 Solari amisso splendore,
 Nigro noctis velo,
 Atrato tenebrarum populo
 Veluti doloris indumento,
 Luctuosum funeri interfuit.

Enim verò
 Si rem exactiori pensites iudicio,
 Non aliud opportunius tempus inuenies,
 Quo in Domino obdormiret,
 Præter noctem;
 Nec proinde Regem abnuas in primis vigilantem,
 Quamvis *primâ* obdormierit *Vigiliâ*.
 Desideratissimum Regem,
 Et immortalis in terris vitâ dignissimum,
 Æquum erat perire nocte,
 Ut nobis *ante diem ereptum* credant Posterî:
 Vix enim crederetur mortalis,
 Nisi diem finiret.
 Tot tamen scintillantibus stellis,
 Stellaturam non tutò parat mors:
 Ita tamen Divina iussit Providentia,
 Ne fortunatus Rex sine fiderè occumberet;
 Qui olim
 Infantulum Jesum in cunis recumbentem
 Aurèâ stellâ Romam missâ
 Munificentissime donavit.
 En debitum solutum;
 Regale stellæ donum centuplò solvit Deus:
 Tribus olim Regibus stella illuxit in Oriente,
 Huic omnes in Occasû:
 Magos Reges stellæ dono antecellere visus est;
 Illis Jesum visuris stellam ducem dedit Deus:
 Huic, quia exorto Puerò stellam obtulit,
 Omnes Cœli stellas elargitur Numen.
 Illos in Bethlehem duxit stella,
 Hunc in Cœlestem Hierusalem omnia ducunt sidera:
 Quidni etiam stella Romam missa
 In Cœleste duceret *Capitolium*?
 Si tamen ab aliquo fiderè,
 Ut nonnullis placet,
 Rerum pendent eventus,
 Ab eoque vitæ periodus petenda est;
 Quamnam felicitatem pollicetur

Aureum sidus?

Hinc si quæras,
Quisnam Regum cæteros magis antecellat,
Facile tibi sistitur,
Qui *Magis* præstet.

Reliquos adeò antecellit Reges,
Ut nec manu locupleti scribere auderet,
Nec carminibus digne commendaret *Stella*.

Stella Poeta de
quo Martia.lib.
5. Ep. XI.

Satis est,
Tot micantibus stellis, Regem ad Superos ductum;
Cui pro meritis *Stella ex Jacob*,
Nec tantum *Pollux*, sed *Polus*
Pro tanto fidere in æternum illucescent.

Nisi tandem velis
Regem noctu occubuisse
Aliquam morti injuriam illaturum:
Quasi mortis nomen vellet obliterare:
Solemus enim stellulas nominibus præfigere,

Vide Calep.ibi.

Quæ vel reprobare,
Vel eorum usum delere curamus,
Ea in corrupta vocabula relegantes:
Sic inter tot stellas occubuit Rex,
Ne deessent stellulæ,
Quæ mortis nomini ut damnato præfigerentur;
Quippe quæ

In Regem ausa est
Qui in Superos amore adeò æstuabat,
Ut nominis ordine *Quintus*,
Quinta Zona cæteris ardentior videretur.

Ovid.Metam.I.
Quinta est ar-
dentior illis.

Maiores olim per has literas *J. V.*

Bened.Per.lit.J.

Justum virum intelligebant.
Lege Joannem *V*,
Et si per literas initiales eum velis designare,
Etiam *Justum virum* designabis.

Defideratur tandem,
Adhuc tamen ejus liberalitas non extinguitur:
Plura fecit, quæ magnificentiam notant:
Se munificum exhibuit Cænobiis,

Se nobis magnificum dedit :
 Ultra mortem excrevit liberalitas ,
 Quòd si res maturius libretur ,
 Mortuus maiora reliquit ,
 Scilicet ,
 Populo Filium ,
 Filio Regnum ,
 Regno desiderium sui .
 Pertimesce , viator ,
 Omnia perditum iri necesse est ,
 Ne saxo quidem credas ,
 Intra quod in tuto esse non poteris ,
 Nam
Mors etiam saxi venit.

Ex Poeta.

*Mors etiam saxi
 venit, nominibusque
 venit.*

O. D. C.

Emmanuel Ferreira Neves,
 In Facultate Artium Magister.

Morbus, quo Fidelissimus, ac Potentissimus D. Joannes V. Lusitaniae Rex tandem occubuit, sinistrum latus, ac brachium, dextero interim illeso, diuturno insectatur cruciatu,

EPIGRAMMA.

QUæ celsas Regum turres, inopumque tabernas
 Mors humiles æquo pulsat avara pede,
 Falcem acuit, Lusumque petit temeraria Regem,
 Scilicet in Reges jus habet illa suum.
 Cauta sed invadit, lævumque cruenta lacertum
 Lædit, & in tanto visa sinistra malo.
 Non est ausa quidem dextram tentare; sinistram,
 Cui minor est virtus, concutit illa prius.
 Sic superest Regi vix sola in prælia dextra;
 En dolus, hæc mens est insidiosa necis.
 Nam si mors ambo tentaret brachia, vincens
 Vix unum, serò vinceret illa duo.

Ejusdem.

Circa idem,

EPIGRAMMA.

IRruit in Lufum temerè mors improba Regem,
 Et lævum primò vulnerat ense latus.
 Protinus exanimis læfo fit læva lacerto,
 Apta nec est clypeo debilis illa fuo.
 Dextra tamen fupereft; (tanta eft reverentia dextræ!)
 Sola nec illato vulnere fefsa cadit.
 Morsne timet firmo venerandam robore dextram?
 Sed fortaffe necem quis timuiſſe putet?
 Hæc fovet optatam Regalis dextera pacem,
 In quam non parcas sæpe profudit opes:
 Lethali mors hanc bello vexare recufat,
 Quæ nuſquam in populos fumpferit arma, manum.

Ejuſdem.

Circa idem,

EPIGRAMMA.

IMproba lethali, quæ cunctos conficit ictu,
 Lyfiadûm Regem mors truculenta petit.
 Sed priùs in lævum furit imperioſa lacertum,
 Vulnere nec læſa eſt Regia dextera fuo.
 Cur tamen evaſit lethale hæc dextera vulnus?
 Annè aliquod tacitum cum nece fœdus habet?
 Cur, quæſo, lævam invadit, dextræque pepercit?
 Sed Regi mors eſt officioſa pio.
 Dignus hic eſt, inquit, qui *dextrâ computet annos*:
 Pro meritis faltem falva fit illa manus.

Ejuſdem.

Cir-

Circa idem,

EPIGRAMMA.

QUæ sceptrum baculo non devitanda supremum
 Mors æquat, cunctos in sua jura vocans,
 Invida Lyfiadûm tentat prosternere Regem,
 Sed lævum morbo concutit ante latus.
 Læva fatigatur quassata, superstitè dextrâ,
 Quæ miseris largâ subveniebat ope.
 Larga quidem manus est, aurum quæ fundit in Iros,
 Et mors dicta alio nomine *Parca* fuit.
 Utraque si certet, quænam victura duellum est?
 Plusquàm *Parca* potest, credite, *larga* manus.

Aliud.

QUàm priùs optatum lethali vulnere Regem
 Opprimat, in lævam mors furit atra manum.
 Cur dextram fugiat, quæris, feriatque sinistram?
 Hæc magis infirma est, fortior illa manus.

Ejusdem.

*Serenissimo D.D. Joanni V. Portugalliae
Regi quatuor terrarum Orbis partes
suspiratissime parentant.*

EPIGRAMMA.

CUm tibi Parca metit vitæ, Rex inclyte, filum:
Par est, in lacrymas totus ut Orbis eat.
Quæ genuit te læta, gemit, ferit æthera planctu
Europa, & busto regia justa parat.
Deseruit Taurum: fletus latura perennes,
Heu! quod aquas Signum fundit, avara petit.
Africa regalem deponens mœsta coronam,
Vel tibi Joannes, vel tibi nemo, refert.
Prægravis immunem te non finit, Asia, mœror;
Eclipsim hæc Lunæ fata dedere tuæ.
Pressa gravi gemitu mutescit America; tanto
Rege cadente, loqui non finit ora dolor.
Omnia damna ferunt: partes flent quatuor Orbis;
Non tamen, ut fas est, te pereunte dolent.
Dùm moreris, patitur jacturam mundus ut *Octo*;
Quatuor hanc partes non bene flere valent.

Emmanuel Pereira do Lago,

In Facultate Artium Magister.

Nocte emoritur.

EPIGRAMMA.

DUm nox atra polum mœstis amplectitur alis,
 Proh scelus! in Regem spicula Parca vibrat.
 Cauta sibi populos Regis formidat amantes;
 Ne frustrent, Regem ceû latro nocte rapit.

*Serenissimi D. D. Joannis V. Portugal-
 liæ Regis Tumulo præfigendum*

EPITAPHIUM.

Non hac Joannes, Pietas tumulatur in urna,
 Qua nulla in miseros maior in Orbe fuit.
 Hic immensus Amor, Valor hinc immensus, & omnes
 Quas debet dotes Numen habere, jacent.
 Munera si tumulus Numen reddentia condit,
 Non hæc Joannem, sed tenet Urna Deum.

Ejusdem.

*D. D. Joanni V. Fidelissimo Regi
fatis concedenti,*

E L E G I A.

Siste hîc, spectator, paulisper siste, viator,
Te nunc invito plangere, flere citò.
Nunc tibi mirari liceat, pariterque morari,
Ut plorare queas, nec modò lætus eas.
Ima dolor cordis tangit, violentus & angit,
Nulli vim placat, nemo dolore vacat.
Gloria Lusorum, decus immortale virorum
Busti in sede jacet: quid, nisi flere, placet?
En jacet extinctus Joannes nomine Quintus;
Hunc dum Parca necat, regia fila secat:
Olim Rex fortis, spoliū miserabile mortis
Nunc est; splendor abest, solus & horror adest!
Causa erat horroris, tristis nunc causa doloris,
Et causa est fletûs, qui fuit usque metûs.
Cui contracta ædes, cui Lysia parvula sedes,
Claudit & urna levis, servat & urna brevis.
Jam non est lauro sedes redimita, nec auro,
Regis nam summi gloria serpit humi.
Urnæ fit stemma istud deplorabile lemma:
Vix ventus, fumus, pulvis, & umbra fumus.
Infelix, oh Parca fuit, quo jure Monarcha
Sævitiæ scopus? heu impietatis opus!
Sternere cur audes Regem? Cur, impia, gaudes?
Improbat hoc tellus exitiale scelus.
Me nosce invitam, & Joannis scindere vitam
Veni corde dolens, ausa venire solens.

Sæpe recusavi, Regemque ferire putavi
 Jussa, sed in vanum, sustinuique manum.
 Instare æternum, decretum urgere supernum
 Ut tandem vidi, regia fila scidi.
 Eheu! Parca, veni, cunctos abscinde bipenni,
 Quæ Caput ense ferit, subdita membra terit.
 Unum sit cunctis funus, sitque exitus unus,
 Nullus morte cavet, vivere nullus avet.
 Plangere quid glisco? quid deplorando fatisco?
 Quò plorando feror, cur lacrymando queror?
 Lysia, quid ploras? luctuque, Bahia, laboras?
 Mors ad celsa rapit, quem male terra capit.
 Vita fuit laudanda, foret quare illa locanda
 Astris, sub tuto perpetuanda, puto.
 Quærat jure polum, Sedes sint sidera solùm,
 Nunc sua sceptrâ novans regia, regnat ovans.
 Æterno Princeps cum Principe, credo, deinceps
 Tutus regnabit, jura per æva dabit.
 Jam non vincendus, nec mortis falce premendus
 Vivet, erit finis libera vita minis.
 In melius sortem mutari, vincere mortem
 Sic moriendo patet, fors neque tanta latet.
 Proh dolor! heu! quantum tibi crescit gloria, tantum
 Corda ærumna ligat, fletus & ora rigat.
 Gloria, Joannes, tua reddit gloria inanes
 Nos, via læta tibi, causa doloris ibi.
 Quis nunc tutamen? quis nobis dulce levamen?
 Solamen vadit, subsidiumque cadit.
 Cur nos dimittis? cur flentem Lysiam omittis?
 Jam te absente tremit, difficiente gemit.
 Vocibus his mutus minimè foret ille locutus,
 Lætus clamaret, talia verba daret:
 Præmia tantorum, requies, & meta laborum
 Jam propè sunt; fatis vita peracta fatis.
 Vita peracta fatis curis, Deus ecce beatis
 Me invitat donis, quæ parat ipse bonis.
 Linquere mundanas fas est, calcare profanas
 Res, istas nolo: Cælica dona volo.

Cælica dona volo , Dominum pro munere tollo ,
 Cujus me pronum prospicio ante thronum.
 Ante thronum magnum spero lætabilis Agnum
 Perpetim adorare , & cum prece thura dare.
 Regna Beatorum , sedes ascendo polorum ,
 Est ubi summa quies , & sine nocte dies.
 Denique jam cursum rapido pede dirigo sursum ,
 Jam sine fine Deo perfruiturus eo.
 Eia age , rumpe moras , Cælestes advola in oras ,
 Splendor ubi usque fluit , deliciisque pluit.
 Respice , Rex , flentes orbos , tristesque clientes ,
 Ne subeat damnum Lysia , tende manum.
 Crescunt fervorum gemitusque , precesque tuorum ,
 His pietate fave , ò Rex venerandus ave.
 Perpetuò gaude , Numen per sæcula plaude ,
 Sit tibi solamen , sitque beamen. Amen.

Frater Joannes do Rosario ;
 Franciscanus Excalceatus D. Antonii Provinc. Brasil.

ORACÃO
FUNEBRE,

Nas sumptuosas Exequias

DO SERENISSIMO SENHOR

D. JOAÕ V.
REY FIDELISSIMO,

*CELEBRADAS NA CATHEDRAL METROPOLITANA
da Cidade da Bahia em o dia 11 de Dezembro de 1750;*

QUE RECITOU

O M. R. P. M. PLACIDO
NUNES,

RELIGIOSO DA COMPANHIA DE JESU,
Ex-Reytor do Collegio da Bahia.

ORAÇÃO
FUNERAR

Nas Impontas Excepcionaes
DO SERENISSIMO SENHOR

D. JOÃO V.
REY FIDELISSIMO

CELEBRADA NA CATHEDRAL METROPOLITANA
da Cidade da Bahia em o dia 11 de Dezembro de 1750;

QUE RECITOU

O M. R. P. M. PLACIDO
NUNES,

RELIGIOSO DA COMPANHIA DE JESU,
Ex-Regente do Collegio da Bahia.

*Quadraginta & uno anno regnavit in Jerusalem, & fecit
rectum ante conspectum Domini.*

Ex 3. Reg. cap. 15.

2. I.

ESTA acção, que mais pela piedade, e merecimento da causa, do que pelo aparato, e magnificencia, que estamos vendo, nos convidou, e trouxe hoje a este lugar, pareciame a mim, que mais se devia fiar das expressoens dos olhos, do que das da lingua: mais devia correr por conta das lagrimas, do que das vozes. Ao menos assim o praticou Christo em caso semelhante, isto he, na morte de Lazaro, satisfazendo com as lagrimas, e não com as vozes, o Joan. 11. que devia igualmente ao sentimento, e ao amor. E a razão disto vem a ser; porque quaesquer outras demonstrações, que ou a industria, ou a natureza podem fazer nesta occasião, todas se fazem quando menos suspeitosas; as lagrimas não: porque como são testemunhas de vista, não podem deixar de fazer fé.

Assim me parecia a mim. Porém que? He preciso servir ao costume, ainda que seja a pezar da razão. Fiquem pois as lagrimas para o privado, e satisfação ao publico as vozes. He morto pois: quem? He lastima, que nos haja de fahir do coração hum nome tão amavel, ainda que do coração passe à lingua. He morto o Serenissimo, e Augustissimo Rey, e Senhor nosso D. Joaõ o Quinto. O' ferida, ò dor immortal! O' perda certamente irreparavel! O' orfandade, que não admite, nem dá lugar à consolação! Este he, Senhores, o argumento desta acção, e deste sou eu obrigado a fallar. Mas que poderey eu dizer, que seja, não digo eu igual, mas nem ainda de algum modo competente, e proporcionado a argumento tão grande, tão sublime, e tão soberano? Para dizer alguma cousa sem o abater, e aviltar de todo, valermehey do exemplar tambem real, e coroado, que me propoem, e offerece o meu thema, e com elle diante dos olhos farey por tirar a cópia, que quero.

Falla o Historiador sagrado de Afa, Rey de Judá, e diz, que reynára em Jerusaleem quarenta e hum annos, e que em todo o tempo do seu reynado obrára sempre o que era recto, e justo diante de Deos: *Quadráginta & uno anno regnavit in Jerusalem, & fecit rectum ante conspectum Domini.* Este he o exemplar, que me deliberey a seguir, e este me parece que não desdiz de todo do Rey, que choramos. E primeiramente se attendermos ao tempo do reynado destes dous Monarcas, hum, e outro contàraõ os mesmos annos de governo: porque ainda que o nosso excedeo alguns mais a Afa, com tudo a continuacão, e pertinacia da sua enfermidade o reduzio, e poz em estado, que podia dizer com outro Rey: *Ego Ecclesiastes fui Rex in Israel:* Eu fuy Rey; já hoje o não fou. Além de que chronologia ha muito seguida, e muito celebrada, que não duvida dar a Afa os mesmos quarenta e quatro annos do nosso Rey. E se olharmos para outras circumstancias desta qualidade, assim como Afa, depois da reprovaçãõ de Saul, foy o quinto na ordem da successãõ dos Reys confirmados, e estabelecidos em Israel; assim o Serenissimo D. Joaõ foy tambem o Quinto na ordem da successãõ dos nomes: e assim como Afa com a sua morte cedeo o throno a seu filho Josephá, assim o nosso Monarca com a sua o cedeo tambem a seu filho, com pouca diferença no nome, o Serenissimo, e Augustissimo Senhor D. Joseph: razaõ, por onde podemos esperar d'elle justamente a mesma piedade, e virtudes excellentissimas daquelle grande, e felicissimo Rey, que representa. Ao menos hum, e outro entrãraõ a reynar de trinta e seis annos de idade; tempo maduro, e capaz de os ter instruido, e fornecido de experiencias. Mas isto sãõ circumstancias, ou analogias extrinsecas, e por isso de menos porte: as intrinsecas, e fundamentaes, ellas farãõ o corpo da minha Oraçãõ. Comecemos.

2. II.

REynou Afa, diz primeiramente o meu thema, quarenta e hum annos, e reynou em Jerusaleem: *Quadráginta & uno anno regnavit in Jerusalem.* O sentido destas palavras he, que tenha sido Afa Rey das duas Tribus, que formavaõ, e compunhaõ o Reyno de Judá, do qual era a Capital, e Cor-

Ecclef. 1. vers. 12.

Chron. Alexandr. apud Henrique Philip. in Manual. Chronol. ad 3. Reg. cap. 15.

3. Reg. 22.

Triginta quinque annorum erat Josephat cum regnare coepisset: quibus quidem annis Chronologicis scilicet, & collectis, si addas annum expansum, ut fieri solet, habebis annos 36.

te a Cidade de Jerufalem; porque as outras dez Tribus, que depois da divisaõ compunhaõ o Reyno de Israel, essas reconheciam, e obedeciam a outros Reys, os quaes residiam em Samaria. E se neste sentido, que he litteral, quizermos tambem fazer comparaçaõ da Corte do nosso Rey com aquella de Afa, em ambas havemos de achar a mesma grandeza, a mesma frequencia, e o mesmo esplendor, nos edificios, no povo, e na opulencia: com esta differença porém, que as aguas do Tejo, que a Lisboa fervem como de moldura de crystal, não só a fazem muito mais abastada, introduzindo-lhe as drogas, e generos mais preciosos de todo o Mundo; senão tambem muito mais vistosa, muito mais aprasivel, e consequentemente muito mais invejada, que Jerufalem. Porém não he isto, o que eu quero.

O que eu quero he, o que nos dá a entender a etymologia, ou significação de Jerufalem. Jerufalem quer dizer *vissio pacis*: visãõ da paz, e aqui propriamente he, que collocou, e assentou o seu throno Afa: porque, excepto o encontro, que em huma occasiã chegou a ter com hum dos Reys seus vizinhos, que com mão armada lhe quiz entrar pelas rayas do Reyno, e usurpar huma Cidade; nunca mais tomou as armas vivendo trinta e cinco annos em plena, e perfeita paz até os ultimos dias da sua vida. E quem não sabe, assim dos que me ouvem, como dos que me não ouvem, que essa foy a maxima, ou caracter do nosso Rey? Entrou a reynar no principio de mil setecentos e sete, quando as serranias dos Pyreneos aplainadas pela frequente, e estreita communicaçã de França com Hespanha, tinhaõ dado occasiã à Quadruple Alliança: e como por esta razã achou já o Reyno em armas, e o herdou neste estado, com elle herdou tambem a guerra, herança para o seu genio certamente forçada. Profeguiu-a pois com o successo, que sabemos: mas concluída a paz de Utrech no anno de treze, depoz finalmente as armas, e renunciando por huma vez a guerra, todo se deu, e entregou à paz, procurando-a, e conservando-a sem alteraçã por todos trinta e sete annos, que depois viveo.

Só quem sabe, quam melindrosas saõ as Magestades, que he póde sondar o fundo deste altissimo procedimento. Aos

Principes basta-lhes hum capricho , basta-lhes huma leve desconfiança para levantarem hum exercito , e com elle à vista requererem satisfação do seu aggressor. Bem he de crer , que em tanta variedade de negocios , que manejou , e tratou com todas as Cortes da Europa , e em conjuntura , ou tempos tão delicados , lhe não faltassem ao nosso Rey occasioens , e motivos de alguns dissabores : mas por não faltar à paz , ou os divertio com a destreza , ou os diffimulou com prudencia. Sabia o que era a paz , e sabia o que era a guerra. Sabia , que a guerra era hum cometa certamente sanguinolento , muito mais horroroso , e muito mais fatal , que os Celestes , que além de ameaçarem propriamente as Coroas , são a affolação dos povos , o destroço das Provincias , e a sepultura das Cidades ; e de sua natureza huma faxa ardente , e incendiaria , que só se extingue , e apaga com muito sangue. Sabia que era hum luto publico , e continuado , que a ninguem deixa com os olhos enxutos. Pelo contrario sabia , que a paz era a defenſa , ou muralha dos Reynos , segundo aquillo : *Ego murus , ex quo facta sum quasi pacem reperiens*. Sabia que era a alma da Republica , o fundamento da vida civil , a segurança dos Estados , a mãy da abundancia , e fertilidade. Sabia , que era a escola das virtudes , e muito em particular da justiça , e da piedade ; e sobre tudo o unico meyo para manter , e conservar a Religião. Finalmente sabia aquella notavel differença , que já noutro tempo observou , e reconheceo hum grande juizo , entre a paz , e a guerra : que na guerra com manifesta desordem da natureza enterraõ os pays aos filhos , e na paz os filhos aos pays. Tudo isto sabia aquelle grande Rey , e tudo isto comprehendia : e nestes termos como não havia de amar , prezar , e por todos os caminhos procurar , e fomentar a paz ? He o que nos inculcava , e recommendava David guerreiro por necessidade , mas por eleição , e natureza pacifico : *Inquire pacem , & persequere eam*.

Cant. 8. v. 10.

Pſal. 35. v. 15.

Daqui veyo , vemos no seu reynado os nossos baixeis furcarem o Oceano com toda a liberdade , e segurança , hums em demanda da Asia , outros da Africa , outros da America , e outros tambem da Europa ; e por isso o commercio sem sul-to , e desafrontado. Vemos os campos cultivados , e os seus
frutos

frutos colhidos a seu tempo, e sem receyo. Vemos as artes promovidas, e todas as manufacturas, que deviamos aos Estrangeiros, já nossas. Vemos as letras applaudidas, favorecidas, e premiadas, e com ellas a nossa Historia resuscitada por beneficio da Academia, que debaixo do seu Real Nome, e protecção, se erigio, e estabeleceo, honrando-a o mesmo Senhor muitas vezes com a sua presença. Vemos as obras publicas, que elle mesmo ou as arbitrou, ou desenhou, já para utilidade, já para ornato, e fermosura da sua Corte. Em huma palavra, vemos o Reyno todo florente, attendido, e respeitado, e o nome Portuguez mais conhecido, e estimado de todas as Nações. Tudo isto vimos por beneficio, e meyo da paz, em que nos poz, e conservou este suspirado Rey. E que não vimos por beneficio desta paz? Se o seculo, em que nos achamos, não fora para Portugal o seculo de ouro, pelo muito que tem recebido; só a paz, em que elle se vio, lhe podia dar este nome:

Sine militis usu

Metamorph. 3.

Mollia securæ peragebant otia mentis: disse com igual felicidade, quem nos descreveo a daquelle seculo. Mas eu acho outra muito melhor idéa.

O reynado mais pacifico, que vio o Mundo, foy certamente o de Salamaõ. Nem Salamaõ perturbou, ou inquietou a alguem, nem outro algum o perturbou, ou inquietou a elle. Tinha sido doutrinado por Deos, e isto basta. E que nos diz a Escritura, principalmente do seu reynado? Diz que todos os seus Vassallos viviaõ sem receyo, e cada hum debaixo da sua vide, e debaixo da sua figueira: *Habitabat Israel absque timore, unusquisque sub vite suâ, & sub ficu suâ*: Oh ditoso, e bemaventurado Reyno, que assim póde gozar dos frutos da paz! Os frutos da paz são propriamente as utilidades, e emolumentos, que della se percebem, como aquelles, que acabey de referir: e estes frutos não os produz, nem póde produzir a guerra, que he como Inverno das estações politicas: produllos a paz, e destes mesmos, muito mais saborosos, e muito mais saudaveis, que os da vide, e da figueira, gozamos nós debaixo do reynado deste graõ Monarca. Descançados

3. Reg. 4. v. 25.

Cantic. 2. v. 3. dos à sombra desta arvore, como aquella alma dos Cantares, colhemos estes frutos docíffimos: *Habitabat Israel absque timore, unusquisque sub vite suâ, & sub ficu suâ.*

2. III.

O Que mais se deve ponderar nesta paz, he o tempo, em que o nosso Rey a conservou. Com a morte do Augusto Rey de Polonia perturbou-se aquelle Reyno primeiramente com dissensoens civís, e logo com guerra declarada. Interessou-se nella principalmente o Eleitor de Saxonia, e com este a mayor, e melhor porção do Imperio: interessou-se Suecia, e interessou-se tambem França, e com tanto empenho esta, que não duvidou invadir a Alemanha com hum exercito formidavel, senhorearse do Rheno, e fazerse infesto à mesma Austria, que inclinava para a parte de Saxonia. Affediaraõ-se, e tomaraõ-se Praças, arrazaraõ-se Cidades, demoliraõ-se Fortalezas, houve mortandades, houve estragos, houve hostilidades atrozes, e em tudo semente para muitas lagrimas. Isto passava na Europa, quando em Portugal tudo era paz, e mais paz. Apagado este primeiro incendio, mas não de todo, porque ainda fomegavaõ as suas cinzas, ou reliquias; sobreveyo logo, e ateou-se outro mayor, e muito mais funesto com a morte de Carlos VI. Aqui foy, quando Marte para a tragedia, que preparava, não quiz menor theatro, que toda a Europa. O caso foy: que se viraõ em armas ao mesmo tempo com diversos motivos, e facções, mas com forças muito mayores, que nunca, pela parte do Levante a Baviera, e Prussia, a Austria, e a Bohemia com todos os Eleitores, e Principes do Imperio, e ainda as Cidades chamadas Hanseaticas: e pela do Poente França, e Hespanha; Inglaterra, e Holanda; Napoles, Genova, e Saboya: sem fallar noutras Potencias de menor nome. As consequencias deste incendio não são para este lugar, sabe-as o Mundo, e choraõ-nas ainda os seus mesmos Authores. Mas que fazia entãõ Portugal, e nesse o nosso Serenissimo D. João? Via como de atalaya todos estes disturbios, e ao abrigo da paz, que professava, mantinha-se no seu posto socegado, quieto, e seguro de todo o affalto, e por isso de todo o perigo. Parece-me, que foy isto o que previo David.

Falla

Falla David de hum Justo, que toda a sua confiança
 poem em Deos, e diz delle, que ainda que estivesse vendo ca-
 hir os mortos por todas as partes a milhares, e milhares, com
 tudo a elle não lhe havia de chegar, nem tocar o flagello:
*Cadent à latere tuo mille, & decem millia à dextris tuis: ve-
 rumtamen flagellum non appropinquabit tabernaculo tuo.* Que
 flagello seria este, de que falla David? He questaõ entre os
 Expositores. Eu não duvido dizer, que he determinadamen-
 te o da guerra; porque o flagello he a insignia, ou divisa da
 Deosa Bellona: Psaln. 90. v.7.&
10.

Sanguineum quassat Bellona flagellum. E que Justo
 podia ser este, senão o nosso pacifico, e felicissimo Rey? Em
 guerra tão forte, tão porfiada, e tão fanguinolenta, já se vê
 que milhares, e milhares de mortos não haveria; mas nem
 com tudo isso o pode involver, e embaraçar a guerra: *Cadent
 à latere tuo mille, & decem millia à dextris tuis: veruntamen
 flagellum non appropinquabit tabernaculo tuo.* Para os Reys
 serem montes bastava-lhes o titulo de muito altos: mas entre
 estes montes o Olympo foy o nosso Rey, que por superior a
 todas as nuvens, e tempestades da guerra, se conservou sem-
 pre em summa paz. Montes excedit
Olympus, & pa-
cem summa te-
nent. Lucan.

§. IV.

MAs não está ainda aqui a minha mayor admiracão. A ma-
 yor está, que sendo elle requestado, e sollicitado mui-
 tas vezes para entrar tambem na sociedade da guerra, ajuntan-
 do as suas forças a outras, que lhe commettiaõ mil partidos,
 nunca o quiz, nem se deliberou a fazello. Bem póde ser, que
 entendesse, que ou quebraria, ou abateria muito o ouro de
 Portugal, se admittisse, ou dresse lugar a estas ligas. Maneja-
 vaõ os Embaixadores em Lisboa este negocio; propunhaõ, re-
 queriaõ, instavaõ, apertavaõ: mas elle nem às obrigações do
 sangue, nem às leys da amifade, nem às conveniencias do in-
 teresse cedeo. Vistes já a hum rochedo levantado, e sobran-
 ceiro no alto mar, que açoutado das ondas por todos os lados
 se conferva firme, e seguro no meyo dellas? Assaltaõ-no as on-
 das com toda a furia, combatem-no, perseguem-no, e elle
 não só sem se render, mas nem ainda se aballar: *Circumlatran-
 tibus*

tibus undis, ipsa immota manet. Tal o nosso Rey naquellas occasiões da guerra. Vede, se o assaltariaõ, combateriaõ, e perseguriaõ fortemente as ondas do Danubio por Alemanha, as do Tamesis por Inglaterra, as do Sena por França, e as do Tesele por Holanda: mas todas estas ondas arrebutaraõ em flor, todas quebraraõ na firmeza, e constancia deste Principe da paz:

Judic. II.

Lembre aqui aquelle celebre Apologo do livro dos Juizes. Temeo-se hum rompimento entre as arvores, ou lenhos do mato; e procuraraõ estes eleger hum Rey, que os defendesse. Buscaraõ pois a Oliveira; propozeraõ-lhe a sua embaixada, interessaõ-na na aceitaçaõ do governo, pediraõ-lhe, rogaraõ-lhe. Mas como se houve aquella arvore? Vio, que a convidavaõ, mais para empunhar a espada, do que o Sceptro: mais para guerrear, do que para governar: e com gentileza propria da Corte, e discriçaõ mayor, que de hum tronco, ou desprezou, ou regeitou a proposta; e despedindo aos Embaixadores com boas palavras, antes quiz ficar no campo victoriosa sem guerra, do que com guerra. O` Oliveira verdadeiramente pacifica! O` Rey amante, e confederado da paz! Mas ou isto fosse politica, ou natureza, naõ se devia esperar menos de hum Rey, que como Afa tinha collocado o seu throno, e feito assento em huma Cidade taõ conhecida, e nomeada pela paz, como era a de Jerusalem: *Quadraginta & uno anno regnavit in Jerusalem.*

§. V.

A Paz de Afa necessariamente se havia de seguir o fazer aquelle Rey o que era recto, e justo diante de Deos. Esta he a segunda parte do meu thema: *Et fecit rectum ante conspectum Domini.* O Abulense commentando estas palavras, he de parecer, que o elogio, que nellas faz a Escritura a este Rey, todo se funda no cuidado, e empenho, com que elle procurou promover, e adiantar o culto Divino: *Innuit, quod sollicitè curasset ea, quæ ad Dei cultum pertinebant.* E com muita razaõ: porque além de Afa perseguir a ferro, e fogo, e destruir totalmente a idolatria, de sorte que até a sua propria Mãe, a pezar dos fóros do sangue, e da soberania, prohibio os sacrificios gentilicos, que fazia; e outros ritos, e superstições,

Abulens. in hunc locum.

ções, que fomentava: de mais a mais ornou, e enriqueceo o Templo do Verdadeiro Deos com muitas peças, e alfayas de ouro, e prata; parte que feu pay tinha promettido, parte que elle mefmo offereceo, e doou. Tudo consta do texto literal da Escritura. E quem poderá negar, não digo eu outro tanto, senão ainda muito mais do Serenissimo D. João o Quinto? No que toca à idolatria, he certo, que não teve elle que fazer; porque nesta parte, pela misericordia Divina, ainda Portugal se conserva *Fide purum, pietate dilectum*: mas no que respeita ao dar a Deos, e promover o seu culto, apenas se achará quem o igualasse. Lâ dizia David, que amara a decencia, e fermosura da Casa de Deos: *Dilexi decorem domus tuæ*; Psal. 25. v. 8. mas eu estou certo, que a não amou menos o nosso Rey.

Em consequencia pois deste amor fazem pasmar as resoluções, que tomou, e os meynos, de que se valeo. Soube talvez, que para reedificar, e reparar as ruinas de Jerusalem se representara Deos em huma occasião ao Profeta Amós em habito, e trage de quem edificava, com hum instrumento daquelle officio na mão: *Vidi Dominum super murum litum, et in manu ejus trulla cæmentarii*: e com os olhos no mefmo Deos quiz tambem exercitar aquelle mister, em ordem ao seu mayor culto, e veneração. Assim o fez edificando primeiramente em Mafra aquella Basílica, que he a admiração dos Estrangeiros, e o milagre não menos da architectura, que da magnificencia. A esta se seguiu logo a da sua Patriarcal, obra a todas as luzes grande, e certamente talhada pelos altos espiritos do seu Author. Houve juizo desinteressado, que não duvidou affirmar, que em sua comparação perdêraõ o nome a Lateranense, edificada em Roma por Constantino, e dedicada ao Salvador; a de Santa Sofia, erigida em Constantinopla por Justiniano, e consagrada à Sabedoria increada; e a de Aquisgran, fundada por Carlos Magno debaixo do titulo, e invocação da Virgem Senhora. Tanta he a sua pompa, tanta a sua magestade! não só pela grandeza, e excellencia da obra, não só pelo apparatus de peças, e alfayas preciosissimas, de que se acha afsas fornecida; senão muito mais pela qualidade illustrissima, e graduação dos que a fervem.

Podiaõ estas duas fabricas servir de outras tantas columnas,

nas, em que se gravasse o *Non plus ultra* das suas empresas; mas ainda se extendeo mais o amor, e zelo, que tinha do mesmo Divino culto; porque em muitas Igrejas o levantou de todo, e em outras o restaurou, augmentou, e estabeleceo; naõ só em Portugal, porém tambem nas Conquistas. Sim: mas tudo isto com que gastos? A naõ fer o Author quem era, podiaõ exceder toda a fé. Só em Mafra, he voz commum, que despendèra por cima de dezaseis milhoens: na Patriarcal he sem duvida, que muito mais; e a esta proporçaõ nas outras. Só para huma do nosso Paiz, fey eu, que concorrera naõ menos, que com doze mil cruzados. Mas nesta materia naõ se deve passar em silencio o donativo, que fez para a fabrica da Igreja, que Sua Magestade Prussiana permittio levantar aos Catholicos Romanos na sua Corte de Berlim. Foy elle tal, que depois de dar brado em toda a Europa, atou as mãos aos mais Principes; fazendo-lhes perder as esperanças naõ só de o exceder, senaõ tambem de o igualar.

He fóra de questaõ, que naquelle famoso desafio de David com o Goliath, teve David por alvo menos a testa do gigante, do que a gloria, e culto de Deos. Assim o deus a entender elle mesmo: *Quis est hic incircumcissus, qui exprobravit acies Dei venientis?* Mas como se houve David nelle? Depois de ajuntar muita pedra, naõ para levantar, senaõ para derribar aquella torre de carne, como chama S. Joaõ Chrysofomo ao gigante; com tudo só da primeira pedra se valeo, só a primeira lançou da funda: *Tulit unum lapidem, & fundâ jecit.* Pouco attento seria eu, se quizesse fazer comparaçaõ de quem lançou tantas primeiras pedras em tantos Edificios sagrados, com quem lançou huma só: o que quero, e o que faz ao meu intento, he, que David para a sua funda desembolçou huma só vez: *Misit manu in peram*, e o nosso Rey para as suas fundações muitas, e muito. Aquelle instrumento, que Amós vio na mão de Deos, e a quem a Vulgata dá o nome de *trulla*, o Texto Hebraico chama-lhe diamante: *Et adamas in manu ejus.* Naõ sabemos que uso teve alli aquella pedra: mas sabemos, que os diamantes, que tiveraõ a fortuna de chegar às mãos do nosso Rey, pela mayor parte se despendêraõ, e gastáraõ naquelles edificios.

Com este mesmo amor ao culto Divino fundou novas Cathedraes, as quaes todas dotou, e estabeleceo, e algumas das

das antigas, que tinhaõ congruas moderadas, ou lhes dobrou, ou accrescentou os reditos. Neste numero deve ter o primeiro lugar, como em tudo o mais, esta nossa: porque além dos reditos, tambem lhe augmentou as Cadeiras, e com ellas as Dignidades. A muitas outras deu vasos, deu paramentos, e deu peças de summo preço, que para isso mandava vir dos paizes Estrangeiros, onde sabia que se obravaõ com mayor affeyo, e primor: e em todas, mayormente nas da sua Corte, fez com que se celebrassem os Officios Divinos, e todas as mais funções Ecclesiasticas com a perfeição, e exacção, que ordenaõ, e perscrevem os Rituaes communs, e approvados, os quaes todos naõ duvidou elle ler, e estudar muito de proposito, naõ a outro, senaõ a este fim. De sorte, que podemos dizer, que elle foy o Esdras, que restaurou, ensinou, e fez praticar em Portugal estas leys cerimoniaes. Nesta casta de córos converteo tambem os seus arrayaes esta Alma pacifica: *Quid videbis in Sulamite, nisi choros castrorum?* Cant. 7. v. 1.

¶ VI.

A Esta mesma ordem do culto Divino se pódem reduzir as devoções particulares, que tinha a muitos Santos. Primeiramente à Virgem Senhora, a quem amava com ternissimo affecto, e tratava, e venerava como a Mãe. Bem o mostravaõ as visitas frequentes, que lhe fazia nas Igrejas do seu Nome, e invocação; e o culto, que dava, e procurava a todas as suas solemnidades. Depois desta ao gloriosissimo S. Joseph, e com elle a S. Joaõ Bautista. Ao primeiro depois de lhe procurar com todo o empenho, e finalmente conseguir lugar nas Ladainhas publicas, fundou de mais a mais huma Igreja no Seará, ornando-a, e bastecendo-a de todo o necessario: e com o segundo ainda se houve com maõ mais larga; porque além de outros donativos, dedicou-lhe na Casa Professa de S. Roque aquella sumptuosissima Capella, que depois de servir de admiração a Roma, onde se traçou, e fabricou, será sempre hum padraõ immortal, consagrado à memoria do nome de Joaõ, naõ menos pelo que a fez, que pelo que a occupa, e possue. Cuido que para este excessõ teve diante dos olhos este prudentissimo Rey aquillo do Direito, na Ley *Cum Filius. §. Pater. ff. de Legatis:*

gratis: onde Sempronio distribuindo por sua morte varios legados, mandou avantejar nelles a hum seu sobrinho, ou neto do mesmo nome: *Sempronio nepoti meo plus tribus in honorem nominis mei.*

Mas que direy eu da devoção, e affecto ao Santissimo Sacramento do Altar, e às Almas do Purgatorio? Do que toca a estas, he excusado dizer palavra. Tudo disse já, e a grandes vozes, do mais alto do Vaticano, não menos que a Santidade do Papa reynante naquella Bulla verdadeiramente Paternal, e cheia de piedade, em que a supplicas, e instancias deste piissimo Rey concedeo a todo o Sacerdote Catholico o indulto, ou graça das tres Missas no Anniversario de todos os Defuntos. É o que respeita ao Sacramento, vio muitas vezes, e admirou-o Lisboa; mayormente na Procissão de Corpus: porque além dos gastos excessivos, que fez para a elevar ao esplendor, e auge, em que está; elle mesmo assistia a esta solemnissima função, pegando em huma das varas do pallio, e acompanhando nesta forma aquelle Divino Senhor. Acção certamente, em que eu o considero mais feliz, e mais bem succedido, que David, acompanhando a Arca do Testamento: porque David naquella occasião teve ainda assim huma Micol, que das janellas do Paço o motejou, e desprezou; e elle encontrou outro mayor, e mais sublime Genio, que das mesmas janellas o louvava, e applaudia; como quem sabia, que a exaltação, e grandeza, em que hoje se acha a sua Cesarea, e Augustissima Casa, toda a deve ao culto, e veneração deste Sacramento.

Nesta mesma classe do culto Divino merece ter lugar tambem a reverencia, e affecto, que mostrou, e conservou sempre à Igreja Romana. Em tudo seguiu, não só os seus decretos, não só as suas praxes, não só os seus dictames, senão tambem as suas insinuações. A esquadra, que mandou a Corfú em soccorro dos Venezianos, tão numerosa, e tão luzida, que foy a flor da armada Christãa; essa expedio elle à contemplação daquella Corte. Tratava os seus Ministros igualmente com distincção, e com agrado. Os seus acenos eraõ para elle preceitos; e não se lhe offereceo occasião, em que a não servisse, e obsequiasse, fazendo capricho de lhe dar gosto. Querme parecer, que elle foy o que Salamaõ nos representa, e introduz em hum lugar dos Cantares.

Quiz o Esposo em huma occasiã conciliar o agrado da Esposa, e disse, que lhe havia de dar huma prenda de ouro, esmaltada de prata: *Murenulas aureas faciemus tibi, vermiculatas argento*. O Texto original lê: *Punctatas argento*: Com pontas de prata. A Esposa já se sabe que he a Igreja; e se houve quem em algum tempo fizesse à Igreja verdadeiramente pontas de prata, sem duvida que foy o nosso Rey. Bem me persuado eu, que daqui veyo a attençaõ, que a Igreja tambem lhe teve, distinguindo-o entre os mais Reys com o titulo de Fidelissimo, e concedendo-lhe muitas graças, e privilegios, que nunca concedeo a outros Principes. Tenho fundamento no mesmo texto. Aquella prenda, dizem os Expositores vulgarmente, que eraõ arrecadas. Pois se aquelle amante queria prenda a Esposa, não seria melhor, ou tornearlhe o pescoço com hum fio de grossas perolas, ou cruzarlhe o peito com hum collar de diamantes, ou apertarlhe os braços com hum par de manilhas de rubis? Logo havia de ser a prenda de arrecadas? Sim: porque como as arrecadas são o ornato, e atavio das orelhas; o que o Esposo queria, era ser attendido, e bem ouvido da Esposa: e isto he o que conseguio da Igreja o nosso Rey: *Murenulas aureas faciemus tibi punctatas argento*. Depois deste selo, parece que não ha que accrescentar nesta materia; porque como he do Anel do Pescador, elle só basta para confirmar todo o mais culto, com que este Religiosissimo, e devotissimo Rey, a exemplo de Afa, honrou, e venerou a seu Deos, e Senhor: *Et fecit rectum ante conspectum Domini: innuit, quòd sollicitè curasset ea, quæ ad Dei cultum pertinebant*.

2. VII.

A Qui pudèra eu acabar, porque aqui se me acabou tambem o thema: mas como este ainda deu materia a Severo Sulpicio, e seu Commentador Carlos Sigonio, para conjecturarem, ou inferirem muitas, e illustres virtudes de Afa, ainda que as não individuaõ, fazse-me preciso apontar algumas do nosso Rey. Tenhaõ o primeiro lugar as Reaes, e entre ellas o amor aos Vassallos. Bem se deu a conhecer este, quando no anno de mil setecentos e vinte e quatro se começou a observar, e perceber em Lisboa aquella epidemã, que tanto cuidado, e confter-

confternação causou em todo o Reyno: porque a primeira diligencia, que fez este sabio Rey, foy ordenar, que duas vezes na semana se fizessẽ juntas de Medicos, e nellas se propozessẽ, conferissẽ, e examinassẽ os principios, e progressos daquelle mal; os indicios, os accidentes, e symptomas, com que accomettia; os remedios, que se lhe applicavaõ, e os effeitos, que produziaõ; para que com estas noticias se pudesse regular melhor o methodo da cura, e applicar com mais segurança os medicamentos. O acerto deste arbitrio mostrou-o logo a experiencia: porque em breve tempo começou o mal a remittir, e perder as forças até desfalecer, e cessar de todo. Tinha sido aforismo do Espirito Santo, e não podia falhar: *Ubi consilia multa, ibi salus.* Onde ha muitas juntas, e consultas de homens experimentados, diz o Espirito Santo, ali certamente ha saúde. Mas não he isto o que me levã à poz si.

Prov. 11. v. 14.

Como o contagio se tinha ateado em tres bairros vizinhos ao Paço, e ali fazia mayores estragos; houve zelosos, que attendendo ao bem do Reyno, foraõ de parecer, que Sua Magestade se roubassẽ a taõ evidente perigo de vida, e dando resguardo àquelle mal, se sabissẽ, e retirassẽ da Corte. Assim o metèraõ em pratica, e assim lho propozeraõ. Porém não cabia este procedimento nem nos brios, nem no amor de hum tal Rey. Estimando elle tanto aos seus Vassallos, como lhe soffreria o coração o deixallos, e desamparallos em tanta angustia, e em tanta afflicção? He sem duvida, que a sua ausencia os fãria desfmayar de todo, e ou lhes dobraria, ou accrescentaria o perigo. Regeitando pois a proposta, persistio no Paço, e deste modo sacrificou a vida ao alivio, e consolação dos seus. O Rey verdadeiramente digno deste nome!

Ezech. 14. v. 12.

Rey, e pastor são termos, que além das Letras sagradas, equivocou tambem o grande juizo de Homero na pessoa de hum dos seus Heróes. E que diz Christo do pastor? Contra-poem-no ao mercenario, e diz, que em presentindo o lobo, que lhe traz de olho o rebanho, e lhe quer fazer preza nelle; está taõ longe de se lhe retirar, e lhe fugir, que antes o espera, e arrosta animosamente, expondo, e offerecendo a vida pelo rebanho: *Mercenarius videt lupum venientem, & dimittit oves: bonus autem pastor animam suam dat pro ovibus suis.*

Joan. 10. v. 19.

E isto

E isto he nem mais, nem menos, o que se vio no nosso Rey. Por não defamparar os seus Vassallos, não duvidou esperar a pé quedo aquelle mal, e sacrificar-se à sua carneçaria: e ainda que não chegou a consummar, e aperfeiçoar o sacrificio, animou-se porém, e dispoz-se para elle. Faltou-lhe sim o dar a vida, como o pastor; mas não lhe faltou a resolução para a dar, que he o que basta para excessão. De maneira, que se foy fineza nos Vassallos o quererem privar-se da sua presença, aconselhando-lhe a retirada; não foy menor fineza nelle o não se retirar.

Naquelle lugar dos Canticos, em que a Esposa requer ao Esposo que fuja, e se retire: *Heu fuge, dilecte mi*, reconheceo já aquelle Homem grande entre os grandes do seculo passado huns longes, ou circumstancias da peste: mas como se houve o Esposo com aquelle requerimento? Fugio porventura? Retirou-se? Não nos consta: porque alli suspendeo Salamaõ a penna, e poz termo ao seu amor. Mas quem poderá crer, que assim o fizesse hum amante tão fino, e tão celebrado? Persistio, e conservou-se no mesmo lugar, e satisfez huma fineza com outra: *Heu fuge, dilecte mi*.

Cantic. ult. v. ult.

Vieir. tom. 2.
Serm. de S. Roque.

Além do amor aos Vassallos, virtude propria, e singularmente dos Reys; viraõ-se tambem no Serenissimo Senhor D. Joaõ o Quinto, como assentados em throno proprio, a Religiaõ, e o Zelo; ambos com o rosto inflammado, e ambos com os olhos no Ceo. Vio-se a Justiça com a insignia da palma em huma mão; mas sem a da espada na outra: porque a acompanhou, e assistio sempre a clemencia. Vio-se a Prudencia olhando igualmente para o passado, e para o futuro, e regulando por estes dous tempos as suas deliberações. Vio-se a Fortaleza, e com ella tambem a Verdade, arrimadas a huma columna tão firme, e tão segura, que ninguem já mais a pôde mover, nem contrastar. Vio-se a Liberalidade sem interesse, a Generosidade sem altivez, a Affabilidade sem affectação. Vio-se a Vigilancia, e a Cautella dando-se as mãos huma a outra, mas deixando ambas lugar à Confiança. Vio-se a Fidelidade assim para com os amigos, como para com os inimigos, insinuando a harmonia do coração com a boca, e da boca com as mãos. Vio-se o Segredo tão profundo, e tão recatado, que mais facil se-
ria

ria arrancar da mão a clava a Hercules, do que a elle da boca huma palavra, que o dèsse a perceber, ou significasse. Finalmente vio-se a Magestade taõ natural, taõ facil, taõ propria, e taõ decente, que se a fortuna, e o nascimento o naõ tivesse feito Rey, quem quer que o visse, ainda sem o conhecer, o julgaria digno de reynar.

Apocal. 12.

Vieir. tom. ult.
Serm. de S. Anton.

Aquella mulher, que S. Joaõ vio no Apocalypse, e a quem o Sol por encheyo era hum pequeno rasgo de tanta purpura tecida de todo o luminoso Celeste; já houve quem disse com allusaõ a tantas luzes, que era a nossa Lusitania. Se assim he, eu animárame tambem a dizer, que aquellas doze Estrelas, de que a vio coroada o Evangelista, eraõ outras tantas virtudes, com que a ornou, e illustrou este seu Rey.

Nem estas virtudes de ordem superior se viraõ nelle folitarias. Acompanharaõ-nas muitas outras, assim moraes, como Christãas: taes foraõ a Temperança, a Sobriedade, a Paciencia, a Conformidade com a vontade Divina, mayormente depois da sua enfermidade. Mas entre todas estas sobrefahio, e realçou a Piedade, e Misericordia com os pobres. Podia referir nesta materia muitos casos, e acções particulares, principalmente das que obrou por todo o tempo daquella epidemia, de que falley: mas direy em geral, que o mesmo era ver diante de si pobres, que enternecerse, e tratar logo de os remediar: e occasiaõ houve, em que tal vez foy visto arrazado em lagrimas, considerando a sua necessidade. A estes attendia, e a estes ouvia com gosto, e por isso em primeiro lugar. A nenhum pobre negou já mais o que lhe pedio. Dõnde veyo, que nestes ultimos annos de sua vida eraõ tantas as petições, que por parte destes miseraveis se lhe metiaõ, que eraõ necessarias muitas, e grandes sommas de dinheiro para os satisfazer, e contentar. Ou eu me engano, ou vejo aqui decifrado hum enigma dos Canticos de Salamaõ.

Cantic. 5. v. 14.

Manus ejus tornatiles aureæ plenæ hyacinthis: as mãos de meu amado, diz a Esposa, saõ feitas ao torno, e essas mesmas saõ de ouro, e semeadas de jacinthos. Pelo torno, e pelo ouro daquellas mãos, entende Justo Orgelitano o muito, e grande dispendio, que ellas costumavaõ fazer em soccorro, e beneficio dos pobres: *Dicuntur tornatiles aureæ, quia assidue se*

Justus Orgelit.
apud Alap. hïc.

verte-

vertebant, & volvebant ad omnia, & omnigena opera misericordiae. Bem está: mas que querem dizer os jacinthos? Se havemos de estar pela opiniaõ, ainda que singular, de Cassiodoro, que quer dizer que os jacinthos alli não sejaõ pedras, senaõ flores do mesmo nome: como estas saõ taõ conhecidas, e celebradas pelos seus ays, eu entendera por ellas os lamentos, e gemidos dos pobres, que frequentemente recorriaõ, e buscavaõ aquellas mãos: e neste sentido vinha a ser o caso, que viaõ os pobres aquellas mãos taõ francas, e taõ liberaes, e metiaõ-lhe petições, e mais petições; e como nestas expressavaõ elles, e davaõ a entender os seus ays, nas mesmas petições representavaõ aquellas flores. De maneira, que o torno, e o ouro daquellas mãos, eraõ os que chamavaõ, e attrahiaõ a si os pobres, e o muito pedir destes era consequencia do muito dar daquellas: *Manus ejus tornatiles aureæ, & plenæ hyacinthis.* E que mãos podiaõ ser estas, senaõ as do nosso piissimo, e liberalissimo Rey? A tantas, e taõ assignaladas virtudes serviraõ de lastro as prendas, certamente raras, e singulares, de que a natureza dotou a este grande, e esclarecido Monarca. Mas como estas vem fóra do meu thema, e do exemplar, que me propuz, contentome com o que tenho dito da paz, em que nos conservou, do culto Divino, que promoveo, e das virtudes, que exercitou. Tudo à imitaçãõ, e exemplo de hum tal Rey, como foy Afa: *Quadraginta & uno anno regnavit in Jerusalem, & fecit rectum ante conspectum Domini.*

Cassiodor. apud
eund. ibid.

2. VIII.

AGora sim, que tenho acabado. Mas he-me forçoso acudir por mim, satisfazendo a hum reparo, que me pôde fazer alguma erudiçãõ, ou critica escrupulosa: e vem a ser, que Afa, não obstante o que delle ouvimos, e o que de poem, e testimunha a Escriitura, he hum daquelles Reys do povo de Deos, cuja salvaçãõ he duvidosa: porque constando de alguns peccados seus, não consta da sua penitencia. Assim o julgaõ muitos Padres, muitos Chronologos, e muitos Interpretes dos Livros dos Reys: e nestes termos parece defacerto, e por ventura tambem erro, tomallo eu por exemplar de hum Rey, a quem acabo de canonizar. Este he o reparo certamen-

Lege Mendoc.
in Proæm. su-
pra.

te douto, e como tal bem fundado: mas este reparo podèra eu fatisfazer facilmente, ou fazendo Apologã por Afa, ou mostrando a penitencia do nosso Rey. Mas nada disso me he necessario. Basta-me huma só palavra, e qual he ella? Ah! Senhores. Alvoracase-me o coração de alegria, e todo elle se me converte em linguas para a dizer. O nosso Rey, Senhores, salvou-se: o Serenissimo D. Joaõ o Quinto está no Ceo. Parece arrojo o que digo, ainda fallando, como fallo, conjecturalmente, e com as cautellas, e limitações, que quer, e manda a Bulla de Urbano Oitavo: mas daime attenção, e ouvi hum grande passõ.

Apoc. 4.

Vide Alap. in
hunc locum.

Abriose-lhe em huma occasião o Ceo a S. Joaõ, e arrebatado em espirito o Evangelista, vio a Deos sentado em hum throno de grande Magestade, e à roda deste sentados em thronos menores a vinte e quatro Anciãos, vestidos todos de roupas brancas, e coroados com diademas de ouro: *Et ecce sedes posita erat in Cælo, et supra sedem sedens, et in circuitu sedis sedentes supra thronos viginti quatuor Seniores, circumamicti vestimentis albis, et in capitibus eorum coronæ aureæ.* Quem eraõ, ou a quem representavaõ estes Anciãos? Nove opinioens, todas diversas, e disparadas encontro nesta materia; mas com licença de seus Authores, que todos são gravissimos, e doutissimos, eu hey de dizer tambem a minha. Digo pois, que supposto este numero certo, justo, e determinado, os vinte e quatro Anciãos todos enthronizados, e coroados, não eraõ outros, senão os vinte e quatro Reys, que nem mais, nem menos tem reynado até agora no nosso Portugal. Contay-os comigo. Desde o primeiro Rey o Senhor D. Affonso até o Senhor Cardeal D. Henrique, dezafete foraõ os que viraõ os nossos antepassados: ajuntay a estes os tres Filippes, e fazem vinte: com os quatro, que se lhe seguiraõ depois da acclamação, ahi tendes pontualmente vinte e quatro: a estes vinte e quatro Reys, entrando neste numero tambem o Serenissimo D. Joaõ o Quinto, todos vio S. Joaõ no Ceo, e todos gozaõ da presença de Deos. Na opiniaõ vulgar, e mais recebida, aquelles vinte e quatro Anciãos eraõ os doze Patriarcas do Testamento Velho, e os doze Apostolos do Novo: e já se vê, que o ultimo daquelle numero, havia de ser forçosamente S. Joaõ, e Joaõ tambem he
o ulti-

o ultimo desta minha confideraçãõ: *Et ecce sedes posita erat in Cælo, & supra sedem sedens, & in circuitu sedis sedentes supra thronos viginti quatuor Seniores circumamicti vestimentis albis, & in capitibus eorum coronæ aureæ.* Posso dizer mais do nosso Rey? Parece que não: mas ainda posso, e servirnoshãõ o que differ de dobrada consolaçãõ.

Depois de S. Joãõ ver aquelles vinte e quatro Anciãos Apoc. 4. & 5. sentados diante do throno de Deos, accrescenta que havendo hum grande debate no Ceo, e ignorando-se a causa; lhe differa hum dos mesmos Anciãos, que hum Leão Real, e coroadõ, tinha alcançado huma grande, e famosa vitoria: *Et unus de Senioribus dixit mihi: Vicit Leo.* O que posto, não tardou muito, que o mesmo Evangelista não visse aos Anciãos com muito diversa postura, todos inclinados, e prostrados diante de Deos: *Et viginti quatuor Seniores ceciderunt in facies suas.* E ainda que o Texto não declara a causa, ou motivo desta acçãõ; diz o Alcaçar, que fora quererem-lhe dar as graças por taõ in- Alcaçar híc. signe, e assignalado beneficio: porque ainda que a vitoria era alhea, tambem a elles lhes tocava, e pertencia o seu fruto della: *Ceciderunt in facies suas, gratias scilicet agentes; quia in ipsos etiam redundabat fructus victoriæ.* Isto vio S. Joãõ. Mas que Leão era aquelle? Que vitoria? Que fruto? E finalmente que Anciaõ, o que revelou aquelle segredo? O Leão era o de Hespanha, bem conhecida, e celebrada por este nome: a vitoria a Serenissima Rainha, e Senhora nossa Marianna Victoria: o fruto o da successãõ, que della desejassemos: e o Anciaõ, que descobrio o segredo, como mais interessado nelle, o Serenissimo D. Joãõ o Quinto, que já do Ceo nos está solicitando, e annunciando felicidades; e entre ellas a mayor, que podemos desejar, e esperar.

2. IX.

A Ssim seja, ò Alma ditosa, e bemaventurada: assim seja; nem nós, os que tivemos a fortuna de ser teus Vassallos, podiamos esperar menos de ti. Todos te servimos, todos te obedecemos, e o que mais he, todos te amamos; todos temos direito para requerer de ti huma eterna, e saudosa lembrança. Lembra-te pois, não digo de nós particularmente, senão do

teu Reyno em geral, e alcança-lhe de Deos toda a prosperidade. Alcança-lhe firmeza na Fé, manutenção na Justiça, e perpetuidade na duração. E já que mereceste perceber, e celebrar no Ceo o fruto daquella vitoria, que lá se conseguiu; fa-
 ze tambem que nós o percebamos, e celebremos na terra, para estabelecimento de Portugal, para consolação nossa, e para gloria de Deos, e Tua.

ESTATUA DE OURO,

QUE O MUITO ALTO, E MUITO PODEROSO REY,
E SENHOR NOSSO

D. JOAÕ V.

O FIDELISSIMO,

De eterna, e saudosa memoria,

ERIGIO NAS IMMORTAES, E GLORIOSAS ACCOENS
de sua heroica vida, e para indelevel monumento de taõ Augusto,
e incomprehensivel Monarca expoem neste Sermaõ

SEU AUTHOR

ANTONIO DE OLIVEIRA,

SACERDOTE DO HABITO DE S. PEDRO, MESTRE EM ARTES,
e Theologo dos Estudos Geraes da Companhia de Jesu da Cidade da Bahia, e nelles
muitas vezes Examinador de Filosofia, Missionario Apostolico por Sua Santidade,
Visitador Geral do Sertaõ debaixo, e da Cidade de Sergippe delRey, com
poder de chrismar por indulto do Santissimo Padre Benedjeto XIV.

PRÉGADO

NAS SUMPTUOSAS, E REAES EXEQUIAS,
*que em 15 de Dezembro de 1750 celebraraõ as Religiosas
de Santa Clara do Desterro, no seu Mosteiro
da mesma Cidade da Bahia.*

ESTATUA
 DE O MUITO ALTO, E MUITO PODEROSO REY
 e Senhor Nosso

D. JOAÕ V.
 O FIDELISSIMO,

De vossa, e vossa memoria,

ERIGIO NAS IMMORTAES, E GLORIOSAS ACCOENS
 de sua heroica vida, e para indelivel monumento de sua Augusta
 e incomprehensivel Moeraca exponem nelle sempre

SEU AUTHOR

ANTONIO DE OLIVEIRA
 SACERDOTE DO HABITO DE S. PEDRO, MESTRE EM ARTES
 e theologo dos Reales Collegios de Coimbra de Portugal e de Bahia, e nelle
 suas obras ha traduzido de Portuguez para o Brasil, e de
 Victor Geral de S. Pedro de Bahia, e de C. de S. de S. de S. de S.
 poder de christam por indulto do Summario Padre Benedicto XIV.

PRÉCADO

NAS SUMPTUOSAS, E REALES EXPOZIAS,
 que em 15 de Dezembro de 1750 celebradas as Religiozas
 de Santa Clara de Desterro, no seu Mosteiro
 da mesma Cidade da Bahia.

Non est homo super terram, qui sermonem tuum, Rex, possit implere... Sermo enim, quem tu quæris, Rex, gravis est: nec reperietur quisquam, qui indicet illum... exceptis diis, quorum non est cum hominibus conversatio.

Ex Daniele cap. 2. 10. 11.

HUM Soberano, que foy o Mysterio das Magestades, huma Magestade, que foy o prodigio dos Soberanos, he taõ incomprehensivel ao nosso entendimento, que se faz inacessivel ao discurso humano. (Muito Alto, e Muito Poderoso Rey, e Senhor Nosso.) Hum Soberano, que foy o Mysterio das Magestades, huma Magestade, que foy o prodigio dos Soberanos, he taõ incomprehensivel ao nosso entendimento, que se faz inacessivel ao discurso humano. Tal foy o Muito Alto, e Muito Poderoso Rey, e Senhor Nosso D. Joaõ V., de gloriosa, e eterna memoria; que elevando-se em suas Reaes acções a ser prodigioso Mysterio dos Monarcas, subio tanto além da nossa capacidade, que voou sobre a esfêra da nossa comprehensãõ. E Mysterio de tantos prodigios, naõ ha sabedoria humana, que o possa comprehender, nem explicar.

Sonhou o Rey Nabucodonosor com huma Estatua, que depois de acordar, lhe servio do mais cuidadoso disvêlo para a sua mysteriosa intelligencia; chamou a conselho os mayores Sabios do seu Imperio, que lhe explicassem tanto prodigio: *Visi- Dan. 2. 3. 6.*
di somnium... somnium igitur, & interpretationem ejus indicate mihi. Queria o Rey, que os Sabios de Babylonia lhe fizessem hum Sermaõ, que comprehendesse o mysterio daquella Estatua: *Visio sermone digna.* Mas reconhecendo elles as difficuldades Hug. hic.
da proposta, chegaraõ a confessar ser taõ grave a empreza, que excedia pela sua materia a capacidade humana; e só eloquencia de superior esfêra seria competente para Sermaõ taõ alto: *Non est homo super terram, qui sermonem tuum, Rex, possit implere: sermo enim, quem tu quæris, Rex, gravis est: nec reperietur quisquam, qui indicet illum: exceptis diis, quorum non est cum hominibus conversatio.*

Saiba-

- Saibamos porém nós qual era a difficuldade daquelle Sermaõ, e o incomprehensivel mysterio daquelle Estatua, de quem disse o Proféta Daniel, que Sabio nenhum da terra, sem fer illustrado do Ceo, o poderia manifestar: *Mysterium, quod Rex interrogat, sapientes nequeunt indicare Regi.* Diga-o porém o mesmo Proféta, depois que Deos o revelou: *Et Deus in Cælo revelans mysteria.* Aquella Estatua sobre os pés de barro (explicou Daniel ao Rey) consta de quatro differentes metaes: *Ecce quasi statua una grandis, statua illa magna, & statura sublimis.* He o primeiro metal da Estatua o ouro, em que te representas, ò Rey Nabucodonosor, Soberano do Imperio dos Caldeos, e Babylonios: *Tu es ergò caput aureum:* O segundo metal he a prata, que symboliza o Imperio dos Assyrios, e Persas, e o seu Emperador Cyro: *Regnum aliud minus te argentum:* O terceiro metal he o bronze, que significa o Imperio dos Gregos, e o seu Emperador Alexandre Magno: *Regnum tertium aliud æreum:* E o quarto metal finalmente he o ferro, que indica o Imperio dos Romanos, e o seu Emperador Augusto Cesar: *Regnum quartum erit velut ferrum.*
- E este he o mysterio daquelle Estatua taõ incomprehensivel aos homens, que só o Ceo o pôde revelar, como Sacramento: *Sacramentum hoc revelatum est:* para que conheçaõ os Sabios da terra, que huma Estatua, compendio de quatro Imperios, e dos seus quatro Monarcas, naõ pôde ser explicada pela sabedoria humana: *Mysterium, quod Rex interrogat, sapientes nequeunt indicare Regi.* Mas ainda na mesma Estatua temos mais mysterios, que descobrir, e ponderar: porque no ouro do primeiro Imperio, diz S. Agostinho, se vê o symbolo dos louvores de Deos, e o magestoso augmento do seu Divino culto: *Aurum significat laudes Dei:* na prata do segundo Imperio, diz S. Gregorio Magno, se admira a mais primorosa cultura das letras: *Argentum significat Scriptores:* no Monarca do terceiro Imperio dos Gregos Alexandre, se reconhece o emblema da liberalidade: *Alexander erat liberalis:* e no quarto Imperio dos Romanos em tempo de Augusto Cesar se symboliza finalmente a paz mais segura: *Descriptio facta est ab Augusto, cum plenam haberet in toto Orbe pacem:* e hum compendio destes quatro symbolos he mysterio, que se naõ pôde comprehender,
- Dan. 2. 27.
- Ibi 28.
- Ibi 31.
- Ibi 38.
- Ibi 39.
- Ibi.
- Ibi 40.
- Ibi 30.
- Aug. q. in Evang. 34.
- Greg. 15. Moral. 30.
- Apud Laur. V. Alex.
- Alap. in Luc. 2. 1.

prehender, nem explicar: *Mysterium sapientes nequeunt indicare.*

E quem podia ser o Augustissimo figurado, que recopilando em suas Reaes accções hum compendio dos quatro symbolos daquella mysteriosa figura, desempenhasse melhor os seus significados, sennaõ o Muito Alto, e Muito Poderoso Rey, e Senhor Noffo D. Joaõ o Quinto? Este foy, Senhor, Vossa Real Magestade, que elevando o seu Imperio a ser compendio daquellas quatro Monarquias, e recopilando em sua Real Pessoa o mais prodigioso mysterio daquelles quatro Emperadores; soube desempenhar o symbolo de Nabucodonosor de Babylonia nos louvores de Deos, e no augmento do seu Divino culto: desempenhou o symbolo de Cyro da Persia na mais primorosa cultura das letras: desempenhou o symbolo de Alexandre da Grecia na sua mayor liberalidade: e desempenhou finalmente o symbolo de Augusto de Roma na mais segura paz, em que sempre conservou o seu Imperio. E se o mysterio daquella Estatua era incomprehensivel à capacidade humana, naõ póde haver humano discurso, que possa formar hum Sermaõ digno das Reaes Exequias de Vossa Magestade: *Non est homo super terram, qui sermonem tuum, Rex, possit implere: sermo enim, quem tu quæris, Rex, gravis est: nec reperietur quisquam, qui indicet illum: exceptis diis, quorum non est cum hominibus conversatio.*

Com os olhos profeticos nos quatro symbolos daquella Estatua disse Daniel, que havia Deos estabelecer o quinto Imperio, que fosse Reyno seu eterno: *In diebus autem regnorum illorum suscitabit Deus Cæli regnum, quod . . . stabit in æternum.* E qual foy o Monarca, que desempenhando todos os quatro symbolos daquella Estatua, confirmou a Portugal Reyno eterno de Christo, como quinto Imperio, sennaõ o Senhor Rey D. Joaõ o Quinto? O fim, porque Deos mostrou ao Rey de Babylonia aquella Estatua, dizem os Expositores, foy para lhe elevar o animo a hum summo desejo, de que se perpetuasse o Reyno do Supremo Rey de todos os Reys: *Quia volebat Deus Regis animum . . . ad Christi Regnum erigere.* E quem como o noffo Supremo Monarca mostrou com mayor excessõ, efficacia, e diligencia, que o seu Imperio era o Quinto na recopilação daquelles quatro Imperios, como Réyno mimoso do

Ee mesmo

mesmo Christo? E à vista de taõ prodigioso mysterio, como posso eu hoje satisfazer à obrigação de Orador da acção presente, senão repetindo as palavras, que escolhi por thema, e confessando, que não he da capacidade humana taõ alto assumpto: *Non est homo super terram, qui sermonem tuum, Rex, possit implere?*

Mas que empreza devo eu hoje seguir, para desempenho da minha obrigação, senão a propria, que encontro no terceiro capitulo do mesmo Daniel? Diz o Profeta, que tanto que o Rey Nabucodonosor reconheceo o mysterio daquelle Estatua, levantara logo em seu lugar outra de ouro: *Nabucodonosor Rex fecit statuam auream.* Entendo, que vendo aquelle Rey os quatro symbolos da Estatua, os quiz eternizar com outra Estatua feita toda do rey dos metaes. Da mesma sorte eu hoje hey de mostrar a Estatua de ouro, que em suas Reaes acções erigio o nosso Soberano Monarca pelos quatro symbolos daquelle Estatua: e porventura que o dia 31 de Julho, em que foy o transito do nosso Soberano desta para melhor vida, o esteja assim insinuando. Porque se nesse dia levantaraõ os Athenienses estatuas ao Rey Demetrio em Athenas, por ser o seu Conservador: e se tambem no dia de hoje 15 de Dezembro, em que se celebraõ as presentes Exequias, erigiraõ os Antigos huma estatua ao seu Jupiter, que adoravaõ Rey do Empyreo; bem he que por tantos titulos vejamos hoje a Estatua de Ouro, que o nosso Augustissimo Rey formou em suas Reaes acções: *Rex fecit statuam auream.* E não menos pelo lugar, em que se celebraõ as presentes Exequias, parece, que só devo repetir o thema, e mostrar a Estatua.

Morto o grande Numa Pompilio Rey de Roma, querendo as Virgens Vestaes habitantes nos seus dominios celebrar-lhe Exequias, collocaraõ huma Estatua em memoria do Rey Numa, e junto della a imagem de Harpocrato, apontando com hum dedo para a Estatua, e com outro na boca indicando silencio, como dizendo: Que de hum Rey como Numa Pompilio, se devia só mostrar a Estatua, e deixar em silencio todo o mais elogio. E como as presentes Exequias saõ celebradas pelas Religiosas deste Mosteiro, melhores que as Virgens Vestaes de Roma; será o meu assumpto mostrar a Estatua de Ou-

Dan. 3. 1.

Pol. Diar. S. P.
n. 1062.

Idem n. 1710.

ro do Senhor Rey D. Joaõ o Quinto ; que qual Nabucodonosor de Babylonia foy o mais eximio cultor dos louvores de Deos, e de feu Divino culto ; qual Cyro da Persia elevou o seu Imperio à mayor cultura das letras ; qual Alexandre Magno da Grecia foy o Monarca da mayor liberalidade ; e qual Augusto Cesar de Roma soube conservar em ditosa paz os seus Vassallos.

Veremos a taõ Soberano Monarca, com procedimentos todos de ouro, por estes quatro relevantes symbolos elevarse a taõ superior esféra, que subindo em sua Real grandeza muito além da nossa capacidade, se fez incomprehensivel ao discurso humano: pois só o Ceo sabe inteiramente comprehender hum Espirito eximio professor do culto Divino ; sapientissimo Cultor das letras ; magnanimo Distribuidor de liberalidades ; e observantissimo Conservador de huma paz permanente. Mas em quanto aos elogios de seus elevadissimos meritos, condignos de sua Real Pessoa, ferey emmudecida imagem do mais profundo silencio ; que apontando sómente a Estatua de Ouro de taõ sublimes accões, lhe grave ao pé com o finzel do respeito a verdadeira confissão das palavras, que escolhi por thema: *Non est homo super terram, qui sermonem tuum, Rex, possit implere: sermo enim, quem tu quæris, Rex, gravis est: nec reperietur quisquam, qui indicet illum: exceptis diis, quorum non est cum hominibus conversatio.* E comecemos já a admirar a Estatua pela sua

PRIMEIRA PARTE.

ERa o rey dos metaes o primeiro, que formava a cabeça daquella mysteriosa Estatua: e significando o primeiro Imperio dos Caldeos, e ao seu Monarca Nabucodonosor, symbolizava os louvores de Deos, e o magestoso augmento de feu Divino culto: *Aurum significat laudes Dei*: e deste finissimo ouro mostrou o Senhor Rey D. Joaõ o Quinto, que era a sua qualificada devoção para o mayor ornamento do culto Divino: *Aurum caput statuæ significat devotam intentionem.* Conhecia o seu profundo respeito, e elevada attenção, que todo o Mundo com as suas riquezas era diminuto holocausto, para se confagrar em obsequio da divina tremenda Magestade: e to-

Aug. supr.

Ric. de S. Viçt.
de Somn. Nab.

do fervoroso nas Reaes maximas do seu Catholico animo, respirava ardentissimos desejos para os possiveis augmentos de adorações a Deos. Inventou o sempre magnanimo do seu altissimo conceito a magestosa idéa de consagrar na sua Corte em applausos do mesmo Deos aquelle grande culto, que se lhe dedicava na Cabeça do Mundo, parte principal de toda a Igreja: e do modo possivel formando de Lisboa nova Roma, erigio a Santa Basilica Patriarcal, onde além do grande numero de Beneficiados, e Conegos, instituiu a Illustrissima ordem de Monsenhores, e a Excellentissima jerarquia de Principaes; sendo o seu supremo Prelado o Eminentissimo Cardeal Patriarca.

Dan. 2. 48.

Com a eleição desta Eminentissima Purpura desempenhou aquella sublime eminencia, a que o Rey Nabucodonosor levantou ao Proféta Daniel: *Rex Daniele in sublime extulit*: e se das elevações deste Proféta, diz o Cardeal Hugo, que mostrava aquelle Rey a veneração devida ao verdadeiro Deos, que em Daniel adorava; da exaltação do Eminentissimo Cardeal Patriarca digo eu, que fez o nosso Soberano manifesta demonstração da honra, e gloria, com que se deve adorar a Divina Suprema Magestade, ainda na terra: *Rex hoc sacrificio non tam Daniele, quam in Daniele Deum venerari, & colere voluit*. Para ornato desta Santa Basilica mandou a Real grandeza do nosso Monarca examinar, e tirar os moldes das peças de mayor preço, e pompa por toda a Europa: e sempre com excessão a todas, fez os mais preciosos ornamentos para as funções sagradas. Da mesma Roma vierão os Musicos de mayor fama, para que em bem concertados córos fosse no possivel imitada a musica do Ceo.

Hug. in Dan. 2.

Dan. 4. 9.

Mas quem poderá dizer inteiramente o summo gráo da magnificencia, com que fez celebrar todas as acções do Divino culto? Só sey, que nesta Real grandeza subiu tanto, que melhor do que Daniel o disse àquelle Rey de Babylonia, podemos nós dizer ao nosso Augustissimo Monarca, o quanto a sua soberania cresceu, e chegou a occupar o immenso espaço, que vay da terra até o Ceo: *Tu, Rex, magnificatus es; & magnitudo tua crevit, & pervenit usque ad Caelum*. E basta para seu mayor credito dizer o Author da Historia Chronologica, tratando do nosso Monarca a respeito da Patriarcal, que: *Enriquece*

riqueceo esta Santa Basilica não só de privilegios, e preeminencias grandes, mas de rendas, e sagrados donativos tão vantajosos, que chegarão a atroar o Vaticano, e a edificar o Supremo Pastor, como elle testifica na segunda Bulla, que passou a 12 de Março de 1717 confirmativa, e ampliativa dos primeiros privilegios. Menos me atrevo a referir as sacratissimas devoções, com que profundamente humilhado na mesma Patriarcal, com edificação de todos, reverenciava a real presença de Christo Senhor Nosso Sacramentado. Só entendo, que com os olhos nelle disse o Chronista sagrado, o que proferio das devoções do Rey Salamaõ: *Stetit autem Salomon ante altare Domini in conspectu Ecclesiæ Israel, & expandit manus suas in Cælum.*

Hist. Chron.

3. Reg. 8. 22.

Naõ só nesta Santa Basilica, mas em tudo, que conduzia para respeito da Igreja do Senhor, fazia as mayores demonstrações de reverencia; assim no mais pomposo augmento dos lugares sagrados, como nas decentes attenções aos Ministros da mesma Igreja. Mas por isso foy o Rey mais feliz, que reconhecem as idades, e a nossa veneração:

Qui colit Ecclesiam, felici navigat aura.

Ambros. Mus.
Theatr. Pol. c.
30.

Nem Santo Agostinho declara outro fundamento para as felicidades de hum Monarca, senão o saber tributar os thesouros do seu poder para augmento do Divino culto: *Nos felices Imperatores dicimus, si potestatem suam ad Dei cultum dilatandum dirigunt.* Tanto era o seu ardente zelo para a fundação de huns Templos, e renovação de outros; que delle, como de Constantino Magno, se póde dizer, que fazia dos seus thesouros patrimonio para a Igreja do Senhor: *Ex propriis thesauris liberalissimè, & profusissimè Ecclesiæ benefecit, opulentis eas, & splendidis redivibus dotans.* E estes são os muros mais firmes, com que os Soberanos devem fortificar os seus Imperios, e estas as fortalezas da sua mayor defenfa. E que mayor felicidade, que embarcar seguro na Náo da Igreja para gloriosa conservação da sua Monarquia! He o que diz o Theatro Politico: *Oh longè feliciores Principes, qui regni præsidia non in timore, & ferro; sed in populorum benevolentia, & in divini Numinis præsidio firmant.* Consultarão os Athenienses o Oraculo

Aug. de Civ. Dei
lib. 5. cap. 24.Euseb. lib. 1. & 4.
de Vit. Constantin.

Theatr. Polit. c.

4.

de

Saavedr. Emp.
25.

de Delphos, para saberem, como se defenderiaõ do Rey Xerxes, que os buscava com a poderosa armada de mil e duzentas náos; e foy-lhes respondido, que cingissem a Athenas de hum muro de madeira: O que declarou Temistocles, dizendo, que mandava Apollo, se embarcassẽ em huma náõ, que nella se defenderiaõ.

E quanto mais segura he a Náõ da Igreja? Onde embarcando-se hum eximio Professor do Divino culto, deixa os seus Vassallos na mais fortalecida segurança? Nem ha defenõa para os dominios de hum Imperio, como he a virtude da Religiaõ em hum Monarca:

Theatr. Polit.
cap. 4.

Imperii fines semper divina tuetur

Religio: labat hæc? vis labat Imperii.

Legibus ergo Dei regnorum subjice jura,

Regna tibi, ò Princeps, si diuturna cupis.

Affim o fez o Senhor Rey D. Joaõ o Quinto, ornando o seu Imperio de tantos Templos, quantos na Igreja do Senhor veneramos em o Reyno, e suas Conquistas; ou fundados de novo, ou novamente reedificados com devotissima grandeza. Do Rey Nabucodonosor sabemos, que por huma das sete maravilhas do Mundo, depois de confirmada a paz do seu Imperio, fizera os *Hortos Pensiles*: mas quanto mais florentes jardins edificou o nosso Soberano nos Templos, como melhores *Hortos Pensiles* do seu Imperio; e como melhores maravilhas de todo o Mundo nas sumptuosas obras da Igreja? Publique-o tambem a sumptuosa Basilica de Mafra, dedicada ao nosso grande Portuguez Santo Antonio, e consagrada em Templo para os divinos cultos em 22 de Outubro de 1730, a cuja vista, na materia, e obra, desapparece da vista, e estimaçaõ o Templo de Diana em Epheso. Testemunhe-o a portentosa obra de Nossa Senhora das Necessidades, e o seu Real Collegio, nova habitaçaõ dos Religiosissimos Padres da Congregaçaõ do Oratorio.

Manifeste-o a fundaçaõ da Religiosa Casa de Exercicios Espirituaes de S. Vicente de Paulo, para decorosa, e perfeita educaçaõ, dos que se habilitaõ para Ministros da Igreja. E que direy de innumeraveis Conventos de Religiosas: que só
nesta

nesta America Portugueza tem concedido edificarse de novo, como Jardins da Igreja mais celebrados? Que Bispos, que Prebendas, e que Paroquias tem augmentado de novo sem numero, para melhor, e mais ampla administração do culto Divino? Oh que famosissimos *Hortos Pensiles* da Christandade! Mas como no seu reynado esteve sempre fechado com portas de diamante o Templo do Deos Jano em paz perpetua, era bem se abrissem tantos Templos ao Deos verdadeiro com dispendios de talentos sem numero. Dos alicerces de tantas obras da Igreja extrahia o nosso Soberano o finissimo ouro para a sua Estatua: e onde apurou mais, como em crysol, os preciosos quilates de tanto ouro, foy na sensivel, e penosa enfermidade, que padecio oito annos. Depois de sete annos de penitencia fez o Rey Nabucodonosor no oitavo anno a sua Estatua de ouro: *Nabucodonosor Rex fecit statuam auream*: e tambem em oito annos de continuado padecer se purificou o mais rico ouro para a Estatua do nosso Monarca: *Virtus in infirmitate perficitur. Scilicet ut fulvum spectatur in ignibus aurum*.

Falla o mais sabio dos Reys das tribulações da enfermidade, e lhe chama crysol de apurar o ouro: *Tamquam aurum in fornace probavit eos*: E neste crysol quiz Deos apurar o ouro da Estatua do nosso fortissimo Rey; que admirava a todos, que o viaõ hoje entre os deliquios da morte aberto em penosissimas sarjaduras, e à manhã com fortaleza incomparavel assistindo na sua Real Tribuna a todas as funções do Divino culto: servindo-lhe estas Catholicas acções de pedra de toque, em que dava a conhecer os superiores quilates da sua devoção. Colloque embora o Emperador Arcadio no grande Templo de Constantinopla huma Estatua de prata, para memorias de seu pay o Emperador Theodosio Magno; que em cada Templo, que na Igreja de Deos edificou, ou ornou o Senhor Rey D. João o Quinto, assistindo sempre nelles às funções mais plausiveis, merece Estatua de ouro pela sua Catholica applicação ao culto Divino: porque nas assistencias aos Divinos Officios excedia os Clodoveos de França; no respeito aos Sacerdotes, e Ministros do Altissimo, levava ventagens aos Wenceslaos de Bohemia; na adoração das Imagens vencio os Justinianos de Roma; e nos Oitavarios, e Festas aos Santos de novo canonizados superava

2. Corint. 12. 9.

Ovid. Trist. lib.
1. Eleg. 4.

Sap. 6. 3.

os Luitprandos de Lombardía; e em todos estes quilates de fino ouro só se imitava a si mesmo.

Reynou finalmente Nabucodonosor, conforme o Alapide, quarenta e quatro annos: *Ipse enim quadraginta quatuor annis regnavit*: e outros tantos annos (poucos na verdade para os nossos desejos) reynou o nosso Augustissimo Monarca: e parece que a applicação ao Divino culto lhos conservava para seu mayor augmento, como disse o Poeta:

Theatr. Pol. cap.
30.

*Regi Cælicolum vos flectite colla potentes;
Tunc dabit Omnipotens regia scepra diu.*

Estas, e outras innumeraveis foraõ as acções de ouro do nosso Soberano Monarca; porque em todas procurou sempre a mayor honra, e gloria de Deos: *Aurum significat eos, qui in operibus suis quærent gloriam Dei*. Levante pois Nabucodonosor a sua Estatua de ouro: *Nabucodonosor Rex fecit statuam auream*: que Estatua de melhor ouro se fabricou em suas Reaes acções nosso Soberano: mas por isso mesmo he Rey taõ sublimado na sua superior grandeza, que à imitação da mysteriosa Estatua, que vio aquelle Rey, se fez incomprehensivel: nem o trabalho humano, por mais que queira elogiar dignamente obras taõ superiores, pôde comprehender a sua primorosa maravilha: assim o disse o Sabio a respeito das obras do mayor Monarca, que por mais que trabalhemos, naõ poderemos comprehendellas: *Ne laboretis; non enim comprehendetis*.

Ecclef. 43. 34.

Ibi 27.

Ibi 43. 1.

Alap. hic.

E que obras eraõ as de que falla o sabio: *Illic præclara opera, & mirabilia*? Eraõ obras preclarissimas, e admiraveis, as quaes se viaõ na primorosa fabrica do firmamento, em que Deos nos dava huma representação da sua gloria: *Altitudinis firmamentum pulchritudo ejus est, species Cæli in visione gloriæ*: e diz o Alapide, que no sentido allegorico era a Igreja de Deos. Seja pois incomprehensivel por effencia a gloria da Igreja de Deos; que tambem se fez incomprehensivel por excellencia a gloria accidental, que ao mesmo Deos resulta das preclarissimas, e admiraveis obras, que o nosso grande Monarca soube edificar nos Templos do Senhor, aos quaes ornou de taes primores, que fossem Ceos abertos na terra: *Ne laboretis; non enim comprehendetis. Illic præclara opera, & mirabilia.*

bilis. Altitudinis firmamentum pulchritudo ejus est, species Cæli in visione gloriæ. E se me differem que o incomprehensível neste lugar pertence ao Divino, e não ao humano; do Templo, que edificou a Deos hum Rey da terra, deu já a entender ser incomprehensível o elevado entendimento de huma fabia Rainha, que vendo aquella portentosa maravilha, lhe faltou o espirito, e desfalecêraõ as forças na admiração de tantos prodigios: *Videns autem Regina Sabá . . . domum, quam ædificaverat . . . non habebat ultra spiritum.* 3. Reg. 10. 4.

E na verdade, que hum Monarca, que tanto illustrou o Divino culto, dando a conhecer aos homens as adorações, que se devem ao Divino Increado Lume, não só nos referidos Templos, mas tambem no sempre celebrado Triduo das Festas de Santa Engracia em applausos do Santissimo Sacramento do Altar, e na solemníssima Procissão de *Corpus Christi*, que instituio com a mayor grandeza, que se podia imaginar, se fez tão incomprehensível, que delle se não póde cabalmente dizer quem era; mas só dizendo-se quem não era, he que se póde diminutamente explicar. Do mayor Joaõ, que vio o Mundo, disse outro Joaõ todo Aguia, que não era luz; mas que sabia testemunhar, quem era o Divino Lume: *Non erat ille lux; sed ut testimonium perhiberet de lumine.* Pois a Aguia dos Evangelistas não diz quem era hum Joaõ; só diz quem elle não era: *Non erat ille lux?* Sim por certo: porque hum Joaõ, que tanto sabia testemunhar, quem era o Divino Lume, he tão incomprehensível, que só se póde explicar por quem não era; mas quem elle era, não se póde comprehender: *Non erat ille lux; sed ut testimonium perhiberet de lumine.* Joan. 1. 8.

O Senhor Rey D. Joaõ o Quinto não era Sacramento: *Non erat ille lux*: mas era Rey tão mysterioso, que foy quem melhor testemunhou nas sacratíssimas acções do Divino culto, quem era o Eucharístico Mysterio: *Sed ut testimonium perhiberet de lumine*: e por isso o considero eu incomprehensível. Assim foy, Senhor, Vossa Real Magestade tão elevado sobre a esfera da nossa capacidade, que se fez inacessível à nossa comprehensão pelas prodigiosas maravilhas, com que soube Catholicamente exaltar as venerações do culto Divino, a quem posso applicar o texto: *Religiosus, ac timens Deum*: e se o myf- Actor. 10. 2.

terio daquella Estatua não havia sabedoria humana, que o comprehendesse; não ha certamente tambem na terra quem, sem ser illustrado pelo Ceo, possa fazer hum Sermaõ, que dignamente declare a gravidade de seus superiores elogios: à vista do que só irey mostrando a Estatua, e em profundo silencio repetindo as palavras, que figo por thema: *Non est homo super terram, qui sermonem tuum, Rex, possit implere: sermo enim, quem tu quæris, Rex, gravis est: nec reperietur quisquam, qui indicet illum: exceptis diis, quorum non est cum hominibus conversatio.*

SEGUNDA PARTE.

DE prata se formava a segunda parte daquella Estatua mysteriosa; que significando o segundo Imperio dos Persas, e o seu Rey Cyro, symbolisava a mais primorosa cultura do Imperio das letras: *Argentum significat Scriptores*: mas de ouro mostrou o nosso Soberano Monarca ser a sua sabedoria, com que ornou o seu Imperio; de sorte, que o elevou aos creditos da mais celebrada Athenas do Mundo todo: *Aurum significat Sapientes, & ipsam Sapientiam*: e com este ouro formou tambem a segunda parte da sua Estatua para nossa reverente admiração: *Rex fecit statuam auream.* Na lingua Persica o nome do Rey Cyro vale o mesmo que Sol: *Cyros idem sonat, ac Sol*: e do Rey dos Astros, diz Santo Agostinho, que he brilhante geroglifico da Sabedoria: *Sol significat sapientiam.* E se no Monarca das luzes tem a sua representação o Monarca do segundo Imperio da Persia, que significa o Principado das letras; symbolizando-se no grande Cyro pela sabedoria o nosso Soberano Monarca, bem he que o vejamos tão applicado cultor das mesmas letras, que por ellas o admiremos aos nossos discursos incomprehensivel.

Aquelle Rey Sabio, que com a mais superior illustração do Ceo conhecia os quilates, que devia ter quem dignamente houvesse de reynar com soberanos acertos; aconselhava a todos os mais Reys, que amassem muito o lume da Sabedoria para rectissima administração dos seus Vassallos: *Diligite lumen Sapientie omnes, qui præestis populis*: e tanto observou o nosso

Greg. 15. Moral. 30.

Idem Moral. 14.

Joan. Fung. E-
tym. Tril. verb.
Cyr.

Aug. sup. Psal. 57.

Sap. 6. 23.

o nosso Monarca este dictame, que não só se applicou à consummada cultura das Sciencias, e à lição da Historia; mas quiz de novo fundar, e com effeito instituio em seu Palacio hum Regio Atheneo, por Decreto de 8 de Dezembro de 1720, com cincoenta Academicos do Numero, pelos quaes distribuio as partes da Historia Portugueza, para creditos da sua Monarquia, e para glorioso emprego das letras dos Sabios do seu Imperio. Foy a lua empreza a imagem da Verdade com a celebre letra: *Restituet omnia*: para que se restituíssem à luz de todo o Mundo as reconditas noticias do seu Reyno.

De outra Academia, que no anno seguinte se erigio nesta Capital da America Portugueza, em que por mais de tres annos se deu principio à Historia do Brasil no Palacio do Illustrissimo, e Excellentissimo Conde de Sabugosa, entao Vice-Rey deste Estado, sey eu, que foy a empreza o Sol com esta letra: *Sol oriens in occiduo*: e que propriissimo geroglifico do nosso Rey, o Rey dos Astros? Que se o Sol afugentando trevas restitue aos nossos olhos todo o visivel; o nosso Soberano Monarca com a continuacão da sua Academia fez resuscitar de entre as sombras do esquecimento hum literario manifesto conhecimento do seu Imperio, restituindo com verdade à luz publica as accões dos Portuguezes de mayor credito: *Restituet omnia*. E tanto se póde comprazer o nosso Reyno de Portugal com aquelle Soberano Monarca, illustrador das mais famigeradas accões dos seus Vassallos, que, como Sol, fez a muitos renascer como ao Fenix. Assim se compraziaõ os Vassallos, porque assim se comprazia o mesmo Rey: porque à proporção que fazia cultivar as letras, o enriquecia o Ceo de copiosos thesouros, e felicidades; podendo dizer com o Rey Sabio a respeito da Sabedoria: *Venerunt autem mihi omnia bona pariter cum illa*. Sap. 7. 11.

He o que dizia Plataõ: bem aventurado o Imperio, em que o Sabio reyna, ou o Rey he Sabio: que he em proprios termos, o que disse o Poeta:

*Regna beata forent, si vel contingeret esse
Philosophos Reges, vel Reges philosophari.*

Theatr. Polit.
cap. 15.

E como podemos dar a este Soberano Monarca o merecido ti-

tulo de Rey Sabio, melhor do que França o deu ao seu grande Monarca Carlos Magno: que se elle erigio Collegios, e Univerfidades, e em Paris estabeleceo a sua Real Academia, convidando para ella os homens mais sabios do Mundo todo; o nosso Sapientissimo Monarca augmentou Univerfidades, erigio Collegios, e teve a felicidade de achar Sapientissimos fugeitos, versados em todo o genero de literatura em o seu Reyno, e Dominios para cincoenta Academicos do Numero, além dos Supranumerarios, e Provinciaes, todos seus Vassallos; antes com o inviolavel systema, de que só fossem admittidos à mesma Academia Portuguezes, e não Estrangeiros: Astros em fim, que parece participavaõ as luzes daquelle Sol; que depois da estimaçaõ, que ouviraõ fazer das letras, se tem de forte applicado a ellas, que se tem no Reyno multiplicado as Aulas Academicas, e tantos os Sabios, que professaõ Sciencias, que para hum lugar, que vaga na Academia Real, apparecem innumeraveis para a escolha.

Mas em que acções considerarey eu no nosso Monarca mayor sabedoria? Em que ha de ser? He no seu aureo, e inviolavel segredo: porque se era Sabio em honrar os Sabios, e darlhes emprezas para a immortalidade de seus nomes; mais Sabio ainda o deve considerar o nosso respeito nos soberanos segredos, com que reynava. Entendo que orava sempre a Deos com o Rey David, pedindo-lhe a observancia desta moral, e Regia virtude: *Pone, Domine, custodiam ori meo.* Aprendeo sem duvida no Theatro Politico, que a primeira, e principal regra de saber reynar com prudencia, era o silencio: *Prudentis imperii regula præcipua est silentium*: e assim desempenhou o seu symbolo, que se representava no segundo metal da Estátua, representaçaõ do Imperio dos Persas; porque a Sciencia, que estes mais prezavaõ para seus mayores elogios, era o silencio: *Hoc idem (silentium) apud Persas magna cum laude observabatur.*

Esta foy a maxima, que mais recommendava o Politico ao seu Principe perfeito, dizendo-lhe, que se ouvisse a muitos para as consultas, seguisse a poucos para as resoluções: Ou o melhor era, resolver só comfigo as suas determinações reaes: *Fieri quid debeat, cum multis tractato: quid facturus sis, cum pau-*

Pfalm. 38.

Theat. Pol. cap.
7.

Ibi.

Ibi.

nellas, e aprestos bellicos; quem observasse menos Armadas furtas no porto de Lisboa, entenderia, que estavamos delarmados: mas quem attendesse os reconditos segredos do Soberano, bem podia logo conhecer, que não só no seu Real silencio, mas tambem na mesma cultura das letras, e exercicios das artes de Minerva estavaõ as melhores fortificações do mesmo Marte para descansada segurança de seus Vassallos:

Idem cap. 15.

*Imperium firmant victrices Palladis artes,
Ex quibus omne decus, gloria, fama simul.
Omne tulit punctum regalia sceptrâ gubernans,
Qui Imperio jungit cum probitate Togam.*

Ecclef. 9. 18.

E até nisto foy sabio o nosso Soberano, seguindo ao Rey mais sabio, que diz, que a Sabedoria excede a todas as armas bellicas: *Melior est Sapientia, quam arma bellica.* Defte finissimo ouro de tanta Sabedoria fez este Serenissimo Monarca a segunda parte da sua Estatua, como melhor Colosso, para o devido assombro da nossa veneração; pois desempenhou tanto o ser sabio na estimação, que dava aos mesmos Sabios, que se constituio assim mais sabio, que todos; como do Summo Pontifice Nicoláo, tambem Quinto, disse hum Poeta:

Theatr. Polit.
cap. 13.

*Consilio illustris, virtute illustrior omni,
Excoluit doctos doctior ipse viros:*

Sapient. 7. 9.

E na verdade, que he ouro tão subido o da sua primorosa litteratura, que em sua comparação fica muito menos estimavel o mesmo rey dos metaes: como bem disse da Sabedoria o mais Sabio dos Reys, que com toda a propriedade podia dizer de si o nosso sapientissimo Salamaõ: *Venit in me spiritus Sapientiæ... Omne aurum in comparatione illius arena est exigua.* Este ouro pois de tão superiores quilates fórma a segunda parte da Estatua do nosso Soberano, condigno premio de tanta sabedoria. Mitridates Rey do Ponto mandou levantar huma Estatua para memoria da sabedoria do divino Plataõ: mas os Sabios Platoes do Reyno de Portugal devem erigir Estatua mais perduravel ao nosso Soberano Monarca. E de que ouro melhor, do que do ouro da sua mesma sabedoria?

A sua mesma Real Academia lhe levante eterna Estatua,

tua, digna do seu elevado merecimento; para que à vista della confessemos ser este Soberano Rey de tanta grandeza pela sua Sabedoria, que se fez incomprehensivel ao nosso entendimento: e tanto subio além da nossa capacidade, e comprehensão, que he na verdade o limitado de hum Sermaõ pequeno quadro, em que se descrevaõ as Reaes acções de tanta Magestade. Só a Estatua, que o seu Real Atheneo lhe levantar, poderá ser padraõ eterno, que publique ao Mundo a sua incomprehensivel grandeza: e se a empreza da mesma Academia he restituïr todo o merecimento: *Restituet omnia*; bem he que em laminas de ouro *lhe restitua*, (como diz o Author da Historia Chronologica) *lhe restitua a ampla, e syncera narraçãõ de suas heroicæ virtudes, e gloriosas acções, que nem se podem delinear, quanto mais expender em taõ pequeno quadro.* Histor. Chronol.

De tanta Sabedoria foy dotado este Soberano Monarca, que, como mysterio prodigioso de vastissima literatura, subio taõ alto sobre a nossa capacidade, que verdadeiramente naõ cabe na nossa comprehensão. Succede, a quem considera nas maximas da sua consummada sabedoria, o mesmo, que succedeo à Rainha Sabá com o incomprehensivel da sabedoria do Rey Salamaõ. He verdade, dizia a Sabia Rainha ao Rey mais sabio, he verdade tudo, quanto da vossa Real sabedoria eu ouvi dizer: e tanto se me contava della, que eu o naõ cria: mas agora que considero bem quanto sabeis, venho a alcançar, que tanto naõ cabe em nosso conhecimento o altissimo grão de tanta literatura, que nem ametade, do que ella he em si, podia eu comprehender: e assim, Senhor, he mayor a vossa sabedoria, do que a mesma fama póde publicar: *Videns autem Regina Sabá omnem sapientiam Salomonis . . . dixit ad Regem: Verus est sermo, quem audivi in terra mea super sermonibus tuis, & sapientia tua; & non credebam narrantibus mihi, donec ipsa veni, & vidi oculis meis, & probavi, quod media pars mihi nuntiata non fuerit: major est enim sapientia tua, & opera tua, quam rumor, quem audivi.* 3. Reg. 10. 7.

O nosso Soberano com particular diligencia procurou, que no seu Reynado se apurasse em tudo a magestade da lingua Portugueza, assim como o fizera o Emperador Adriano com a Grega na Grecia: elle fez resuscitar a Historia Portugueza,

gueza, qual outro Emperador Tacito, que fez refuscitar a Romana: elle, qual outro Carlos Craſſo, fez imprimir em ſeus tempos milhoens de livros ſem conto, que como ao melhor Mecenas das letras ſe lhe dedicavaõ, e fez elcrever innumeraveis Authores: elle, melhor do que Cataõ o Cenſorio, fez eſtimar a Jurisprudencia; e qual outro Fernando de Sicilia, fez exercitar todas as artes. Tanta foy a comprehenſaõ da ſua eloquencia, que ſabia quaſi todas as linguas da Europa com a ultima perfeiçaõ: foy conſummadamente verſado na Hiſtoria, e univerſalmente ſabio nos eſtudos Genealogicos: foy douto nas Eſcrituras; e em todos os Ritos ſagrados ſapientiffimo. Imitou ao Emperador Gordeano na vaſtiſſima collecçaõ da mais ſelecta, e numerosa Livraria. Porém menos he o que ſe póde dizer, do que o immenſo pelago de ſua ſabedoria: *Maior eſt ſapientia &c.*

E tanto finalmente ſubio de ponto o noſſo Monarca pela primorofa cultura das letras, que ninguem póde chegar a comprehender o ſuperior conceito do ſeu merecimento, por ſer mayor, do que ſe póde imaginar; e por iſſo o confidero incomprehenſivel. Aſſim foy, Senhor, Voſſa Real Mageſtade taõ elevado ſobre a eſféra da noſſa capacidade, que ſe fez inacceſſivel à noſſa comprehenſaõ pela ſapientiffima cultura do Imperio das letras, que exercitou, e fez apurar no ſeu florentiffimo Reynado: e lhe compete o texto: *Sapientiffimus Princeps.* E ſe o myſterio daquella Eſtatua naõ houve ſciencia humana, que a pudeffe conhecer; naõ ha tambem na terra quem, ſem ſer illuſtrado pelo Ceo, poſſa fazer hum Sermaõ, que dignamente manifeſte a gravidade de ſeus ſuperiores elogios; e ſó irey moſtrando a Eſtatua, e em profundo ſilencio repetindo as palavras, que ſigo por thema: *Non eſt homo ſuper terram, qui ſermonem tuum, Rex, poſſit implere: Sermo enim, quem tu quaeris, Rex, gravis eſt: nec reperietur quiſquam, qui indicet illum: exceptis diis, quorum non eſt cum hominibus converſatio.*

2. Reg. 23. 8.

TERCEIRA PARTE.

O Terceiro Imperio da Grecia, e o ſeu Emperador Alexandre Magno, representado no bronze, terceiro metal da Eſtatua, ſymbolizava a liberalidade: *Alexander erat liberalis:*

Joan. Fung.
Ety. Tril.

E

E de ouro preciosissimo foy a liberalidade do Senhor Rey D. Joaõ o Quinto, com que formou a terceira parte da sua Estatua, para pafmosa admiração do noſſo affombro: *Rex fecit Statuam auream*. A grande liberalidade de Alexandre lhe conseguiu o titulo de Magno; mas de Alexandre Maximo deve dar o titulo ao noſſo Soberano a ſua maxima liberalidade. Publiquem o ſeu Real animo as meſmas pedras. Qual foy o Templo, que ſe edificou de novo, ou que de novo reparaffe as ſuas antigas ruinas, aſſim no Reyno, como em todos os ſeus Dominios, e Conquiſtas, que naõ ſeja padraõ eterno da ſua liberalidade auguſtiſſima? As diſtribuições continuas para ſemelhantes obras, além de outras muitas de piedade, eraõ tantos contos ſem conto de mil cruzados, que ſe multiplicavaõ a milhoens, e mais milhoens: e ſó para as magnificas obras de Maſra paſſaraõ os milhoens de dezaféis. Naõ ha algarifmo, com que ſe ſomme o cuſto, do que diſpendeo nos ſeus Reaes deſpoſorios, e nos de ſeu Auguſtiſſimo Filho. E quem póde contar os groſſos, e Reaes donativos, com que ſoccorreos aos Hóſpitaes, aos enfermos, aos encarcerados, aos cativos, a humildes, e a illuſtres, melhor que Flavio Veſpaſiano? E até aos meſmos Conventos, e Communidades Religioſas, ainda de fóra do ſeu Reyno, que da ſua liberalidade ſe valiaõ? E que melhores eſtatuas, para creditos da ſua liberalidade, que as repetidas, e innumeraveis profuſoens de tantos donativos?

No Templo de Jeruſalem entrou em certa occaſiaõ Alexandre Magno, e ao Summo Sacerdote Jaddo, que com os mais Sacerdotes o recebia, diſſe, que elle tambem adorava ao verdadeiro Deos; e que naquelle meſmo Templo determinava elle Rey levantar para ſi huma eſtatua de ouro junto ao proprio altar: *Auream mei Statuam, naturalis magnitudinis, inter altare holocaustorum, & Sanctum locandam, eſſormari ſtatuo*. Ao que respondeo o Summo Sacerdote, que melhor arbitrio lhe daria mais eterna memoria da ſua liberalidade; e era: que o preço, que emportaffe a eſtatua, o diſtribuiſſe pelos Sacerdotes do Templo; e que a todos os meninos, que naſceſſem por eſpaço de hum anno, ſe puzeſſe o nome de Alexandre: porque cada hum deſtes ſeria viva eſtatua da ſua liberal generoſidade, e do ſeu nome: *Hi tot erunt viva monumenta, nominis*

Joseph. d. Antiq.
apud Calm. Di-
Gior. verb. Alex.

Ibi.

tui memoriam in Templo Domini quotidie innovatura.

Mas quantas mais são as estatuas, que merece a summa liberalidade do nosso Augustissimo Monarca? Porque se a liberalidade de Alexandre para as distribuições daquelles Sacerdotes resultava do preço de huma só estatua de ouro de ordinaria estatura: *Naturalis magnitudinis*; a liberalidade do nosso Monarca distribuiu em todo o tempo de sua vida, pela multidão sem conto dos que beneficiava, o quasi infinito preço de extraordinarias, e innumeraveis estatuas de ouro. Innumeraveis são as bocas, que por experiencia sabem confessar esta verdade. E que muito sejaõ os viventes os que o publicaõ, se até as ricas pedras dos sumptuosos edificios, para que concorreo, são padroens levantados, que pelas cem bocas da fama o estão gloriosamente testemunhando? Nos mesmos Templos, só os rios de cera dos infinitos lumes, que ardiaõ a expensas da sua profusa liberalidade, tem com linguas de luminosas lavaredas aclamado os rios de ouro, que sempre corraõ a impulsos da sua Real munificencia.

Mund. Symb.

Para demonstraçaõ da mais profusa liberalidade pintou Picineli hum florente bosque, em cujas arvores ateando-se o fogo, de forte penetrava com o seu calor a terra, que derretendo as minas, que nella se enferravaõ, fazia correr caudalosos rios de ouro, e de prata, com esta letra: *Eliquat ardor*. E que mais proprio emblema podiamos encontrar da liberalidade augusta do nosso Soberano? No seu Real coração se ateava o mais ardente incendio de liberalissima, e benefica grandeza: e como se lhe derreteria o ouro immenso de seus thesouros copiosissimos, eraõ tantos os rios, e caudalosas correntes de seus Reaes donativos, que bem mostravaõ ter em seu peito hum grande mar de liberalidade. Assim corria em grossas correntes de beneficios o ouro das suas liberaes magnificencias para todas as quatro partes do Mundo; que os dilatados mares do Mundo todo nunca puderaõ impedir os profusos rios das suas Reaes liberalidades: *Aque multæ non potuerunt extinguere charitatem*.

Cant. 8. 7.

Era sem duvida a sua magnificencia hum grande mar, taõ inexaurivel, que quanto mais se desentranhava em rios de caridade, tanto mais engrossava com rios de ouro, e de preciosissimos diamantes, que para o mesmo mar corriaõ. E foy tanta

ta a sua liberalidade com a pobreza, como bem se vio em todo o tempo de sua vida; e principalmente com os doentes, como foy em 1738, mandando à sua custa sustentar em casas, que erigio em novos hospitaes, assim na Corte, como no Alentejo, todos os enfermos: e até chegou a sua liberalidade a fazello prodigo da sua mesma vida, quando em 1723 à vista de huma como epidemã, que ameaçava a Corte, não quiz fahir della, tanto para consolação dos seus Vassallos, quanto para remedio de tanta pobreza: e por isso lhe descobria o Ceo tantos thesouros. Mas estes são os reditos, que resultão das mãos de Deos em remuneração da caridade mais ardente, como disse o Poeta:

Ne sis ipse miser, miseris succurrere disce:

Dives opum est, inopi qui dare novit opem.

Theatr. Polit.

Da grande liberalidade de Alexandre contaõ as historias, que fundara doze Cidades; sendo quatro dellas chamadas Alexandrias do seu nome. He cada hum dos Templos de Deos a melhor Cidade do Senhor: e são muito mais de doze as Cidades do Senhor, que com a mayor profusão da sua liberalidade tem fundado, e enriquecido o Senhor Rey D. João o Quinto: e melhores quatro Alexandrias são as quatro Mitras, que creou, e fundou de novo no seu Imperio o nosso Augustissimo Monarca. Foy a primeira a Mitra Patriarcal em Lisboa: a segunda foy a do grande Bispaado do Graõ Pará, que enriqueceo com Regia sumptuosidade: a terceira a do Bispaado de S. Paulo: e a quarta a do Bispaado da nova Cidade Marianna nas Minas, ornando-as de taõ preciosos donativos, que todos são demonstrações da sua prodigiosa liberalidade. De Alexandre Magno houve quem disse, que foy o Monarca, que proferia, que o dia, em que não ostentara a sua liberalidade, o perdèra: *Diem Apud Plut. perdidit.* E nos annaes da Historia do nosso Soberano Monarca se não poderá affinalar hum só dia perdido: porque sendo todos theatros publicos da sua grandeza, he certo, que todos soube aproveitar ao mesmo passo, que todos confessavaõ o proveito, que recebiaõ da sua liberalidade.

O Emperador Tiberio foy taõ liberal na caritativa profusão das esmolas, que dava, que chegou a Emperatriz sua Es-

poza a dizer-lhe , que puzesse termo a tanta liberalidade pela falta , que experimentaria em seus thesouros : mas dizendo-lhe o Emperador , que do Ceo esperava lhe não faltasse com subsídios para seus caritativos dispendios ; em presença da mesma Emperatriz vio no seu jardim huma pedra , que com huma Cruz em si gravada mostrava occulto algum mysterio. Tirou-se a pedra , e appareceo outra logo com outra Cruz : e descobrindo-se terceira pedra , tambem com Cruz , debaixo della se descobrio hum grande thesouro , com o qual se mostrou com evidencia , que o mesmo Ceo multiplica thesouros , a quem liberalmente os distribue em obras de caridade. Assim o experimentou Tiberio Cesar ; e com muito mayor augmento , e ventajem o experimentou o nosso Augustissimo Monarca : que em cada primeira pedra , em que se gravava o final da Cruz para lançar por suas Reaes mãos na fundação de innumeraveis Templos , lhe multiplicava o Ceo nos seus Dominios tantos thesouros , quaes são as innumeraveis minas de ouro , e de diamantes , que se lhe tem descoberto. Mas o certo he , que bem podia dizer com o mesmo Emperador Tiberio : Hajaõ pobres , que recebaõ , e não faltarão thesouros , que se descubraõ : *Confido in Domino , non deerit pecunia , modò pauperes eleemosinas accipiant.*

Theatr. Polit.

No Templo de Delfos costumavaõ os Athenienses guardar os seus thesouros , mas nem por isso exercitavaõ acções de liberalidade : O nosso Monarca para exercicio da sua liberalidade depositava nos Templos os seus thesouros em preciosissimos ornamentos , de que os enriquecia : de sorte , que os thesouros eraõ templos para os Athenienses ; e para o nosso Monarca os Templos eraõ os seus melhores thesouros. Os thesouros eraõ templos dos Athenienses , porque os Athenienses davaõ as adorações dos Templos aos thesouros : e para o nosso Monarca eraõ os Templos os seus melhores thesouros , porque só desejava thesouros para os empregar nos Templos. O Rey dos Reys disse a seus Discipulos , que os homens traziaõ o seu coração nos seus thesouros ; e onde estivesse o seu thesouro , ali estaria o seu coração : *Ubi enim thesaurus vester est , ibi & cor vestrum erit.* Por isso o nosso Monarca tinha o seu coração nos Templos , porque os Templos eraõ os seus thesouros : ou senão

LUC. 12. 34.

diga-

digamos, que a sua liberalidade depositava os seus thesouros, onde elle sempre tinha o seu coração, que era nos Templos.

Aqui me lembra o ultimo desempenho da sua liberalidade, com que pertendeo, e alcançou abrirem-se os thesouros da Igreja, para dispender com liberalidade dos seus proprios thesouros os ultimos excessos do seu desafogo. Era devotissimo o Senhor D. Joaõ o Quinto das Bemditas Almas do Purgatorio: e como no dia da Commemoração de todos os Fieis a 2 de Novembro não podia exercitar com ellas a liberalidade, com que todos os dias lhes mandava dizer muitas mil Missas, porque os Sacerdotes todos celebravaõ por obrigação propria: que fez? Recorreo aos thesouros da Igreja, e alcançou do Santissimo Padre Benedicto XIV., por Indulto Apostolico de 21 de Agosto de 1748, que todos os Sacerdotes dos seus Dominios pudessem celebrar, como celebraõ, tres Missas naquelle dia: duas por obrigação pelas Almas, e huma por esmola: para que tivesse a sua Real liberalidade occasião de dispender no mesmo dia para beneficio das mesmas Almas, e tambem utilidade dos Sacerdotes, hum infinito numero para Missas. E quem procuraria soltar os laços das prizoens daquelle carcere, em que se purificaõ as Almas Catholicas, senaõ a liberalidade de hum Rey, que era Alexandre Maximo?

E na verdade, que sendo o Reyno de Portugal fundado por Deos: *Volo Imperium mihi stabilire*; a mão de Deos lhe deu este liberal Alexandre para taõ memoravel beneficio, qual he o que hoje se applica pelas Almas. Quando Christina Rainha de Suecia foy convertida à nossa santa Fé Catholica pelo Santissimo Padre o Summo Pontifice Alexandre VII., que como verdadeiro Alexandre lhe cortou o nó Gordio, que a prendeo tantos annos, se celebrou este acto em Roma com toda a grandeza: e hum douto engenho fez sobre o caso hum discreto emblema, em que pintou a Alexandre cortando o nó Gordio, com esta letra: *Solvat Alexander*: e lhe descreveo estes conceituosos versos:

P. Joan. Bapt.
apud Mund.
Symb.

*Implicitos nexus, qui te; Christina, tenebant,
Septimi Alexandri dissoluere manus.*

*Nempe tua ut citius fortissima vincula rumpat,
Alterum Alexandrum misit ab axe Deus.*

Con-

Conclûe o Poeta , que este Alexandre , que foltou as prizoens, que atavaõ a Rainha Christina , foy dado por Deos. Assim digo eu , que o Senhor Rey D. Joaõ o Quinto , Alexandre Maximo dos nossos tempos, foy dado por Deos, para que com suas liberalidades foltasse todos os annos naquelle memoravel dia 2 de Novembro os laços , que no Purgatorio detivessem tantas Almas Christãas : podendo nós dizer a cada huma das Bemditas Almas , que naquelle dia sahem por beneficio do Indulto , que alcançou Sua Magestade , com pouca differença o mesmo , que o Poeta disse à Rainha Christina :

*Implicitos nexus , qui te , Christiane , tenebant ,
Maximi Alexandri dissoluere manus.*

*Nempe tua ut citius fortissima vincula rumpat ,
Maximum Alexandrum misit ab axe Deus.*

Oh que preciosissimo ouro o da liberalidade do nosso Augustissimo Monarca ! E se Alexandre pertendeo estatua de ouro pela sua liberalidade ; a liberalidade do nosso Soberano lhe dá o melhor ouro para a sua Estatua. O referido Author da Historia Chronologica diz do nosso Monarca , que era o *Rey mais rico , que em riqueza excede a Salamaõ* : e da riqueza da sua liberalidade , distribuïda em taõ multiplicadas obras pias , se fórma a estatua de ouro , que o publica como Bemaventurado neste Mundo : e este titulo merece aquelle espirito liberal , que só queria as riquezas para fazer beneficios : e tantas esmolas distribuïo , que todas as Igrejas dos Santos as estaõ publicando. Donde com a mais propria applicaçãõ lhe pertence todo aquelle texto do Ecclesiastico : *Beatus dives , qui post aurum non abiit , nec speravit in pecuniã , & thezauris. Quis est hic , & laudabimus eum ? Fecit enim mirabilia in vita sua. Ideò stabilita sunt bona illius in Domino , & eleemosinas illius enarrabit omnis Ecclesia Sanctorum.*

Histor. Chron.

Ecclef. 31. 11.

E agora se vê deste mesmo Texto , que sujeito de tanta liberalidade he taõ incomprehensivel , que até se duvida , que o haja no Mundo : *Quis est hic , & laudabimus eum ?* Mas o certo he , que aqui o temos no nosso Augustissimo Monarca o Senhor Rey D. Joaõ o Quinto : e se de Alexandre Magno diz o Texto sagrado , que era taõ incomprehensivel , que o Mundo
todo

todo emmudeceo à sua vista: *Siluit terra in conspectu ejus*; também eu emmudeço à vista da liberalidade do nosso Soberano, pela qual se fez incompreensível. Daquelle Rey mais rico, diz o Texto sagrado, que era tanta a sua liberalidade, que dispendia o ouro, e prata, como pedras: *Præbuit Rex argentum, et aurum in Jerusalem, quasi lapides*. Mas do nosso Monarca podemos nós dizer, que dispendia ouro, e diamantes como arêas, que se não pôdem contar; e por isso Soberano, que se não pôde comprehender. Porém era pacifico, havia ser liberal: porque como Friderico de Saxonia podia dizer: Que dispendia os thosouros, que não carecia para a guerra.

E por ventura que assim deixou mais gloriosos troféos da sua liberalidade, do que seriaõ os que deixasse das campanhas, que venceffe; como foy sentença de Xenofonte: *Multò præclarius esse beneficiorum, quàm trophæorum multitudinem post se relinquere*. Não publique mais Roma os seus Titos, Flavios, e Augustos; França os Lotarios, Hespanha os Affonsos; que o Senhor Rey D. Joaõ o Quinto os excedeo de forte, que não ha arithmetica, que conte a sua liberalidade, pela qual se faz incompreensível. Assim foy, Senhor, Vossa Real Magestade taõ elevado sobre a esféra da nossa capacidade, que se fez inacessível à nossa comprehensãõ pela summa liberalidade, que exercitou no seu Imperio; e lhe compete propriamente o Texto: *Magnificus Dominus*: E se o mysterio daquella Estatua não havia sciencia humana, que o pudesse alcançar; não ha também na terra quem, sem ser illustrado pelo Ceo, possa fazer hum Sermaõ, que dignamente comprehenda a gravidade de seus elogios: e só irey mostrando a Estatua, e em profundo silencio repetindo as palavras, que figo por thema: *Non est homo super terram, qui sermonem tuum, Rex, possit implere: sermo enim, quem tu quæris, Rex, gravis est: nec reperietur quisquam, qui indicet illum: exceptis diis, quorum non est cum hominibus conversatio*. Xenoph. Isaias 33. 22.

QUARTA PARTE.

EM o quarto, e ultimo metal da Estatua, se representava o Imperio Romano, e o seu Emperador Augusto Cesar, que

Luc. 2. 1.

Alap. hic.

que symbolizava a tranquillidade da paz, timbre, de que fez o mayor apreço aquelle pacifico Monarca em Roma, mandando descrever o Mundo todo: *Exiit edictum à Cæsare Augusto, ut describeretur universus Orbis*; e o fez assim, por estar entã todo o Mundo em paz: *Hæc descriptio facta est ab Augusto, cum plenam haberet in toto Orbe pacem*. Este symbolo da paz nos offerece tambem o mais fino ouro para a quarta, e ultima parte da Estatua, que no seu pacifico reynado formou para si o nosso Augustissimo Monarca: *Rex fecit statuum auream*. He verdade que nos primeiros annos do seu reynado sustentou a guerra, em que achou o seu Reyno: mas reconhecendo os irreparaveis damnos, que commummente vem della aos povos; e desejando reduzir os seus Vassallos a hum seculo de ouro, e conservallos nas suas mayores felicidades, que da paz resultaõ; lha procurou com as maximas de seu Real animo, dizendo com o Emperador Antonino Pio: Que mais estimava a vida de hum só vassallo, que não queria perder na guerra, do que o triunfo de mil inimigos, que matasse na Campanha: *Malle se unum servare civem, quàm mille hostes occidere*.

Theatr. Vit. Human. verb. Pax.

Histor. Chron.

Com effeito a 13 de Junho de 1713 deu repouso a seus Reynos pelo Tratado da Paz firmado em Utrech: e vendo (como diz a Historia Chronologica) e vendo socegados seus Dominios, e defendidos os alheyos com a poderosa armada, que enviou a Corfú, e que fez eclipsar as Luas Ottomanas; tratou de mostrar na paz o seu zelo, a sua piedade, e a sua Real magnificencia. Com portas de diamante fechou o Templo de Jano, para que se não abrisse mais no tempo do seu pacifico Reynado: e bem pudèra muito de assento quebrar seguro todas as armas bellicas, como quem pela firmissima paz, que estabelecera, não receava mais encontros de Mavorte: e com propriedade se lhe podia applicar o emblema, que em applauso do pacifico Rey Filotheo fez hum discreto.

Pintou hum douto engenho a este Rey sentado em o seu throno, quebrando todo o genero de armas, e vestiduras bellicas, e lançando-as em huma grande fogueira: para mostrar, que quem queria viver em paz perpetua, não devia conservar insentivos de Marte: descreveo hum escudo descendo do Ceo,
com

com esta letra : *Arcum conteret , & confringet arma , & scuta comburet igni.* Parece , que do Ceo se enviou este escudo com a mesma letra ao nosso Monarca , que tanto de assento conseguiu reynar felicissimamente em throno da Paz : porque em paz perpetua se conservou sempre no meyo de tantos Reynos , e Potencias poderosas , que andavaõ entre si discordes , e em viva guerra : e paz semelhante he particular mimo da maõ de Deos : *Præbuit ei Deus pacem per circuitum.* E delle propriamente parece que fallava o Texto , quando disse : *Habebat pacem in circuitu.* Este foy o mayor bem , que com mais gosto , e gloria sua , e de seus Vassallos , lhes podia communicar : *Tantum est bonum pacis , ut nihil soleat gratius audiri , nihil desiderabilius concupisci , nihil melius inveniri.*

Psal. 45. 10.

2. Paral. 20. 30.

3. Reg. 4. 24.

Aug. lib. 19. de Civit. cap. 11.

Se os Principes da Europa toda estivessem socegados em paz , naõ seria a paz do nosso Monarca taõ prodigiosa : mas estando a mayor parte daquellas Potencias em sanguinolenta guerra , como que aborreciaõ a propria paz ; conservar-se nella com tanta segurança , he ponto para aquella mesma admiraçaõ , com que o Real Profeta publicou , que o seu mayor brazaõ era conservar-se em paz com aquelles mesmos , que a aborreciaõ : *Cum his , qui oderunt pacem , eram pacificus.* Quantas vezes procuraraõ os Embaixadores dessas discordes Potencias ao nosso Soberano , para saberem o partido , que determinava seguir na declaraçaõ da guerra : mas elle com o seu Real animo sempre imperturbavel , e gloriosamente pacifico , qual outro Emperador Probo , taõ mysteriosamente sabia responder , que sempre por conclusaõ dizia com o Rey dos Reys por boca do seu Real Profeta , que o seu povo sempre havia estar sentado na deliciosa fermosura de bem segura paz , na socegada confiança de suas casas , e no mais rico descanso de suas pessoas : *Sedebit populus meus in pulchritudine pacis ; & in tabernaculis fiduciæ , & in requie opulenta.*

Psal. 115. 7.

Isaias 32. 18.

E qual seria o seguro , para sempre responder firmissimo na paz , em que queria conservar os seus Vassallos ? Mas qual havia de ser , senaõ a liberalidade das suas continuas esmolas : porque dellas nasce a mais segura tranquillidade. He o que diz o Theatro Politico a hum Principe perfeito : Abri as maõs para remedio dos necessitados , que logo tereis os descansos da

Hh

paz,

Theat. Pol. cap. 25. paz, e vivirá o vosso povo de assento no mais bem visto so-
cego: *Manus munificas extendit in pauperes; mox erit tranquillitas magna; & sedebit regnum tuum in pulchritudine pacis.* Os innumeraveis pobres, que remediava, eraõ os seus mais fortes, e generosos Soldados, que o defendiaõ: e estes lhe formavaõ seus mais vistosos exercitos, aos quaes multiplicava os foccorros para se conservar na defenfa de huma perpetua, e bem segura paz.

Ibi. Saõ Luiz Rey de França sahia muitas vezes a remediar aos pobres, acompanhado só de hum criado, seu confidente: e quando dava as esmolas, apontando para os que as recebiaõ, dizia ao criado: *Ecce praesidium civitatis: hi sunt milites egregii, qui regnum meum summo fœdere, summâque pace fulciunt, & nunc stipendium solvo.* Eu (dizia aquelle grande Rey) eu devo toda a defenfa do meu Reyno a estes benemeritos Soldados, que saõ os que me conservaõ na tranquillidade da paz: por tanto he justo, que agora lhes pague os seus soldos. Estes bem empregados soldos, que repartia S. Luiz, e que dava tambem o nosso Soberano Monarca, remediando a pobreza, eraõ os melhores presidios para os Reynos; e eraõ os mais firmes seguros para a paz. Os triunfos, que mais avaliava, eraõ os da mesma paz, em que foccorria esta qualidade de Soldados, que pela pobreza, em que viviaõ, e que misericordiosamente lhes remediava, eraõ Soldados de Jesu Christo: *Pax una triumphis Innumeris potior.*

Ifaias 9. 6. 7. O certo he, que trazia o nosso pacifico Monarca (assim como S. Luiz Rey de França) diante dos olhos, naõ só a commiseraçãõ com a pobreza, mas principalmente aquelle grande Senhor dos exercitos, que he sempre Admiravel, com o Soberano titulo de Principe da paz: *Vocabitur nomen ejus Admirabilis, Princeps pacis:* e Rey que obra taõ Catholicos acertos, ha de conseguir a firme segurança do seu Imperio, e ha de ver os seus povos no socegado descanso da mayor tranquillidade, e da paz mais gloriosa:

Theatr. Pol. cap. 25.

*Principis ante oculos adsit divina Potestas;
Sic firmum Imperium, sic erit alma quies.*

Com razaõ observou o nosso pacifico Monarca a tranquillidade da

da paz, convertendo o presente seculo para o seu Reyno em seculo de ouro: e para ter Estatua digna do seu merecimento, só elle mesmo a podia com tanto primor lavrar. Alexandre Magno chegou a dizer, que só queria estatua, se fosse feita pelo grande estatuario Lyfippo: O nosso Alexandre Maximo não póde ter Estatua mais polida, do que aquella, que por suas acções foy elle mesmo formando, e erigindo.

Em Roma ainda hoje se vê junto à Basílica Lateranense a estatua da Paz, ou da Pacificação, que em seu proprio applauso mandou erigir o Emperador Marco Aurelio Antonino; mas já com muitas ruinas do tempo: a Estatua porém, que o nosso Soberano tem levantado, aposta perpetuas durações com a eternidade; porque o tempo não póde nella ter jurisdicção. Aquelle Rey pacifico, de quem diz o Ecclesiastico que reynou em paz: *Salomon imperavit in diebus pacis*, de ninguem fiou Ecclef. 47. 15. tambem a sua estatua; mas elle mesmo a fez para si proprio de ouro finissimo, em fórma de throno, por symbolo da paz, ou para seu descanso: *Ferculum fecit sibi Rex Salomon*: e diz Tirino, Cant. 3. 9. que era throno de paz: *Ferculum pacis fecit sibi*. De prata Tirin. híc. lhe fabricou as columnas: *Columnas ejus fecit argenteas*; os degráos eraõ de purpura: *Ascensum purpureum*: mas o reclinatorio, e throno para o seu descanso, como symbolo da sua paz, era todo de ouro: *Reclinatorium aureum*. Oh que preciosa paz! E como toda es o ouro mais rico! E ouro dignissimo para maravilhosa Estatua: ouro em fim, que servio de throno para descanso de taõ pacifico Monarca. Deste finissimo ouro he a ultima parte da Estatua, que por suas proprias Reaes acções formou para si o pacifico Salamaõ dos nossos tempos o Senhor Rey D. João o Quinto: *Ferculum pacis fecit sibi Rex, reclinatorium aureum*. Porém com tanta ventagem, e excesso, que se Salamaõ fez hum reclinatorio de ouro só para si: *Fecit sibi*; o nosso pacifico Monarca estabeleceo, e conservou o descanso da paz tambem para todos os seus Vassallos.

Oh como nos podia deixar como em testamento, e dizernos com toda a propriedade na sua sempre faudosa, e lamentavel despedida, aquillo mesmo, que como em testamento por despedida disse a seus Discipulos o melhor Principe da paz: Joan. 14. 27. *Pacem relinquo vobis; pacem meam do vobis*: pois todo o empe-

nho de seu pacífico coração foy deixar aos seus povos em sua-
vissima tranquillidade de segura paz: como quem conhecia, que
no thesouro da paz nos deixava a herança dos mais ricos thesou-
ros: *Pacem relinquo vobis; pacem meam do vobis*. Parece que
dizia aquelle amantissimo Pay de seus Vassallos, que a paz, que
sempre conservou, a não procurava tanto para si (porque pa-
ra se defender a si, lhe dava o Ceo multiplicados thesouros,
com que podia pôr em campanha os mayores exercitos, e no
mar as armadas mais poderosas,) mas sim queria toda a paz pa-
ra conservação das vidas, honras, e fazendas dos seus leaes Vas-
sallos: *Pacem relinquo vobis; pacem meam do vobis*.

Por esta paz, que nos deixou, e pela Estatua, que do
fino ouro da sua mesma paz erigio no templo da Memoria, se
fez o nosso Monarca tão incomprehensivel, que não pôde o
Mundo comprehender o Mysterio de tão prodigiosa paz. Da
sua paz o disse assim o mesmo Principe della: *Pacem meam do
vobis: non quomodo mundus dat, ego do vobis*. Sabey, dizia o
Rey dos Reys, que eu vos deixo a minha paz; que he na ver-
dade paz: que não he como a paz, que dá o Mundo, he sim
humana paz mysteriosa, e incomprehensivel, e nem o Mundo a
sabe conhecer, nem explicar. Tambem a paz, em que nos
deixou o nosso Rey pacífico, he tão mysteriosa, que ninguem
a sabe comprehender, e menos manifestar. Só na admiração
cabia a paz do Principe da paz: *Vocabitur nomen ejus Admi-
rabilis, Princeps pacis*: e o nosso pacífico Monarca pela sua
paz só cabe tambem nos immensos ambitos da nossa admiração:
Admirabilis Princeps pacis!

Naõ havia no Mundo quem comprehendesse, nem ex-
plicasse a paz do Principe da paz, porque toda a sua paz era
Mysterio: *Non quomodo mundus dat, ego do vobis pacem*: e
tambem no Mundo não ha, quem possa comprehender, nem
dignamente elogiar o mysterio da paz do nosso pacífico Mo-
narca: e por isso o considera a minha profunda veneração hu-
manamente incomprehensivel. Assim foy, Senhor, Vossa Real
Magestade tão elevado sobre a esfera da nossa capacidade, que
se fez inaccessible à nossa comprehensão pela felicissima paz,
em que nos conservou: e já em seu felicissimo horóscopo se lhe
podia dizer o Texto: *Pacificus vocabitur*. E se o Mysterio
daquella

daquella Estatua não houve sciencia humana, que o pudesse comprehender, e declarar; não ha tambem na terra quem, sem ser illustrado pelo Ceo, possa fazer hum Sermaõ, que dignamente comprehenda a gravidade de seus elogios: e só finalmente apontando com respeitoso silencio para a sua Estatua, repito as palavras do meu thema: *Non est homo super terram, qui sermonem tuum, Rex, possit implere: sermo enim, quem tu quæris, Rex, gravis est: nec reperietur quisquam, qui indicet illum: exceptis diis, quorum non est cum hominibus conversatio.*

Esta he a mysteriosa Estatua de ouro, que em suas gloriosas acções formou, e erigio o nosso Soberano Monarca o Senhor Rey D. Joaõ o Quinto, que sendo mandado por Deos ao seu mimoso Reyno de Portugal, para nelle desempenhar os quatro symbolos daquella Estatua com o nome de Joaõ: *Fuit* Joan. i. 6. *homo missus à Deo, cui nomen erat Joannes, só o mesmo Deos pôde cabalmente conhecer a sua grandeza: Non surrexit major Joanne.* Math. ii. ii. E tanto he o respeito, e veneração, que à mesma Estatua se deve, que me impede entre sustos até o apontar directamente para ella. E se por todas as suas quatro partes, que symbolisaõ o sagrado culto, que tributou a Deos; a primorosa cultura das letras, que soube professar; a summa liberalidade, que observou; e a paz finalmente, em que nos quiz conservar, subio tanto de ponto, que se fez ao nosso entendimento incomprehensivel; tambem pelo mesmo nome proprio de D. Joaõ o Quinto não he da capacidade humana o sabermos, quem elle era.

Dos famosos Varoens, que nas divinas Letras se illustraõ com o nome de Joaõ, diz o Doutissimo Calmet no seu Diccionario à Escritura, que o que teve o numero de Quinto Calmet Dict. in Script. V. Joan. foy S. Joaõ Evangelista: *Quintus Joannes Evangelista:* e querendo meu grande Padre, e Principe dos Apostolos S. Pedro saber inteiramente, quem era S. Joaõ o Quinto, e formar das suas prendas hum adequado conceito, recorreo ao Divino Mestre para lhe declarar as suas prerogativas: *Domine, hic autem* Joan. 21. *quid?* Ao que respondeo o Senhor: Que esse conceito não pertencia aos homens, nem era da capacidade humana; pois S. Joaõ o Quinto era o *Maximum quæd sic* de mysteriosos prodigios, que

que só elle, como Deos, sabia completamente comprehender: *Sic eum volo manere: quid ad te?* E se houermos de fazer hum paralelo (com a proporção devida) do Maximo *quod sic* dos Monarcas, o Senhor Rey D. Joaõ o Quinto, com S. Joaõ o Quinto o Discipulo amado; acharemos, que subio taõ alto em suas Reaes acções, como Aguia Imperial, que ficou inacessivel à nossa comprehensãõ. Subio esta Soberana Aguia sobre os quatro Monarcas, representados nas quatro partes daquella Estatua: mas que muito, se até voou mais alto, que seus quatro Ascendentes Monarcas, que tiveraõ o mesmo nome de Joaõ?

Quatro Soberanos Monarcas, antes do Quinto, com o nome de Joaõ tem empunhado o Sceptro, e cingido a Coroa no throno de Portugal, pelos quaes vejo distribuidas as Reaes acções do Senhor Rey D. Joaõ o Quinto. Foy o Senhor Rey D. Joaõ o Primeiro dotado de esclarecidas acções de liberalidade. O Senhor Rey D. Joaõ o Segundo teve o titulo de Principe perfeito pela segurança da paz, que muito tempo conservou. O Senhor Rey D. Joaõ o Terceiro foy zelosissimo do culto Divino, e do augmento da Igreja. E o Senhor Rey D. Joaõ o Quarto foy eximio cultor das boas letras, e honrou aos Sabios. Mas todas estas Reaes prerogativas se acharaõ com tanto excessõ sublimadas no Senhor Rey D. Joaõ o Quinto, que por todas subio à mais alta esfera sobre aquelles quatro Monarcas como Aguia; competindo-lhe com propriedade o Texto: *Facies Aquilæ desuper ipsorum quatuor*: e tanto subio de ponto, que excedeo a esfera da nossa comprehensãõ. Naquella Aguia, de que falla o Texto, se representava S. Joaõ o Quinto: *Joannes ipse est Aquila*; e considero tambem eu na mesma Aguia do Senhor Rey D. Joaõ o Quinto taõ sublimados os voos, que os não póde seguir a humildade do meu discurso: e até a sabedoria de Salamaõ reconhece como incomprehensiveis os altos voos de huma Aguia: *Sunt difficilia mihi, & penitus ignoro, viam Aquilæ in Cælo*.

Ezech. 1. 10.

Prov. 30. 19.

Voe pois, Senhor, o Real Espirito de Vossa Magestade, como Aguia dos Monarcas, a beber os rayos do lume da Gloria (em que o considero pelas Catholicas disposições de seu felicissimo transito) assim como voou a Aguia dos Evangelistas S. Joaõ o Quinto: que se as duas azas mais seguras, com
que

que voou S. João o Quinto, foraõ a devoção do Santissimo Sacramento, que bebeo encoftado ao peito de Christo, e a devoção a Maria Santissima Senhora Nossa, que recebeo por Mãy; tambem Vossa Real Magestade o Senhor Rey D. João o Quinto ajuntou ao seu Espirito estas mesmas duas seguras azas, assim na particular, e manifesta devoção à Mãy Santissima de Deos, como na cordeal, e publica devoção, com que soube sempre adorar ao Santissimo Sacramento: e taõ sublimados contemplo eu já os seus voos, que enfraquecidas as forças do entendimento humano, não se atreve a subir em seu seguimento. Mas assim havia de ser, para finalmente confessarmos, que foy Vossa Magestade hum Monarca de taõ alta esféra, e superior grandeza, que se fez inaccessible à nossa comprehensão. E para final das nossas venerações aceite Vossa Magestade as honras sepulcraes, que lhe dedicamos na collocação desta mesma Estatua: para que nella (em quanto durar o Mundo) o respeito nossos corações sempre presente: *Imaginem Regis, quem* Sapiens. 14. 17. *honorare volebant, fecerunt, ut eum, qui aberat, tamquam præsentem colerent:* e emmudecendo eu já de todo com a veneração do mais profundo silencio, não faço mais que gravar aos pés da sua Magestosa Estatua esta syncera expressão do meu respeito: *Non est homo super terram, qui sermonem tuum, Rex, possit implere: sermo enim, quem tu quæris, Rex, gravis est: nec reperietur quisquam, qui indicet illum: exceptis diis, quorum non est cum hominibus conversatio.*

SERMAÕ
 NAS SUMPTUOSAS
 EXEQUIAS

DO SERENISSIMO SENHOR

D. JOAÕ V.
 REY FIDELISSIMO,

CELEBRADAS NA IGREJA DA MISERICORDIA
da Cidade da Bahia em o dia 22 de Dezembro de 1750,

SENDO PROVEDOR

DOMINGOS BORGES DE BARROS,

CAVALLEIRO PROFESSO NA ORDEM DE CHRISTO,
 Ajudante General do Illustrissimo, e Excellentissimo Vice-Rey
 do Estado do Brasil ;

P R É G A D O

Pelo M. R. P. M. ANTONIO DA COSTA,

RELIGIOSO DA COMPANHIA DE JESU, LENTE DE MORAL
 no Collegio da Bahia.

Conversus Petrus vidit illum Discipulum, quem diligebat Jesus, qui & recubuit in Cænâ super pectus ejus: hunc ergò cum vidisset, dixit Jesu: Domine, hic autem quid? Dixit ei Jesus: Sic eum volo manere, donec veniam: exiit sermo, quia Discipulus ille non moritur. Joan. 21.

HUM Pedro filho de Joaõ, perguntando a Christo pelos successos da vida, e da morte de outro Joaõ, a quem amava, como filho, he o que nos dizem as palavras, que citey. Muito Alto, e muito Poderoso Rey, e Senhor Nossõ; agora, quando já Rey immortal, muito mais Alto, e muito mais Poderoso: muito mais Alto, quanto vay da terra ao Ceo: e muito mais Poderoso, porque já podeis sem risco dar-me licença para publicar ao Mundo aquellas acções, que vos merecêraõ justamente o titulo de Rey immortal. Hum Pedro filho de Joaõ perguntando a Christo pelos successos da vida, e da morte de outro Joaõ, a quem amava como filho, he o que nos dizem as palavras, que citey: e o Divino Mestre, para satisfazer a esta pergunta, deu huma resposta, que entaõ deu cuidado aos Apostolos, e ainda hoje o dá aos Expositores: *Sic eum volo manere, donec veniam.* Pedro filho de Joaõ: *Simon Joannis*, se está já determinado o tempo, e o modo, com que has de acabar a vida: *Significans, quæ morte clarificaturus esset Deum;* que cuidado tens de Joaõ, que te ha de sobreviver, e tanto, que assim ha de ficar até a minha vinda? E isto bastou para se romper logo huma voz, que Joaõ não havia de morrer: *Exiit sermo, quia Discipulus ille non moritur.* E o que mais he, esta mesma voz sempre foy tomando mais corpo; sendo muitos os Authores, que com Santo Ambrosio, S. Joaõ Damasceno, Theofilato, Euthymio, Salmeiraõ, e outros, ainda hoje repetem aquelle *non moritur*, dizendo-nos de S. Joaõ, que não morreo. Nestes dous Apostolos Pedro, e Joaõ, reconhece a Igreja no conceito de Santo Agostinho duas vidas, huma mortal, e immortal outra: *Duas vitas novit Ecclesia, quarum una est in tempore peregrinationis, altera in æternitate mansionis.*

Joan. 21.
Ibid.

D. Aug. tr. 124.
in Joan.

E a mim, com os olhos em Pedro, e Joaõ, e com a consideraçã em huma vida, que acaba, e outra, que nunca ha de acabar; se me está representando vivamente, que o Serenissimo Senhor Rey D. Pedro o Segundo, filho do Serenissimo Senhor Rey D. Joaõ o Quarto, nos ultimos periodos da vida, apontando para o Principe D. Joaõ, que deixava; pergunta cuidadoso a Deos pelos successos da sua vida, e da sua morte, com aquellas mesmas palavras: *Domine, hic autem quid?* Ah Pedro! que se a Divina Providencia quizesse entã deferir a essa pergunta, relatando-vos por extenso os successos da vida desse Joaõ, que deixais, nunca acabaríeis a vida; porque nunca acabaria a relação daquellas proezas, que depois enchêraõ a Portugal de credito, e ao Mundo todo de assombro: mas como o Ceo tinha determinado, que acabasses a vida, por isso considero, que vos deu huma resposta taõ breve naquelle: *Sic eum volo manere, donec veniam.* Pedro filho de Joaõ, esse filho, que deixas, esse Joaõ, de que cuidas, sabes o que ha de ser? Ha de ser hum tal Heróe, que em quanto naõ acabar o Mundo, tambem elle naõ ha de acabar. E se queres saber o porque de huma singularidade taõ inaudita, ouve-o a huma boca de ouro, fallando de S. Joaõ: *Joannes immortalis glorie nomen.* Pedro, para que naõ morresse aquelle Joaõ Principe do Reyno de Christo, e da Igreja, bastou-lhe o nome que teve, porque este bastou para o immortalizar: e para viver para sempre esse Principe do teu Reyno, que tambem he de Christo, e tambem he da Igreja, basta-lhe tambem o seu nome; porque basta-lhe o ser hum D. Joaõ o Quinto entre os Reys de Portugal.

D. Chryf.

Já agora se deixa ver, que o assumpto do Sermaõ está decifrado naquellas palavras: *Exiit sermo, quia non moritur;* nem eu pude descobrir lenitivo mais effcaz para alivio da nossa mágoa, do que accusar o nosso mesmo sentimento, como mal fundado na falsa supposiçã, de que morreo o Serenissimo Rey D. Joaõ o Quinto. Fallarey pois a Portugal com aquellas palavras de Tertulliano: *Quid doles, quem non periisse credis?* Naõ laments mais, Reyno felicissimo; pois naõ deves lamentar a hum Rey, que apostando durações com o Mundo, ha de viver para sempre, e que no seu mesmo nome leva

Tertul. de patient.

o me-

o melhor feguro da sua immortalidade: *Joannes immortalis gloriæ nomen*. Nem deve ser materia de reparo, que eu na vida de hum taõ grande Rey, toda chêa de acções heroicas, só escolheffe o seu nome para lhe formar o Elogio; pois tenho exemplo em caso bem semelhante. Zacharias, querendo publicar ao Mundo as grandezas do Bautista, o assumpto, que tomou, foy sómente o seu nome: *Joannes est nomen ejus*: porque julgou, diz Santo Ambrosio, que este nome era hum compendio da mais divina grandeza: *Quasi idem sit hoc nomine, ac divinâ magnitudine condecorari*. E se o nome de Joaõ entaõ bastou para mostrar a hum homem divino; porque naõ bastará hoje para mostrar a outro homem immortal: *Joannes immortalis gloriæ nomen?* D. Ambr.

Eu bem sey, que naõ ha de faltar quem diga, que desta sorte naõ prægo o Sermaõ, que me encommendaraõ: mas consolo-me com saber, que naõ ha de faltar quem entenda, que este assumpto, senaõ he de Exequias, ao menos he o mais natural para se prægar nas honras de hum taõ grande Monarca. Sey mais, que contra tudo, o que tenho promettido, está todo este funeral magestoso, com que esta Casa, entaõ mais Real, quando mais agradecida, mostra, que acabou o fugeito, a quem o dedica: mas talvez que depois este mesmo tumulo nos mostre, que o Principe, a quem se erigio, he Rey eterno, e immortal. Para vencer estas, e outras difficuldades do meu assumpto, valhaõ-me os auxilios da divina graça.

AVE MARIA.

Conversus Petrus vidit illum Discipulum, quem diligebat Jesus, qui & recubuit in Cœnâ super pectus ejus: hunc ergò cum vidisset, dixit Jesu: Domine, hic autem quid? Dixit ei Jesus: Sic eum volo manere, donec veniam: exiit sermo, quia Discipulus ille non moritur.

SE no Reyno de Christo houve hum Principe, que ainda vive: *Sic eum volo manere*, no Reyno de Portugal devia haver hum Rey, que naõ morresse: *Non moritur*. A consequencia he legitima, porque a razaõ em hum, e outro Reyno he

Gualfrid.

he a mesma: *In regno æterni Dei*, diz Gualfrido Abbade, falando a outro proposito, porém muito a nosso intento: *In regno æterni Dei non debuit mors dominari, reservari oportet aliquem in sempiternum*: Não morreo S. João, porque em hum Reyno eterno, qual he o de Christo na sua Igreja, era preciso houvesse hum Principe, que não morresse. Os noticiosos, que me ouvem, talvez estão já repetindo aquellas palavras, com que no Campo de Ourique fundou Christo o Imperio Portuguez: *Volo in te, & in semine tuo Imperium mihi stabilire*. O Fundador dos Imperios fundou o de Portugal para si, e por isso o fundou eterno, estavel, e permanente: e se por ser Portugal Reyno de Christo, devem ser os Reys Portuguezes seus escolhidos; por ser hum Reyno eterno, devia ter hum Principe, que nunca já mais acabasse: *In regno æterni Dei reservari oportet aliquem in sempiternum*. Mas que este Rey escolhido para prerogativa tão alta seja o nosso grande Monarca, dillo não só o nome de João, mas também o Santo, que lho deu. Sempre reparey, e lá procurava comigo a razão, porque o nome do nosso Serenissimo Rey se havia de attribuir mais a S. João Evangelista, do que ao Bautista: e agora he que adverti, que no dia de hum João, que ainda não morreo: *Non moritur*, he que se devia festejar o nome de outro João, que havia de viver para sempre: *Joannes immortalis gloriæ nomen*. Grande nome sem duvida, que bastou para sinal de huma prerogativa tão singular! Os Filósofos perguntão, que sinaes sejaõ os nomes: eu fallando do nosso Heróe dissera, que o seu nome foy sinal, e muy natural da sua immortalidade: e fundara a minha resolução não menos, que com huma pedra da funda de David.

Todos sabem aquelle desafio tão celebre, em que David com a ultima pedra de cinco, que escolheo em hum rio, deu por terra com aquelle gigante Filisteo: *Elegit quinque limpidissimos lapides de torrente, & percussit. Ultimo percussit*, diz Quaresmino. Entra agora Santo Epifanio a ponderar os quilates desta pedra, e diz, que por virtude do seu nome fora huma pedra immortal: *In lapide inscriptum æternæ vitæ nomen*. Mas que nome era esse, que teve aquella pedra, e lhe deu singularidade tão inaudita? Eu digo, que era o nome de João. Tenho por mim a Philo, e aos mais dos Authores Hebreos, que dizem

Reg. 1.

Quaresmin. de
Vuln. Christ.

D. Epiph.

dizem estavaõ escritos naquellas pedras os nomes dos Patriarcas, e Profétas; e parece pede a razaõ, que na ultima daquellas pedras estiveffe escrito o nome de Joaõ, nome do ultimo dos Profétas, como lhe chamou S. Justino: *Nullus post Joannem Propheta in Israel.* E muito mais me confirmey neste pensamento, depois que li na Glossa Interlineal, que àquella pedra se tinha ajuntado hum tal nome, que significa o mesmo, que graça: *Tulit unum, & misit, id est, adjunxit gratiæ:* e já todos sabem, que este significado he proprio do nome de Joaõ. Pois já agora ninguem se admire, de que aquella pedra de David haja de viver para sempre: *In lapide æternæ vitæ nomen;* pois o seu mesmo nome era o final mais claro da sua immortalidade: bastando para a defender dos assaltos da morte a grandeza do nome, que lhe deraõ: *Immortali defensione* e já todos sabem, que este significado he proprio do nome de Joaõ. Pois já agora ninguem se admire, de que aquella pedra de David haja de viver para sempre: *In lapide æternæ vitæ nomen;* pois o seu mesmo nome era o final mais claro da sua immortalidade: bastando para a defender dos assaltos da morte a grandeza do nome, que lhe deraõ: *Immortali defensione*

D. Justin.

Glos. híc.

D. Basil. Seleuc.

Naõ falta quem diga, que aquelle gigante Filisteo representava ao Graõ Turco: ao menos, se he certo, que elle em huma das suas Divindades adorava huma meya Lua: *Astaroth,* diz o Padre Alapide, *fuit Dea Palestinorum, quam solere pingi cum Lunulâ bicorni in fronte, docent veteres statuae;* naõ se podia pintar figura mais propria do Imperio Otomano, que tem huma meya Lua por Armas, ou por diviza. Aquella pedra, que com o nome de Joaõ ferio altamente aquelle monstro armado, quem ha de ser, senaõ aquella Pedra a mais preciosa, aquelle Diamante da fé, que no anno de mil setecentos e dezafete com huma poderosa armada humilhou as Luas Turquescas, tingindo de sangue barbaro o mar Egeo? Com esta só differença, que lá a pedra de David foy escolhida do rio: *Elegit de torrente:* cá o Rio foy escolhido da Pedra, para que corresse por sua conta o governo daquella empreza. O Rio escolhido

Anth. Ænigm. Numeric.

Alap. in Gen. c. 14.

do

Euthym.

do venceo fim , porém depois acabou , como mortal que era : *Elegit de torrente ; labitur enim mortale sæculum* , diz Euthymio : a pedra venceo tambem , mas como tinha o nome de Joaõ : *Adjunxit gratiæ* , não acabou ; antes effe mesmo nome lhe fervio de titulo para viver para sempre : *In lapide inscriptum æternæ vitæ nomen.*

Joan. 1.

Agora he que se vê , com quanta luz do Ceo aquelle grande Oraculo do Vaticano Clemente Undecimo , querendo nesta occasiã elogiar ao nosso grande Monarca , por ter à infancia sua enviado taõ poderoso soccorro , só do nome de Joaõ he que lhe formou o elogio. Considerava aquella grande Cabeça da Igreja , que a armada Portugueza , por mais que desamparada das outras , derrotando parte da inimiga , tinha livrado de huma inevitavel ruina a armada pequena de Veneza , e nella a toda Italia , ameaçada sempre , e agora invadida do inimigo commum : e em hum publico Consistorio , fallando no nosso Monarca , como se o quizera canonizar em vida (e com razão , porque só se póde canonizar em vida hum Heróe , que ha de viver para sempre) começou o seu elogio com este thema : *Fuit homo missus à Deo , cui nomen erat Joannes* : como se só deste nome inferisse huma gloria immortal àquelle grande Bemfeitor da Igreja , podendo acrescentar : *Joannes immortalis gloriæ nomen.* Considerava o grande Pontifice , que o nosso piissimo Monarca , como pedra de David , despedida da mão de Deos : *Tulit unum , & misit , missus à Deo* , tinha humilhado aquelle monstro , que tanto tem dado que temer ao povo de Deos : via , que aquella Pedra tinha dado hum mirgoante taõ sensível àquella Lua , que tanto tem crescido à custa do Christianismo : e divizando naquella pedra o nome de Joaõ : *Cui nomen erat Joannes* , isto bastou para entã nos profetizar o que nós hoje vemos com assombro : dizendo-nos tanto antes , que o nosso Principe invicto havia de viver para sempre por virtude do seu immortal , e glorioso nome : *Joannes immortalis gloriæ nomen.*

Eu bem sey , que a instancia está muito à flor da terra. Que Portugal , por ser Reyno estavel , e permanente , deve ter hum Principe , que não haja de morrer , parece que o pede a razaõ ; pois *in regno æterni Dei reservari oportet aliquem in sempi-*

sempiternum. Que este Principe immortal haja de ter o nome de Joaõ, o daquella pedra de David o está dizendo: mas porque não competirá esta gloria a qualquer outro dos nossos Reys, que tiveraõ o mesmo nome de Joaõ, e com elle parece, que não tiveraõ desiguaes merecimentos? Hum D. Joaõ o Primeiro, que fundou segunda vez o nosso Imperio: hum D. Joaõ o Segundo, por antonomasia o Principe Perfeito: hum D. Joaõ o Terceiro, que vio a Portugal na sua mayor grandeza: hum D. Joaõ o Quarto, o nosso felicissimo Restaurador. Pois Reys taõ grandes, Monarcas taõ benemeritos, porque não bastou o nome de Joaõ, que tiveraõ, para os canonizar de immortaes, ou para lhes communicar o privilegio de viverem para sempre? Sabem porque? Porque este privilegio no nosso Reyno estava reservado para hum Rey D. Joaõ, que fosse o Quinto do nome entre os Reys de Portugal. Não falta quem diga, que S. Joaõ foy o quinto entre os homens celebres deste nome: *Viri eximii*, diz huma grande penna Benediclina, *Joannis nomine appellantur: quintus Joannes Evangelista*: ao menos eu sempre reparey, que sendo S. Joaõ hum Apostolo de merecimentos taõ altos, ainda assim na serie, que dos Apostolos faz a Igreja, seja contado em quinto lugar; quando parece, que só a Pedro por Cabeça do Apostolado devia ceder a primazia hum Discipulo, que sem controversia teve o primeiro lugar no coração de seu Divino Mestre: mas agora he que advirto, que hum Heróe, que ha de viver para sempre, como Principe immortal no Reyno de Christo: *Non moritur*, não só se ha de chamar Joaõ, mas ha de ser o Quinto, ou entre os Apostolos, e Varoens insignes, como S. Joaõ; ou entre os Reys de Portugal, como o nosso grande Monarca, *Quintus Joannes*. Mysterioso numero por certo, que póde dar privilegio taõ singular! O numero quinto na Mathematica se chama numero justo: *Quinarius*, diz S. Fulgencio, *apud Mathematicos numerus justus appellatur*. E como he certo, que o nosso grande Rey taõ practico nesta Sciencia, com a qual contemplava o Ceo, em que havia de viver para sempre, bem podia, observando em si o numero quinto, chamarlhe numero justo, pois dando a cada hum o que he seu, a elle lhe dá de justiça o titulo de immortal, ou a gloria de viver para sempre: *Quintus Joannes non moritur*. Para estabe-

Calmet. in Dict

de nome.

D. Fulg.

cermos esta grande verdade, não nos he necessario mover mais pedras; basta-nos a mesma de David.

Reg. 1.

Rab. Sal. híc.

Cinco pedras escolheo David: e Rabbi Salamaõ affirma com outros Authores Hebreos, que todas tinhaõ o mesmo nome: *Venio ad te in nomine Domini, quod lapidibus illis insculptum erat*: pois humas pedras todas com o mesmo nome, porque não haõ de lograr todas a mesma prerogatiya? E porque só a quinta, entre as outras, he que se ha de canonizar de immortal: *In lapide inscriptum eternæ vitæ nomen*? He porque só ella ao nome de Joaõ, que tiveraõ todas, ajuntou o numero quinto, que só ella teve: *Elegit quinque: ultimo percussit*: e só huma pedra, que a este taõ grande nome ajunta hum numero taõ mysterioso, he que ha de viver para sempre com singularidade entre as de mais: não sey se o diz em proprios termos este maravilhoso symbolo da Antiguidade. Antigamente, diz Guilhelmo, a quinta letra junta à letra J, era hum symbolo da immortalidade dos Deozes: *Quinta littera, adjectâ litterâ J, quo verbo eum Deum, qui esset, designarent Mystæ*. Se esta conta se houver de fazer entre as vogaes, bem se vê, que a quinta letra he aquella, que entre os Romanos, e entre nós significa o numero quinto. Ah pedra felicissima de David, que esse J, que mostras, como letra inicial do teu nome de Joaõ, junta a essa outra, que significa o numero quinto, que logras entre as de mais, basta para symbolo, de que has de viver para sempre: *In lapide inscriptum eternæ vitæ nomen*: as outras quatro tiveraõ o teu mesmo nome: *In nomine, quod lapidibus inscriptum erat*: mas como a este nome não ajuntaraõ o numero quinto, que só vós lograftes: *Elegit quinque: ultimo percussit*, lá ficaraõ todas quatro como mortas, e enterradas no çurraõ do pastor David, que lhes servio de sepulcro: *Misit in peram*; e só vós, e com razaõ só vós, lograis o titulo de immortal, titulo, que vos fará viver para sempre: *In lapide inscriptum eternæ vitæ nomen*.

Guil. Onc. c. 5.
de numer.

Ah Poderosissimo Monarca, eu fallava até agora com a pedra de David, e todos me tem entendido, como se fallara com vosco. O` pedra preciosissima da Coroa Portugueza, ao menos he certo, que se na Antiguidade, que sabia fazer o devido apreço dos homens grandes, se visse a letra inicial do nome

me de Joaõ, junta à outra, que significasse, eras o quinto entre os Reys deste nome: *Quinta littera adjecta littera J*; eu seguro, que vos adorara como hum homem divino, e como hum Principe immortal entre os outros da vossa Real genealogia: *Eum Deum, qui esset, designarent*. Já houve quem comparou as genealogias com os rios, semelhantes sem duvida àquelles de Palestina, em que as aguas pareciaõ de purpura, porque nellas corre involto muito sangue: *Viderunt aquas rivas, quasi sanguinem*: mas a vossa genealogia Real Portugueza merece com mais propriedade o nome de rio de sangue; naõ só pelo muito, e nobilissimo, de que he fonte; mas porque tem por Armas nas cinco Chagas cinco fontes, todas de sangue o mais illustre. Deste Rio escolheo o Pastor Supremo cinco pedras, todas purissimas: *Elegit quinque limpidissimos lapides de torrente*, todas com o mesmo nome: *In nomine, quod lapidibus insculptum erat*, em cinco Reys todos do nome de Joaõ: mas entre estas pedras só a ultima, entre os Reys só o ultimo, que fois vós, já que ao nome, que tiveraõ todos, ajuntastes o numero quinto, que só vós tivestes; só vós he que, logrando o attributo de immortal, haveis de viver para sempre: *In lapide inscriptum æternæ vitæ nomen*.

Agora já se vê, donde nasceo aquella segurança taõ firme, e verdadeiramente superior, com que no anno de mil setecentos e vinte e tres, ardendo Lisboa em huma ao parecer epidemia; requerido, e instado este grande Rey, que sahisse da Corte para respirar fóra della ares mais puros, sempre se mostrou inexoravel a requerimento taõ justo, sem sahir nem da Corte, nem do Palacio: como se quizesse mostrar, que elle era o figurado daquelle emblema, em que se via hum Rey dormindo seguro, e descansado, ao mesmo tempo, que em huma fogueira vizinha ardiaõ as suas mais estimaveis preciosidades. Entaõ se cuidou, que esta segurança entre os perigos fora effeito de huma confiança altissima na Providencia Divina, a qual naõ permittiria tocasse aquelle mal a hum Rey, que acodio à pobreza com maõ taõ liberal, que se fez admirar em todo o Reyno, o qual entaõ vio por experiencia, tinha hum Monarca, que queria comprar a pezo de ouro a faude dos Vassallos: porém agora he, que se vê a razaõ, com que naõ

temia a morte hum D. Joaõ o Quinto, que neste nome tinha o melhor seguro contra as violencias daquelle mal; podendo dizer com David: *Immortali defensione munior*. O nosso seculo vio na Europa hum Rey, o qual estranhandose-lhe a confiança, com que se expunha aos perigos da Campanha, respondeo, que até as ballas respeitavaõ as Magestades: enganou-se, porque huma lhe tirou a vida. Se elle fora dos Reys de Portugal, e se entre estes fora hum D. Joaõ o Quinto, entre os perigos da morte bem podera viver seguro, e dizer: *Immortali defensione munior*; porque só no seu nome teria o melhor salvo conducto contra os assaltos da morte: *Quintus Joannes: non moritur*.

Mas ainda não está ponderada de todo a razaõ de prerogativa tão singular: vamos seguindo a Aguia dos Evangelistas, para irmos levantando tambem o pensamento. Antes de S. Joaõ referir aquella voz, que se espalhou, de que elle não havia de morrer, disse primeiro, que elle era aquelle Discipulo, que na noite da Cea se recostou no peito de Christo, como tanto do seu seyo: *Qui & recubuit in Cæna super pectus ejus*; e que representou aquella chaga, que o mesmo Senhor depois recebeo no lado, ou no coração: *Sic Joannes, diz Arnoldo, cordis vulneri proludebat in pectore*: e amim me está parecendo, que estas precedencias fizeraõ mais crível aquella voz, que se rompeo, de que Joaõ havia de viver para sempre: *Exiit sermo, quia Discipulus ille non moritur*; como se o sagrado Evangelista, contando os seus privilegios, quizesse formar delles humas como premissas, das quaes nós tirassemos por consequencia a sua immortalidade, dizendo assim: Joaõ o Quinto deste nome: *Quintus Joannes*, representou a chaga do coração de Christo: *Cordis vulneri proludebat*: pois seguro tem o não morrer: *Non moritur*. De sorte, que os de mais Apostolos bem poderiaõ representar as outras Chagas de seu Divino Mestre; porém Joaõ, que era o Discipulo do peito, havia representar a ultima chaga do coração: *Cordis vulneri proludebat*, completando desta sorte o mysterioso numero das cinco chagas: e quem poderá duvidar, que daquelle mesmo peito aberto, que representava, e daquelle fonte de vida, podia elle beber aquelle: *Non moritur*, o privilegio de não morrer, ou de

Arnold.

de viver para sempre? Pois esta he a mesma razão, porque não devia morrer hum D. João o Quinto entre os Reys Portuguezes, o qual representando em si a ultima chaga do lado de Christo: *Joannes cordis vulneri proludebat*, foy o que completou as sagradas Quinas de Portugal: por ventura, que já estão todos no que eu vou a dizer.

Fundou Christo o Reyno de Portugal, e deu-lhe por Armas as cinco Chagas: mas estas Armas só as completou o nosso Heróe, quando, como hum Rey tanto do feyo de Deos, representou em si vivamente aquella Chaga do lado, ou do coração. Os outros Reys de Portugal do nome de João representaraõ as primeiras quatro Chagas de Christo, que se vem no escudo das nossas Armas: assim parece, que o testemunhou o mesmo Christo naquella sua Imagem, que na Acclamação do Serenissimo Senhor Rey D. João o Quarto despregou o braço direito: como se nos quizesse dizer, que até alli, até à quarta Chaga da mão direita estavaõ já completas no novo Rey, que representando a ultima Chaga do coração, completasse as sagradas Quinas de Portugal: mas já veyo hum D. João o Quinto, reservado para huma representação taõ singular: e verdadeiramente, que huma Chaga, que foy a fonte, de que se enriqueceo a Igreja: *Fontis illius ubertas*, diz S. Cypriano, *Ecclēsiam rigat, & fecundat*; quem a havia de representar, senão hum D. João o Quinto, que parece tomou a peito o exhaurirse para enriquecer a toda a Igreja; sem haver talvez huma só nos seus vastissimos Dominios, que não sentisse alguns effeitos desta liberalissima profusaõ? Diga-o Roma, que em muitos Breves explicou a grandeza do seu assombro nesta materia: mas como nella já se tem dito, o que se podia dizer, eu só acrescentarey, o que ainda se não disse: que a liberalidade do nosso Heróe, como não teve limites, tambem se não pôde estreitar aos do seu Reyno, até se deixou ver dos estranhos. Diga-o Berlim, quando permittindo o seu Soberano aos Catholicos, que erigissem hum Templo naquella Corte; aquelle coração, verdadeiramente Real, ao primeiro rebate de obra taõ pia concorreo com mão taõ liberal, como se só elle quizesse erigir aquelle Templo: mas alfin era hum coração, que representava a outro, de que sahio a Igreja já perfeita: *De late-*

D. Cypr.

re

D. Aug.

re Christi exiit Ecclesia, diz S. Agostinho. Diga-o em Jerusaleem o Templo, que alli se conserva, tantas vezes enriquecido com as liberalidades deste grande Rey: como se naquella Cidade, em que da Chaga do coração de Christo se enriqueceo a Igreja, quizesse mostrar, o quam bem representava essa mesma Chaga, enriquecendo tanto aquelle Templo. Ah Rey felicissimo, que representando aquella Chaga do coração do Fundador do vosso Imperio, foste o que completastes as suas, e vossas Armas: *Joannes cordis vulneri proludebat*; e isto só bastava para vos merecer o titulo de Rey immortal, e que ha de viver para sempre: e se não, vede-o ainda nas Armas de David.

Quaresmin. de
Vuln. Christ.

Todos sabem, que as Armas de David foraõ aquellas cinco pedras, que escolheo: e se attendermos à sua representação, aquellas cinco pedras eraõ as cinco Chagas, que ainda em figura deu Deos a David por Armas do seu Reynado: *In illis quinque lapidibus*, diz Quaresmino, *quinque sacratissima Salvatoris nostri Vulnera adumbrata sunt*: pois já agora está clarissima a razaõ, porque só aquella ultima pedra das cinco escolhidas: *Elegit quinque. Ultimo percussit*, he a que com singularidade entre outras ha de viver para sempre: porque huma pedra, que teve a felicidade de ficar reservada para representar a ultima, e desta sorte completar as cinco Chagas, ou Armas de David, aquelle Rey tanto do coração de Deos: *In quinque lapidibus, quinque vulnera. Ultimo percussit*; só esta pedra tem bem merecido o titulo de immortal, e a gloria de viver para sempre: *In lapide inscriptum æternæ vitæ nomen*. David, o minimo entre os Irmãos, he a melhor figura do Reyno de Portugal, na extensaõ o minimo entre os da Europa: podendo ambos, David, e Portugal, gloriarse, de que pódem, e sabem prostrar leons, ou nos campos da Asia, ou nas campanhas da Europa: ao menos em hum, e outro, as Armas são as mesmas; cinco Chagas em David, e cinco Chagas em Portugal. Pois se as quatro primeiras pedras, infiro, e concluo eu agora, porque representavaõ só as quatro primeiras Chagas, lá ficaraõ como mortas, e enterradas no sepulcro: *Misit eos in peram*; e só a quinta, porque representando a ultima, completou o numero das Chagas, ou Armas de David, he que leva o titulo de immortal: *In lapide inscriptum æternæ vitæ nomen*;

men; porque não direy eu tambem, que acabando como mortaes, que eraõ, os quatro primeiros Reys do nome de Joaõ, porque só representaraõ as quatro primeiras Chagas do Escudo Portuguez; só hum D. Joaõ o Quinto, que representando a ultima Chaga do coração, completou as Quinas de Portugal, e as Armas de seu Imperio: *Quinque vulnera. Ultimo percussit*; porque não direy, que só este grande Rey com singularidade entre os de mais, por ser hum D. Joaõ o Quinto, ha de viver para sempre: *Quintus Joannes. Non moritur. Joannes cordis vulneri proludebat?*

Porém contra o que eu tenho dito, está tudo, o que se está vendo. Os olhos são testemunhas de vista, as orelhas de ouvida: e se aquellas em todo o Direito merecem mais credito, do que estas; que pouco credito terá merecido o que me ouviraõ, se lhes está testemunhando o contrario, do que estão vendo? Esse Mausoléo soberbo, e com razaõ soberbo, por ser Urna da Magestade mayor de Portugal; toda essa pompa funebre (não disse bem, que não he funebre o tumulo, de quem ha de viver para sempre) toda essa pompa magestosa, parece que nos está metendo pelos olhos, que morreo aquelle Principe, a quem eu até agora com vivas taõ repetidos tenho acclamado por immortal. Grande instancia! se lhe não tivera já respondido com outros Euthymio, fallando de S. Joaõ: *Dicunt itaque eum vivere: quòd si ejus monumentum ostendatur, quid inde? Vivus namque illud ingressus est, deinde translatus.* O tumulo de S. Joaõ não he final da sua morte; e quando muito nos diz, que aquelle grande Heróe, sem morrer, foy trasladado a melhor vida. Pois isto he o mesmo, que succede nas circumstancias presentes: essa pompa, e esse tumulo, que vemos, não he sepulcro de quem morreo, he deposito de quem vive immortalizado: *Vivus namque illud ingressus est*: porque ha tumulos, que não são sinaes de morte; antes são antecedentes, de que se deve inferir huma vida eterna, e perduravel.

Euthym. híc.

Não sey, se repararaõ já, em que David sepultasse naquelle çurraõ de pastor a quinta pedra, que escolheo, e com que triunfou daquelle gigante: *Elegit quinque, & misit eos in peram*; pois até essa pedra immortal ha de ter tumulo, em que se esconda, e sepulcro, em que se deposite? Sim: para que

que ficaffemos entendendo, que quando o tumulo he de huma pedra, que pelo feo nome, e pelo feo numero he a melhor figura de hum D. Joaõ o Quinto; taõ longe eftá de fer final de morte, que antes he hum antecedente, de que fe deve arguir huma vida eterna, e perduravel: *Elegit quinque, mifit eos in peram, in lapide infcriptum æternæ vitæ nomen.* E fe ainda fe naõ defenganaõ com o que ouvem, defenganem-fe com o mefmo, que eftaõ vendo. Olhem para effe tumulo: alli eftá aquelle grande Rey pintado ao vivo, e fervindo-lhe de moldura ao feo quadro huma serpente, reduzida a hum circulo, ou a huma eféra, que he o fymbolo mais proprio da eternidade; para nos mostrar, que toda effa mageftofa pompa fe lhe erigio, naõ como a Rey, que morreo, mas como a Rey eterno, e que ha de durar para fempere. Nas Armas de Portugal a Serpente he timbre, e a eféra he divifa: pois naquelle tumulo apparecem hoje juntos o timbre, e a divifa de Portugal: vê-fe a eféra em huma serpente, ou apparece a serpente reduzida a huma eféra, para publicar pela do Mundo todo, que o Sereniffimo Senhor Rey D. Joaõ o Quinto, a pezar do tumulo, como eterno, nunca ha de acabar; e a pezar da morte, como immortal, ha de viver para fempere: *Quintus Joannes, non moritur.*

Eu bem vejo, que o que agora fe segue, he effe curiofo quefito: fe o Sereniffimo Rey D. Joaõ Quinto ainda naõ acabou, aonde vive? A repofta desta pergunta ha de fer a mefma, que deu outro Heróe, naõ fey fe com tanta razaõ: *Omnis mihi terra patria eft.* Vivo em todo o Mundo, diz aquelle Rey o mais pacifico, e o mais fabio, que vio Portugal, e naõ fey fe tambem o Mundo. S. Joaõ foy taõ fabio, que affim o chamavaõ por antonomafia; e foy taõ pacifico, que só encomendava aos feos Discipulos a paz, a concordia, e a uniaõ: e que fe havia de seguir a eftes dous predicados taõ eftimaveis em hum Principe da Igreja? *Spirat ubique terrarum Aquila Regia,* diz S. Cefario: vive em todo o Mundo aquella Aguia Real, aquelle Principe do Reyno de Christo, que foy fabio, e foy pacifico com fingularidade entre os demais. Pois aquella Aguia Real Portugueza, aquelle Salamaõ do feo feculo: Salamaõ, por Rey Pacifico, e Salamaõ, por Rey Sapientiffimo: em

em huma palavra, aquelle D. Joaõ o Quinto, que muito viva tambem em todo o Mundo. Do numero quinto dizem, que he symbolo de Mercurio, Deos da paz, e Deos da Sabedoria: *Per quinarium numerum Mercurium figurari*. O numero quinto no nosso Monarca bem póde symbolizar hum Deos da paz, e hum Nume Protector da Sabedoria: e se as figuras de Mercurio se costumavaõ animar com esta letra: *Totum per Orbem*; com esta se deve animar aquella Imagem, e com ella responder a quem perguntar, aonde vive este grande Mercurio Portuguez: *Totum per Orbem*: porque hum Rey, que sustentou tantos annos em paz aos seus Vassallos; hum Rey, que foy o mayor Protector da Sabedoria, erigindo em Portugal tantas Academias a todas as Sciencias, para derrubar a estatua da ignorancia; que muito viva immortal em todo o Mundo: *Totum per Orbem*? E senaõ diga-o ainda aquella pedra de David.

Apud. Pier. l. 2.

He opiniaõ commua entre os Expositores, que aquella pedra de David em quanto ao nome, e em quanto à representaçãõ, era aquella mesma, que depois deu por terra com aquella estatua de Nabuco: *Abscisus est lapis de monte sine manibus, & percussit statuum*, como se aquella primeira pedra se transformasse, e convertesse nesta segunda. Desta pedra nos diz o sagrado Texto, que vivia em todo o Mundo: *Factus est mons magnus, ita ut impleret universam terram*: Mas porque ha de viver essa pedra em todo o Mundo? Parece, que o disse S. Justino Martyr: *Princeps pacis sine manibus errorum statuum comminuit*. Aquella pedra era figura de hum Principe da paz, dado por Deos ao Mundo, para nelle derrubar a estatua da ignorancia: e pedra semelhante, Principe taõ pacifico, e Rey taõ sabio, deve viver em todo o Mundo, enchendo-o igualmente da sua grandeza, e do seu assombro: *Ita ut impleret universam terram*. Aquelle Principe da paz, e Rey Sapientissimo he o que ha de senhorear o quinto Imperio do Mundo: e se este Rey ha de ser Portuguez, como querem as nossas esperanças; vay-me arrebatando o affecto a dizer, que o nosso Monarca he o reservado pelo Ceo para esta grande empreza: hum Rey, que foy a mesma Paz, e a mesma Sabedoria: hum Rey dado a Portugal por Deos: *Missus à Deo*, pa-

Perer. in Dan.

Dan. 2.

D. Just.

ra fechar o Templo de Jano, que achou aberto: hum Rey dado a Portugal por Deos para derrubar a estatua da ignorancia, que achou taõ levantada: *Princeps pacis errorum statuatam comminuit*: este Rey ha de ser o Imperador de todo o Mundo, em todo elle ha de viver para sempre, enchendo-o de beneficios, de gloria, e de assombro: *Ita ut impletet universam terram.*

E se querem, que lho mostre ainda com mais evidencia, vamos com a consideraçãõ à sua mesma Corte, e Palacio e nelle o vejaõ, que eu o mostro nesta clarissima demonstraçãõ; mas ouçaõ primeiro a Santo Ambrosio: *Vivit justus meus, recessit à nobis, sed non totus recessit: reliquit enim nobis liberos, in quibus eum cernimus, & tenemus.* Vejaõ todos vivo ao nosso grande Monarca no Successor, que nos deixou, o Serenissimo Senhor Rey D. Joseph o Primeiro, no qual parece, que se converteo, e transformou: que se aquella pedra immortal, que lá derrubou o gigante, parece se transformou, e converteo na outra, que derrubou a estatua; que muito que o nosso Rey immortal com mais glorioso equivo-co se convertesse, e transformasse no Filho, e no Rey, que nos deixou, para nelle o vemos vivo, eterno, e immortal? Assim vive na terra este grande Rey, mas naõ pára ainda aqui: vive o grande D. Joaõ o Quinto tambem no Ceo, como lugar proprio da immortalidade. Agora he que eu posso acabar dando a Portugal, naõ pezames, mas parabens, de ter hum Rey, que trasladado a melhor vida, e a melhor Reyno, nelle já immortal está gozando a vista clara de hum Deos, que se préza de ser Deos, naõ dos mortos, mas sim dos vivos: *Non est Deus mortuorum, sed viventium.* Isto parece que he dizer muito, mas naõ posso dizer menos à vista do titulo, que nestes ultimos tempos lhe deu a Igreja, nomeando-o Rey Fidelissimo entre os de mais Principes do Christianismo; porque hum titulo taõ singular está promettendo ao primeiro, que o gozou, naõ menos, que a vista clara do mesmo Deos.

O primeiro, e unico, que na Escritura teve o titulo de Fidelissimo, foy Moysés: *Moses, qui in omni domo meâ fidelissimus*: e vejaõ o que se seguiu logo a este titulo: *Palam, & non per ænigmata, Dominum videt.* Mereceo Moysés entre todos

D. Ambrosio.

Matth. 22.

Nume. 12.

todos o titulo de Fidelissimo? Pois este titulo basta para, ainda sem morrer Moy^{les}, o meter de posse da vista clara de Deos. Ah, e como me está natural o dizer eu agora: *Joannes in omni domo meâ fidelissimus, palam, & non per ænigmata, Dominum videt*: basta que em toda a Casa de Deos, que he a Igreja, só hum D. Joaõ o Quinto he que mereceo o titulo de Fidelissimo! Pois este titulo basta para o declarar Bemaventurado em vida; pois nessa, a que foy trasladado, está gozando a vista clara de Deos. Oh seja assim, Rey Fidelissimo, seja assim, como está promettendo o titulo, que merecestes; que por isso talvez, taõ pouco tempo depois de o receberes, nos deixastes pelo Ceo; como se esse mesmo titulo vos estivesse dando pressa, a que passastes já à melhor vida, aonde vos esperava aquella gloria, que se deve a hum servo fiel, e muito mais a hum Rey Fidelissimo. Nesse Reyno da vida vivey, e reynay para sempre, que eu acabo deixando neste Mausoléo por campa aquella pedra de David, e por Epitafio aquelle titulo: *In lapide inscriptum æternæ vitæ nomen*, o qual mostrará melhor que as minhas vozes, que sois immortal, pois estais de posse da vista clara de Deos, que nunca se ha de acabar. *Ad quam &c.*

OR A Ç A Õ
F U N E B R E

NAS SUMPTUOSAS EXEQUIAS

DO SERENISSIMO SENHOR

D. JOAÕ V.
REY FIDELISSIMO,

*CELEBRADAS NA IGREJA DE S. PEDRO,
dos Clerigos da Cidade da Bahia, em o dia 22 de Janeiro
de 1751,*

SENDO PROVIDOR

O M. R. DOUTOR JOAÕ BORGES
DE BARROS,

MESTRE-ESCOLA DA SÈ DA BAHIA, PROTONOTARIO APOSTOLICO
de Sua Santidade, e Desembargador da Relaçã Ecclesiastica;

QUE RECITOU

O MUITO REVERENDO LICENCIADO

PEDRO FERNANDES DE AZEVEDO,

PRESBYTERO BAHIENSE, CAPELLAÕ DO REGIMENTO VELHO
da Guarniçã da Praça da Bahia, e Irmaõ da mesma Irmandade de S. Pedro.

*Conversus Petrus . . . dixit Jesu: Domine, hic autem
quid? Ex Joan. cap. 21. v. 20.*

QUANDO ao Estado da India chegou naquelles tempos a triste nova da morte do Serenissimo Rey D. Manoel, congregados se achavaõ na Igreja principal as primeiras Pessoas daquelle Estado, assim do Ecclesiastico, como Secular, com toda a Nobreza, e mais povo (como agora por semelhante motivo nos achamos congregados nesta Igreja do Principe dos Apostolos S. Pedro) onde entaõ foraõ taõ grandes os extremos do sentimento, e taõ fina a dor daquelles leaes Vassallos, e fieis Portuguezes, com que sentiraõ, e lamentaraõ a morte do seu Rey; que lançando as cappas pelas cabeças, e tapando os olhos, soltaraõ-se as lagrimas, e desfechãraõ todos a chorar em hum pranto desfeito.

*Ita P. Vieir. tom.
1. das Lagrim. de
S. Pedr. Serm.*

Muito alto, e muito poderoso Rey, e Senhor Noffo: Se os defuntos fallaõ alguma vez: *Abel defunctus adhuc loquitur*, tambem poderãõ ouvir alguma hora: *Ossa arida, audite verbum Domini*: e assim com aquella reverencia devida a taõ alta Magestade, e a essas Reaes cinzas, despojo fatal da mortalidade; dessa triste Urna, desse Mausoléo funebre, e desse melancolico Throno, permitti, que os meus ecos profanem o sagrado de tanta immuidade, penetrem os horrores da sepultura, e perturbem o silencio, em que vos poz a cruel Morte; ainda que naõ será sem alguma repugnancia da parte deste Vassallo, que pelo exercicio, que tem no voffo Real serviço, antes, e de melhor vontade, pegara hoje nas armas para ostentar os vossos triunfos, do que nas letras, para declarar os despojos da dura Parca: mas quem ha muitos annos servio sempre a Vossa Magestade, em quanto vivo, que muito, que huma hora o sirva tambem depois de morto?

Ad Heb. 11. 4.

Ezech. 37. 4.

*O A. he Capel-
laõ de hum dos
Regimentos mi-
litares.*

Quando ao Estado da India chegou naquelles tempos a triste nova da morte do Serenissimo Rey D. Manoel, dizia eu, congregados se achavaõ na Igreja principal as primeiras Pessoas daquelle Estado, assim do Ecclesiastico, como Secular, com toda a Nobreza, e mais povo (como agora por semelhante motivo nos achamos congregados nesta Igreja do Principe dos

Aposto-

Apostolos S. Pedro) onde entaõ foraõ taõ grandes os extremos do sentimento, e taõ fina a dor daquelles leaes Vassallos, e fieis Portuguezes, com que sentiraõ, e lamentaraõ a morte do seu Rey, que lançando as cappas pelas cabeças, e tapando os olhos, soltaraõ-se as lagrimas, e desfechãrãõ todos a chorar em hum pranto desfeito.

Faleceo em fim, e poz a Morte aquelle fim fatal, e indispensavel, até das Purpuras, das Coroas, e das Magestades, àquella melhor Purpura, àquella grande Coroa, e Soberana Magestade do nosso Rey, e sempre Augusto Monarca o Serenissimo Senhor D. Joaõ Quinto de Portugal, cuja saudade ferá eterna à nossa memoria contra os esquecimentos da morte, e que para os nossos corações sempre vivo estará, e nunca morto, como os mais mortos: *Oblivioni datus sum tanquam mortuus à corde.* Chegou a esta terra a triste nova na noite infauſta de trinta e hum de Outubro, que com o capuz das suas trevas cobrio toda a Cidade de luto, de pezares, e sentimentos, e tambem de lagrimas, e suspiros dos seus leaes Vassallos, e fieis Portuguezes, que pasmados, e absortos, parece, que ignoravaõ o mesmo, que sentiaõ. O certo he, que nunca na Bahia se vio noite taõ triste, e penalizada, que tanto nos tem chegado ao vivo do sentimento: e se houvesse entaõ quem por menos penetrado da dor, e da mágoa, lhe perguntasse: *Mulier, quid ploras?* Bahia, porque choras? Isto mesmo ha de dizer: Choro a Parca cruel, que subindo atrevida ao mais alto throno, sem respeito à mais alta Magestade, cortou a vida ao meu Rey, e meu Senhor: *Quia tulerunt Dominum meum;* e verdadeiramente ignoro, como o depoz do Solio à sepultura: *Et nescio ubi posuerunt eum.* Oh noite infauſta de trinta e hum de Outubro! Nunca já mais deixarás de ser sentida na Bahia pela grande pena, que lhe deste: de escuras, e tenebrosas tempestades de ventos, sejas possuida: *Noctem illam tenebrosus turbo possideat;* na Bahia naõ terás lugar entre os dias do anno, nem numerada serás nos seus mezes: *Non computetur in diebus anni, nec numeretur in mensibus:* e pelo geral sentimento, em que nos deixaste, solitaria serás, e para sempre amaldiçoada noite: *Sit nox illa solitaria, nec laude digna, maledicant ei.*

Pfal. 30. 13.

Joan. 20. 13.

Ibi.

Ibi.

Job. 3. 6.

Ibi.

Ibi 7.

Hum

Hum sentimento porém taõ geral , e de todos os Vafallos , tambem havia de tocar ao Ecclesiastico; que quando padece a cabeça , sentem os membros todos: *Quando caput dolet , omnia membra sentiunt.* E já se deixa ver , que todos , como amantes Portuguezes , haviamos gemer a morte do nosso Rey , quando taõ cordealmente nos alegramos com a sua vida: *Ingemuerunt omnes , qui lætabantur corde.* No que toca ao Ecclesiastico , bem mostraõ os Sacerdotes os seus gemidos , e as suas lagrimas nestas sumptuosas , e piedosissimas Exequias , que saõ as demonstrações mais finas do seu sentimento na morte do seu Augusto Monarca , que acompanhadas com as palavras , que propuz por thema , exprimem de todo a sua dor , e a sua pena. Nellas em sentido litteral hum Joaõ he o fallado , e em sentido allegorico , ou accommodaticio , outro Joaõ he o entendido : em hum , e outro sentido sempre S. Pedro he o que falla ; mas em hum sentido falla Pedro de hum Joaõ por si , e por sua boca ; em outro sentido falla Pedro de outro Joaõ , mas naõ por si , senaõ por seus filhos ; ou saõ os Sacerdotes , filhos de S. Pedro , os que fallaõ por boca de seu proprio Pay : quando Pedro falla por si voltado para Christo , se mostra todo sollicito da morte de Joaõ , o Discipulo amado: *Conversus Petrus dixit Jesu : Domine , hic autem quid ? De Joanne agit Petrus in morte* , diz aqui o Sylveira , e he exposiçaõ commua : e quando falla Pedro por seus filhos convertidos , e voltados para Christo os Sacerdotes na pessoa de seu Pay , se mostraõ todos sentidos da morte de Joaõ o seu Soberano : com esta differença de hum Joaõ a outro Joaõ , que lá estava S. Pedro sollicito da morte futura de Joaõ : *Domine , hic autem quid erit ei ?* verte o Arabico : e cá está S. Pedro na pessoa de seus filhos todo sentido da morte presente de Joaõ , e porque Joaõ o seu Rey havia de morrer : *Conversus Petrus dixit Jesu : Domine , hic autem quid ? De Joanne agit Petrus in morte.* Fortes motivos havia em Pedro para estar taõ sollicito com Christo , se aquelle Joaõ havia de morrer : os mesmos motivos , e taõ fortes , tem S. Pedro na pessoa de seus filhos para estar todo sentido da morte deste grande Joaõ. Os motivos , que havia em Pedro para estar taõ sollicito da morte do outro Joaõ , os descobrio o doutissimo Sylveira seguindo a Plutarco na pessoa do mesmo

Sylveir. hic tom.
5. lib. 9. cap. 8. q.
10. §. 60.

João ; por fer elle dotado de todas as prendas da natureza , reduzidas todas ao numero de quatro : a saber , o esplendor do sangue , esta foy a primeira ; a segunda a perspicacia do entendimento ; a terceira a brandura de animo ; e a quarta , e ultima a gentileza , e fermosura do seu rosto : *In Joanne* , diz o Sylveira , *relucebant omnia naturæ dona , quæ , ut numerat Plutarcus , quatuor sunt : splendor generis , mentis perspicacia , lenitas animi , oris pulchritudo.*

Oh que justificado he o sentimento dos Sacerdotes , e filhos de S. Pedro , na morte do nosso Monarca , onde perdemos hum Rey tão singular , hum Monarca tão Soberano , que se tambem ha Reys da Fortuna , o Serenissimo Senhor D. João Quinto de Portugal foy Rey da natureza , nasceo para Rey , e o fer Rey lhe veyo nascendo : a natureza o creou para Rey , a todas as luzes dotado em gráo summo de todas as quatro graças , e prendas da natureza ; porque nelle reluziraõ o esplendor do Real sangue , a agudeza de engenho , e entendimento ; a brandura do animo , e a mais Real gentileza , e fermosura , que saõ da natureza todas as prendas : *In Joanne relucebant omnia naturæ dona : splendor generis , mentis perspicacia , lenitas animi , oris pulchritudo* : estas seraõ as partes desta funebre Oraçaõ.

Comecemos. He o esplendor do Real sangue a primeira prenda , com que a Natureza creou para Rey ao nosso Augusto Monarca , que choramos defunto : *In Joanne relucebat splendor generis*. Naõ sey o que tem consigo as Purpuras , as Coroas , os Sceptros , e as Magestades , que o fer Rey lhe ha de vir ao nascer , e lhe ha de vir nascendo : naõ ha de ser dadiua da ventura , ha de ser prenda da natureza , que lhe deu o fer , e nascimento. Instava o povo de Israel com o Proféta Samuel , que lhe désse Rey , que os governasse , e defendesse de seus inimigos , e a quem se queraõ fugeitar , e obedecer-lhe como Vassallos : *Constitue nobis Regem , ut judicet nos*. Via-se o Proféta obrigado das repetidas instancias do povo : poem o requerimento nas mãos de Deos , a quem recorreo para tão alta eleiçaõ , e veyo finalmente a ungir a Saul o primeiro Rey daquelle Reyno : a nomeaçãõ foy do Proféta , porém a eleiçaõ do Rey , Deos a fez : e hum Rey dado por Deos , já se

1. Reg. 8. 5.

se deixa ver , que havia de ser o melhor : *Videtis , quem elegit Deus , quoniam non fit similis illi in omni populo.*

He porém de notar agora o que disse Saul: *Nunquid non filius Gemini ego sum de minima Tribu , & cognatio mea novissima inter omnes familias de Tribu Benjamin? Quare ergo locutus es mihi sermonem istum?* Por ventura não sou eu filho de Gemini , a familia minima , a ascendencia mais inferior de todas as familias da Tribu de Benjamin? Como hey de ser Rey? Porque me fallais na Magestade? E dizia bem Saul: olhava para si , e via as faltas , com que o creara a natureza : levantava os olhos para a Magestade , e via , que ficava muito a perder de vista ao seu ser , e nascimento , e repugnava o Sceptro , e a Coroa ; confessando , que a Coroa lhe não vinha nascendo , nem o Sceptro lhe vinha ao nascer : *Nunquid non filius Gemini ego sum? Quare ergo locutus es mihi sermonem istum?*

E se de Saul passarmos a David , para quem passou a Coroa , e Sceptro , e foy o segundo Rey de Judá , e terceiro de Israel , o mesmo diziaõ delle os seus Vassallos: *Quis est David? Et quis est filius Isai?* E quem he David? É quem he o filho de Isai? *Non est nobis pars in David , neque hæreditas in filio Isai.* E que temos nós de ver com David , nem queremos do filho de Isai? Como David foy Rey da Fortuna , e não da natureza ; como nasceo pastor , e não Rey ; passar do sayal à Purpura , da cabana ao Paço , do cajado ao Sceptro , e de pastor a Rey : seja embora David Rey de Israel , a que o levantou a sua Fortuna ; mas com aquella nota , e dezar , de quem he David , e de quem he o filho de Isai , de que o pencionou a natureza , que lhe deu o ser , e o nascimento : *Et quis est David? Et quis est filius Isai? Non est nobis pars in David , neque hæreditas in filio Isai.*

Daqui vem , que sendo (não sey porque dezar da natureza) ordinariamente mal vistas as venturas , e felicidades alheas ; esta de reynar , e ser Rey , quando he por fado , e não he por força , ou por força de fado ; e ventura , e não por força da natureza , se faz taõ odiosa , ainda entre os proprios , e que mais a deviaõ applaudir , que apenas sonhada , se não pôde tolerar , e nem por sonhos se pôde sofrer.

Dous sonhos teve Joseph , e ambos de reynar , e ser Rey ,

que devendo ser applaudidos, apenas sonhados, e passados pelo somno, o fizeraõ odioso, e taõ aborrecido entre os seus mesmos irmãos. Sonhou, que elles atavaõ no campo os seus feches, e que os outros adoravaõ o feu: *Audite somnium meum: putabam nos ligare manipulos in agro, vestrosque manipulos adorare manipulum meum.* Sonhou outra vez, que o Sol, Lua, e onze Estrellas o adoravaõ: *Vidi per somnium, quasi Solem, & Lunam, & Stellas undecim adorare me.* E como tomaraõ os irmãos estes sonhos de Joseph? Julgaraõ, que havia de reynar entre elles, e ser o feu Rey: *Nunquid Rex noster eris?* E por isso nem o poderaõ tolerar, nem o poderaõ soffrer: esta foy a origem das ruinas de Joseph, daqui nasceraõ todos os seus odios: *Hæc ergo causa somniorum, invidiæ, & odii fomitem ministravit.* Mas se por entaõ não passavaõ de sonhos, e era huma Magestade sonhada, e hum reynar, e ser Rey por sonhos; como se fez Joseph por esta causa taõ odiado com seus irmãos? Por isso mesmo, porque eraõ sonhos de reynar, e ser Rey: e como em Joseph a Magestade de Rey vinha por fado, e não por força, ou por força de fado; e Fortuna, e não por força da natureza, e nascimento; por isso não foy applaudida, e se fez em Joseph odiosa, e taõ invejada dos proprios irmãos, que apenas sonhada, a não poderaõ tolerar; e nem ainda por sonhos a poderaõ soffrer: *Nunquid Rex noster eris? Hæc ergo causa somniorum invidiæ, & odii fomitem ministravit.*

O certo he, que para o caracter Real da Magestade pouco monta, que se intrometa a ventura com as suas grandezas: o que mais importa, e importa tudo, he, que passe de liberal a prodiga a natureza, e quanto mais liberal, e mais prodiga, assim ferá o Rey mais singular: e quanto mais Regio for o esplendor do sangue Real descendente de Reys Soberanos, tanto melhor ha de nascer para Rey, e tanto mais o ser Rey lhe ha de vir nascendo.

Matth. 2. 7. Veyo Christo a reynar neste Mundo: *Et tu Bethleem terra Juda... ex te exiet Dux, qui regat populum meum Israel:* e he de notar, donde nasceo, e como nasceo: foy bulcar a Tribu Real de Judá, e não outra Tribu: *Tribum Ephraim non elegit, sed elegit Tribum Juda;* e a Real Ascendencia dos Reys de Judéa, que era a familia mais illustre daquelles tempos;

Pfal. 77. 67.

pos; isto he, donde nasceo: e por isso, a sabermos o como nasceo, o differaõ os Magos do Oriente: *Ubi est, qui natus est Rex?* Que nascera Rey, e com o seu nascimento lhe viera nascendo a Purpura, e a Coroa, como Rey descendente de Reys, e nascido de Reys; que isto he fer Rey por natureza, e por sangue, e nascimento: tanto melhor nascido para Rey, quanto o fer Rey lhe naõ podia vir mais ao nascer: *Ubi est, qui natus est Rex?* Matth. 2. 2.

E agora se verá a razaõ, que teve Christo para naõ aceitar a Purpura, e a Magestade, que lá no deserto lhe offereciaõ as turbas: queraõ fazello Rey, e fugio Christo: *Cum cognovisset, quia venturi essent, ut facerent eum Regem, fugit in montem.* Se Christo era Rey nascido, e descendente de Reys, porque foge agora de fer Rey? O mesmo texto o está insinuando; porque agora era Rey, porque o faziaõ: *Ut facerent eum Regem*: e o Rey naõ ha de fer feito, ha de fer nascido: naõ ha de fer por dadiva, senaõ por divida: naõ ha de fer lance da ventura, senaõ relance da natureza: em fim; naõ ha de fer Rey por arrojado da vontade alhea, senaõ por impulso do proprio nascimento. E como nesta occasiaõ se trocava a scena, e pervertia esta ordem, e o naõ acclamavaõ Rey, porque o era por sangue, e nascimento, senaõ porque o faziaõ por seu querer, e por sua vontade; isso he o que naõ queria Christo, e por isso fugio; porque o Rey ha de fer nascido, e naõ ha de fer feito: *Cum cognovisset, quia venturi essent, ut facerent eum Regem, fugit in montem.* Joan. 6. 15.

Nasceo El Rey D. Joaõ o Quinto, eterno objecto da nossa saudade. Mas ay! que a sua Real grandeza me embarga as vozes, e suspende a falla. E quem já mais póde beber as luzes ao Sol, nem esgotar as aguas do Oceano! Com tudo, se do modo possivel queremos saber o alto Rey, que perdemos, e choramos defunto, em huma figura temos muita parte do figurado. Mysteriosa foy aquella arvore, que se manifestou em sonhos a Nabuco Rey de Babylonia, de tal altura, e grandeza, que chegava às nuvens, e por toda a terra se dilatavaõ os seus ramos. Magestosa arvore, a sua grandeza naõ podia ser mayor. O Profeta Daniel disse, que era o mesmo Rey Nabuco: *Tu es, Rex.* Berchorio disse mais, que essa arvore significava os Prin-

Principes, e Reys da terra: *Arbor ista significat mundi Principes.* Estou pelo dito de Author tão grave: mas entre estes Principes, e Reys da terra, com quem, senão com ElRey D. João o Quinto, se ajusta bem esta arvore da mayor grandeza? Este he o Rey: *Tu es, Rex:* este he o Principe: *Arbor ista significat mundi Principes.* Ora vamos construindo o mesmo texto, para bem o conhecermos.

Tu es, Rex, qui magnificatus es. Vós foyes o Rey magnifico, e que foyestes magnificarvos. E que Rey houve em Portugal, e ainda em toda a Europa, e não dizia mal, se o differa em todo o Mundo, tão Regio, tão circunspecção, magnanimo, ou tão magnifico, como o nosso Rey! A magnificencia, com que tratava sua Real Pessoa, dava tal brado pelas nações Estrangeiras, que era lá, como adagio vulgar, que só ElRey de Portugal sabia ser Rey, e sabia tratar-se como Rey. *Et magnitudo tua crevit, & pervenit usque ad Cælum:* Este Rey he tão grande, e tão alto, que correndo o seu Real sangue das veas de D. Affonso Henriques, primeiro Rey de Portugal, e seu decimo quinto, ou decimo sexto Avô, até o Serenissimo Rey D. Pedro Segundo, seu pay; e por linha materna dos Serenissimos Principes Eleitoraes Palatinos até a Serenissima Rainha D. Maria Sofia, sua mãy, he tão dilatado, e tão crescido, que occupa o Mundo todo, e chega até às Estrellas, enramado com todos os Principes Soberanos, e Casas Reaes de toda a Europa. *Et potestas tua in terminos universe terræ:* Diz mais o Proféta, que os Dominios daquelle Rey eraõ de toda a terra; e não podia fallar mais claro do nosso Rey, cujos Dominios são de toda a terra, e tão dilatados nas Aſias, nas Africas, nas Americas, e na Europa. Esta Real arvore, diz finalmente o Proféta, que fora cortada: *Succidite arborem:* e aqui veyo a parar esta arvore tão alta, e este grande Rey, cortado aos golpes da morte: *Succidite arborem.*

E que esta arvore tão grande fosse cortada; e que este Rey, a quem a natureza dotou do melhor esplendor do Real sangue, assim cahisse por terra aos golpes da morte! Oh que dor para lamentada! Oh que lastima para sentida! Não só dos seus Vassallos, e que tanto a sabem sentir; mas ainda do mesmo insensivel, e incapaz de sentimento, e das mesmas arvores,

e das

Dan. 4. 19.
Berch.
Ibi.

Ibi.

Ibi 11.

e das mesmas plantas, e dos proprios troncos. Assim o lamentava o Profeta Zacarias olhando para o elevado de hum cedro, e admirado, ou enternecido de o ver cortado, e cahido por terra: vay-se à Republica das arvores, busca as plantas, falla a hum tronco, e lhe disse assim: *Ulula abies, quia cecidit cedrus*. Chora, e lamenta, planta vegetavel, arvore tofca, e tronco grosseiro, porque está cortado, e cahido o teu cedro. He o cedro o Rey dos vegetaveis: *Cedrus est omnium arborum Regina*; e até as arvores, as plantas, e os troncos brutos devem sentir a cahida de hum cedro, e a quéda de hum Rey. Zachar. 11. 2.

Mas que Cedro, que Rey? Este he o Cedro mais elevado, este he o Rey mais Soberano: cahido está nos horrores da sepultura este Cedro o mais alto: quéda fatal! Aqui jaz cortado aos golpes da morte este grande Rey, a quem a natureza dotou do melhor esplendor do Real sangue. O golpe não podia ser mayor, para ser de todo chorado. Como Cedro pois cahido da mayor altura, chorará até o insensível, e chorem as arvores, as plantas, e os proprios troncos: *Ulula abies, quia cecidit Cedrus*: e como Rey, a quem a natureza dotou do melhor esplendor do Real sangue: *In Joanne relucebat splendor generis*. Este golpe, e esta dor, fere, e traspassa os corações a todos os seus Vassallos: e por isso finalmente os Sacerdotes na pessoa de seu Pay S. Pedro se mostraõ taõ sentidos da sua morte: *Conversus Petrus dixit Jesu: Domine, hic autem quid? De Joanne agit Petrus in morte*.

A segunda prenda, com que a natureza creou para Rey ao nosso Monarca defunto, para motivo fatal do sentimento dos Sacerdotes, e filhos de S. Pedro, foy a agudeza do seu engenho, e entendimento: *In Joanne relucebat mentis perspicacia*. He a Sabedoria, a que deve realçar as Magestades, disse-o a mesma Sabedoria: *Ad vos, Reges, sunt sermones mei, ut discatis Sapientiam*. Ella he, a que ha de lograr toda a primazia, e toda a preferencia nos Reynos, e nas Monarquias: *Et præposui illam Regnis, & Sedibus*. Com ella creou Deos a Salamaõ, o mayor Monarca da Palestina: *Dedit tibi cor sapiens, ut nullus ante te similis tui fuerit, nec post te surrecturus sit*. E com ella creou outro Salamaõ Portuguez, ElRey D. João o Quinto, para mayor Monarca de Portugal. Sap. 6. 10.

3. Reg. 10. 4. 5. Authores ha, que por tal o louvaõ, pelo Salamaõ Portuguez, dotado de tanta Sabedoria, que punha em admiração aos maiores Engenhos. Suspenfa ficou a Rainha Sabá da sabedoria de Salamaõ: *Videns Regina Sabá sapientiam Salomonis, non habebat ultrà spiritum.* E hum grande Lente beijando huma vez a Real maõ deste Salamaõ Portuguez, fahio taõ admirado, que publicava na Universidade de Coimbra, corriaõ parrelhas em Sua Magestade a grandeza de Rey, e de Sabio. E como havia deixar de ser Sabio por admiração, quando tinha no Paço huma grandiosa Bibliotheca, e Leitores determinados, que lhe lessẽm os livros, em que gastava muitas horas entre dia, e noite, com effectivo estudo, e lição com tanta applicação, que se o Profeta Ezequiel tomando o gosto a hum livro disse, que lhe era doce, como o mel: *Erat in ore ejus, tanquam mel dulce:* a lição dos livros para o nosso Monarca era o seu paõ, e mel; pois ainda doente, e quando este estudo era contrario à sua saude, nem assim o queria largar, contra o preceito dos Medicos. Assim o cantava o nosso Camoens do grande Alexandre:

Ezech. 23.

Cam. Cantic. 5.
Est. 96.

*Lia Alexandre a Homero de maneira,
Que sempre se lhe sabe à cabeceira.*

E tal era o nosso Monarca com os livros, que no seu cansaço tinha o seu descanço: sobre elles repousava, e fazia o seu repouso; como quem sabia ser esta a cama branda, em que deve jazer a Sabedoria: *Non jacet in molli veneranda Scientia lecto.*

Taõ Sabio foy, que teve o Dom de Linguas, e taõ perito em todas, como se fosse nascido em todos os Reynos estranhos. Qualquer Estrangeiro, que lhe beijava a Real Maõ, e lhe fallava no seu proprio idioma, da mesma sorte lhe respondia pelo mesmo idioma com tanta naturalidade, que os deixava suspensos. Sete Cidades da Grecia contenderaõ sobre a naturalidade de Homero: cada huma queria para si a gloria de mãy de taõ Sabio Heróe: todas as descreveo o nosso Camoens neste quarteto:

Cam. Cantic. 5.
Est. 87.

*Esse, que bebo tanto da agua Aonia,
Sobre quem tem contenda peregrina
Entre si Rhode, Smirna, e Colophonia,
Athenas, Yos, Argo, e Salamina.*

E da

E da mesma forte outros tantos Reynos da Europa, vendo hum Monarca taõ perito na lingua Latina, Castelhana, Franceza, Italiana, Alemãa, Ingleza, e Holandeza, podiaõ litigar a sua naturalidade, e invejar a Portugal a gloria de Patria de hum Rey taõ Sabio. Elle foy o primeiro Rey de Portugal, que teve Academia propria, theatro verdadeiramente Regio da sua Sabedoria: e naõ cabendo ainda nos limites do feu Reyno tanta sciencia, passava aos estranhos, e era lá Academico da Academia dos Arcades, e da Real de França, e Inglaterra. Foy amantissimo dos homens de letras: sabia o feu custo, e dava-lhes o feu justo valor, honrando os mais Sabios com os maiores empregos. Daqui vem o grande excessõ, com que se disvelava, para que no feu Reyno houvessem os mayores Letrados: esta era a sua ancia, e todo o feu desejo. Para isso no Real Convento de Rilhafolles fez hum Collegio, que dotou com maõ larga, para estudarem as letras os Illustres, e filhos dos Grandes. Na Universidade de Evora concedeo mais duas Cadeiras, huma de Canones, e outra de Leys, com os mesmos privilegios concedidos pelos Reys seus antecessores à Universidade de Coimbra. A Casa Professa da Companhia de Jesu de Villa-Viçosa mudou em Collegio com rendas proporcionadas, para se aprenderem as Grammaticas, Rhethoricas, Filosofias, e Theologias. E fundou outro Collegio das Necessidades, com magnificencia verdadeiramente Real, para os Padres da Congregação do Oratorio ensinarem as mesmas faculdades: e bem mostrou naõ ser esta fundação *ad Ephesios*, senaõ *ad Philippenses*, dotando-a com liberaes rendas para a sua subsistencia. Nas Villas principaes do Patriarcado, Torres-Vedras, Obidos, e Setuval poz Mestres com oitenta mil reis de renda, para os Clerigos estudarem Moral.

Assim era Sabio este grande Rey, e assim queria o feu Reyno huma Minerva de Sciencias, ou outra Athenas da Sabedoria. E porque naõ direy, que da sua Sabedoria vieraõ tambem as felicidades do feu Reyno? Infinitos saõ os thesouros, e os bens, que traz consigo a Sabedoria: *Infinitus enim thesaurus est hominibus, quo qui usi sunt.* Diz a mesma Sabedoria. Salamaõ assim o confessa, que da sua Sabedoria lhe vieraõ todas as suas felicidades: *Venerunt mihi omnia bona pari-*

Sap. 7. 14.

Sap. 7. 11.

3. Reg. 4. 24. *ter cum illa.* Soube Salamaõ conservar os seus Vassallos em paz com todas as Potencias confinantes: *Habebat pacem ex omni parte in circuitu.* Soube fazer o seu Reyno rico, e taõ florente, que como pedras era tanta a prata em Jerusalem:

3. Reg. 10. 27. *Fecit, ut tanta esset abundantia argenti in Jerusalem, quanta & lapidum.* As tuas frotas vinhaõ de Ophir ufanas, e carregadas de ouro com quatrocentos e vinte talentos: *Aurum quadrigentorum viginti talentorum detulerunt ad Regem:* e todas estas grandezas a quem as attribuia Salamaõ, senaõ à sua Sabe-doria: *Venerunt mihi omnia bona pariter cum illa?*

Oh Reyno de Portugal, com quanta razaõ deves chorar o grande Rey, que perdeste, taõ Sabio, como Salamaõ; e por isso qual outro Salamaõ nas felicidades. Quando todas as Potencias da Europa mais se abrazavaõ entre os rayos de Marte, soube este Rey conservar em paz os seus Vassallos: *Habebat pacem ex omni parte in circuitu.* O seu Reyno nunca mais florente; e abundando em tantas riquezas, quaes nunca se viraõ. As frotas de Salamaõ levavaõ ouro aos talentos: as deste Monarca carregavaõ ouro às arrobas, que naõ faziaõ somma de muitos talentos, senaõ de muitos milhoens. Ponderemos este excessõ com a mais pezada ponderaçãõ. Toda a quantidade de ouro, a que chegavaõ annualmente as rendas de Salamaõ, era de seiscentos e sessenta e seis talentos: *Erat autem pondus auri, quod offerebatur Salomoni per singulos annos, sexcenta sexaginta sex talenta auri.* E constando cada talento pela nossa moeda de seiscentos cruzados, por boa Arithmetica faz a somma quasi de quatrocentos e treze mil cruzados: muita renda para aquelles tempos; mas sem comparaçãõ com as que logrou no seu reynado o nosso Monarca, e nesta parte mayor que Salamaõ: *Ecce plusquam Salomon hic.* Quando sem fallarmos nas Minas dos Cuyabás, Guayázés, Paracatús, que saõ hoje as mayores, e de mayor rendimento: passando pelas Minas Novas, Rio das Contas, e Jacobina, como menos numerosas; e sem expressarmos os famosos contratos dos diamantes do Serro, e Piloens; só as quatro Comarcas das Minas Geraes, Ouro Preto, Sabará, Rio das Mortes, e Serro do Frio, contribuem annualmente para o Erario Real cem arrobas de ouro, que montaõ milhaõ e meyo.

Verdade

Verdade he, que fóra daquellas rendas tinha Salamaõ os tributos, que pagava o negocio, contribuiaõ as terras, e lhe tributavaõ os Embaixadores de varias Nações, e os Reys de toda a Arabia, que sempre faziaõ igual somma, e outra tanta renda: *Excepta eâ summâ, quam Legati diversarum gentium, et negotiatores offerre consueverant, omnesque Reges Arabiæ, et Satrapæ terrarum, qui comportabant aurum, et argentum Salomoni*: E tambem he verdade, que os tributos dos escravos, e fazendas, que paga o negocio das Minas, e mais rendas, que contribuem aquellas terras, só estas deixaõ a perder de vista aquellas rendas. Em fim, aquelle ouro era muito, abundava o Reyno de Salamaõ, e daqui naõ passava: o ouro deste mayor Salamaõ era tanto, e em tanta quantidade, que passava a superabundar os Reynos estranhos. Aqui me lembra hum dito discreto de hum Grande de Roma (era a pratica sobre os Principes da Europa) disse pois: Que os mais eraõ Reys de espadas, o Senhor D. Joaõ Quinto era Rey de ouros: e disse bem, porque tanto ouro junto nunca se vio no Mundo tirado das suas Minas. E se no reynado de Salamaõ era a prata como pedras, no reynado deste grande Rey com tanto ouro saõ tantas as pedras preciosas, e tantos os diamantes dos mayores quilates, que tem abundado o Mundo todo, e o tem taõ suspenso, que já houve, quem nos seus Dominios repugnasse o diamante fino pelo baixo vidro: querendo aniquilar o precioso, que cria a natureza, só porque lhe negou essa ventura.

Estas saõ as felicidades, que logramos, e nunca se viã no Mundo, senã no Salamaõ da Palestina, e no Salamaõ de Portugal; porque ambos Sabios em summo grão, donde lhes vieraõ as felicidades todas: *Venerunt mihi omnia bona pariter cum illa*. O certo he, que se me deres hum Rey Sabio, logo as venturas do Reyno saõ certas, e saõ seguras as felicidades dos Vassallos. Veyo Christo a reynar neste Mundo: entra Jeremias a descrever a entrada deste Soberano Rey dos Reys, e diz assim: *Ecce dies veniunt, et regnabit Rex, et Sapiens* Jerem. 23. 5. *erit*: Que este Soberano Rey era Sabio, e que havia de reynar com Sabedoria. E fallou como Profeta, que previa, que todas as felicidades do Mundo estavaõ na vinda de Christo, e no reynado do Rey dos Reys; e logo disse, que era Sabio, e

que havia de reynar com Sabedoria , para que da sua Sabedoria colheffe o Mundo as grandes felicidades , que esperava do seu reynado : *Ecce dies veniunt , & regnabit Rex , & Sapiens erit.*

Matth. 24. 29.

Tal foy o Mundo no reynado de Christo , e assim se vio Portugal no reynado deste grande Rey , que tambem he Reyno de Christo. Teve as felicidades , que nunca logrou o Mundo ; porque Rey taõ Sabio , e de tanto engenho , e entendimento , o naõ teve Portugal. Eu lhe chamàra o Sabio ditoso ; porque nenhum até aqui taõ ditoso , nem taõ Sabio. Mas ay ! que este he o Rey , que perdemos : este he o Rey , que choramos cahido nos horrores da sepultura. Lá diz a Escriptura , que as Estrellas haõ de cahir no Juizo final : *Stellæ cadent de Cælo* : nas Estrellas se symbolisaõ os Sabios : *Hyadum nomine Doctores designantur* : e tambem saõ o symbolo das venturas , e felicidades : e tudo ha de perder o Mundo nas Estrellas cahidas , a sua sabedoria , e as suas felicidades. Oh Mundo ! Mas oh Reyno de Portugal ! Cahida está na sepultura a tua Estrella Regia , que te regia , e governava com Sabedoria , donde te vieraõ as tuas felicidades : tudo nelle perdeste com a cahida na sepultura. Grande perda para sentida ! dor inconsolavel , para ser sempre chorada dos seus Vassallos : e por isso finalmente os Sacerdotes na pessoa de seu Pay S. Pedro , se mostrãõ taõ sentidos da sua morte : *Conversus Petrus dixit Jesu : Domine , hic autem quid ? De Joanne agit Petrus in morte. In Joanne relucebat mentis perspicacia.*

Matth. 11. 29.

Joan. 13. 15.

O terceiro motivo do sentimento dos Sacerdotes , e filhos de Pedro na morte do nosso Monarca , foy a brandura daquelle Real animo , com que o dotou a natureza : *In Joanne relucebat lenitas animi.* He a clemencia , a brandura , e affabilidade de animo , aquella prenda , que Christo , como Author da Natureza , dictou geralmente para todos , ensinando-nos a aprender delle o ser humildes , e brandos de coraçãõ : *Discite à me , quia mitis sum , & humilis corde.* Com tal singularidade , que devendo em tudo seguirmos o seu exemplo : *Exemplum dedi vobis , ut quemadmodum ego feci , ita & vos faciat* ; como se só desta prenda fizesse o mayor preço , com toda a especialidade se inculca della o nosso Exemplar : *Discite à me,*

à me, quia mitis sum, & humilis corde. Mas no que toca aos Reys, e Principes da terra, não sey se corre este exemplo, ou este exemplar, e por esta parte parece que a natureza desobedeceo ao seu Author.

Porque mostrando-se ella ordinariamente com os Principes, e Reys da terra, mais liberal das suas prendas, e foy o mesmo fazellos singulares no Mundo, que às mãos cheyas prendallos com todos os seus dotes; com o dote da brandura, clemencia, e affabilidade de animo, só desta prenda he a natureza muito avarenta com os Principes, e não he graça, que tenha por uso, e costume concedella. David, aquelle exemplar de Principes, lhe penetrou a razão: *Terribili & ei, qui aufert spiritum Principum, terribili apud Reges terræ:* que era coufa terrivel dobrar o animo, e o espirito dos Principes, e Reys da terra. He o espirito dos Principes, e Reys, orgulhoso, altivo, soberano, e levantado: e querer dobrar tudo isto, e convertello em clemencia, e brandura, achou David, que era coufa terrivel, ou impossivel de se fazer: *Terribili & ei, qui aufert spiritum Principum, terribili apud Reges terræ.* Em Roboão neto de David, e Rey de Israel, se cumprio a profecia de seu avô, e se comprovou esta verdade, (E quem dissera, que tanto em casa lhe havia de cahir o rayo?) porque veyo a perder a mayor parte do seu Reyno, e da sua Coroa, só por não querer abater aquelle espirito altivo, e animo orgulhoso, usando de brandura, e affabilidade com os seus Vassallos, como lhe diziaõ os seus Conselheiros mais praticos nas materias do Estado: *Si placueris populo huic, & leniveris eos verbis clementibus, servient tibi omni tempore.*

Pelo contrario procedeo com seus Vassallos seu pay Salamaõ. Vio-se acclamado, e coroado Rey de Israel, e não pediu a Deos outra coufa, senão hum animo brando, e doçura de coração para agradar ao seu povo: *Dabis servo tuo corde docile, ut populum tuum judicare possit.* E disse bem Salamaõ no que pedia; porque a clemencia, e a brandura de animo, he a baze, sobre a qual ha de a Magestade estabelecer o seu throno: *Roboratur clementiâ thronus Regis.*

Oh animo piedoso, e coração brando do nosso Monarca, que sendo em tudo outro Salamaõ; ainda por esta prenda,

Eth. 13. 2.

da , com que o dotou a natureza , à boca cheya devemos confessar , que foy mayor que Salamaõ: *Ecce plusquam Salomon hic* : dotado de tanta brandura de animo , e clemencia daquelle Regio coração , que para os seus Vassallos foy verdadeiramente outro Assuero dos nossos tempos. Era Assuero aquelle grande Rey da Persia , e Senhor de cento e vinte e sete Provincias , com tantos povos , e Vassallos fugeitos ao seu Imperio: e o de que mais se prefava , não era usar da grandeza do seu poder , senão governar com clemencia , brandura , e piedade: *Volui nequaquam abuti potentiae magnitudine , sed clementia , & lenitate gubernare.*

Voltay agora os olhos da consideração para os quarenta e quatro annos do reynado deste grande Rey , e achareis ser a sua clemencia , e piedade , hum mar profundo , em que poderemos correr a vélas cheyas , mas não discorrer sem perigo de naufragar. Rey , que não soube nunca fazer extorsões , nem violencias aos seus Vassallos! Quaes foraõ os tributos , com que vexasse o seu povo em tantos annos? Sendo taõ extraordinarias as despesas com os casamentos delRey , que Deos guarde , e da Rainha Catholica , mandou escrever aos Governadores de todos os seus Estados , que concorressẽ com o que quizessem livre , e espontaneamente , como se vê da Carta escrita ao Vice-Rey , que entaõ era deste Estado , o Conde de Sabugosa. Da mesma sorte nas suas disposições nunca se vio exemplo de castigo , ou de castigar exemplar : não porque deixassem de succeder muitos casos , que pediaõ o mais severo ; mas porque o seu animo benigno desculpava facilmente todas as fraquezas da humanidade ; que he a demonstração mais certa de hum animo superior a todos os eventos do Mundo. Da mesma sorte , quaes foraõ os actos de ira , em que aquelle Regio coração se mostrasse colerico , ou apaixonado? No publico nunca se descobrio , nem o deu a conhecer : no particular foraõ muito raros os que lhe notaraõ os seus domesticos ; que he só , quando a hum Rey lhe he permittido o ser humano.

Ainda passava a mais a sua Real clemencia , e piedade , que não podia ser mais caritativo , nem mayor a caridade , que usava com os seus Vassallos. Quando em Campo-Mayor ardeo aquella Villa de hum rayo fortuito , que cahio no armazem

zem da polvora, logo aquelle coração benigno brotou na maior caridade; mandando assistir com toda a presteza à cura dos queimados, e feridos, com Medicos, Cirurgioens, medicinas, e todo o necessario, à custa da sua Real Fazenda. O mesmo fez no anno de vinte e quatro, naquella grande epidemia, que se foy ateando na Corte, e laborava com mais estragos, e ruinas de tantos enfermos, e mortos, nos Bairros, e Freguezias mais vizinhas, immediatas do Paço; onde entaõ se soltaraõ os diques da sua piedade, acodindo aos enfermos com todos os remedios humanos, e pondo nas mãos dos Parocos grandes sommas de dinheiro, para que o seu povo não padecesse faltas, nem morresse de necessidade. Nas Caldas mandou fundar o Hospital Real, antiga fundação da Senhora Rainha D. Leonor, e por sua antiguidade estava em grande ruina, e o fundou de novo com toda a boa commodidade dos enfermos: além de outras muitas esmolos, e obras pias, onde perde o algarismo a Arithmetica, a querer numerallas, e reduzillas a numero: não entrando neste sem numero as particulares, e só as publicas, e que se não podiaõ occultar; que humas, e outras bem podiaõ compor hum infinito.

Oh animo verdadeiramente benigno! Oh coração excessivamente caritativo! Que não sey que fosse mayor a caridade de hum S. Paulo. *Quis infirmatur, & ego non infirmor?* 2. Corinth. 11. Dizia S. Paulo, que a todos se estendia a sua caridade, e que enfermava com os proprios enfermos, elles por enfermidade, e Paulo por caridade, que tambem he enfermidade: *Vulnerata charitate ego sum.* Outra tanta era a caridade deste benigno coração, de que enfermava pelos seus Vassallos, estendendo-se a sua caritativa compaixão a todos os enfermos, e remediando a todos nas suas enfermidades, e misérias, para que todos se curassem, e nenhum morresse à necessidade. Em fim, não podia ser mayor a caridade deste grande Rey tão caritativo, como Paulo, e tão ferido da compaixão, de que enfermava a sua caridade pelo bem, e remedio dos seus Vassallos: *Quis infirmatur, & ego non infirmor?*

Mas ay, que este he o Rey, que se foy para nunca mais o verem os nossos olhos! Este he o Rey, que perdemos para sempre das nossas vistas! E este he o Rey, que será para sempre

Act. 20. 37. 38.

pre o credor das nossas lagrimas, e para sempre chorado será dos seus Vassallos! Quando Paulo se apartou de Efezo, para nunca mais o verem, foy taõ grande o sentimento daquelles póvos, que brotaraõ em copiosas lagrimas: *Magnus fletus factus est omnium, dolentes maximè, quoniam amplius faciem ejus non essent visuri.* Este perder por huma vez aquelle animo benigno, e taõ caritativo de Paulo; faltarlhe para nunca mais o verem, quem lhe fazia tanto bem, e era todo o seu remedio; esta era a dor, que mais avivava o sentimento àquelles póvos, e penetrava aquelles magoados corações, e os fazia rebentar pelos olhos em rios de lagrimas: *Magnus fletus factus est omnium, dolentes maximè, quoniam amplius faciem ejus non essent visuri.*

Taõ extremo foy o sentimento daquelles póvos perdendo a Paulo, onde perdiaõ tanto bem; e taõ fina he a dor dos seus Vassallos na perda do nosso Rey, onde perdemos todo o nosso remedio. Acabou por huma vez aquelle animo benigno, aquelle caritativo, e compassivo Rey, que tanto se compadecia dos seus Vassallos, e que tanto attendia ao nosso bem, e nosso remedio. Acabou para sempre para as nossas vistas, já o naõ haõ de ver mais os nossos olhos. Oh grande Rey, perpetuo credor das nossas lagrimas, para sempre chorado feras dos teus Vassallos! E por isso finalmente os Sacerdotes na pessoa de seu Padre S. Pedro, se mostraõ taõ sentidos da sua morte: *Conversus Petrus dixit Jesu: Domine, hic autem quid? De Joanne agit Petrus in morte. In Joanne relucebat lenitas animi.*

Proverb. 31. 30.

A quarta, e ultima prenda, e forte motivo do sentimento dos Sacerdotes na morte do nosso Monarca, foy a sua Real gentileza, e fermosura, de que o dotou a natureza: *In Joanne relucebat oris pulchritudo.* Naõ sey o que tem a gentileza, e fermosura, que sendo a mesma prenda da natureza, he diversa no pebleo, e no Principe; e he differente no Rey, e no Vassallo. Poderá a natureza concedella a seu arbitrio; mas no pebleo, e no Vassallo, toda a fermosura he engano, e toda a gentileza he vaidade: *Fallax gratia, et vana est pulchritudo:* porém no Principe, e no Monarca, produz effeitos diversos: he graça, que orna a Purpura, e esmalta a Coroa, e he
orna-

ornamento, e decóro da Mageftade: *Fortitudo, & decor in- Ibi 25.*
dumentum ejus. Affim o praticou David, querendo dizer aos
 Principes o que era bom à sua grandeza, e soberania: *Eruçta- Pfalm. 44. 2.*
vit cor meum verbum bonum, dico ego opera mea Regi; e on-
 de se mostra mais encarecido, he nesta prenda da natureza: que
 para proceder com prosperidade no seu reynado se exorne o
 Principe de gentileza, e fermosura: *Specie tuâ, & pulchritu- Ibi 5.*
dine tua intende, prosperè procede, & regna: disse David, o
 que devia dizer: no plebeo, e no Vassallo ferá engano a fer-
 mosura: *Fallax gratia, & vana est pulchritudo;* porém na
 Mageftade he boa a fermosura: *Eruçtavit cor meum verbum*
bonum: e taõ boa, que nella he que está o seu decóro, ella
 he a que dá realces à Mageftade: *Specie tua, & pulchritudine*
tua intende, prosperè procede, & regna.

Por isso os antigos chamavaõ à fermosura illustre dadi-
 va dos Deoses: *Præclarum Deorum munus:* he dadiva dos Deo-
 fes; porque he prenda, que Deos dá, como Author da natu-
 reza: e he illustre, e preclara; porque he para ornato, e de-
 córo dos Principes, e das Mageftades. Vede-o praticado em
 termos mais proprios no Rey dos Reys, e Senhor dos Senho-
 res. Veyo Christo a reynar neste mundo, e como veyo este
 Soberano Rey dos Reys, e qual foy o reynado deste Senhor
 dos Senhores? Disse-o David: *Dominus regnavit, decorem*
indutus est. Entrou a reynar ornado de gentileza, e fermosu-
 ra: este foy o ornamento do Senhor dos Senhores. De fermo-
 sura se ornou o Rey dos Reys, vindo a reynar neste Mundo;
 porque este he o ornato, e decóro da Mageftade: *Dominus*
regnavit, decorem indutus est.

E descendo do Soberano Rey dos Reys, se daqui pa-
 ra baixo houvermos de fazer huma breve descripção pelos Reys,
 e Principes da terra, ordinariamente os havemos de achar en-
 carecidos nas divinas Letras com esta singular prenda da natu-
 reza. Por tal foy encarecido Joseph, o Vice-Rey do Egypto:
Erat autem Joseph pulchra facie, & decorus aspectu. Tal foy *Genes. 39. 6.*
 Saul; pois sendo grande parte desta prenda a proporção das par-
 tes, por tal se fez taõ perfeito, que nenhum em todo o Reyno
 de Israel era taõ bem apessoadado, como Saul: *Altior fuit uni- 2. Reg. 1. 26.*
verso populo ab humero, & sursum. Por tal foy encarecido o

Principe Jonatas : *Jonatha decore nimis*. Tal foy David, e
 1. Reg. 16. 12. tambem prendado desta graça da natureza : *Erat autem pul-
 cher aspectu, decoraque facie*. E taes foraõ aquelles taõ cele-
 brados Principes de Israel, Absalaõ, Salamaõ, e o Principe
 Adonias, a quem louva o sagrado Texto de muito fermolo :
 3. Reg. 1. 6. *Erat autem Adonias pulcher valdè* : porque em fim, he a gen-
 tileza, e fermosura, o ornato dos Principes, e decóro das Ma-
 gestades.

Ornado de toda a gentileza, e da mais Real fermosura se empenhou a natureza a dotar ao Serenissimo Rey D. Joaõ Quinto. O' quem podèra colher todas as flores da Primavera, para assim descrever hum Rey, que foy a flor da fermosura, e a Primavera das flores: ou quem podèra juntar as fermosuras mais celebradas, que deraõ as idades, para retratar hum Monarca taõ gentil, que foy o affombro do Mundo; que de outra forte a querer pintallo, tudo será retratar de mortecor: e por isso sendo tantos os seus retratos, em que se tem apurado os pinceis mais finos, assentaõ, os que estaõ mais previstos, serem todos em parte diminutos, e que em nenhum concorda em tudo a cópia com o seu Original.

Com tudo, pelo Principe mais perfeito, que celebraõ as divinas Letras, verey, se o posso retratar, e sahirey tambem com a minha cópia. Este foy Absalaõ, aquelle fermoso Principe, que como elle, naõ houve outro em todo Israel; e taõ gentil, que desde a planta do pé até a cabeça era perfeito: naõ tinha mácula, nem defeito, e tudo nelle era huma maravilha, ou huma admiraçaõ: *Sicut Absolon vir non erat pulcher in omni Israel, & decorus nimis; à vestigio pedis usque ad verticem non erat in eo ulla macula*. Se o nosso Rey naõ foy o retrato de Absalaõ, qual poderá ser o seu original? Mas o certo he, que Absalaõ foy o D. Joaõ Quinto de toda a Palestina; e D. Joaõ Quinto foy o Absalaõ de toda a Europa. Que principe, que Rey, que Monarca vio a Europa toda no presente seculo, e ainda nos seculos antigos, dotado de taõ Real gentileza, e fermosura? Pouco disse: ainda entre os homens particulares, que homem creou a natureza taõ perfeito? Era hum homem distincto dos mais homens, e hum homem especioso entre todos os homens: *Speciosus forma præ filiis hominum*. Da soberanã

da-

daquella Real Pefsoa , daquella eftatura taõ mageftofa , quem deixará de dizer : *Statura tua affimilata eft palmæ*. Que era huma palma : ninguem lhe era femelhante , e levava a palma a tudo. Affim o publicavaõ aquelles Eftrangeiros de melhor entendimento , que vinhaõ a Portugal , e haviaõ cruzado a mayor parte da Europa : que Sua Mageftade era hum Monarca taõ fmgular entre os mais Principes , e taõ unico entre os mais homens , que fe escolheffem pelo Mundo quatrocentos , ou feiscentos homens , todos de gentil presença , afpecto , e soberanã , e entre elles pozeffem ao Senhor Rey D. Joaõ Quinto; e affim perguntaffem a outro qualquer Eftrangeiro , que nunca o tivesse vifto , qual era ElRey de Portugal? Era tal a palma, que levava a todos , que feria logo facilmente conhecido ; porque ninguem o havia de igualar , e elle excederia a todos. Em fim , foy o noffo Rey o Abfalaõ da Europa , que como elle , naõ houve outro dotado da natureza de tal Real gentileza , e fermofura : da planta do pé até à cabeça todo perfeito fem mácula , nem defeito : *Sicut Joannes vir non erat pulcher in omni Europa; decorus nimis ; à vestigio pedis usque ad verticem non erat in eo ulla macula.*

Mas ay , que este he o Rey , que se ausentou , e fugio de nós para effes montes da eternidade , para fer eterna a noffa dor , e para fer eterno o noffo sentimento ! Quando a Efpoza dos Cantares vio , que se ausentava para os montes da eternidade o feu querido Efpofo , com ays , e fufpiros lamentou a fua pena , a fua dor , e o feu sentimento : *Heu fuge , dilecte mi.* Cant. 8. 14. Via a Efpoza o Efpofo , que perdia ; considerava a perda , ponderava a fmgularidade , e naõ podia conter a pena , e reprimir a mágoa , rompendo em ays , e fufpiros , em que defafogava a fua dor : *Heu fuge , dilecte mi.* Via a Efpoza , que perdia hum Efpofo , que era hum Rey , hum Principe , e hum Monarca : *Dum effet Rex in accubitu fuo.* Cant. 1. 11. Via fer este Rey dotado da mayor gentileza , e fermofura , e taõ gentil , que entre mil homens era o mais perfeito ; todo candido , e rubicundo : *Dilectus meus candidus , & rubicundus , electus ex millibus :* a cabeça hum fino ouro , os feus cabellos , como folhas de palmas , porque levavaõ a palma a todos : *Caput ejus aurum optimum : Co-* Ibi 11. *mæ ejus ficut elatæ palmarum.* Hum Rey taõ gentil , que era

Cant. 1. 12.

hum ramallete da Primavera: *Fasciculus myrrhæ dilectus meus mihi: fasciculus ex floribus*, lê outra letra. Em fim, hum Rey, que todo era fermoso, sem mácula, nem defeito: *Ecce tu pulcher es, dilecte mi, & decorus*. E que hum Esposo, e hum Rey dotado de tanta gentileza, e fermosura, e taõ prendado com tanta singularidade de tanta graça da natureza, assim se ausentasse aos olhos da Esposa, e se fosse para esses montes eternos, grande perda, damno irreparavel para a Esposa: por isso com ays, e suspiros exprime a lua dor, e sabe lamentar a sua pena: *Heu fuge, dilecte mi*.

Cant. 1. 15.

Tanto se soube magoar, e sentir a Esposa dos Cantares, perdendo o seu Esposo, e hum Rey taõ singular: e tal he a nossa mágoa, e o nosso sentimento na perda do nosso Monarca. Ausentou-se, e fugio de nós para esses montes eternos aquelle Rey taõ especioso entre os mais Principes, e taõ singular entre os homens, que era o mais especioso, e singular entre todos: *Speciosus forma præ filiis hominum*. Hum Rey, a quem a natureza deu a palma da gentileza; porque nenhum lhe era semelhante, e levava a palma a tudo: *Statura tua assimilata est palmæ*. Hum Rey, que era huma flor, ou hum ramallete de flores: *Fasciculus myrrhæ: Fasciculus ex floribus*. Hum Rey, que do pé até à cabeça, todo era perfeito, sem nota, nem defeito: *Decorus nimis, à vestigio pedis usque ad verticem non erat in eo ulla macula*. Hum Rey, em fim, todo especioso, todo pulchro, e todo fermoso: *Ecce tu pulcher es, & decorus*. E que este Rey fosse, o que fugio das nossas vistas, e se ausentou para esses montes da eternidade! Eterna deve ser a nossa dor, e o nosso sentimento. Com ays, e suspiros, será para sempre chorado dos seus Vassallos. E por isso finalmente os Sacerdotes na pessoa de seu Pay S. Pedro se mostraõ taõ sentidos da sua morte: *Conversus Petrus dixit Jesu: Domine, hic autem quid? De Joanne agit Petrus in morte. In Joanne relucebat oris pulchritudo*.

Acabaraõ-se as prendas, e acabou-se a Oraçaõ: nella bem vejo, que deixey o mais pelo menos: deixey as prendas da graça, e só tratey das prendas da natureza: deixey o espiritual, e eterno, e só tratey do temporal, e caduco: deixey, em fim, as virtudes, que ornavaõ a alma de Sua Magestade, e só

fó tratey das perfeições, que lhe exornavaõ o corpo ; mas quem vem depois de tantos , que lhe resta senaõ as extremidades , e fazer o mesmo , que mandou Christo aos seus Discipulos , aproveitar os fragmentos , e recolher os sobejos , que os outros deixaraõ : *Colligite , quæ superaverunt , fragmenta* , e tomar o exemplo do Esposo dos Cantares : entra a louvar a Esposa , e só tratou de encarecer pelo exterior , e deixou o interior : *Absque eo quod intrinsecus latet* : do interior do espirito nada disse , dizendo muito das perfeições da Esposa : *Absque eo quod intrinsecus latet : absque occultis tuis* : torna a dizer o Esposo no Capitulo sexto.

Mas ainda assim deste menos , que disse , por estas prendas da natureza , e por estas perfeições exteriores , se bem notarmos , poderemos colher , que dito Rey seria para o Ceo , a quem o mesmo Ceo exornou com todas as prendas ; porque se a Salamaõ chamou o Profeta Natan o amado do Senhor , porque o Senhor lhe dera a fermosura : *Amabilis Domino , eò quod diligeret eum Dominus. Eò quod pulchrum eum fecit Dominus* , lé o Hebreo : de sorte , que lhe chama o Profeta duas vezes o amado : *Amabilis Domino ; diligeret eum Dominus* , mostrando nisto ser Salamaõ de Deos muito amado ; porque lhe deu a fermosura : e se por huma só prenda foy julgado Salamaõ taõ amado de Deos , quanto mais amado seria de Deos hum Monarca , a quem o mesmo Senhor dotou , naõ de huma , senaõ de todas as prendas. Eu , quanto a mim ; o julgo tanto mais querido , e amado de Deos , que se Salamaõ deixou em duvida a sua salvaçaõ , da salvaçaõ do nosso Rey , e de que o nosso Rey se salvou , e está no Ceo (fallando sempre reverente aos Decretos da Santa Madre Igreja) fundado na palavra de Deos , que he infallivel , e indefectivel , e que naõ póde faltar : *Cælum , & terra transibunt , verba autem mea non transibunt* : tenho fundamento , e muito urgente , para assim o considerar piamente , que o nosso Rey se salvou , e está no Ceo.

Entra o Senhor a distribuir com os seus Servos os seus talentos , para que lucrassẽ com elles , chegou o tempo das contas , e o Servo , que tinha lucrado cinco talentos : *Domine , quinque talenta tradidisti mihi , ecce alia quinque super lucratus sum*. Por estes cinco talentos , que lucrou , e deu para Deos , vede,

vede, o que lhe disse o mesmo Senhor: *Euge, serve bone, & fidelis, intra in gaudium Domini tui.* Alegrai-vos, Servo meu, que fostes bom, e fiel, entray para a eterna Gloria: e quanto vay de Servo a Servo, e de fiel a fiel Servo: aquelle foy bom Servo, e por isso fiel; este he o Fidelissimo, e porque não seria tambem Servo bom. Quantos milhoens soube dar a Deos, e por amor Deos este Rey. O Senhor, he verdade, que lhe dera muitos milhoens; porém outros muitos soube elle dar a Deos, e pelo amor de Deos, em Igrejas, Bispados, Conventos, Capellas, Hospitales, Esmolas, e Obras pias, que não tem numero, nem conta: só do que se sabe pelo mayor, na Igreja de Maфра dezaseis milhoens; na Patriarcal muito mais; só hum milhaõ emportaõ annualmente as congruas dos Beneficiados; e o certo he, que lhe deu mais rendas, do que tem o Vaticano. Para as obras de S. Francisco da Cidade cem mil cruzados; huma Capella de S. Joaõ Bautista, que mandou vir de Roma, mais de dous milhoens; para fundação da nova Igreja de Berlim, no Reyno da Prussia, quarenta mil cruzados: além de outras muitas dadivas, que fazia para muitas Igrejas pelos Reynos estranhos; quando já no seu proprio Reyno, e dilatadas Conquistas rara ferá a Igreja, Capella, ou Convento, onde senaõ admirem dadivas da sua Real grandeza, dedicadas a Deos para o seu culto, e veneraçãõ. Em fim, perde o numero a Arithmetica, no que este Rey soube dar a Deos, e por amor de Deos: logo a conclusaõ qual ferá, ou póde ser? Se aquelle Servo foy bom, e fiel, por cinco talentos, que lucrrou para Deos, e por elles mereceo o Ceo: este Rey, que foy tanto mayor Servo, e tanto mais fiel, que he o Fidelissimo pelo Oraculo da mesma Igreja, e que soube lucrar para Deos, e dar a Deos pelo amor de Deos milhoens sobre milhoens; Deos não póde faltar à sua palavra, e lhe havia de dizer: alegrai-vos, Servo bom, fiel, e Fidelissimo, vinde para o Ceo, entray para a minha Gloria, e vinde a gozar dos gozos eternos: *Euge, Serve bone, & Fidelissime, intra in gaudium Domini tui.*

Monarca Soberano, aqui parou a minha penna, e tambem puzeraõ termo as penas, as lagrimas, e os prantos dos vossos Vassallos, e com especialidade dos Sacerdotes, e filhos de

S. Pedro , que hoje se mostravaõ taõ sentidos da vossa morte : aqui se terminaraõ os *luges* , e principiaraõ os *euges* : Vós fizestes esta troca com as vossas esmolas , e obras pias , com que foubestes ser Servo bom , e Fidelissimo , para Deos , e as trocastes , e convertestes em gozo , e alegria , com a vossa gloria , como piamente confiamos da liberalidade , e piedade Divina : *Convertisti planctum meum in gaudium mihi* : E se lá nesse ethereo assento , onde subiste , memorias se permitem de quem fica , pedi , e rogay a Deos pelo vosso Reyno de Portugal , e pelos Portuguezes , vossos Vassallos , e ainda com mais especialidade por estes vossos Sacerdotes , e filhos de S. Pedro , a fim de que o saibaõ servir à vossa imitação ; e assim como vós o servistes no zelo da Religiaõ Catholica , no serviço da Igreja , e culto de Deos , para que , quando cheguem àquelle ultimo termo , seja para hum eterno descanso , assim como vós estais descansando nessa eterna Paz. *Requiescat in pace.*

Pfalm. 29. 11.

S. Pedro, que hoize mostrava ead fendas da vossa morte;
 aqui se terminou os vossos, e principio os vossos; Vos
 sois esta hora ead as vossas fendas, e adas pias, e adas
 fendas ter servo bom, e fendas, e adas, e adas
 e convertelles em gozo, e adas, e adas, e adas
 como piamente conatos da fendas, e adas fendas
 Convertei-vos para a vossa morte: E se la morte
 reo alieno, onde fendas, e adas fendas, e adas fendas
 ca, pidi, e usay a Deus pelo vosto Reino de Portugal, e
 pelos Portuguezes, vossa fendas, e adas com mais fendas
 fendas por elle vosto fendas, e adas de S. Pedro, a fenda
 de que o fendas fendas a vossa fendas e adas como vos
 fendas no vosto de fendas fendas, no fendas de fendas, e
 culno de Deus, ead que, quando fendas fendas ultimo ter
 mo, ead fendas como fendas, ead como vos fendas
 fendas ead fendas fendas fendas fendas fendas fendas

Palma 22. 11.

SERMAO
 NAS
 EXEQUIAS
 DO SERENISSIMO SENHOR
 D. JOAÃO V.
 REY FIDELISSIMO,

CELEBRADAS PELOS RELIGIOSOS DE S. FRANCISCO
*na sua Igreja do Convento da Cidade da Bahia, em o dia
 26 de Janeiro de 1751,*

QUE PRÉGOU

O M. R. P. M. FR. JOSEPH DOS SANTOS
 COSME, E DAMIAO,

RELIGIOSO DO MESMO CONVENTO, EX-LEITOR DE PRIMA
 em a sagrada Theologia, Ex-Definidor na sua Provincia de Santo Antonio do
 Brasil, Examinador Synodal do Bispado de Pernambuco, e Arcebispa-
 do da Bahia, e Qualificador do Santo Officio pelo Supremo Tribunal
 da Santa Inquisição da Corte de Lisboa.

S E R M A O

N. 1. 2.

E X F E Q U I A S

DO SERENISSIMO SENHOR

D. J O A O V.

R E Y F I D E L I S S I M O .

CELEBRADAS PELOS RELIGIOSOS DE S. FRANCISCO
 na Igreja do Convento de S. Paulo da Bahia, em o dia
 25 de Janeiro de 1751.

QUE PRÉGOU

O M. R. P. M. F. J O S E P H D O S S A N T O S
 C O S M E , R D A M I A O

RELIGIOSO DO MESMO CONVENTO, EXALTADOR DE PRIMA
 em o cargo de Teologo, Ex-Ordinario no Rio de Janeiro de S. Paulo da
 Bahia, Ex-Ordinario Synodal do Bispado de Pernambuco, e Arcebispo
 de S. Paulo, e Ordinario do Santo Officio de S. Paulo da Bahia,
 de S. Paulo da Bahia de S. Paulo da Bahia.

Regem , cui omnia vivunt , venite , adoremus.

Ex Ecclesia.

ATé agora cuidava eu , que estas canções rituaes , de que usa a Igreja nos Officios , e Exequias funeraes , eraõ dirigidas a despertar em nós a memoria para a compaixão , e sentimentos , e não a infundir alvoroço para alegria , e applausos. (Soberana , e Augusta Magestade , se já defunta , e morta , para o Mundo , como funestamente representaõ as tristes sombras dessa Urna ; sempre viva , e immortal para os Ceos , aonde piamente vos confidero já collocado , e glorioso , logrando o premio das acções , que neste Mundo obrastes , taõ sublimes , como virtuosas , taõ heroicas , como meritorias ; e por isso agora com mayor razaõ adorado por tanto mais alto , e tanto mais poderoso Rey , e Senhor , quanto vay do Ceo à terra.) Até agora cuidava eu , tórno a dizer , que estas canções rituaes , de que usa a Igreja nos Officios , e Exequias funeraes , eraõ dirigidas a despertar em nós a memoria para a compaixão , e sentimentos , e não a infundir alvoroço para alegria , e applausos : porém já estou persuadido , que errava no pensamento , pois queria medir , e regular as mortes de todos com a mesma igualdade , sem attender , que assim como ha muitas , que devem ser lamentadas , e sentidas ; assim tambem ha algumas , que pedem ser applaudidas , e festejadas.

As mortes lamentadas , e sentidas , são daquelles , de quem se ignora o premio , ou para dizer melhor , o castigo , que lhes está destinado em satisfação das culpas , que nesta vida commetteraõ : por isso a Igreja nossa Mãy , taõ pia , como compadecida , applica muitos , e diversos suffragios , para alivio das penas , que padecem as Almas no Purgatorio ; para que as mesmas Almas aliviadas das penas , e fortalecidas com os suffragios , passem a gozar a vizaõ beatifica de Deos. As mortes , que se devem applaudir , e festejar , são daquelles , cujas acções virtuosas , e meritorias , nos daõ fundamento provavel , e motivo vehemente , para piamente arguirmos , e conjecturarmos,

Ecclef. 7.

que logo, ou pouco depois do seu transito, passáraõ a gozar a melhor vida, que he a eterna: a respeito destes diz o Espirito Santo por boca de Salamaõ, que mais se deve estimar o dia da morte, que o dia do nascimento: *Melior est dies mortis die natiuitatis.*

Chron. 5. liv. 1.
cap. 27.

E assim não será de estranhar: fallo com toda a moderação, e respeito devido aos Decretos Pontificios; pois não he meu intento nesta minha Oração asseverar asertivamente o estado da Bemaventurança, nem transcender os termos da credulidade meramente humana: e com este protesto preliminar digo, que não será de estranhar, que entre eu a convidar a todo este auditorio, tão grave, tão douto, e tão discreto, a que adoremos o nosso Rey, e Senhor D. Joaõ Quinto, nunca mais Augusto, nem mais Soberano, do que quando eternamente vivo: *Regem, cui omnia vivunt, venite, adoremus:* porque se até agora o adorámos na terra como Rey, que nos governou com amor de Pay; daqui por diante o adoraremos no Ceo como Patrono, para nos proteger, e amparar com affecto de irmaõ. Esta foy a consolação, em que prorrompeo S. Joaõ Capistrano, quando teve a noticia da morte de seu Mestre, e Prelado S. Bernardino de Sena: *Magistrum amisi, Protectorem inveni:* consolome, que se perdi na terra hum Mestre, e Prelado, tenho agora no Ceo hum Protector, e Advogado.

Luc. 10.

Foraõ tantas as acções heroicas, e meritorias, que obrou o nosso Augusto, e Soberano Monarca D. Joaõ Quinto nesta vida, pelas quaes se póde arguir, e conjecturar a possessão da vida eterna; que não he possível numerallas: e só em summa recopilarey, reduzindo-as a dous generos, ou classes. Quando aquelle Fariseo, presumido de Satrapa, e Doutor da Ley, perguntou a Christo, o que havia de fazer para possuir a vida eterna: *Magister, quid faciendo vitam æternam possidebo?* Reconhecendo o Divino Mestre a malicia, e cavillação do Fariseo, responde-lhe com outra pergunta: Que he o que manda a Ley? *In Lege quid scriptum est?* Vendo-se o Fariseo arguido com esta pergunta, confessou planamente, que a Ley mandava amar a Deos com todo o coração, e ao proximo como a si mesmo: *Diliges Dominum Deum tuum ex toto cor-*
de

de tuo , & proximum sicut te ipsum : pois isso mesmo , conclue o Divino Mestre , he o que debes fazer para viver , e possuir a vida eterna : *Hoc fac , & vives* : porque da observancia destes dous preceitos da Ley depende a possessão da vida eterna.

Observou tanto à risca estes dous preceitos o nosso Serenissimo Rey , e Senhor D. João Quinto , que não haverá , quem com razão possa duvidar. Vejamos a observancia do primeiro preceito. Todo o cuidado , e desvêlo do nosso Soberano Monarca , fundado no amor de Deos , foy sollicitar o mayor culto , e gloria accidental do mesmo Deos , já na creação da magnifica , e sempre veneranda Igreja Patriarcal , com tantas preeminencias para o Eminentissimo , e Reverendissimo Cardeal Patriarca , e para os Excellentissimos , e Reverendissimos Principaes , e mais Ministros della , que faz admirar o Universo , affim pela sumptuosidade da fabrica , como pela excessiva despeza , que faz o Erario Real todos os annos com cada hum dos Prebendados ; já na fundação de tantos Conventos , e Mosteiros Regulares ; já na edificação , e renovação de tantos Templos , ricamente paramentados com alfayas muy preciosas ; já na erecção de tantos Bispados na nossa America , com rendas muy aventajadas para as suas Dignidades , Conegos , e Capellaens ; já finalmente no accrescentamento , assim de novas Prebendas para as Sés do Arcebispado , e Bispados da mesma America ; como de novas , e multiplicadas Vigairarias , ou Freguezias , para melhor expedição , e mais prompta administração dos Sacramentos aos seus Vassallos nestes Paizes tão longinquos , e dilatados , com dispendio muy consideravel da sua Real Fazenda : tudo para mayor culto , e gloria accidental do mesmo Deos.

Em quanto ao amor do proximo , bem se vio naquella epidemia geral em o anno de 1723 , quando sendo requerido dos Medicos , e instado dos Grandes do Reyno , para se retirar da Corte , respondeo , que não amava tão pouco aos seus Vassallos , que houvesse de assegurar a propria vida deixando as dos Vassallos expostas a tão manifesto perigo : e assim se resolveo a ficar , e buscar todos os meynos , sem omittir diligencia alguma para livrar o seu povo daquelle contagio : como de facto

con-

conseguiu. Passados alguns annos, indo às Caldas, e vendo as faltas, e necessidades, que nellas padeciaõ os enfermos; mandou fazer hum Hospital espaçoso, e provído de todo o necessario, para que os enfermos de qualquer qualidade, ou doença, fossem tratados com todo o regalo, e aceyo, sem experimentar a menor falta para a recuperação da faude. Sobre tudo, para livrar os seus Vassallos de todos os damnos, que precisamente se seguem da guerra em prejuizo da faude, não só temporal, mas espirital; poz todo o cuidado em conservar em paz o seu Reyno, não obstante tantas instancias, e Embaixadas, com que os outros Reys o incitavaõ para a guerra, só por conservar em paz os seus Vassallos. Parece, que desde o dia da sua Acclamação, que foy em o primeiro de Janeiro, dia oitavo do Nascimento do Menino Deos, quando o Anjo deu aos Pastores aquelle taõ grande annuncio, de que era nascido hum Rey, que só havia de cuidar da gloria de Deos, e da paz dos homens: *Gloria in altissimis Deo, & in terra pax hominibus*, tomou o nosso Soberano Monarca D. Joaõ V. este annuncio Angelico por empreza, e brazaõ do seu reynado.

Luc. 2.

Levado eu deste pensamento, quando a obediencia me destinou para Orador destas Exequias, elegi logo para thema da minha Oraçãõ as palavras sobreditas do Anjo, para fazer dellas duas premissas em fórma de argumento, deixando a consequencia ao arbitrio dos ouvintes, e contentando-me sómente para elogio do nosso Augusto Monarca com o que accrescentou a Igreja às mesmas palavras do Anjo: *Gloria in altissimis Deo, & in terra pax hominibus :: laudamus te, & benedicimus te*: isto he, determinava eu louvar ao nosso Serenissimo Rey D. Joaõ Quinto pela gloria, e culto, que tributou a Deos: *Gloria in altissimis Deo, laudamus te*; e dizer, ou rogarlhe mil bens pela paz, em que conservou os seus Vassallos: *Et in terra pax hominibus, benedicimus te*.

Mas como esta minha idéa se fez anticipadamente publica pela pouca fidelidade de hum amigo, a quem em segredo a communiquey; me foy preciso retratar o pensamento, e desfittir da idéa premeditada: e occorrendo-me varios Textos da sagrada Escriitura para thema, abracey as palavras, com que a Igreja principia o Invitatorio do Officio funeral: *Regem, cui omnia*

omnia vivunt, venite, adoremus, para com ellas ponderar huma virtude singular do noſſo Augusto, e Soberano Monarca D. Joaõ Quinto, a qual comprehendendo ſimultaneamente o amor de Deos, e do proximo, me dá fundamento muy efficaz para piamente o ſuppor já glorioſo, ou glorificado; e vem a ſer, a piedade miſericordiõſa com as Almas do Purgatorio.

He eſta virtude taõ ſublime, e relevante, que S. Joaõ Chryſoſtomo a julgou por melhor aſſumpto para panegyrico de hum Principe: *Si quis Principem laudare velit, nihil ei adeò decorum adſcribet, atque miſericordiam*: e o Proféta Rey ponderando no Pſalmo cento e quarenta e quatro os attributos de Deos, deu a primazia ſobre todos ao attributo da Miſericordia: *Miſerationes ejus ſuper omnia opera ejus*; cuja razaõ affina S. Hilario, dizendo: *Ideò præſtat cæteris operibus miſericordia, quia magnifica ejus operatio virtutis ſuæ eſt, miſericordia verò uſus alienus*: por iſſo em Deos a Miſericordia logra a primazia: porque os mais attributos ſaõ creditos da ſua grandeza, e da ſua ſabedoria; mas o attributo da Miſericordia he o remedio das noſſas miſerias: e quem poderá negar ſer acçaõ mais glorioſa remediar as miſerias alheas, do que oſtentar os luſtres da propria grandeza? Pſalm. 144.

Com eſta conſideraçãõ, day-me licença Principe Soberano, e Rey miſericordioſo, para omittir, e paſſar em ſilencio as acções heroicas da voſſa grandeza, e ſó celebrar a excellencia da voſſa Piedade, e Miſericordia. Admirem-ſe huns da generoſidade, com que creastes tantos Biſpados, fundastes tantos Conventos, e paramentaſtes tantas Igrejas, para mayor culto, e gloria de Deos: paſſem outros do zelo, e amor, com que attendeſtes à tranquillidade dos voſſos Reynos, e Conquiſtas, conſervando em paz os voſſos Vaſſallos: que ſó a piedade, e miſericordia, que uſaſtes com as Almas do Purgatorio, ſerá hoje o unico emprego da minha Oraçaõ; porque eſta virtude ſendo dirigida pelo amor dos proximos mais neceſſitados, quaes ſaõ as Almas do Purgatorio, ſe terminava ao amor de Deos; pois he certo, que as Almas aliviadas das penas do Purgatorio pelos ſuffragios, com que as ſoccorrieis, paſſavaõ a gloriarſe, e regozijarſe no amor de Deos. Donde fundamentando-me eu na repõſta, que deu o Divino Meſtre ao Farifeo, que

que na observancia do amor de Deos, e do proximo, consistia a possessão da vida eterna: *Hoc fac, & vives*; venho a inferir, que se morto para o Mundo, para Deos estais eternamente vivo.

Esta he, Catholico, e Religioso auditorio, a razaõ, porque com grande jubilo, e contentamento, vos venho hoje convidar com o mesmo Invitatorio da Igreja, que ha pouco ouvistes entoar naquelle Cõro, a que festejemos, e rendamos a Deos as graças: *Venite, exultemus Domino, jubilemus Deo salutari nostro*; porque nos deu hum Rey, que fazendo viver tantas Almas para a eternidade, o adoramos hoje eternamente vivo: *Regem, cui omnia vivunt, venite, adoremus*. Está proposta a materia: para discorrer com acerto, necessito da graça; ajuday-me todos a imploralla com a Saudaçã Angelica:

AVE MARIA.

A Virtude mais heroica, e meritoria, em que se singularizou o nosso Augusto, e Soberano Monarca D. Joaõ Quinto, foy o cordeal affecto, que teve às Almas do Purgatorio, mandando todos os dias dizer quinhentas Missas; para que, mediante estes suffragios de taõ sacrosanto Sacrificio, tivessem as mesmas Almas alivio das penas, que padecem no Purgatorio, e podessem gozar a vida eterna na clara visã de Deos. Em dias particulares de Jubileo dobrava o numero das Missas; e houve occasiã, em que de huma vez mandou dizer tres mil e quinhentas Missas, como foy no anno de 1726, tendo noticia, de que se queimãra no mar a não Capitania da nossa frota da Bahia com todos os homens, que levava. Outras tantas mandou dizer no de 1737, tendo tambem noticia, de que se queimãra a não da India, chegando ao porto desta Cidade; ainda que escapãraõ com vida muitas pessoas da mesma não.

Este affecto cordeal do nosso Monarca era taõ vehemente, que duas vezes empenhou a sua authoridade Real com a Santa Sé Apostolica a favor das mesmas Almas: a primeira, impetrando o Indulto de dizerem todos os Sacerdotes dos seus Reynos, e Conquistas, tres Missas em dia da Commemoraçã geral dos Defuntos, applicadas por suffragios às mesmas Almas: a segunda, alcançando a graça, para que todos os seus subditos, que

que tomassem a Bulla da Cruzada, chamada dos Vivos, podessem tomar tantas Bullas de Defuntos, quantas fossem as Almas, a quem quizessem applicar as Indulgencias na mesma Bulla concedidas: e deste modo desvaneeo a opiniaõ vulgarmente recebida, que no mesmo anno ninguem podia tomar mais de duas Bullas de Defuntos. Por esta virtude taõ affectuosa, e effectiva para as Almas, ainda no caso, que naõ tivesse outras taõ relevantes, que industriosamente deixo de ponderar; posso piamente arguir, e conjecturar, que o nosso Serenissimo Rey, e Senhor D. Joaõ Quinto está gozando a vida eterna em companhia das mesmas Almas, que fez viver eternamente: e por isso com grande regozijo entrey a convidar a todo este auditorio para o adorarmos vivo, e eternamente reynante: *Regem, cui omnia vivunt, venite, adoremus.*

Antes que eu entre a discorrer, quero primeiro mostrar fundamentada a minha arguiçaõ, e conjectura, na authoridade do Supremo Oraculo da Igreja. Escreveo a Santidade reynante de Benedicto XIV. ao nosso Augusto, e Soberano Monarca D. Joaõ Quinto, quando lhe mandou o Indulto das tres Missas em dia da Commemoraçaõ geral dos Defuntos: e depois de lhe expressar o Santissimo Padre o conceito, e apreço, que fazia das suas Christianissimas virtudes, conclue dizendo: Que fõ por esta virtude misericordiosa com as Almas do Purgatorio em summo, e superlativo grão meritoria, esperava de Deos, como verdadeiro remunerador, e Pay das misericordias, que depois da sua morte o havia de livrar das penas do Purgatorio, e collocallo na Patria Celestial, para viver eternamente em companhia das mesmas Almas, já gloriosas, e beatificadas.

Vaõ as palavras do Santissimo Padre: *Ut Majestati tue :: de maiori suffragio Christi fidelibus in Purgatorio detentis comparando benè merentissimæ post mortalis hujus vitæ cursum è Purgatorii pænis exemptam, ad æternæ beatitudinis in Cælesti statione tranquillitatem perducatur.* Pois se o Supremo Oraculo da Igreja, ainda vivendo nosso Augusto, e Soberano Monarca D. Joaõ Quinto, taõ firmemente esperava, que elle pela virtude misericordiosa com as Almas superlativamente meritoria, como denota aquelle termo: *Benè merentissimæ*, havia de ser livre das penas do Purgatorio, e brevemente gozar

a vida eterna ; porque razaõ depois da sua morte , constando que morrera com todos os Sacramentos , e sinaes de predestinado , naõ poderey eu conjecturar , e arguir , que está já livre dessas penas , e eternamente vivo ? Com razaõ logo entrey a convidar a todos para adorarmos ao nosso Rey gloriosamente vivo pelo beneficio dos suffragios , com que fez viver tantas Almas eternamente : *Regem , cui omnia vivunt , venite , adoremus.*

Comecemos agora a ponderar as circumstancias , que occorreraõ , concorreraõ , e subseguiraõ à morte do nosso Augusto , e Soberano Monarca D. Joaõ Quinto , para formar o meu discurso , que será mais Academico , que conceituoso : e primeiro que tudo ponderemos o seu nome. O nome de Joaõ , segundo a Biblia , se interpreta pio , e misericordioso : *Joannes , id est , pius , ac misericors* : e adjunta a divisa do numero quinto , que os antigos consideravaõ favoravel aos defuntos , usando em todos os sacrificios funeraes do numero quinario , como

Virg. Æneid. 5.

canta o Poeta : *Cædit quinas de more bidentes , Totque sues , totidem nigrantes terga juvencos , Vinaque fundebat pateris , animamque vocabat Anchisæ.* Bem se vê , que com mysteriosa providencia soy imposto ao nosso Soberano Monarca o nome de Joaõ Quinto , para denotar o affecto misericordioso , em que se havia singularizar com as Almas do Purgatorio.

Ecclesiast. c.46.

Com semelhante energia , ou allusaõ ao mesmo dictame dos Antigos , esta minha Oraçaõ , que a respeito das que tem havido nesta Cidade , he tambem a quinta , trata da virtude , em que se esmerou o nosso Monarca a favor das Almas dos defuntos : pois certamente com esta virtude , superlativamente meritoria , acreditou o nome de Joaõ Quinto , naõ só de Grande , mas de Maximo , como de Josué diz o Texto sagrado : *Mag-nus secundum nomen , maximus in salutem electorum* : e naõ só neste Mundo , mas tambem no outro , aonde em companhia das Almas já beatificadas , e gloriosas , o adoramos eternamente vivo : *Regem , cui omnia vivunt , venite , adoremus.* De sorte , que anhelando nesta vida o nosso Augusto , e Soberano Monarca a salvaçaõ das Almas do Purgatorio , quiz sábia , e discretamente assegurar para si a propria salvaçaõ na vida eterna.

Vejamos este pensamento provado com dous textos de
Sala-

Salamaõ; que parecendo encontrados, se uniformaõ em abono do nosso Monarca. Falla Salamaõ no Capitulo nono dos Proverbios, e diz, que o Sabio, e discreto, ha de tratar de si, ou para si: *Si Sapiens fueris, tibimet ipsi eris*: e no Capitulo undecimo diz, que quem tiver cuidado da salvaçaõ das Almas, he Sabio: *Qui suscipit animas, Sapiens est*. Quem naõ vê a incoherencia destes dous textos? Se Salamaõ diz no Capitulo nono, que o Sabio ha de só tratar de si, ou para si: *Si Sapiens fueris, tibimet ipsi eris*; como affirma no Capitulo undecimo, que o ser Sabio consiste em tratar da salvaçaõ das Almas: *Qui suscipit animas, Sapiens est*? Naõ se encontraõ, antes estaõ muy conformes, e coherentes os dous textos na pessoa do nosso Soberano Monarca D. Joaõ Quinto: porque o mesmo foy ter cuidado da salvaçaõ das Almas, que estavaõ retidas no Purgatorio, que cuidar, e tratar de si; pois a mesma bemaventurança, e visaõ beatifica de Deos, que pelos sacrosantos sacrificios da Missa sollicitava para as Almas do Purgatorio, grangeou, e assegurou para si: e por isso com fé pia, e conjectura muy provavel o supponho glorioso, e eternamente reynante: *Regem, cui omnia vivunt, venite, adoremus*.

Agora se verá a verdadeira intelligencia daquelle texto, affaz difficultoso, de S. Joaõ: *Qui scit fratrem suum peccare, Joan. Epist. 1. non ad mortem, petat, & dabitur ei vita*: quem souber, que seu irmaõ pecca com peccado, que naõ induz morte, peça, e alcançará vida. Alguns entendem este texto do peccado venial, o qual naõ causa morte, nem faz perder a vida espiritual da graça: mas contra esta intelligencia está o mesmo texto, que diz, que peça, e se lhe dará a vida: *Petat, & dabitur ei vita*: logo suppoem que a perdeo: e se a naõ perdeo, naõ carece que se lhe dê. Admiravelmente o doutissimo Godoy; o qual explica o texto das penas, que padecem as Almas no Purgatorio pelos peccados nesta vida comettidos, e já perdoados: porque ainda que com o perdaõ recebèraõ as Almas a vida da graça, sempre ficou o reato da pena, que se padece no Purgatorio, e impede às Almas o ver a Deos. E por isso diz o Evangelista, que quem orar a Deos pelas Almas, que estaõ padecendo como mortas, sem verem a Deos, se lhe dará a vida: *Qui scit fratrem suum peccare, non ad mortem, petat, & dabitur ei vita*.

Bem está: mas a quem se ha de dar esta vida, que affevera o Evangelista S. João: aos defuntos, por quem se pede; ou ao mesmo que pede, e ora pelos defuntos? Respondo affertivamente sem o menor escrupulo, que tanto se ha de dar a vida eterna às Almas do Purgatorio; como ao mesmo, que pelos sacrificios da Missa as alivã das penas, que padecem, e lhes faz gozar a vida eterna na presença de Deos: pois assim este, como aquellas, participaõ a efficacia daquelle taõ santo, e meritorio Sacrificio. E a razãõ he: porque o Sacrosanto Sacrificio da Missa naõ só he suffragio para as Almas, por quem se applica, mas tambem para o mesmo, que applica: *Sacrificia Deo oblata non animabus tantum suffragia sunt, sed etiam ipsi offerenti*, disse o douto Pontevellense.

Psaln. 117.

Ad Hebr. c. 9.

Psaln. 30. & 70.

Corrobora-se esta minha reposta com aquella proposiçaõ de David, em que dizia, que naõ havia de morrer, mas sempre viver: *Non moriar, sed vivam*. He certo, que David naõ fallava da morte temporal; pois sabia muy bem, que desta ninguem se isenta: *Statutum est hominibus semel mori*: logo fallava da eterna; e por isso huma, e muitas vezes dizia, que esperava naõ morrer eternamente: *In te, Domine, speravi; non confundar in æternum*. Em que principio fundava David esta sua esperança? Direy: era David taõ compassivo, e misericordioso com as Almas dos defuntos, que em todas as occasioens de mortandade, ou por causa de peste, ou de guerra, mandava fazer muitos sacrificios pelas Almas dos que morriaõ: *Tibi sacrificabo hostiam laudis, id est, per Sacerdotes hostias offerentes*, explica o nosso Lyra. E como conhecia a efficacia deste suffragio, que tanto aproveitava às Almas, por quem se applicava, como à sua propria, que applicava; por isso anticipadamente rendia a Deos as graças, naõ só porque tinha livrado a sua Alma do Inferno, mas porque a tinha salvado das penas do Purgatorio: *Exaltabo te, Domine, quoniam eduxisti animam meam ab inferno, & salvasti me à descendantibus in lacum*.

Psaln. 29.

Act. 13.

Parece, naõ se póde dar mais proprio original do nosso Monarca D. João Quinto, do que o Rey mais perfeito da Ley Escrita, talhado pelo molde do coraçãõ de Deos: *Inveni virum secundum cor meum*: porque se David teve esperança

ça fixa de se salvar , e viver eternamente : *In te, Domine, speravi; non confundar in æternum*; porque era cordealmente compassivo , e misericordioso com as Almas ; e por isso convidava a todos a festejar esta dita , e render a Deos as graças com tanto jubilo , e applauso : *Venite, exultemus Domino, jubilemus Deo salutari nostro* : com igual razaõ devemos adorar vivo , e gozando a vida eterna ao nosso Augusto , e Soberano Monarca D. Joaõ Quinto ; porque sendo taõ compassivo , e misericordioso com as Almas : *Joannes, id est, pius, ac misericors* , fez a tantas Almas viver , e gozar a vida eterna : *Regem, cui omnia vivunt, venite, adoremus*. Por isso vim hoje com grande jubilo convidar a todo este auditorio a render a Deos as graças em nome do nosso Soberano Monarca : *Venite, exultemus Domino, jubilemus Deo salutari nostro, præoccupez faciem ejus in confessione, & in Psalmis jubilemus ei.* Psal. 94.

Para que vejais com toda a clareza a razaõ deste meu jubilo , reparay assim no dia , em que nasceo , como no em que faleceo o nosso Augusto , e Soberano Monarca. Para o que he de suppor como publico , e notorio , o cordeal affecto , com que venerava a Religiaõ Serafica de meu Padre S. Francisco : de sorte , que vendo a qualquer Religioso da Ordem , com toda a reverencia lhe beijava a manga do habito : e deste affecto resultou a resoluçaõ de querer ser amortalhado só no habito de meu Padre S. Francisco , sem permittir outro algum , senaõ o manto da Ordem de Christo , por ser Graõ Mestre da mesma Ordem. A singularidade desta devoçaõ , parece lhe veyo já do nascimeto , por nascer no Oitavario de S. Pedro de Alcantara , glorioso filho , e verdadeiro imitador de meu Padre S. Francisco , de quem o mesmo Rey , depois de crecido , foy especial devoto : e por isso venerava , e favorecia com tanto affecto a Provincia da Arrabida , que o mesmo S. Pedro de Alcantara fundou no Reyno de Portugal ; como se via nas frequentes esmolas , continuas , e quotidianas visitas , que fazia aos seus Conventos ; e principalmente na fabrica daquella maravilha , ou maravilhoso Convento de Mafra , para os filhos da Provincia da Arrabida ; aonde , apurada a arte , se vê competir a piedade com a magnificencia , e a devoçaõ com a Magestade.

E he muito de notar, que nascendo o nosso Augusto, e Soberano Monarca em 22 do mez de Outubro, quarto dia do Oitavario de S. Pedro de Alcantara; e tendo por Pay ao Serenissimo Rey D. Pedro Segundo, não lhe foy imposto o nome de Pedro, mas sim o de Joaõ. Na verdade não póde deixar de ser mysteriosa a imposição de tal nome. E qual seria o mysterio? Eu o digo: já fica dito, que o nome de Joaõ se interpreta pio, e misericordioso: *Joannes, id est, pius, ac misericors*: pois por isso com destino superior da Divina Providencia foy imposto ao nosso Augusto Monarca o nome de Joaõ, para que com a divisa singular de Quinto, numero favoravel aos defuntos, se singularizasse na piedade, e misericordia com as Almas do Purgatorio.

Outro mysterio accresceo para a imposição do nome de Joaõ ao nosso Monarca, e vem a ser: porque nasceo em 22 de Outubro, Vespera de S. Joaõ Capistrano, glorioso lustre da Religião Serafica, que se celebra em 23 do mesmo mez. Parece, que com o nome quiz o mesmo Monarca tomar a S. Joaõ Capistrano por seu Patrono, e merecer o elogio, com que a Igreja celebra ao mesmo Santo: e na verdade o conseguiu, merecendo, que a Igreja o honrasse tambem com o mesmo titulo, com que he condecorado o Santo. Na Antiphona propria de *Magnificat*, que canta a Igreja nas Vesperas de S. Joaõ Capistrano, lhe dá o singular titulo de Fidelissimo, e Zelador da Fé: *O' Zelator fidei, Joannes fidelissime!* Com este mesmo titulo de Fidelissimo, e Zelador da Fé, honrou tambem a Igreja ao nosso Serenissimo Rey, e Senhor D. Joaõ Quinto: logo não se póde negar, que foy mysteriosa a imposição do nome de Joaõ ao nosso Soberano Monarca, por nascer na Vespera de S. Joaõ Capistrano, quando a hum, e outro, e a ninguem mais, deu a Igreja o titulo de Fidelissimo, e Zelador da Fé: *O' Zelator fidei, Joannes fidelissime!*

Nem obsta o que já ouvistes em huma destas funções funeraes, que o Santo do nome, a quem o nosso Soberano Monarca tinha por Patrono, era S. Joaõ Evangelista, em cujo dia todos os Grandes, e Prelados da Corte lhe beijavaõ a mão. Não nego o facto dessa cerimonia: mas ouvi a razão, que não destroe o jus do patronato do nosso Santo. He certo, que o
nosso

nosso Soberano Monarca nasceu em Outubro de 1689 : e como neste anno ainda não estava canonizado para toda a Igreja S. João Capistrano ; sendo que por Decreto de Leão X. , e de Gregorio XIII. já se rezava delle em o Bispoado de Capistrano, e em todos os Conventos da Ordem Serafica ; e dahi a hum anno justo , em Outubro de 1690 , foy solememente canonizado para toda a Igreja por Alexandre VIII. : por isso no anno do nascimento do nosso Monarca , por não estar ainda canonizado para toda a Igreja S. João Capistrano , elegèraõ o dia do Evangelista para essa cerimonia do beijamaõ : mas como logo no seguinte anno foy universalmente celebrada a Canonizaçaõ de S. João Capistrano , ratificou este o jus do Patronato , e ficou sendo Patrono do nosso Monarca ; e por isso condecorados ambos com o titulo de Fidelissimo , e Zelador da Fé: *O' Zelator fidei, Joannes fidelissime!*

Até aqui o dia do nascimento do nosso Augusto , e Soberano Monarca D. João Quinto : vamos agora ao dia da sua morte. Já sabeis , que morreo em 31 de Julho , em que a Religiaõ Serafica celebra o dia oitavo de S. Francisco Solano , Apostolo da America , e Padroeiro das Indias Occidentaes : e como o nosso Monarca era no affecto todo Franciscano , permittio Deos , que falecesse , quando a Religiaõ Serafica celebrava o dia oitavo de S. Francisco Solano ; cuja vida foy a regra , e norma , por onde se computou a do nosso Monarca : e se não vede. S. Francisco Solano tinha dezafete annos , quando entrou na Religiaõ ; viveo Religioso quarenta e quatro annos , e faleceo de sessenta e hum annos : assim o diz o Historiador da sua Vida. O nosso Monarca tinha dezafete annos , quando entrou a reynar ; reynou quarenta e quatro , e morreo de sessenta e hum annos. Mas perguntará a vossa curiosidade : porque razaõ não dispoz Deos , que falecesse o nosso Soberano Monarca em o dia proprio de S. Francisco Solano , mas sim no dia oitavo. Duas razoens darey , além de huma , que reservo para o depois , que confirmaõ o meu pensamento para este convite com tantos jubilos de alegria.

A primeira razaõ funda-se nas Lições do segundo Nocturno , que se rezaõ no dia oitavo de S. Francisco Solano ; as quaes parece foraõ talhadas para esta funçaõ funeral do nosso Augusto,

Breviar. Seraph.

Augusto, e Soberano Monarca D. Joaõ Quinto. Principia a primeira Liçaõ: *Gaudete in Domino, dilectissimi, qui inter continua suæ pietatis beneficia indulget hominem mundo, cujus multi salvarentur exemplo*: como se differa: Alegraivos, Portuguezes muito amados, e mimosos de Deos; porque o mesmo Senhor entre os continuos beneficios, que faz ao Reyno de Portugal, foy darlhe hum Rey, com cujos suffragios muitas Almas se salváraõ, e livráraõ do Purgatorio. Começa a segunda Liçaõ: *Hæc dies gloriose migrationis ejus, exultemus, et lætemur in eâ*: este he o dia, em que recordamos o seu glorioso transito; alegremonos, e festejemos este dia. Finalmente conclue a terceira Liçaõ, como falando com o nosso Rey defunto: *Eia ergò, dulcis Patrone, Advocate fidelis, exurge in adjutorium nobis, ut et nos de nostrâ ereptione gaudeamus, et tu de plenâ victoriâ glorieris*: Eya pois, se fostes até agora nosso Rey, e Senhor, sede daqui por diante nosso Patrono, e Advogado fiel, para que festejando a vossa gloriosa dita, nos alegremos tambem comvosco nessa Gloria. Logo com razaõ entrey a convidar a este taõ Catholico, e Religioso auditorio para adorar ao nosso Rey gloriosamente vivo, por ter dado a tantas Almas a vida da Gloria: *Regem, cui omnia vivunt, venite, adoremus*.

A segunda razaõ he: porque no dia oitavo, e naõ no dia da festa de S. Francisco Solano, concorrem as Vesperas de S. Pedro ad Vincula; isto he, da festividade das Cadeas, e correntes, em que o Principe dos Apostolos foy prezo por mandado de Herodes, que celebra a Igreja em o primeiro de Agosto. S. Pedro entre as correntes daquelle carcere symboliza huma Alma entre as horrorosas prizoens do Purgatorio: e assim como para a soltura do Apostolo foy necessario descer hum Anjo ao carcere; assim tambem para soltura de qualquer Alma retida no Purgatorio he necessario, que algum Anjo desça a livralla. Por isso na tarde, em que faleceo o nosso Monarca Soberano, foy conveniente concorressẽm as Vesperas, em que se celebraõ as correntes da prizaõ de S. Pedro; para que elle como Principe da Igreja, e Vigario de Christo na terra, confortasse ao nosso Monarca a supportar a prizaõ do Purgatorio, em quanto descia algum Anjo, ao menos em figura, a livrallo dessas

deffas penas, como logo mostrarey affim succederã.

Accrefce com as Vesperas de S. Pedro ad Vincula a Commemoraçã dos Santos Martyres Machabeos. He certo, que estes Machabeos morreraõ cento e trinta e tantos annos antes da vinda de Christo: he tambem certo, que a Igreja só solemniza os Martyres, que morreraõ em odio da Fé de Christo: pois como celebra, e faz a Igreja mençaõ, e commemoraçã dos Machabeos, que padeceraõ muito antes de vir Christo ao Mundo? Esta duvida tenho ouvido propofa muitas vezes por graviffimos Mestres, e Oradores, affim no pulpito, como fóra delle; mas nunca ouvi a repofa, que cabalmente desfizesse a difficuldade: mas agora, fe me naõ allucina o defvanecimento proprio, descubro huma razaõ muy singular, e genuina, para o meu intento; que parece diffolve toda a duvida: e vem a fer.

O primeiro, que introduzio dar estipendios, ou esmolas aos Sacerdotes para offerecerem facrificios, e suffragios pelas Almas dos defuntos, foy Judas Machabeo: *Duodecim millia dracmas argenti mifit Hyerofolimam offerri pro peccatis mortuorum sacrificium*; cujo cofume vemos hoje praticado na Igreja: e o unico texto da fagrada Efcritura, com que fe prova haver Purgatorio, onde as Almas fe purificaõ, fatisfazendo a pena pelas culpas nesta vida commettidas, he do livro fe-gundo dos Machabeos: *Sancta ergo, & falubris est cogitatio pro defunctis exorare, ut à peccatis solvantur*: pois por iffo a Igreja: attendendo a taõ grandes beneficios, celebra o martyrio dos Machabeos, naõ obftante fer antes de Christo. Agora ao intento: como o noffo Monarca foy grande imitador de Judas Machabeo, difpendendo todos os dias copiofa quantidade de dinheiro em Miffas por suffragio pelas Almas do Purgatorio; por iffo a fua morte foy no dia oitavo de S. Francisco Solano, em que concorreo a commemoraçã dos Machabeos; para que naquelle dia, e hora do feu tranfito, fe alegraffe, e consolaffe com o suffragio daquella Santa Irmandade, que tanto imitou, como diz a Igreja na mefma Oraçã dos Machabeos: *Fraterna Martyrum Corona lætificet, & multiplici suffragio confoletur*.

Naõ pára aqui o myfterio do dia 31 do mez de Julho:

Rr

ainda

Luc. 11. ainda passa a mais. Neste dia 31 de Julho, refere o nosso Astorga, succedeo aquelle celebre milagre do cego, e mudo; por cuja occasião beatificando Marcella o Ventre de Maria Santissima: *Beatus venter, qui te portavit*, respondeo o Divino Mestre, beatificando aos que ouvem, e guardaõ a palavra de Deos: *Beati, qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud*. E que palavra de Deos he esta, que faz bemaventurado a quem a ouve, e guarda? Direy: tinha Christo advertido aos Discipulos, que fossem misericordiosos, como era seu Eterno Pay: *Estote ergò misericordes, sicut & Pater vester misericors est*: e para mayor clareza desta advertencia, lhes diz estas enfaticas, e mysteriosas palavras: *Facite vobis amicos de mamona iniquitatis, ut cum defeceritis, recipiant vos in æterna tabernacula*; que no sentir do Cardeal Bellarmino foy o mesmo, que recommendarlhes, que fossem devotos das Almas do Purgatorio, applicando-lhes muitos suffragios; para que ellas depois de beatificadas, à ley de agradecidas fossem suas advogadas, e sollicitassem a felicidade delles em sua companhia: *Ut cum defeceritis, recipiant vos in æterna tabernacula*.

Luc. 6. Luc. 16. Eis ali a razaõ, porque affirmou Christo, que eraõ bemaventurados os que ouviaõ, e guardavaõ a palavra de Deos: *Beati, qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud*: porque na verdade, quem ouvir, e observar a palavra de Deos; isto he, a recommendação, que faz Christo sobre a piedade, e misericordia com as Almas do Purgatorio, tem a certeza infalivel de ser bemaventurado. E este he tambem o mysterio, com que o nosso Augusto, e Soberano Monarca D. Joaõ Quinto morreo neste dia: porque assim como foy taõ pio, e misericordioso com as Almas do Purgatorio, mandando dizer muitas, e muitas Missas, e applicando-lhes outros muitos suffragios, com que passáraõ a gozar a vida eterna; assim tambem mereceo entrar no numero dos bemaventurados: *Beati, qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud*.

Daqui venho eu a collegir a razaõ, porque David, fiado nas suas cinco pedras do çurraõ, se poz em campanha contra o gigante Goliath, tendo esperanza fixa de o vencer. Diz o Author do Enygma Numerico, citando a Guilherme Onciaco, que David conseguira a victoria no mez de Julho, que he

he o setimo do anno , que principia em Janeiro : *Septimo mense à David occisus est Goliath* ; mas como não declara o dia , passô a vante a ponderar a victoria. Diz o Texto , que aceitando David o desafio do gigante , escolhêra de hum ribeiro , que ficava em hum valle vizinho , cinco pedras muy lizas , e as metêra no çurraõ : *Elegit quinque limpidissimos lapides de torrente , & misit eos in peram* ; e chegando à estacada , meteo a maõ no çurraõ , tirou huma pedra , polla na funda , e fazendo com duas voltas tiro à cabeça do gigante , o derrubou no chaõ : *Misit manum suam in peram , tulitque unum lapidem , & fundâ jecit , & circumducens percussit Philistæum in fronte , & cecidit super terram.*

Estas cinco pedras tiradas do ribeiro daquelle valle , representaõ , no sentir de S. Vicente Ferreira , as Almas , que deste valle de lagrimas saem limpas em graça pela dor , e penitencia final : e porque levaõ consigo o reato da pena correspondente às culpas nesta vida commettidas , ainda que já perdoadas , vaõ a purificar-se no Purgatorio , representado no çurraõ de David ; aonde , como em hum calabouço escuro , estaõ privadas de ver a Deos , em quanto se purificaõ : e como a pedra , que tirou David do çurraõ , he figura de huma Alma , que sahe do Purgatorio ; por isso ella , como agradecida ao mesmo David , fez o emprego na cabeça do gigante , com tanto acerto , que o prostrou por terra. Eis ahi o que obraõ , e costumã obrar as Almas do Purgatorio pelos seus devotos : e por isso fiado , e confiado nellas David entrou em o desafio , e conflicto com o gigante , tendo esperanza certa de conseguir a victoria : *Nòn moriar , sed vivam.*

Esta pedra , com que David alcançou taõ grande victoria , já ouvistes com tanta energia , e erudiçaõ , applicada ao nosso Augusto , e Soberano Monarca D. Joaõ Quinto : mas como não me contento só com ser esta pedra do numero quinario , permitta-me taõ engenhoso Orador dar mais huma voltinha na funda do meu discurso , e mostrar , que esta pedra singularmente , por ser quinta , e symbolizar huma Alma sahindo do Purgatorio , compete ao nosso Monarca. A pedra , com que David conseguiu a victoria , foy singular no tiro ; pois não consta , que David fizesse outro tiro : e ser do numero quina-

rio, não faz ser quinta; porque do mesmo numero quinario era tambem qualquer das outras quatro: logo porque razão aquella só ha de competir ao nosso Soberano Monarca D. João Quinto? Ouvi: as cinco pedras, que David escolheo no ribeiro, não foraõ collectiva, mas divisamente apanhadas, huma por huma: escolheo a primeira, depois a segunda, terceira, quarta, e quinta; e huma por huma foy metendo no çurraõ: de sorte, que a ultima na entrada foy quinta, e na sahida foy singular, representando huma Alma sahindo do Purgatorio: e por isso singularmente compete ao nosso Augusto, e Soberano Monarca D. João Quinto.

Para melhor, e mais facil intelligencia deste meu pensamento, ouçamos ao Cardeal Hugo allegorizando as cinco pedras de David; de cuja allegoria usou o grande Vieira nos seus cinco engenhosos discursos, que prégou na Curia Romana. Diz o Eminentissimo Expositor, que naquellas cinco pedras se symbolizaõ cinco considerações, que deve ter o homem: a saber, o conhecimento de si mesmo, a dor do perdido, o pejo do commettido, o temor do castigo, e a esperança do gozo eterno: *Quinque lapides sunt: Cognitio sui, dolor amissi, pudor commissi, timor supplicii, & spes æterni gaudii.* Reparti estas cinco considerações pelos cinco Serenissimos Reys de Portugal, que tiveraõ o nome de João; e achareis, que competindo a cada hum com propriedade genuína a sua pedra, a quinta compete singularmente ao nosso Soberano Monarca D. João Quinto. Ora vede.

O *Cognitio sui* da primeira pedrã compete ao Serenissimo Rey D. João Primeiro, o qual conhecendo-se illegitimo, e reconhecendo a preferencia de seu irmaõ, sobre legitimo, mais velho, ainda que ausente, e prezo em Castella; recusava subir ao throno, contentando-se sómente com o titulo de Regente do Reyno, que Castella pertendia usurpar, e unir à sua Coroa, se os tres Estados do Reyno juntos no nosso Convento da Cidade de Coimbra o não acclamassem por Rey: e eis ahi o *Cognitio sui*. O *Dolor amissi* da segunda pedra pertence ao Serenissimo Rey D. João Segundo, o qual pela morte do Principe D. Affonso, seu unico filho, teve tal dor, e pena desta perda, que passou o restante da vida em huma profunda me-

lancolia:

lancolia: eis ahi o *Dolor amissi*. O *Pudor commissi* da terceira pedra compete ao Serenissimo Rey D. Joaõ Terceiro; o qual achando o Reyno abastado de Conquistas, resolveo inconideravelmente largar as Praças de Arzila, Alcacer, Çafim, e Azamor; de cuja resolução se arrependeo ao depois sem remedio, e se vio como envergonhado de ter cometido taõ grande defacerto: eis ahi o *Pudor commissi*.

O *Timor supplicii* da quarta pedra symboliza o Serenissimo Rey D. Joaõ IV., o qual naõ duvidando do direito, que tinha à Coroa de Portugal, naõ se resolvia a emprendella, a que por muitas vezes o estimulára a fidelidade, e valor dos Portuguezes; por temer pagar com a vida essa resolução, discorrendo prudente, e discretamente, que a naõ ser com felicidade finalizada, feria julgado no juizo de Castella pela mayor traiçaõ, e condemnada ao mais rigoroso castigo; se a Serenissima Senhora Duqueza, depois Rainha, D. Luiza Francisca de Gusmaõ, o naõ animasse, dizendo, que de qualquer sorte corria perigo a sua vida; e se havia de morrer Duque de Bragança, se expozesse a morrer, ou viver Rey de Portugal: eis ahi o *Timor supplicii*. O *Spes æterni gaudii* da quinta pedra compete ao nosso Augusto, e Soberano Monarca D. Joaõ Quinto, taõ devoto das Almas do Purgatorio, que com esta devoçaõ assegurou, e firmou a esperança do gozo eterno, em cuja possessaõ piamente o confidero já glorioso: *Regem, cui omnia vivunt, veni te, adoremus*.

Temos visto o dia do mez, em que faleceo o nosso Augusto, e Soberano Monarca: passemos a ponderar o dia da semana, em que com mais individuaçaõ veremos verificado o assumpto da minha Oraçaõ. Já sabeis, que faleceo em festa feira à tarde pelas sete horas, quando o Sol consummando a carreira, e dando fim ao dia, se sepultava no Occaso. Se fora dada ao nosso Monarca a eleiçaõ do dia para morrer, certamente naõ elegera outro, senaõ o da festa feira; em cuja tarde morreo tambem o Verbo Divino humanado, e consummou a nossa redempçaõ, para resurgir ao terceiro dia, que foy no Domingo, em que descendo ao Limbo, trouxe consigo as Almas dos Santos Padres, que por elle estavaõ esperando; e passando pelo Purgatorio, livrou as Almas todas das penas, que nelle estavaõ pade-

padecendo; sendo esse dia para ellas de maximo Jubileo, e Indulgencia plenissima, como diz Santo Agostinho; e o Cardeal Bellarmino dellas entende tambem aquellas palavras do Profeta Zacharias: *Emisti vinctos tuos de lacu, in quo non est aqua consolationis.*

Aqui necessariamente me hey de valer da noticia, que corre vulgar de huma revelação de certa Religiosa; a qual mandada pelo seu Confessor, declarou, que estando em oração, lhe fora revelado, que o nosso Soberano Monarca se salvara, e estivera tres dias no Purgatorio. A esta revelação não posso deixar de dar pio assenso; porque se conforma com o meu discurso conjecturado, ex vi do grande affecto, que teve o nosso Monarca às Almas do Purgatorio: e tambem se conforma com as noticias, que vieraõ na Relação impressa sobre a morte do mesmo Monarca. Diz a Relação, que o corpo de Sua Magestade vestido com habito de meu Padre S. Francisco, e adornado com o manto de Graõ Mestre das Ordens Militares, estivera no seu proprio leito recolhido em huma sala interior do Palacio até passar o dia de Domingo; em cuja noite fora conduzido para outra sala exterior do mesmo Palacio, para na segunda feira se fazer o Officio solemne de corpo presente, como com effeito o celebrou o Eminentissimo, e Reverendissimo Cardeal Patriarca com assistencia dos Excellentissimos, e Reverendissimos Principaes, e mais Ministros da Santa Igreja Patriarcal.

Vamos conferindo a noticia da Relação com a revelação. Primeiramente já sabeis, que no Domingo, que era o terceiro dia da morte de Sua Magestade, cahio aquelle grande Jubileo da Porciuncula, que alcançou immediatamente de Christo meu Padre S. Francisco, no qual se concede aos vivos remissão de culpa, e pena; e por especial Indulto do Supremo Vigario de Christo na terra participaõ tambem as Almas do Purgatorio remissão das penas. He tambem de saber, affirmão graves Authores, que no dia da Porciuncula desce meu Padre S. Francisco ao Purgatorio a livrar as Almas de seus filhos, e devotos, das penas, que padecem em satisfação das culpas nesta vida comettidas: e assim sendo o nosso Soberano Monarca D. Joaõ Quinto filho professo de Francisco na sua Terceira Ordem

dem da Penitencia ; e sobre isso muito seu especial devoto, como inculca a eleição do habito, com que quiz ser amortalhado: he de crer piamente, que no Domingo, dia da Porciuncula, e terceiro da sua morte, foy livre das penas do Purgatorio, e extrahido por meu Padre S. Francisco, em companhia de muitas Almas, que com elle desceraõ a buscar a do nosso Monarca, seu especial bemfeitor, para se congratularem na Gloria, e visaõ beatifica de Deos.

Antes que eu entre a provar este meu pensamento, que quiçã estareis lá comvosco censurando de aerio, ou temerario; ouvi primeiro a razaõ especial, que atrás fiquey de dar, e reservey para agora, porque o nosso Augusto, e Soberano Monarca D. Joaõ Quinto não faleceo no dia proprio da festa de S. Francisco Solano, mas sim no seu dia oitavo. A razaõ vem a ser; por ficar o dia oitavo mais proximo, e conjuncto ao dia da Porciuncula, e não passar o nosso Soberano Monarca de tres dias no Purgatorio. Isto assim posto, e assentado, vamos agora à prova do meu pensamento, em que se funda toda a fabrica da minha Oraçaõ. A prova, se me não engana o discurso, ha de ser authentica, e ocular; pois he tirada não menos, que daquella mysteriosa visaõ, que teve a Aguia dos Evangelistas no seu Apocalypse.

Diz no Capitulo quarto, que em hum Domingo fora levado em espirito ao Ceo, e vira a Deos sentado no seu magestoso throno, e à roda do throno vinte e quatro Anciãos, sentados em suas cadeiras, com coroas de ouro nas cabeças: *Et viginti quatuor Seniores sedentes, & in capitibus eorum coronæ aureæ.* Apocal. c. 4.
 Diz mais no Capitulo setimo, que vira hum Anjo, Idem c. 7.
 que subia com o sinal expresso de Deos vivo: *Et vidi alterum Angelum: habentem signum Dei vivi:* a quem acompanhavaõ cento e quarenta e quatro mil espiritos, assinalados tambem com a mesma divisa: *Et audiui numerum Signatorum centum quadraginta quatuor millia signati:* e logo depois vio huma innumeravel multidaõ de Espiritos de toda sorte de gentes, que chegando à presenca de Deos, faziaõ grande festejo em açcaõ de graças pela salvaçaõ, que tinhaõ conseguido: *Post hæc vidi turbam magnam, quam dinumerare nemo poterat ex omnibus gentibus: stantes antè thronum, & clamabant voce magna dicen-*

dicentes: Salus Deo nostro. Pasmado, e attonito o Evangelista, hum dos Anjos coroados lhe decifrou a causa, e motivo do festejo.

Para proceder com clareza na intelligencia desta visãõ, he necessario saber, quem sãõ os vinte e quatro Anciãos coroados. Sãõ tantas, e taõ varias as interpretações, que daõ os Expositores a este lugar, que cada hum o entende no seu sentido: *Unusquisque suo sensu abundat.* Porém deixadas todas por agora, ainda que discretas, e singulares, para outro intento; quero só reflectir sobre huma, que proximamente ouvistes a hum grave, e erudito Orador, na Cathedral em a primeira destas funções funeraes, que parece se oppoem à minha intelligencia. Disse pois este Orador, que os vinte e quatro Anciãos symbolizavaõ os vinte e quatro Reys, que tem havido em Portugal, numerando todos hum por hum desde o felicissimo Rey D. Affonso Henriques até o nosso Soberano Monarca D. Joaõ Quinto. Na verdade venéro a interpretação, ou applicação, pela reverencia, que tenho ao Author: mas não posso accommodarme com ella pelas incoherencias, que descubro no Texto, além de algumas difficuldades, que acho na mesma interpretação.

Primeiramente acho grande difficuldade em assentir, que todos os vinte e quatro Reys de Portugal nomeados estejaõ gozando a visãõ beatifica de Deos, taõ proximos, e immediatos ao seu throno; quando não ha certeza, nem ainda probabilidade moral da salvação de todos: e muito mayor difficuldade tenho em excluir desse numero, e dessas cadeiras já preoccupadas ao nosso Serenissimo Rey, e Senhor D. Joseph, e aos mais Reys successores de Portugal; pois he certo, que o numero dos Anciãos coroados he determinado de vinte e quatro, e não se póde diminuir, nem augmentar: e consequentemente o nosso Serenissimo Rey, e Senhor D. Joseph, e todos os mais seus successores, ficaõ privados de ir ao Ceo, e gozar da presença de Deos; cuja consequencia he absurda, e escandalosa. Porém quando estas difficuldades se possaõ de algum modo desvanecer, ou disfarçar, a mesma interpretação parece não estar coherente com o Texto por tres razoes.

A primeira he: porque diz o Texto, que todos os vinte e qua-

e quatro Anciãos estavaõ coroados: *Et in capitibus eorum coronæ aureæ*, e dos vinte e quatro Reys de Portugal nomeados hum naõ foy coroado, qual foy o Serenissimo Rey D. Pedro Segundo. A segunda razaõ he; porque do Texto consta, que todos vinte e quatro Anciãos estavaõ apossados, ou de posse nos seus thronos com coroas na cabeça: *Et viginti quatuor Seniores sedentes, & in capitibus eorum coronæ aureæ*: e dos vinte e quatro Reys de Portugal nomeados, dous foraõ depostos do throno, e acabàraõ sem coroas nas cabeças, quaes foraõ os Serenissimos Reys D. Sancho o Segundo, e D. Afonso o Sexto. A terceira he: porque os vinte e quatro Anciãos, que assistiaõ diante de Deos, estavaõ legitimamente coroados, e nenhum entrou por violencia: e dos vinte e quatro Reys de Portugal nomeados, quem dirá sem escandalo, que os tres Filippes foraõ legitimos Reys de Portugal, senaõ meramente intruzos por violencia?

Estas são as incoherencias, por onde naõ me posso accommodar com a referida applicaçãõ. E assim attendendo ao que diz o mesmo Evangelista no Capitulo primeiro, que todos, os que estavaõ à roda do throno, eraõ Anjos, como creaturas mais puras, e perfeitas: *Et omnes Angeli stabant in circuitu throni*; e conformando-me com o doutissimo Alapide, que allude os vinte e quatro Anciãos aos Anjos da primeira Jerarquia: *Alludit ad ordinem Angelorum primæ Hierarchiæ*: digo, que os vinte e quatro Anciãos symbolizaõ os Anjos da suprema Jerarquia, deputedos para Custodios dos Reynos Catholicos, que reconhecem a Christo por verdadeiro Deos, e homem, representando naquella Magestade, que residia no throno, como entendem commumente os Expositores com Santo Ambrosio. Estes Anjos estaõ sentados com coroas de ouro nas cabeças, por razaõ dos seus regios ministerios, a que são deputedos, e por differença dos mais Anjos, deputedos para guarda dos homens em particular; que por inferiores, naõ tem a mesma graduaçãõ, e preeminencia: donde venho a entender, que o Anciaõ coroado, que explicou a vizaõ ao Evangelista, foy o Anjo Custodio do Reyno de Portugal: e nesta intelligencia entro eu a expor a vizaõ toda.

Aquelle Anjo, que subia com o final expresso de Deos

Ss

vivo,

vivo, a quem acompanhavaõ cento e quarenta mil Espiritos, affinalados tambem com a propria divisa, na opiniaõ de muitos Expositores com S. Boaventura, e S. Bernardino de Sena, era o meu Serafico Padre S. Francisco com todos os tres filhos das tres Ordens: e aquella grande multidaõ de Espiritos, que se naõ podiaõ numerar, eraõ as Almas, que purificadas no Purgatorio, e aliviadas, ou lavadas com o Sangue do Cordeiro, figurado, e offerecido no Sacrosanto Sacrificio da Missa, tinhaõ subido ao Ceo; como explicou o mesmo Anjo Custodio do Reyno de Portugal ao Evangelista Aguia, segundo a exposiçaõ do Cardeal Hugo: *Hi sunt, qui venerunt de tribulatione magna, id est, de Purgatorio. Et laverunt stolas suas in sanguine Agni.*

Bem está: mas qual era a causa, e motivo, de tanto festejo no Ceo, que occasionou ao Evangelista mais entendido tantos pasmos, e assombros? Permitta-me a piedade Catholica dos Portuguezes dizer debaixo do protesto já feito no principio, que foy a subida gloriosa do nosso Monarca D. Joaõ Quinto ao Ceo naquelle Domingo, dia da Porciuncula, e terceiro da sua morte: e por isso interpreta o meu discurso dizer o Anjo a S. Joaõ: Naõ vos admireis, Evangelista Aguia: todos estes festejos, jubilos, e applausos, que vedes, procedem da beatificaçaõ, ou bemaventurança, que hoje logrou a Alma de hum Rey de Portugal, de cujo Reyno sou deputado Custodio: e por isso a mim me compete o explanar a vizaõ, e decifrarvos todos os mysterios della.

Este Rey, sendo filho professo da Terceira Ordem do Patriarca Serafim, e muito affectuoso aos filhos da primeira Ordem; e sobre isso cordealmente pio, e misericordioso com as Almas do Purgatorio, mandando quotidianamente fazerlhes muitos sacrificios por suffragios, até alcançando da Sé Apostolica o Indulto de se dizerem tres Missas em o dia da Commemoraçaõ geral dos Defuntos, para se multiplicarem os suffragios; mereceo, que neste Domingo, dia da Porciuncula, o Serafico Patriarca acompanhado de seus filhos, e de infinitas Almas já beatificadas, e agradecidas, descesse ao Purgatorio, donde trouxe consigo em taõ santa companhia a Alma do mesmo Rey: e por isso todas essas Almas estaõ clamando, e rendendo a

Deos

Deos as graças pela salvação, que confeguiu o Rey feu bemfeitor, segundo a exposição de Santo Agostinho: *Magna voce salutem decantant, qui magna gratiarum actione recolunt, non sua se virtute, sed ipso auxiliante, tribulationum superasse certamina*; ou como treslada Menodio: *Voce magna clamabant: Semper salvus sit, vivat Rex.*

Eis ahi clara, e distinctamente entendida toda a visão, que teve o Evangelista Aguia no seu Apocalypse, e que tanto o fez admirar, e pasmar. Parece que veyo esta visão de molde, ou encommenda, para comprovar a noticia vulgar, e a revelação, e fundamentar a arguição, e conjectura do meu assumpto: e assim não se me deve estranhar, e muito menos calumniar, o vir eu hoje convidar este auditorio tão grave, tão douto, e tão Catholico, para adorar o nosso Serenissimo Rey, e Senhor D. João Quinto já glorioso, e gloriosamente vivo: *Regem, cui omnia vivunt, venite, adoremus.* Mas para que fiqueis mais fixa, e radicalmente persuadidos deste meu raciocinio, ou discurso; quero ponderar huma circumstancia, que succedeo na morte do nosso Soberano Monarca, a qual sendo publica, e digna de reparo, quiçá não tereis ainda reflectido nella: e certamente he hum argumento forçoso, e convincente do assumpto proposto: e vem a ser.

Faleceo Sua Magestade em festa feira, e podendo-se fazer logo no Sabbado immediato o Officio funeral de corpo presente, não se fez, e só fim na segunda feira, que era o quarto dia do seu falecimento, pelo Eminentissimo, e Reverendissimo Cardeal Patriarca com os Excellentissimos, e Reverendissimos Principaes, e mais Ministros da Santa Igreja Patriarcal: e não consta, que alguma Comunidade Religiosa o fizesse antes. E qual seria a causa da dilação de hum suffragio tão importante? Não posso attribuir esta dilação a outro principio, senão meramente a destino superior da Divina Providencia, para que se verificasse no primeiro Officio funeral com toda a energia a Antifona, com que principia o Invitatorio do mesmo Officio: *Regem, cui omnia vivunt, venite, adoremus*: porque como no Domingo, dia da Porciuncula, sahio do Purgatorio a ditosa Alma do nosso Monarca a gozar a visão beatifica de Deos; só na segunda feira propriamente competia à Igreja

Lusitana alegrarse, e render a Deos as graças: *Venite exultemus Domino, jubilemus Deo salutari nostro*; porque lhe derã hum Rey, que fazendo viver tantas Almas, mereceo ao terceiro dia da sua morte ser adorado gloriosamente vivo: *Regem, cui omnia vivunt, venite, adoremus.*

Resta por ultimo satisfazer a hum reparo, que em algumas conversas particulares tenho ouvido ponderar; e vem a ser: porque razaõ sendo o nosso Augusto, e Soberano Monarca D. João Quinto, todo Franciscano, e taõ cordealmente devoto da Religiaõ Serafica, que só com o seu habito quiz ser amortalhado, naõ mandou que seu corpo fosse depositado, ou dado à sepultura em algum dos Conventos de meu Padre S. Francisco, havendo tantos na Corte de Lisboa, e nos seus arredores circumvizinhos, e alguns tanto da sua devoçaõ, que por vezes passava nelles o dia com os seus Religiosos, assistindo aos actos do Côro, e ainda do Refeitório; e só fim dispoz, que o seu corpo fosse depositado em o Convento de S. Vicente? Duas razoes me occorrem, que parece movéraõ ao nosso Soberano Monarca para esta disposiçaõ, ou deposiçaõ do seu corpo. Vede lá qual vos agrada.

A primeira razaõ he: porque como em o Convento de S. Vicente está erecta, e fundada huma Freguezia com o Orago de S. Miguel com as Almas: quiz o nosso Monarca, ainda depois de morto, mostrar-se devoto das Almas, buscando para deposito de seu corpo a Freguezia das Almas. A segunda he: porque quiz o nosso Monarca imitar a meu, e seu Padre S. Francisco; cujo corpo foy primeiro depositado fóra da Ordem em a Igreja do glorioso Martyr S. Jorge, para dahi ser trasladado para o magnifico Convento, que a liberalidade, e devoçaõ de Gregorio IX. lhe edificou, e consagrou: e por isso quiz tambem o nosso Monarca, que o seu corpo fosse depositado fóra da Ordem Serafica em o Convento, e Igreja do glorioso Martyr S. Vicente, para dahi ser trasladado, se he verdade o que se diz, para o magnifico, e sumptuoso Convento de Mafra, que a devoçaõ, e liberalidade do mesmo Monarca fez edificar para os filhos do mesmo Serafico Padre S. Francisco.

De todo este discurso venho eu a concluir, que naõ nos devemos entristecer, e lamentar com a morte do nosso Augusto,

gusto, e Soberano Monarca D. Joaõ Quinto, antes nos devemos alegrar, e render a Deos as graças, por nos dar hum Rey, que ainda depois de morto, o adoramos vivo: *Regem, cui omnia vivunt, venite, adoremus*: e não só vivo, porque piamente o consideramos viver na eterna Gloria em companhia das Almas já gloriosas, e beatificadas; mas vivo, porque o vemos renascido, ou representado na viva imagem de seu Filho o Serenissimo Rey, e Senhor D. Joseph, que Deos nos guarde, e conserve: pois não se póde deixar de dizer, que ainda vive, quem deixou herdeiro Successor, não só com as mesmas, mas com duplicadas virtudes, e excellencias, como está allegoricamente insinuando até o mesmo nome de Joseph: *Joseph, filius accrescens*.

Querendo o famoso Filosofo Seneca elogiar, e encarecer as grandes virtudes, e excellencias de Socrates, Principe, ou primeiro Mestre da Filosofia Escolastica, diz, que Socrates fizera que seu pay Sofronisco sempre vivesse: *Sofroniscum Socrates expirare non patitur*: dando por razão, porque os filhos, que herdaõ as virtudes, e excellencias de seus pays, como fora Socrates, fazem que os pays sempre vivaõ na memoria dos vindouros: *Et vivunt ob nullam aliam causam, quàm quòd illos liberorum eximia virtus tradidit posteris*. Logo com mayor razão podemos dizer, que com a successão do nosso Serenissimo Rey, e Senhor D. Joseph, não morreo de todo o nosso Augusto, e Soberano Monarca D. Joaõ Quinto; e porque ainda vive o seu espirito, o seu zelo, e o seu fervoroso affecto para com Deos, e para com seus Vassallos no mesmo Serenissimo Rey Successor D. Joseph, o qual póde analogicamente dizer de seu Augusto, e Soberano Pay, o que lá real, e verdadeiramente disse Christo de seu Eterno Padre: *Qui videt me, videt & Patrem meum*.

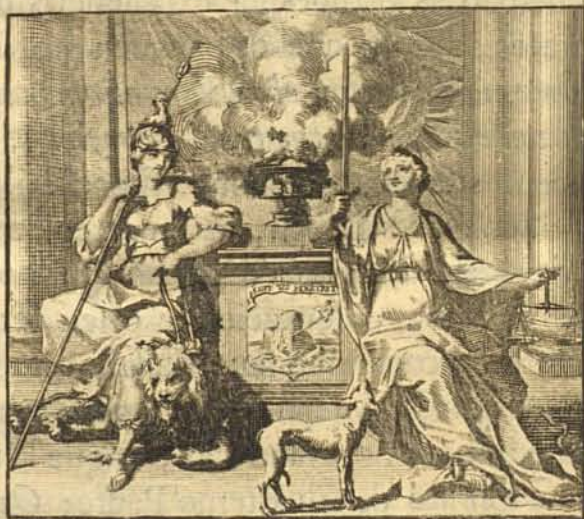
Assim o cremos, e assim o esperamos pelos merecimentos, e intercessão do nosso Augusto, e Soberano Monarca D. Joaõ Quinto, o qual lá dos Ceos, onde piamente o suppomos gozando a visaõ beatifica de Deos, não cessará de rogar ao mesmo Deos pela conservação de seu Filho, e nosso Serenissimo Rey; para que imitando as suas virtudes, e seguindo as suas maximas taõ discretas, como Catholicas, nos governe em hu-

ma

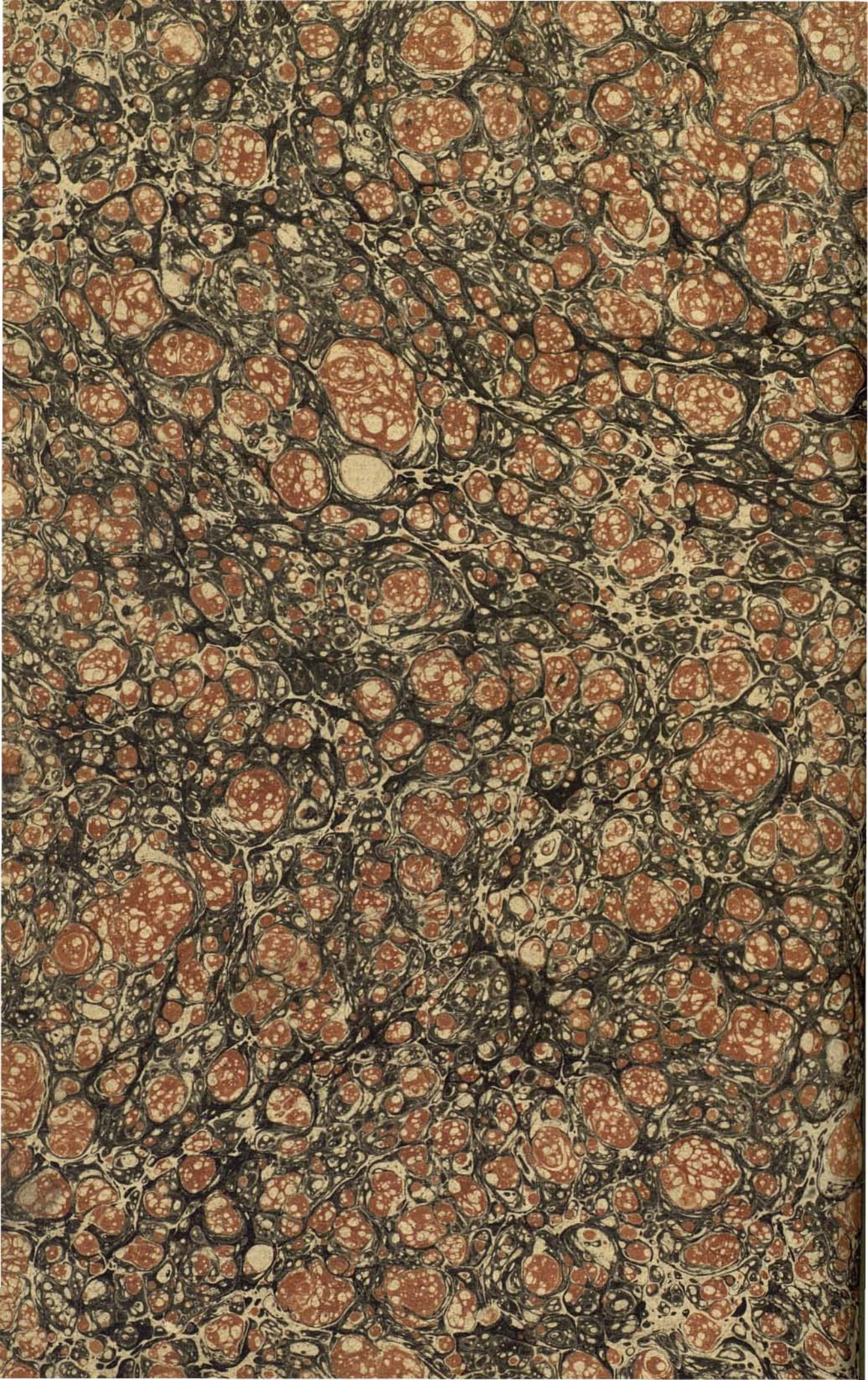
ma feliz tranquillidade , como do Emperador Theodosio disse Santo Ambrosio em semelhante acto de Exequias funeraes: *Quis dubitabit filiis Theodosii maximum præsidium fore apud Deum?* Em morte pois taõ ditosa de hum Rey , a quem piamente conjecturamos gloriosamente vivo: *Regem , cui omnia vivunt , venite , adoremus* , sejaõ as declamações festejos , e applausos: *Venite , exultemus Domino , jubilemus Deo salutari nostro ;* e digamos todos alegres , e contentes: Viva El Rey D. Joaõ Quinto sempre immortal para Deos , sempre pio , e misericordioso para nós , para que suffragados com a sua intercessaõ , vamos todos gozar em sua companhia a eterna Bemaventurança.

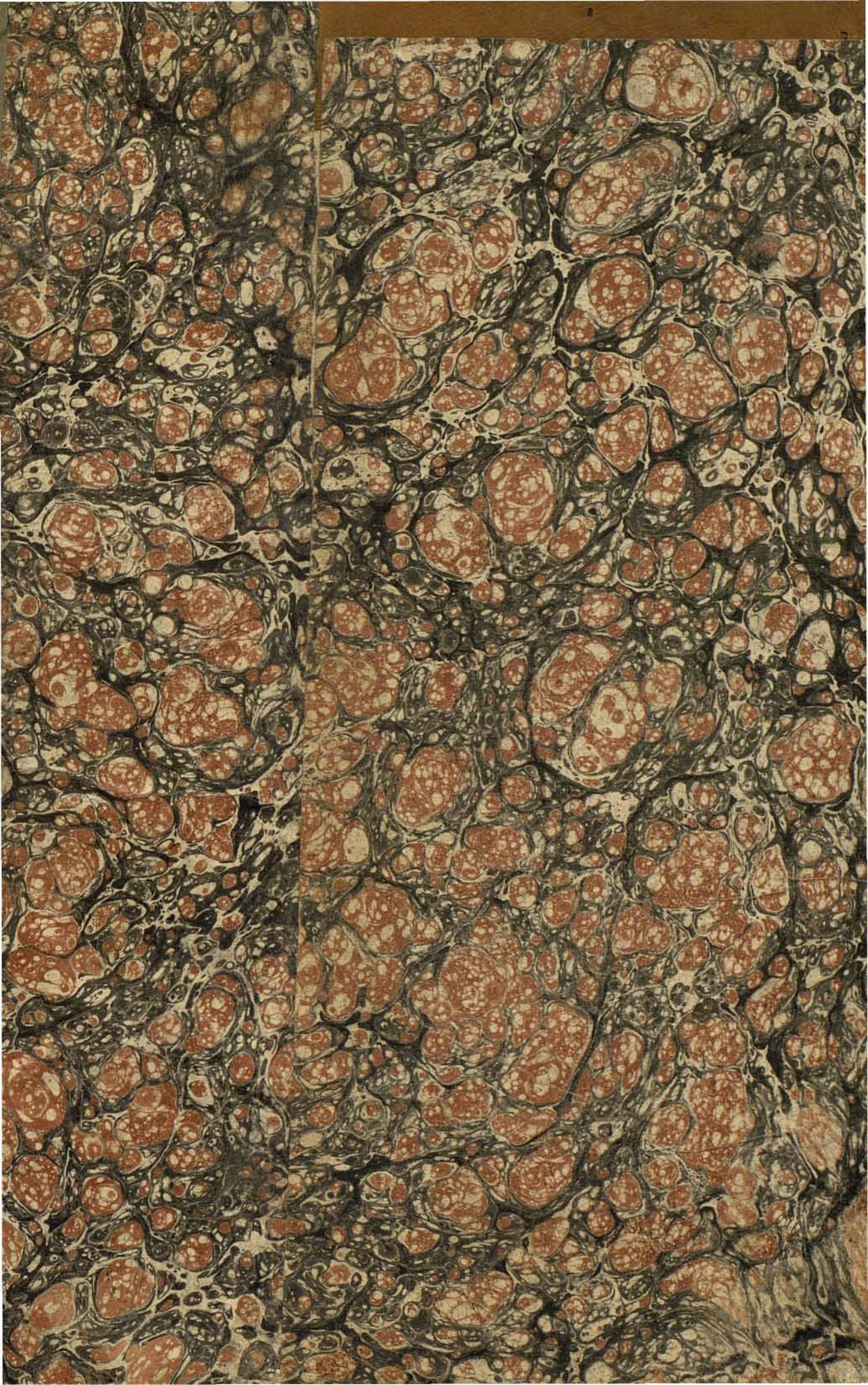
FINIS, LAUS DEO,

Virginique Matri sine labe conceptæ.



G. F. T. Doria sculp. 1711.







At. Ill. no.

Leitura

107 97 97

na lua das Mors

ou nao e
sa p.^a eu hor p.
Comp.^a hir ver por ter coor
vi e seum.^e Ca pudese vir
para eu hir com um.^e p.
nao poder sahira dela p.
o Capador p.^a ele claro n
tao espero me avize p.^a
jo Ca Com q.^a do e espero a
sem falta ede meu Mano.
teite mta mta saude e as
e. J. mo. fur. Mator e p. t. a
is respeitavel fam.^a e sou la
Amor de um.^e am.^a affecto
obrigad.

Franca Rita de Faria lobo e.